

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

TATIANE MILANI

ENTRE AFETAÇÕES E REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS:
As dinâmicas da circuitagem a partir do que o Papa Francisco diz e faz

São Leopoldo
2024

TATIANE MILANI

ENTRE AFETAÇÕES E REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS:

As dinâmicas da circuitagem a partir do que o Papa Francisco diz e faz

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2024

M637e Milani, Tatiane.

Entre afetações e representatividades comunicativas: as dinâmicas da circuitagem a partir do que o Papa Francisco diz e faz / Tatiane Milani. – 2024.

202 f.: il.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2024.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”.

1. Comunicação. 2. Circulação. 3. Francisco, Papa, 1936-.
4. Circuitagem. 5. Representatividades comunicativas.
6. Experimentações interacionais. I. Título.

CDU 659.3:282

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster Ditbenner – CRB 10/2517)

TATIANE MILANI

**ENTRE AFETAÇÕES E REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS: AS
DINÂMICAS DE CIRCUITAGEM A PARTIR DO QUE O PAPA FRANCISCO DIZ E FAZ**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

APROVADA EM 10 DE SETEMBRO de 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROF. DR. JOSÉ LUIZ BRAGA - UFG/UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ELSON FAXINA - UFPR
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ALINE DALMOLIN - UFSM
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. LUIS MARTINO – CÁSPER LÍBERO
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - COORIENTADORA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES – ORIENTADORA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Às pessoas que estiveram comigo na realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Tudo começou com um sonho. Ele estava sendo nutrido desde muito cedo. Deus me permitiu sonhar e realizar esta etapa acadêmica. E não só me permitiu como me manteve cercada de pessoas, situações e aprendizados que sustentaram a marcha do meu andar. Minha gratidão à Inteligência Suprema, aos benfeitores espirituais e aos anjos daqui e de lá.

Minha família compõe as linhas dessa história. Enquanto eu sonhava, meus pais acreditavam e sonhavam comigo. Sem o apoio, amparo e dedicação, junto deles não teria vencido os desafios. O mais pesado, inclusive, o da saudade e da distância. Seis anos, três cidades e muitos quilômetros entre nós, porém, a ponte do amor nos uniu e fez com que vencesse mais esta etapa. Obrigada pai, mãe, irmã, irmão cunhado (Peri, Claudete, Luci, Vini e Jardel). As lágrimas são naturais ao vislumbrar a cortina do tempo, de tantos acontecimentos, mudanças e transformações. À pequena Sophia, tradução de amor, alegria e encanto. Sua chegada coloriu tudo com novas cores. O sorriso e o encanto da pureza se tornaram verdadeiros estímulos nas horas mais pesadas. Minha princesa, você também é parte disto.

Minha gratidão e alegria de poder dividir parte desta trajetória com o meu companheiro, Emmanuel, *o amor da minha vida*. Chegou na transformação e me ajudou a sorrir, ser feliz e a me mostrar exatamente o que precisava ver. Incansável na dedicação, cuidado, amparo, conforto, motivação e amor sem medidas. Por me ajudar a construir o processo e a passar pela linha de chegada, obrigada. Eu te amo.

Aos amigos de vida e de estrada, àqueles e àquelas, desde antes e aos que chegaram, minha gratidão eterna, que mesmo na minha ausência permaneceram.

Gratidão à Unisinos, meu lugar, meu momento, minha história. Que presente! Em todo esse período, a Unisinos não só me permitiu aprender com os melhores mestres e mentores que já tive, mas também me deu a oportunidade de me transformar, de me aperfeiçoar em níveis que transcendem os registros acadêmicos. Que honra poder fazer parte de um pedacinho do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação mais bem avaliado do país, na companhia de gigantes.

Minha alegria em poder olhar para o começo e pensar nos colegas e amigos que a Unisinos me trouxe. Realmente não se trata de uma etapa de formação, mas de uma jornada de vida, de aprendizado e realização. Obrigada às amizades e trocas de experiências pelo caminho.

As palavras não são capazes de dizer o quanto sou grata aos verdadeiros mestres da linha de pesquisa de Midiatização e Processos Sociais do PPGCC da Unisinos. Obrigada por me oportunizar o privilégio (e que privilégio!) de aprender com vocês, Ana Paula da Rosa, Pe. Pedro Gomes, José Luiz Braga, Jairo Ferreira, Antonio Fausto Neto.

Por último, gostaria de eternizar minha gratidão de ter sido orientada e conduzida pelas mentes mais brilhantes e pelos afetos mais queridos do Pe. Pedro e da Ana Paula. Verdadeiros anjos com quem Deus me permitiu aprender. Essas páginas não existiriam sem o apoio, dedicação, amor e ajuda de vocês. Muitas orientações, lágrimas, incentivos, e os comentários ao longo das revisões que me renovavam as esperanças. Obrigada pela condução de vocês na transformação de uma estudante para uma pesquisadora, e sem dúvida uma transformação da vida que ficará para sempre. Meu carinho e gratidão a vocês.

“É imprescindível habituar a visão na procura do melhor, a fim de que não sejamos ludibriados pela malícia que nos é própria” (Chico Xavier/Emmanuel, 2022, p. 341).

RESUMO

Esta tese investiga as representatividades comunicativas do Papa Francisco e suas experimentações interacionais nas dinâmicas da circulação midiática. O estudo é conduzido no contexto da mediatização, um ambiente composto por uma diversidade de lógicas midiáticas-interativas que transformam e reconfiguram o modo como tudo e todos vivem em sociedade. Por essa razão, a inquietação de pesquisa localiza-se em identificar as representatividades comunicativas, sobretudo simbólicas, intrínsecas ao cargo de papa, mas que são particulares ao modo como Francisco lidera e governa a Igreja Católica. Seu modo de governar, em algumas situações, beira a experimentação comparado àquilo que já está consolidado nos modos de ser da instituição. A partir do que o papa diz e faz, elabora-se o problema de pesquisa: como as representatividades comunicativas do Papa Francisco mobilizam as experimentações interacionais na relação entre os participantes, os sistemas e o ambiente? De que forma o conjunto de afetações dessa relação aciona lógicas de circuitagem? Portanto, através de múltiplos casos de circulação, o objetivo é compreender como essas representatividades são acionadas quando observamos as interações em dinâmicas de circulação. O caso de investigação é composto por três casos distintos: 1) União civil de homossexuais, que relaciona uma questão doutrinária a um problema interno da Igreja, refletindo na sociedade; 2) Sínodo da Sinodalidade, que trata da estrutura e organização interna da Igreja Católica, gerando problemas hierárquicos com a “partilha de poder”; e 3) Negociação de paz, que examina a participação do Papa na tentativa de mediar a guerra entre Rússia e Ucrânia, destacando a diplomacia da Igreja em um cenário de chaga social. Este estudo examina as situações específicas de cada um dos casos individuais, para compreender como a agonística potencializa as experimentações comunicativas que são originadas na tensão entre o que é normativo à instituição em que se inscreve o papa e aquilo que é experimental. Articulando as transversalidades dos casos individuais com as discussões teóricas referentes às lógicas dos circuitos midiáticos, às representatividades comunicativas em circulação de um espaço de valor e à relação entre sistemas e ambiente, foi possível identificar que: 1) a reverberação dos acontecimentos que envolvem o Papa Francisco já nos chega a partir de construções midiáticas e numa teia de sentidos e afetações; 2) a presença do papa inclui participações representativas e/ou simbólicas que extrapolam o exclusivo lugar de líder do catolicismo; e 3) as afetações que são consequências dos circuitos midiáticos é o que volta a alimentar esses circuitos, porém, com outras camadas de significação e afetações. Portanto, identificamos que as três processualidades desenham os movimentos da circuitagem, cuja retroalimentação não é uniforme nem previamente estabelecida, mas se manifesta à sua maneira conforme dinâmicas da circulação.

Palavras-chave: mediatização; circulação; Papa Francisco; circuitagem; representatividades comunicativas; experimentações interacionais.

ABSTRACT

This doctoral thesis investigates the communicative representativeness of Pope Francis and his interactional experiments within the dynamics of media circulation. The study is conducted within the context of mediatization, an environment composed of a diversity of media-interactive logics that transform and reconfigure the way everything and everyone lives in society. For this reason, the research focuses on identifying the communicative, especially symbolic, representativeness intrinsic to the papal office but which are particular to the way Francis led and governed the Catholic Church. His way of governing, in some situations, borders on experimentation compared to what is already consolidated in the institution's ways of being. Based on what the Pope says and does, the research problem is elaborated: how do Pope Francis's communicative representativeness mobilize interactional experiments in the relationship between participants, systems, and the environment? How does the set of impacts from this relationship trigger circuitry logics? Therefore, through multiple cases of circulation, the objective is to understand how these representativeness are triggered when we observe interactions in circulation dynamics. The investigation comprises three distinct cases: 1) Civil union of homosexuals, which relates a doctrinal issue to an internal problem of the Church, reflecting in society; 2) Synodality Synod, which deals with the internal structure and organization of the Catholic Church, generating hierarchical problems with the "sharing of power"; and 3) Peace Negotiation, which examines the Pope's participation in attempting to mediate the war between Russia and Ukraine, highlighting the Church's diplomacy in a scenario of social calamity. This study examines the specific situations of each individual case to understand how agonistics enhance communicative experiments originating in the tension between what is normative to the institution in which the Pope is inscribed and what is experimental. By articulating the specific inferences of each case with the theoretical discussions concerning the logics of media circuits, the communicative representativeness in circulation in a space of value and the relationship between systems and environment, it was possible to identify that the reverberation of events involving Pope Francis already reaches us from media constructions and in a web of meanings and impacts; the Pope's presence includes representative and/or symbolic participations that go beyond the exclusive role of the leader of Catholicism; and the impacts that result from media circuits are what feed these circuits back, however, with other layers of meaning and impacts. Therefore, we identified that the three processes outline the movements of circuiting, whose feedback is neither uniform nor previously established, but manifests itself in its way according to circulation dynamics.

Key-words: mediatization; circulation; Pope Francis; circuiting; communicative representativeness; interactional experiments.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama de encaminhamento de observação do caso de pesquisa	44
Figura 2 – Síntese dos movimentos da pesquisa	46
Figura 3 – Dinâmicas da circulação – Caso 1: União civil de casais homossexuais.....	74
Figura 4 – Manchetes sobre a fala do Papa Francisco.....	75
Figura 5 – Trecho da matéria publicada pela Folha de S. Paulo (21.10.2020).....	77
Figura 6 – Trecho da matéria publicada pela Folha de S. Paulo (21.10.2020).....	79
Figura 7 – Manchete do site da CNN (21.10.2020).....	80
Figura 8 – Matéria do G1 sobre dizer do papa	82
Figura 9 – Trechos da matéria do G1, com diferentes posições sobre os dizeres do Papa Francisco.....	83
Figura 10 – Manchete do G1: Posicionamento da CNBB e manchete da CNBB sobre o dizer do Papa Francisco	85
Figura 11 – Trecho da matéria no site da CNBB	86
Figura 12 – Manchetes sobre momentos marcantes do pontificado de Francisco	87
Figura 13 – Trecho de matéria do G1 – identificação de lógicas internas ao sistema católico	88
Figura 14 – Abordagem do Portal Terra “Papa Francisco: 7 vezes em que o religioso desafiou o conservadorismo”	89
Figura 15 – Manchete e trecho de reportagem no site do Fantástico	90
Figura 16 – Frame comparativo na reportagem do Fantástico	92
Figura 17 – Trecho de relatos de grupos LGBTQIA+ na matéria do Portal Terra.....	93
Figura 18 – Atores sociais debatem sobre a apropriação do discurso jornalístico sobre os dizeres do Papa Francisco – parte 1.....	96
Figura 19 – Recortes de como o sistema jornalístico retoma à pauta, após nota oficial do Vaticano.....	98
Figura 20 – Atores sociais debatem sobre a apropriação do discurso jornalístico sobre os dizeres do Papa Francisco – parte 2.....	99
Figura 21 – Comentários em postagem do G1 no Facebook.....	100
Figura 22 – Matéria e comentários do G1 no Facebook.....	101
Figura 23 – Compilado de manchetes sobre a pauta de bênção a casais homossexuais	103
Figura 24 – Parte das publicações feita pelo Vaticano sobre bênção de casais homossexuais	104
Figura 25 – Explicação sobre a declaração que aprova bênção a casais irregulares	106

Figura 26 – Comentários no vídeo do Pastor Silas Malafaia	108
Figura 27 – Dinâmicas da circulação – Caso 2: Sínodo da Sinodalidade	112
Figura 28 – Manchete do G1	115
Figura 29 – Frase em destaque na reportagem da BBC	116
Figura 30 – Fala em destaque na reportagem da BBC	117
Figura 31 – Comentários no site da Folha de São Paulo	118
Figura 32 – Comentários de atores sociais na publicação do UOL, no Youtube	119
Figura 33 – Matéria publicada pelo Vaticano reforçando um novo modo de comunicação no processo da sinodalidade	121
Figura 34 – Trecho de matéria em que o Vaticano entrevista um padre, membro da comissão do sínodo.....	123
Figura 35 – Trecho de matéria publicada sobre a decisão de haver voto de mulheres no Sínodo	124
Figura 36 – Trecho da matéria de O Globo – síntese das ações do Papa Francisco sobre a integração de mulheres na Igreja	125
Figura 37 – Partes do texto publicado pelo site O Globo – reforço sobre as ações de Francisco desde sua eleição	128
Figura 38 – Captura de tela do vídeo publicado pelo canal Católicos de Verdade	129
Figura 39 – Comentários no vídeo do Canal Católicos de Verdade.....	130
Figura 40 – Captura de tela do vídeo publicado pelo canal Católica Tradicional.....	131
Figura 41 – Comentários no vídeo – Canal Católica Tradicional	132
Figura 42 – Entrevista de Bernardo P. Küster ao vaticanista Andrea Gagliarducci.....	134
Figura 43 – Comentários na entrevista de Bernardo P. Küster ao vaticanista Andrea Gagliarducci.....	140
Figura 44 – Dinâmicas de circulação – Caso 3: Negociação de paz	143
Figura 45 – Perguntas e respostas sobre a missão de paz do Vaticano para o fim da guerra na Ucrânia.....	146
Figura 46 – Manchete do site do Vaticano sobre coletiva no voo de retorno da Hungria (30.04.23).....	147
Figura 47 – Trecho de matéria publicada pelo Jornal Nacional	148
Figura 48 – Manchetes sobre negativa de envolvimento do Vaticano em negociações de paz	149
Figura 49 – Trecho da matéria publicada pelo Vaticano, primeira resposta à reação negativa da Rússia.....	151

Figura 50 – Trecho do segundo esclarecimento sobre o “mal-entendido” da missão de paz do Vaticano.....	153
Figura 51 – Trecho da matéria da CNN, gerando um conflito interacional entre Rússia e Vaticano.....	154
Figura 52 – Compilado de manchetes sobre o encontro de Zelensky com o Papa Francisco	155
Figura 53 – Íntegra da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano	158
Figura 54 – Parte da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano	159
Figura 55 – Parte da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano	161
Figura 56 – Resposta do Vaticano sobre a entrevista anterior	163
Figura 57 – Manchetes sobre as afetações geradas a partir da entrevista do Papa Francisco à RSI.....	164
Figura 58 – Trecho da matéria sobre entrevista com Papa Francisco a respeito da “bandeira branca” para a paz da Ucrânia	165
Figura 59 – Partes da matéria publicada pelo UOL evidenciando o debate sistêmico entre os participantes – religião e política.....	166
Figura 60 – Print do vídeo de Zelensky, em resposta à proposta de negociação do Papa Francisco.....	167
Figura 61 – Comentários de atores sociais no vídeo de Zelensky em resposta ao Papa Francisco – parte 1.....	170
Figura 62 – Comentários de atores sociais no vídeo de Zelensky em resposta ao Papa Francisco – parte 2.....	171
Figura 63 – Print do vídeo do ator social católico – comentários a respeito da fala do papa sobre a guerra da Ucrânia	173
Figura 64 – Comentários dos seguidores no vídeo de Rafael Brito (Parte 1)	176
Figura 65 – Comentários dos seguidores no vídeo de Rafael Brito (Parte 2)	177

SUMÁRIO

1 POR QUE PESQUISAR?	15
1.1 A SUBJETIVIDADE DA TESE E DE QUEM A ESCREVE	20
2 DE ONDE SURGEM AS INQUIETAÇÕES	21
2.1 A TESE COMEÇOU NA DISSERTAÇÃO	21
2.2 MIDIATIZAÇÃO: DO CONTEXTO À PROBLEMATIZAÇÃO	25
2.3 Problema e o Objeto da Pesquisa	30
3 DAS BORDAS DO CASO AOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	34
3.1 AS ESCOLHAS	36
3.1.1 Atitudes de investigação empírica	37
3.1.2 Dinâmicas da circulação como referência para o método	40
3.1.3 Definição do caso	41
3.2 CAMINHO PERCORRIDO: OS PROCESSOS E DESAFIOS QUE COMPÕEM A TESE	45
4 CIRCULAÇÃO, SISTEMAS E AMBIENTE: DAS LÓGICAS ÀS AFETAÇÕES	54
4.1 CIRCULAÇÃO E CIRCUITOS: DAS TROCAS DIRETAS ÀS DINÂMICAS DE CIRCULAÇÃO	54
4.2 REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS NO ESPAÇO DE VALOR DA CIRCULAÇÃO	58
4.3 SISTEMAS E AMBIENTE: DO CONTÍNUO E ADIANTE ÀS AFETAÇÕES	63
5 ABORDAGEM EMPÍRICA: UM SUJEITO, MÚLTIPLAS EXPERIMENTAÇÕES	70
6 CASO 1 – UNIÃO CIVIL DE HOMOSSEXUAIS	74
6.1 APRESENTAÇÃO DO CASO	74
6.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 1	77
7 CASO 2 – SÍNODO DA SINODALIDADE	111
7.1 APRESENTAÇÃO DO CASO	111
7.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 2	113
8 CASO 3 – NEGOCIAÇÃO DE PAZ	143
8.1 APRESENTAÇÃO DO CASO	143
8.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 3	145
9 DAS TRANSVERSALIDADES ÀS CONSIDERAÇÕES DA TESE	179
9.1 REPRESENTATIVIDADES SIMBÓLICAS, PORÉM, COMUNICATIVAS	179
9.2 EXPERIMENTAÇÕES COMUNICACIONAIS EM NEGOCIAÇÃO	183

9.3 DAS AFETAÇÕES À CIRCUITAGEM	186
9.4 DAS CONSIDERAÇÕES: SISTEMAS, AMBIENTE E INTERAÇÕES.....	192
E DEPOIS DO FIM? O SEGUIR ADIANTE	197
REFERÊNCIAS.....	198

1 POR QUE PESQUISAR?

Como as coisas se transformam do ponto de vista comunicacional? Essa pergunta é o ponto fundamental desta pesquisa de doutorado. Muito embora seja abrangente, trabalhamos com um recorte da realidade, cujo propósito é, de fato, poder analisar e compreender um fenômeno comunicacional. Por outro lado, se pensarmos na velocidade com que a sociedade se transforma, é fácil cairmos na perspectiva negativista de que daqui a quatro anos esta tese não servirá mais para área do conhecimento a que se propõe.

As contribuições aqui pretendidas talvez não se comparem com grandes teses de pesquisadoras e pesquisadores, que mesmo depois de gerações ainda continuam atuais para nos ajudar a pensar os problemas da comunicação. Por outro lado, desejamos fazer parte do avanço das pesquisas do campo, independente da permanência no tempo. Ainda assim, é importante destacar que o principal objetivo desta pesquisa é – a partir de escutar as lógicas internas dos processos – poder contribuir com algumas reflexões de problemáticas da comunicação, mesmo que sejam perenes, e que digam respeito apenas a um pequeno recorte de transformações sociais. Faço deste projeto acadêmico a minha oportunidade de fazer uma proposta – tentativa – de entender como determinadas questões sociais se transformam, a partir de experimentações e lógicas comunicacionais. Afinal, “a comunicação pode ser – e frequentemente é – canhestra” (Braga, 2017a, p. 21), e não podemos mais dizer que as lógicas, objetos e fenômenos são, mas como se transformam.

*

Assim como cada pesquisa é única, também o que a motiva é particular de cada um. O modo de fazer desta tese segue esse mesmo propósito, inicialmente motivado por um apreço especial ao objeto, e depois uma curiosidade genuína e processual de descoberta de um fenômeno comunicacional que contribuísse ao campo da comunicação. Porém, ser pesquisadora/pesquisador não é a chave de um portal mágico para uma sacada genial. O contrário é verdadeiro, pois os desafios das descobertas e do percurso, muitas vezes, podem ser um obstáculo ao seu próprio andamento.

De forma profunda, é um fazer que mobiliza a (re)construção de quem a realiza. Isso significa que nós também nos reinventamos como seres humanos. São mudanças não só na forma como vemos os fenômenos sociais, os objetos de pesquisa, mas nos fluxos de modo geral,

especialmente porque aquilo que nos impulsiona o ato de pesquisar são questões que confrontam, inquietam e nomeiam sentidos e afetações particulares.

Esta pesquisa de doutorado foi viabilizada pela trajetória percorrida e as descobertas feitas no mestrado. Para além de seguir estudando a temática e o objeto, em um dado momento do doutorado me dei conta de que a dissertação realmente foi a primeira etapa da tese. Quando se faz esse processo de sequência há pelo menos dois riscos: o de ficar presa às descobertas anteriores e, em segundo, o risco de não responder a pergunta “então, qual é a sua tese?” O que posso dizer é que inevitavelmente corri esses riscos e por muito tempo lutei com a preocupação de realmente não conseguir ir além.

Considero essencial dizer que a dissertação não será esquecida, ela realmente é o começo do que está aqui. Sem as fundamentações e o conhecimento desenvolvidos lá, não teria condições de dar conta deste novo passo. Após a aceitação, escolhi manter alguns aspectos importantes e essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Porém, não significa estagnação, e sim uma consideração àquele trabalho, e por que não dizer, um programa de pesquisa que irá se estender por toda vida? Senti que seria hipocrisia fazer algo totalmente dissociado da dissertação para não correr os riscos. Voltarei a essas questões adiante.

*

Papa Francisco. A reverberação simbólica das representatividades comunicativas de um líder religioso em escala mundial, nos diferentes contextos e ambientes em que é acionado ou chamado a participar, não se restringem aos círculos internos da Igreja Católica. Por sua vez, o líder dos católicos representa e comunica questões em outros sistemas, sobretudo no social. Neste social há uma comunidade de fiéis católicos, o ambiente político civil, além de participantes que não estão estabelecidos entre o público católico. Estes últimos espaços, muitas vezes, acionam uma tomada de decisão daquilo que é interno à instituição, porque ao tocar no ponto religião, isso toca o sensível, às pessoas, que de alguma maneira se sentem parte ou afetadas pelas decisões. Logo, a religião tem o papel de acionar comportamentos e atitudes da sociedade, enquanto esta também direciona àquela algumas decisões.

O emaranhado de relações que envolvem um líder global, como é o caso de um papa, diz respeito a tensões múltiplas e complexas. Quando Francisco faz algum comentário sobre o tema da homoafetividade, por exemplo, ele toca um público que não necessariamente faz parte da comunidade católica. Por sua vez, isso é uma pauta social, que imputa à Igreja uma movimentação, uma postura ou decisão. Ao se manifestar, o papa aciona não só esse grupo

específico, mas uma camada interna mais conservadora. Aquilo que acontece nesses acionamentos é diferente de quando Francisco movimenta mudanças na própria instituição, e que também difere de quando o papa se volta para mediar duas nações políticas em guerra. Este último não evoca a religião católica, mas uma representatividade que só cabe ao papa em função do lugar que ocupa.

Ou seja, o caso desta pesquisa *não é o Papa Francisco*, nem a sua presença na mídia, mas um processo comunicacional em que sua participação enquanto ação comunicativa é central. Da mesma forma, a Igreja Católica é um dos campos participantes nas relações aí investigadas, não centralizando a análise.

Os múltiplos casos de circulação que compõem o caso de pesquisa são originados das lógicas da circulação, e se apresentam com estruturas e temáticas distintas: 1) **União civil de homossexuais**: relaciona uma questão doutrinária a um problema interno da Igreja, mas que tem consequências na sociedade; 2) **Sínodo da Sinodalidade**: diz respeito a estrutura e organização interna da instituição católica, que ao assumir para a “partilha de poder” gera problemas em sua hierarquia eclesiástica; 3) **Negociação de paz**: centraliza a participação do papa na tentativa de negociação para o fim da guerra entre a Rússia e Ucrânia, reverberando a relação da diplomacia da Igreja com o mundo em uma pauta de calamidade social.

Por essa razão, conduzimos a problematização para o que definimos como *representatividades comunicativas simbólicas* do Papa Francisco, caracterizada em grande parte por sua abordagem reformista evidenciada em experimentações interacionais em curso. Esta problematização está diretamente ligada com o que acontece a partir do que o papa diz e faz, destacando sua capacidade comunicativa em mobilizar significados e afetações em uma sociedade mediatizada. A pergunta central questiona: Como as representatividades comunicativas do Papa Francisco mobilizam as experimentações interacionais na relação entre os participantes, os sistemas e o ambiente? De que forma o conjunto de afetações dessa relação aciona lógicas de circuitagem?

A pesquisa se propõe a decifrar como essas dinâmicas transformam os circuitos interacionais midiáticos, investigando a circulação do que acontece a partir de discursos e ações, que por vezes reverberam como uma forma de resistência ou adaptação às normas tradicionais da Igreja. Para dar conta da problematização, desenvolvemos um estudo de múltiplos casos de circulação contendo três casos distintos. Os objetivos se propõem a: a) descrever as ações de representatividade comunicativa do Papa Francisco, na ambiência da mediatização; b) identificar como as lógicas dos casos individuais evidenciam as afetações entre os sistemas, o ambiente da mediatização e seus participantes; c) analisar como as representatividades

comunicativas do papa acionam lógicas interacionais disruptivas na circulação; d) observar como as práticas experimentais do Papa Francisco convocam o sistema religioso a participar dos circuitos; e) investigar como as lógicas interacionais desse conjunto de relações organizam e transformam as lógicas dos circuitos.

Pretendemos entender e capturar as dinâmicas que estão em constante evolução e mudam rapidamente. Explora-se aqui as tentativas e experimentações que desafiam as normas estabelecidas pela Igreja Católica, provocando impactos que transcendem as barreiras internas. Tais experimentações têm um efeito significativo na maneira como a Igreja interage e se posiciona em relação à sociedade.

*

Um aspecto singular dos ângulos comunicacionais evidentes é que as decisões da instituição sempre foram mantidas dentro de seus muros e, hoje, esse debate está público. Internamente, os processos interacionais tensos que poderiam permanecer no âmbito interno, também levam a debates feitos diante da sociedade. Considerando que as interações com a sociedade fazem parte e incidem nas decisões internas, ao mesmo tempo acontecem processos comunicacionais e de estabelecimento de posições, isto é, tensões políticas internas. Esse nível de tensão entre as lógicas do campo religioso e as lógicas interacionais acontecendo na sociedade nos indica que são maiores que em outros campos sociais, ou seja, esse embate apresenta especificidades interacionais diferentes das dos demais campos.

Tais questões chegam a partir do debate na esfera pública: meios de comunicação, pessoas em um contexto em midiatização acelerada, este último que não deixa escapar nenhum campo social. É um debate público que se complexifica e chama atenção por se tratar de uma instituição com uma característica histórica de manter suas decisões restritas ao público interno. Paralelo a esses movimentos que extrapolam e ocorrem em âmbito aberto, há certamente aspectos cuidadosamente resguardados ao âmbito interno, e sobre os quais a sociedade geral não têm acesso. O que conseguimos apreender são indícios da situação sempre que podem ser demandados. E um deles, nesta tese considerado o principal, é que o agente transformador de todo esse grande cenário tem sido a figura mais alta da hierarquia. O que normalmente acontece nos demais campos sociais, que precisam se reinventar diante das articulações da sociedade, é que são os setores mais afastados do campo os provocadores de experimentações e novas propostas interacionais. E nesses casos, o centro dos campos trabalha para manter as lógicas sem grandes modificações.

*

Para cumprir o que propomos, a estrutura da tese se organiza em duas partes. Na primeira abordamos o contexto originador da pesquisa, problematização e conceitos teórico-metodológicos. A segunda parte contempla os estudos empíricos, cada um analisado em capítulo próprio, destacando suas particularidades e a diversidade dos casos entre si. É importante sinalizar que a disposição dos capítulos em tal ordem não corresponde à ordem em que foram pensados e escritos.

Dito isto, o item subsequente à esta introdução, abre a proposta reflexiva do que significa fazer pesquisa, e isso inclui pensar em uma tese não só a partir de parâmetros técnicos, mas de entender os atravessamentos do sujeito na pesquisa, especialmente de Comunicação. Assumo a tese como um espaço autoral, e por isso tomo a liberdade de conduzi-la de tal maneira. Por conta dos capítulos não terem sido desenvolvidos em ordem linear, eles são estruturados em uma ordem que estabelece a devida compreensão do todo.

No Capítulo 2 apresentamos a contextualização da pesquisa e do objeto, desde sua origem na dissertação até a definição da problemática e do objeto que dali emerge. O Capítulo 3 é a morada do processo autoral, expressando a liberdade de dizer como a tese foi executada. Entre escolhas, atitudes de investigação, como o caso foi articulado até a explicação dos caminhos percorridos e quais desafios marcaram toda a trajetória. Assim, a não linearidade é explicada e contextualizada.

Na sequência, o Capítulo 4 apresenta os horizontes teóricos que os casos empíricos solicitaram. Nesse sentido, o objeto precede não só o método, mas os direcionamentos teóricos identificados dos movimentos de exploração, perspectiva indiciária e a elaboração de inferências.

Para introduzir as especificidades dos casos empíricos, o Capítulo 5 delimita a abordagem adotada para contemplar a diversidade, mas também seu conjunto. Logo, o Capítulo 6 é designado ao Caso 1 – União civil de homossexuais; o Capítulo 7 trabalha o Caso 2 – Sínodo da Sinodalidade; e no Capítulo 8 é destinado ao Caso 3 – Negociação de paz.

No Capítulo 9 compartilhamos as transversalidades do conjunto e as considerações finais da tese, organizadas sob conjecturas inferenciais que articulam os itens teóricos e metodológicos. Neste capítulo concluímos a pesquisa de doutorado. No capítulo final, me permito uma última análise, dessa vez transversal às transformações da pesquisadora, considerando a tese como um marco da trajetória acadêmica.

Espero que a tese realize sua contribuição aos estudos da Comunicação, especialmente no que diz respeito aos estudos de mediatização. Convido você, leitor, a dividir as próximas páginas comigo.

1.1 A SUBJETIVIDADE DA TESE E DE QUEM A ESCREVE

Pelo rigor científico uma tese precisa ter objeto, problema de pesquisa, metodologia, capítulo teórico e análises. Nesta tese acrescentamos mais um elemento: quem a produz. Quando finalizamos um trabalho acadêmico ele é orientado a dois fazeres posteriores, o primeiro é para uma banca avaliadora, cujas análises e considerações de cada membro também é forjada e estruturada conforme suas lentes. Isso implica sua experiência acadêmica, bagagem de leituras e estudos que, por sua vez, moldam o seu aspecto particular de ler, interpretar e julgar. Depois, a tese se destina ao público de pesquisadores de forma geral. Considerando a trajetória de uma pesquisa, esta seção tem o objetivo de enfatizar à banca avaliadora e aos colegas da Comunicação que eu, enquanto pessoa pesquisadora, me faço presente nestas páginas. Cada escolha de palavra, termos, conceitos e direcionamentos analíticos respeitam, primeiro, o que o objeto solicita, depois aquilo que a minha bagagem, experiência e estudos me desafiam, solicitam e permitem.

Por isso, a primeira impressão pode ser que este trabalho já esteja escapando daquilo que o senso acadêmico considera como formal. Contudo, o propósito não é este, mas aproveitar o espaço da pesquisa para refletir o modo de fazer ciência, dando espaço para contribuições que ensinam ir além dos padrões. Afinal, passamos muito tempo debatendo sobre a produção do conhecimento em seminários e congressos acadêmicos, em como devemos enfrentar aquilo que nos é confortável e cômodo, e considero uma tese o momento mais oportuno para travar tais problemáticas.

Dessa forma me faço presente enquanto voz que não só pesquisa e analisa um fenômeno comunicacional, mas mantém vivo e presente o quanto a subjetividade de quem pesquisa e escreve também é parte da ciência e da evolução do conhecimento. Isso posto, é considerando esta premissa que a tese deve ser lida, avaliada e interpretada. Os anos de pesquisa moldaram vários aspectos de quem eu sou, do meu olhar analítico e interpretativo não só no espaço acadêmico, mas enquanto ser humano e profissional da Comunicação. Longe de ser um manifesto, como trabalho mais significativo realizado até aqui, a tese é meu espaço onde me proponho a refletir sobre as suas duas faces.

Nota: Em alguns capítulos e/ou subcapítulos mantenho a escrita em primeira pessoa do singular (assim como o presente), porque diz respeito a espaços considerados particulares ao desenvolvimento da pesquisa. Muito embora, toda a obra só se manifesta a partir das trocas com o orientador e a orientadora.

2 DE ONDE SURGEM AS INQUIETAÇÕES

Os quatro anos da formação doutoral apresentam a nós pesquisadoras e pesquisadores um verdadeiro universo, cujas experiências, escolhas e direcionamentos normalmente passam por um número expressivo de desafios, contrariedades, e por que não os paradoxos? Acreditamos que uma pesquisa de tese se origina e se encaminha por três razões: a trajetória de pesquisa, o contexto em que o objeto é identificado e uma lacuna problematizadora.

Primeiramente, se não existisse um processo anterior de pesquisa (mesmo que em área ou temática distinta) não chegaríamos ao doutorado. Em alguns casos, a pesquisa para a tese vem de lacunas, oportunidades ou inquietações que não foram sanadas na dissertação; ou de alguma forma provocam hipóteses, problematizações que poderiam ser investigadas e continuadas. Esta tese se inscreve em tal particularidade. Para aqueles que optam por seguir pesquisas totalmente diferenciadas na continuidade de sua formação, seja em termos de temática, área do conhecimento ou demais aspectos, ainda assim, passaram pelo processo investigativo e científico de uma pesquisa acadêmica.

Segundo, independente do objeto a ser pesquisado, é comum que ele tenha a dimensão por nós identificada porque está inserido em contexto específico para tal. Se observarmos o mesmo objeto sob diferente cenário, provavelmente mudará toda sua percepção e direcionamento.

Em terceiro lugar, não necessariamente nesta ordem, existe uma provocação investigativa que nos impulsiona a fazer uma pesquisa. É o que chamamos de problemática da pesquisa. Esse ponto é o que vai organizar todo o curso da tese. Mesmo que seja modificado durante a investigação, sabemos que na essência ele está lá, o problema comunicacional. Este capítulo é o palco em que a relação das três razões citadas acontece entre muitos movimentos, e por vezes desafiadores.

2.1 A TESE COMEÇOU NA DISSERTAÇÃO

Esta seção foi organizada respeitando uma decisão pessoal – subjetiva e acadêmica – de assumir a importância do caminho percorrido até aqui – a dissertação¹. Ao dar sequência a essas

¹ Milani, Tatiane. Agonística expressa em circulação: o Papa Francisco como articulador de sentidos, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos. São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fa6dav>.

duas fases acadêmicas – mestrado e doutorado – é comum ouvirmos alguns questionamentos: “O que você está evoluindo? Que escolhas evidenciam a sua tese?”²”

Obviamente há uma preocupação entre os orientadores e orientandos em construir colaborações significativas ao campo. Estas foram inquietações que, ao mesmo tempo, causaram até certa estagnação, fixadas no medo de não avançar. Isso, até a etapa de Qualificação.

Alcancei, naquele momento, um entendimento que considero um dos mais importantes ao longo da experiência acadêmica, e que foi a virada de chave para o andamento da tese: não precisava anular ou esquecer a dissertação, mas assumir para mim mesma e para os meus orientadores, que a tese nem poderia existir sem toda a bagagem da dissertação. Isso significou um processo de autodescoberta que foi dando consistência e orientando o fazer da pesquisa, e que, na minha singela opinião, deveria estar mais presente na pesquisa científica de modo geral. Isso reforça o aspecto subjetivo de toda e qualquer pesquisa: o ser humano, cujas infinitas particularidades não pode dissociar ambos os papéis – pessoal e acadêmico. A partir dali, compreendi que poderia avançar, mas sem “omitir” o caminho já percorrido. Fiz as pazes com os medos, e estabeleci como uma das escolhas *honrar* o processo anterior, afinal, sem ele esta tese não seria possível.

É necessário ter delimitações claras de distinção entre uma e outra; há riscos de mergulhar nos mesmos conceitos e escolhas metodológicas e, sobretudo, no mesmo tema/objeto. A tese é o meu lugar de escolha como pesquisadora, e assumo os riscos, assim como assumo que não posso avançar sem manter algumas perspectivas de horizonte, porém mantendo o compromisso de novas descobertas. Apesar de dar sequência, os resultados não poderiam ser os mesmos, afinal os problemas são outros, e de certa forma a pesquisadora também.

*

Na dissertação, o estudo de caso explorou processos agonísticos a partir de ações comunicativas do Papa Francisco em episódios dos primeiros anos do seu pontificado. O objetivo central foi de examinar especificidades e lógicas em que ocorriam os embates

² Os pontos destacados sobre a pesquisa realizada na dissertação não imprimem necessidade de especificar outras dimensões feitas àquela época, pois não se trata de fazer comparativos entre uma e outra a tal ponto de que o objeto em questão se transformaria nas diferentes entre pesquisas. O objetivo de expor tal abertura é para sinalizar a origem da tese, considerando que não poderia ter sido desenvolvida de um grau zero.

interacionais, e como tal cenário era articulado pelo papa, considerando o envolvimento dos participantes e da Igreja Católica. O problema de pesquisa investigado naquela fase se estruturou em observar como a disputa de sentidos se manifestava na circulação midiática, a partir de episódios que geravam uma polêmica na relação entre a Igreja, a sociedade e o midiático; além disso, propunha identificar como o Papa Francisco agia sobre tal contexto.

A análise individual dos episódios indicou marcas e operações discursivas nas interações entre os participantes, que através de seus processos organizaram um conjunto de eixos centrais, que foram observados, posteriormente, em perspectiva transversal. Os episódios analisados foram compostos por situações consideradas inéditas e/ou disruptivas, originadas por ações e dizeres do Papa Francisco, a citar: o formato das coletivas de imprensa inauguradas durante o voo de suas viagens apostólicas; a primeira vez que Francisco fez uma entrevista nesse formato, também foi a primeira vez que falou abertamente sobre a pauta das pessoas homossexuais, que marcou seu pontificado pela frase “quem sou eu para julgar?”, episódio também analisado; a pauta do casamento de segunda união e os debates sobre formato de família compôs o terceiro episódio, e por fim, uma cerimônia de casamento realizada durante um voo a um casal de tripulantes.

Entre os resultados da dissertação, identificamos que “na lógica processual da viabilização dos circuitos entram em jogo não só sentidos, mas sentidos que originam outras discussões, alterando as gramáticas de produção iniciais” (Milani, 2019). Constatamos que nas interações marcadas pela disputa de sentidos na processualidade dos circuitos midiáticos, também imagens diversas do Papa Francisco eram elaboradas, definidas por uma dimensão simbólica e da mesma forma postas a circular, inclusive em conflito em determinadas situações.

Sobre a questão imagética, a agonística revela que de cada episódio temos uma coleção de imagens sendo trazida à tona, porém, é no último episódio que imagens “concorrenciais” ou imagens de ruptura do totem aparecem. Essa imagem-totem só se estabelece quando consegue “se impor em rituais sociais de reiteração” (Rosa, 2014). Ou seja, a imagem-totem do Papa Francisco seria uma imagem positiva simbólica referente a seu modo de ser, contudo, as imagens concorrenciais estão em disputa, não permitindo que uma imagem-totem se consolide (Milani, 2019, p. 145).

Acionado pela disputa imagética, identificamos um processo originado das representações sociais, constituindo um imaginário sobre o Papa Francisco de ordem “afetivo-racional”. Ou seja, a partir das relações humanas observadas, tal imaginário se fixa numa espécie de memória coletiva.

Na pesquisa da dissertação, o foco não estava fixo em olhar para a Igreja Católica enquanto religião, mas como um “espaço” de processos comunicacionais “que a atravessam por conta de uma ambiência que coloca em relação os campos em circuitagens”. Na pertinência daquela análise, o termo circuitagem foi proposto como uma derivação daquilo que Braga (2012) nomeou como circuitos.

Assim, a noção de circuitagem foi concebida na dissertação como um processo em que os campos acionam e são acionados por circuitos “criando correntes para além dos fluxos”.

Isso significa dizer que não se trata apenas do ir adiante. Ao comparar com a ideia de corrente elétrica, estamos nos remetendo à ideia de ir e voltar e da sequencialidade de condução. Nestes termos, a corrente é um fluxo ordenado que já possui uma carga de várias camadas de sentido, ou seja, esta corrente não cria um circuito, mas circuitagens (Milani, 2019, p. 149).

A proposição do conceito de circuitagem se estabelece a partir de uma processualidade observada nas dinâmicas entre os campos sociais participantes dos episódios. Isto é, existem elementos interacionais que organizam uma processualidade que extrapola a ideia de continuidade dos circuitos midiáticos. Naquela temporalidade, tal noção foi entendida com base na complexidade dos circuitos se transformando “em camadas” de sentidos, que por sua vez eram acionados em movimento “em corrente”.

Essa mesma identificação deixou as primeiras lacunas e problemáticas em aberto no desfecho da pesquisa de mestrado, tornando-se uma das razões de ser do projeto que se transformaria neste trabalho. É importante destacar que, inicialmente, a identificação dos processos de circuitagem nortearam as primeiras pesquisas na fase do doutorado; ao mesmo tempo protagonizou muitas das inquietações e desafios encontrados. Seja pela questão já mencionada de avançar de uma pesquisa para outra, e de como a circuitagem poderia ser observada em outras situações. Entendemos que a pesquisa de doutorado não poderia abrir mão deste histórico, especialmente por compreender que o objeto em estudo permanece se desenvolvendo na mesma ambiência da mediação, materializando-se em complexas processualidades interacionais. Ainda que aqui a circuitagem não seja identificada ou melhor apreendida de acordo com as proposições iniciais de 2019, é a partir de sua emergência que um novo fenômeno comunicacional começa a ser pesquisado.

Por fim, pesquisas cujo cenário se desenvolve na ambiência da mediação nos instigam a observar lógicas interacionais completamente modificadas em curtos espaços de tempo, e no caso desta tese, soma-se a observação de um objeto vivo, também um agente transformador em tempo real. Em resumo, cada pesquisa exige muitas escolhas, e esta faz parte

das minhas, e como compromisso, uma das lacunas que me proponho a decifrar é como a dissertação lança novos problemas para a construção da tese.

2.2 MUDIATIZAÇÃO: DO CONTEXTO À PROBLEMATIZAÇÃO

Midiatização. Já disse Pedro G. Gomes (2016) que a “midiatização comporta múltiplas vozes”. Concordamos que a pluralidade desse conceito é cada vez mais evidente não só pela variedade de seu uso no campo da comunicação, mas porque ele se estende às “múltiplas vozes” dos processos interacionais. A midiatização é um conceito considerado geral e até genérico, dependendo do nível de compreensão sobre ele. Na linha de pesquisa que seguimos (Midiatização e Processos Sociais), apesar de ser vista como ampla, é bastante específica. Vale ressaltar, diante de um dos propósitos deste trabalho – de desburocratizar os conceitos – que começemos pela pergunta: o que é midiatização?

Embora seja um conceito plural, primeiramente vamos definir o que a midiatização *não* é, especialmente em nossa consideração. Midiatização não é o uso da tecnologia ou a inserção dos meios de comunicação sobre os campos sociais, num sentido de causa e efeito, embora este último seja um dos entendimentos validados em outros estudos. Sinalizamos que, para nós, a referência se alicerça em uma perspectiva mais abrangente e desenvolvida por pesquisadores da América Latina, mencionados e acionados ao longo da tese. Tal perspectiva compreende a midiatização como uma transformação na estrutura e funcionalidade das instituições sociais a partir da integração das lógicas das tecnologias e meios de comunicação, e não apenas da adoção destas. Esta seção se propõe a explorar a midiatização além das fronteiras teóricas, considerando-a como um fenômeno enraizado em contextos sociais que moldam e são moldados por ela.

Eliseo Verón, um dos pioneiros na aplicação do conceito de midiatização na América Latina, aprofunda a relação entre os processos midiáticos e as transformações sociais. O autor faz a distinção entre o que é influência da mídia e a integração dos meios de comunicação nas práticas sociais, que, a partir de feedbacks complexos transforma as formas de produção de sentido na sociedade. Além disso, o autor defende que a midiatização molda e é moldada pelas estruturas sociais, num processo de coconstrução (Verón, 2013). Nesse sentido, entender os processos da midiatização como contexto e não apenas como eixo teórico é fundamental, porque consideramos que fora deste ambiente o objeto de pesquisa não existiria como o concebemos aqui.

Estudar fenômenos comunicacionais no contexto da sociedade em midiatização compreende que estes emergem em problemáticas, conjunturas e cenários que não podemos prever o seu desenrolar. Em panorama holístico quer dizer que a midiatização é a conexão entre os processos midiáticos e as lógicas de funcionamento da sociedade. Quer dizer que a forma como vivemos em sociedade não pode ser afastada dos processos midiáticos, não há mais linha divisória entre uma e outra. Claramente, aquilo que vivemos e observamos se transformar vem ocorrendo em processos.

*

Como bem sintetizou Braga (2015) ao examinar as lógicas das mídias e as lógicas da midiatização, ele nos oferece uma clareza crucial para entendermos a midiatização como processo e não apenas como uma série de impactos tecnológicos. Isso quer dizer que a midiatização é um conjunto de lógicas operacionais que transformam ativamente a interação e a construção sociais, ou seja, são as características de uma nova cultura comunicacional. Acionando os significativos estudos de Jesús Martín-Barbero, Braga (2012, p. 33) destaca que os estudos de Martín-Barbero provocam duas ações importantes: “por um lado, propõe a superação de uma visão objetivista dos meios (da indústria cultural, suas tecnologias, seus produtos), a serem redirecionados para uma visão relacional na sociedade”.

Gomes (2016) destaca que a midiatização deve ser compreendida como um fenômeno que remodela as interações sociais e altera as percepções do mundo, sugerindo uma análise que transcende a simples presença tecnológica para abarcar suas implicações culturais e sociais. A midiatização, portanto, não é apenas um vetor de comunicação, mas um agente ativo na reconfiguração das dinâmicas sociais.

Aqui começa a emergir a noção de *processos* de comunicação, e não mais olhar a “ação da mídia” sobre a sociedade, as pessoas, as instituições. E esta é inquietação que também é gerada com os estudos das mediações de Martín-Barbero, porque imputa uma preocupação à área sobre a “composição daquelas mediações”, sobretudo ao pensar as relações. “Essa percepção é relevante, não apenas porque põe em cena o receptor integrado em seus ambientes – mas também porque começa a fazer perceber os processos midiatizados” (Braga, 2012, p. 33).

Na sociedade dos meios, a principal característica se dá numa instância mediadora de campos. Quer dizer, cada campo social – seja político, religioso, sociológico, psicológico etc. – é possuidor de suas lógicas próprias e funciona segundo elas. Dada a importância que os meios de comunicação começaram a assumir enquanto mediadores, então também se

configuram como um campo, o dos *media*. Ou seja, os meios de comunicação, a partir da técnica, exerciam a mediação dos demais campos, impondo suas próprias lógicas ao funcionamento deles. Esse movimento se exacerbou a um ponto em que os meios de comunicação passaram a se constituir como os elos de contato entre a sociedade e os receptores.

Na compreensão de Braga (2012), hoje o conceito de mediação se complexifica, e isso significa dizer que não podemos considerar a mídia como um corpo estranho na sociedade. Esse cenário passa a ser denominado como a sociedade em midiatização. “Ainda que os processos interacionais mais longamente estabelecidos [...] continuem a definir padrões de comunicação, e lógicas inferenciais, que organizam a sociedade e suas tentativas”. São esses padrões, que, segundo o autor, se complexificam “envolvendo a diversidade crescente da midiatização – o que é bem mais amplo e diferenciado do que referir simplesmente o uso dos meios” (Braga, 2012, p. 35).

A elucidação sobre as lógicas da mídia não significa dizer que na concepção da midiatização elas desaparecem, mas elas passam a operar e transformar os processos sociais, enquanto estes também as transformam. Perde-se a noção de unilateralidade e emerge a percepção de *processualidade*; enquanto os meios de comunicação remodelam os campos sociais, eles também são transformados pelas exigências e dinâmicas dessas áreas (Braga, 2015).

A problemática investigada neste trabalho nasce de transformações como as mencionadas acima. Observamos uma mútua afetação/transformação naquilo que se entende por lógicas do campo social Igreja e as lógicas de operação da mídia. Claramente estamos adentrando um contexto em que a diferenciação entre meios e midiatização não é mais visível, porque o que acontece no cenário aqui trabalhado já é resultado dessas transformações. Aliás, a compreensão de tais processualidades interacionais entre campos – midiático e religioso – precede aquilo que é considerado como lógica dos processos sociais. Tanto um campo quanto o outro possuem determinados padrões de funcionamento que,

[...] além de serem habituais devem se caracterizar por certa coerência, por alguma racionalidade interna que articula seus diversos movimentos; racionalidade que também relaciona tais ações com os propósitos do processo, assim como com os elementos de entrada (Braga, 2015, p. 19).

Assim, Braga nos orienta que ao “dizer as lógicas é dizer o processo”, o que por sua vez implica uma necessidade fundamental quando adentrarmos problemáticas tão complexas a nível comunicacional: descobrir, compreender e elucidar como os campos sociais funcionam, o que

os regula, como se dispersam, quais as tensões. Trata-se de uma exímia tarefa de observação da realidade, cuja percepção de operacionalização não recai em dizer como os processos sociais estão, mas especificamente como se transformam. Essa abordagem nos permite ver a midiatização como um processo interacional de referência (Braga, 2006), onde os meios de comunicação não apenas cobrem ou influenciam a sociedade, mas se tornam integrados e essenciais para sua estrutura e funcionamento.

*

Ao encontro de tal elaboração, Gomes (2013, p. 127) indica que são “os processos que estabelecem e dão vida e sentido ao fenômeno da midiatização”. Dessa forma o autor esclarece que, para além dos fenômenos particulares, o ser humano enquanto ser complexo “é capaz de compreender e dar consistência à midiatização enquanto processo”. Em uma visada mais abrangente, Gomes (2017, p. 66) destaca que no processo social, a midiatização é mais do que uma tecno-interação, está surgindo “um novo modo de ser no mundo”. Essa expressão significa, nas palavras do autor, que há “um deslocamento das pessoas do palco (onde são sujeitos e atores) à plateia (onde sua atitude é passiva)”.

De que forma isso é possível? Se considerarmos o contexto aqui indicado, a expressão utilizada por Gomes (2017) quer dizer que a midiatização se trata de um modo de viver em sociedade que é alterado em função de uma demanda informacional intensa. Ou seja, as pessoas passam a ter um novo modo de vida a nível emocional e físico, em que há uma necessidade abrasiva em exteriorizar os sentidos por vias mecânicas (aparatos técnicos).

O autor ainda sinaliza que esse cenário é uma nova ambiência, que designa um salto qualitativo no desenvolvimento social, modificando a forma como atuamos, escolhemos e vivemos. Diz respeito ao modo como as pessoas usam a mídia e como “tematizam essa relação”. Nessa perspectiva, Gomes (2017) vê a superação da mediação, pois os meios de comunicação passam a se configurar de modo mais complexo do que um terceiro elemento entre a realidade e as pessoas.

A midiatização é a forma como as pessoas compreendem e interpretam a realidade. Ou seja, (re)configura o modo de fazer e de ser em sociedade. As pessoas e a sociedade percebem a própria realidade a partir do fenômeno da mídia, que no seu entendimento, tais meios se expandem para além dos dispositivos tradicionais (Gomes, 2017). Há uma troca recíproca nessa relação, em que ao mesmo tempo em que os meios de comunicação alteram os modos de

relações entre a recepção, ela também vai proporcionando as modificações nos modos de produção.

Fazendo a passagem do contexto à problematização da midiatização, acionamos novamente a compreensão de processos, porque tratamos de analisar um objeto que está inscrito em lógicas processuais envolvendo seu campo de origem – campo religioso. Este, possui lógicas de funcionamento que são fortemente estabelecidas, mas que também passaram por tentativas antes realizadas (Braga, 2015). Como sinaliza o autor, conforme as tentativas vão atendendo aos interesses e objetivos daquele campo social, os processos vão sendo reiterados e aperfeiçoados. “Com a repetição assumida e bem sucedida, tais processos são incorporados em todos os níveis – na psicologia dos participantes, como padrão social para agir, como regra e regularidade de funcionamento, como gramática a ser obedecida” (Braga, 2015, p. 20).

À medida que aprofundamos as pesquisas em torno da figura comunicante do Papa Francisco, pudemos observar esse conjunto de lógicas em funcionamento, seja daquilo que já temos vasto conhecimento por meio de estudos na interface, seja pela estruturação histórica de como a Igreja Católica foi aperfeiçoando seus processos e incorporando-os às suas lógicas, até chegar ao que hoje é conhecido pelo senso comum como seu modo de ser. Contudo, mesmo dispondo de lógicas enraizadas e firmadas em padrões muito próprios de seu funcionamento, a Igreja também faz parte dos campos sociais que se contactam com as lógicas da midiatização, provocando experiências tentativas no seu modo de funcionamento e, portanto, modificando suas lógicas.

Em outra perspectiva, lógicas processuais podem decorrer fortemente da materialidade das coisas – seja de coisas da natureza, seja de objetos técnicos disponíveis. Tais materiais determinariam os gestos e a coerência entre os usuários, e entre estes e os objetivos do processo. [...]. O elemento tentativo estaria presente no descobrir e no aprender a acionar efetivamente tais materiais; mas também na experimentação de outros usos – a que podemos caracterizar como invenção social sobre a tecnologia. [...] Assim, quando observamos as lógicas de quaisquer processos sociais, é relevante compreendê-las em sua dinâmica – sua origem, sua institucionalização, os processos de sua transformação (Braga, 2015, p. 20).

A interação das instituições com a sociedade sempre foi desafiadora, mas a era contemporânea da midiatização intensifica esses desafios, incorporando dinâmicas complexas que frequentemente escapam ao controle das lógicas já estabelecidas dos campos, em seus processos sociais. No passado, as instituições conseguiam dirigir suas interações com a sociedade segundo suas próprias normas e ritmos. No contexto atual, no entanto, mesmo instituições com lógicas enraizadas, como a Igreja Católica, encontram-se, muitas vezes, em situações que exigem modificações. Essas mudanças, impulsionadas por forças externas à

própria instituição, desafiam a arquitetura de suas lógicas operacionais tradicionalmente orientadas por uma hierarquia rígida e práticas de longo prazo.

A observação dos estilos distintos dos dois últimos papas revela como ambientes caracterizados por incertezas e uma constante experimentação social podem criar condições propícias para a polarização. Essa polarização é evidente não apenas nas divisões internas marcantes de cada pontificado, mas também nas posturas extremamente divergentes adotadas por eles. Este fenômeno pode ser visto como representativo de duas fases distintas de adaptação institucional: inicialmente, uma tentativa de reafirmar as tradições para preservar a autoridade e a estabilidade institucional, seguida por uma fase de abertura para adaptações, marcada por tentativas de conciliação e inovação em resposta ao fracasso da abordagem mais conservadora.

Considerando esses desafios do ponto de vista da interação social externa, emerge a complexidade dos processos comunicacionais da Igreja na contemporaneidade, com destaque para a liderança do Papa Francisco. O principal desafio – enfrentado com uma habilidade notável – é manejar a polarização dentro da Igreja sem agravá-la, mantendo um equilíbrio delicado que busca não apenas responder às exigências da midiatização, mas também harmonizar as tradicionais doutrinas da instituição com as necessidades e expectativas de uma sociedade global e profundamente conectada. A análise das interações dos participantes envolvidos nas situações revela indícios desse complexo desafio comunicacional enfrentado pela liderança eclesial.

Isso posto, um dos objetivos desta tese é capturar a midiatização pela angulação dos processos e da ambiência. Assim, orientados por um contexto social que vai muito além do que uma escolha teórica, a midiatização para o nosso caso de pesquisa propõe compreender a relação entre a “heterogeneidade que caracteriza a dinâmica de interação entre estes sistemas midiáticos e sistemas dos atores sociais” (Fausto Neto, 2018a, p. 83). Essa tentativa nos permite conhecer e identificar as modificações em curso e em tempo real, condição capaz de ampliar o escopo problematizador das pesquisas em comunicação.

2.3 Problema e o Objeto da Pesquisa

O Papa Francisco, líder do catolicismo mundial, tem sido uma figura comunicante com características bastante distintas de seus antecessores e, justamente por isso, uma pauta frequente no sistema midiático. Desde o início de sua atividade como papa, Francisco tem deixado claro seu principal objetivo: a modificação de processos internos da Igreja Católica, conhecida como a Reforma da Cúria Romana (Passos, 2018). A característica de reformador

do líder católico evidencia uma série de peculiaridades em sua comunicação, seja para a Igreja, para os fiéis, e com um destaque para a condução de sua comunicação com a sociedade em geral.

Diante do projeto inovador para a instituição, o Papa Francisco faz escolhas enquanto forma de se expressar, como pessoa e como líder religioso. É nesse fazer, com atitudes menos convencionais e mais generosas, que suas falas e ações não passam despercebidas no âmbito social, e sobretudo midiático, dando espaço a significativos debates sistêmicos, potencializados pelas configurações de uma sociedade em midiatização (Fausto Neto, 2018a; Gomes, 2017; Braga, 2015).

*

Não sendo possível adentrarmos nas particularidades das estratégias da Igreja Católica, nem do porquê das ações do Papa Francisco, o que conseguimos mapear é o que ele faz, mas já mediado pelas fontes noticiosas; e sobretudo, **o que acontece a partir do que o papa diz e faz**, por meio de lógicas interacionais de circulação no contexto sociocomunicacional.

Aquilo que vai acontecendo, posterior às ações do Papa Francisco, se desencadeia em afetações. Essas afetações envolvem a relação entre os sistemas³ presentes nas interações, os participantes que elaboram os processos de tensionamento e o ambiente da midiatização. Este último, é o que dá origem e potencializa essas características interacionais. Há lógicas e operações que são particulares ao processo de midiatização, em que “crescentemente tudo passa a circular segundo processos midiáticos” (Braga, 2015, p. 24). No processo de circulação há a constituição de circuitos, cujas lógicas dos campos sociais “tensionam e invadem os outros”. Além disso, os circuitos podem ser alimentados pelo próprio desencadear de afetações e ressignificações de seu funcionamento. De certa forma, os elementos que dão continuidade aos circuitos são as consequências daquilo que reverberou num primeiro momento – ou seja, um movimento de retroalimentação (Milani, 2019).

*

Esta problemática não se concentra em olhar para a *persona* Papa Francisco, enquanto indivíduo, mas nas diferentes formas de comunicação que surgem e são mobilizadas em

³ A transição da noção de campos para sistemas será trabalhada no Capítulo 4.

processos de circulação midiática. Nos detemos a identificar as *representatividades comunicativas*, sobretudo simbólicas, intrínsecas ao cargo de papa, e, particularmente, ao modo como Francisco lidera e governa a Igreja Católica. O seu modo de governar, em algumas situações beira a experimentação comparado àquilo que já está consolidado nos modos de ser da instituição.

Amparando-nos na definição de Flores (2021), as formas de comunicação em caráter experimental/tentativo geram disputas e tensões entre o que é considerado normativo (o que é tradicional e aceito) e o que é experimentação (novas abordagens e práticas). Essas tensões são particularmente relevantes no contexto da Igreja Católica, que é o campo ao qual o papa está inserido.

Inerente ao ambiente da mediatização, tal problematização é composta por uma diversidade de lógicas midiáticas-interativas que transformam e reconfiguram o modo como tudo e todos vivem em sociedade (Gomes, 2017). Aliás, a transformação está presente, inclusive, nos campos sociais rigidamente estabelecidos com lógicas e regras próprias, como a religião, o direito etc. Por esse motivo, as ações de uma liderança, cuja abrangência perpassa o globo, são tensionadas e estão no auge da visibilidade a todo momento, tornando evidente que as *experimentações* em curso estão provocando transformações significativas no campo religioso; não somente em suas características internas, mas em como isso é comunicado à comunidade de fiéis, à sociedade de forma geral, e sobretudo como isso reverbera internamente à instituição.

*

Há um enfoque nos papéis simbólicos que o Papa Francisco exerce ou é convidado a exercer, que estão direta ou indiretamente ligados a uma ação comunicacional articulada e/ou acionada também por outros sistemas. Assim, **aquilo que acontece a partir do que o papa diz e faz** nos aponta indícios de **experimentações interacionais em curso**, cujas provocações e afetações são geradas tanto pelo discurso social, como pelo próprio sistema interno católico, ou mesmo pela processualidade dos circuitos midiáticos complexos (Braga, 2012; 2015).

Diante disso, o **problema de pesquisa** da tese se expressa da seguinte maneira: Como as representatividades comunicativas do Papa Francisco mobilizam as experimentações interacionais na relação entre os participantes, os sistemas e o ambiente? De que forma o conjunto de afetações dessa relação aciona **lógicas de circuitagem**?

*

O **caso de pesquisa**, composto por múltiplos casos de circulação, parte da premissa empírica de que as representatividades comunicativas simbólicas do Papa Francisco são mobilizadas a partir de diferentes espaços, situações, participantes em que o líder se insere. O principal objetivo é compreender como essas representatividades são acionadas quando observamos as interações em dinâmicas de circulação. Ou seja, buscamos observar nas situações específicas de cada um dos casos individuais, como a agonística potencializa as experimentações comunicacionais, estas são originadas na tensão entre o que é normativo ao espaço do Papa Francisco (Igreja) e aquilo que é experimental. Além disso, pretendemos identificar como as afetações desta relação indicam aspectos comuns aos diferentes casos em relação ao funcionamento dos circuitos interacionais midiáticos.

Para isso, os múltiplos casos escolhidos, originados pelas lógicas da circulação, definem-se por particularidades específicas:

- 1) **União civil de homossexuais**: um caso doutrinário relacionado a um problema interno da Igreja, mas que tem consequências na sociedade;
- 2) **Sínodo da Sinodalidade**: uma proposta de organização interna do catolicismo, que evoca como a “partilha de poder” e que gera problemas na hierarquia eclesial;
- 3) **Negociação de paz**: um caso de chaga social, que centraliza a participação do papa na guerra, reverberando a relação da diplomacia da Igreja com o mundo.

Para dar conta do caso de pesquisa, os **objetivos específicos** são: a) descrever as ações de representatividade comunicativa do Papa Francisco, na ambiência da mediação; b) identificar como as lógicas dos casos individuais evidenciam as afetações entre os sistemas, o ambiente da mediação e seus participantes; c) analisar como as representatividades comunicativas do papa acionam lógicas interacionais disruptivas na circulação; d) observar como as práticas experimentais do Papa Francisco convocam o sistema religioso a participar dos circuitos; e) investigar como as lógicas interacionais desse conjunto de relações organizam e transformam as lógicas dos circuitos.

Trata-se de captar e compreender situações que estão em curso e são modificadas em curtos espaços de tempo. São ações tentativas em desenvolvimento que tensionam a norma católica, e que repercutem para além do estabelecimento de posições internas. São experimentações que reconfiguram o relacionamento e o posicionamento da Igreja Católica com a sociedade de forma significativa.

3 DAS BORDAS DO CASO AOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

A lógica da pesquisa é essa engrenagem de problemas nos quais o pesquisador é capturado e que o treina, como que a despeito dele mesmo (Bourdieu, 2019, p. 52).

Este capítulo é uma tentativa de assumir a autoralidade exigida por uma tese, e ainda mais, compreender o que isso possibilita. Assim, mais do que qualquer outro capítulo, este apresenta aquilo que considero mais autoral, originado de profundas reflexões e embates vivenciados com o fazer da pesquisa ao longo dos anos de formação acadêmica. Considero a produção como o meu campo de luta científica, como definido por Bourdieu.

O título deste capítulo indica as relações, contextos, escolhas e definições essenciais para a elaboração de uma pesquisa, ou seja, todos os caminhos percorridos. Na prática da investigação, eles não seguem uma ordem predefinida, nem um padrão fixo. Portanto, a disposição de cada parte deste trabalho não reflete uma produção linear, e o mesmo é válido para a construção do caso de pesquisa: iniciamos pelas bordas para descobrir e delimitar o caso investigado.

Ainda que este capítulo seja específico para a reflexão sobre metodologia da tese, este é um processo presente ao longo de todo o texto. Falar sobre metodologia, na perspectiva aqui defendida, não é somente optar por aspectos específicos de métodos de pesquisa, mas principalmente construir uma narrativa marcada pelos níveis de decisões e seus processos. Afinal, uma pesquisa acadêmica é uma série de escolhas, reflexões e elaborações metodológicas em cada etapa de sua produção.

Registrar que a tese começou na dissertação (item 2.1) foi um marco para tantas outras escolhas metodológicas ao longo da pesquisa. Todas sustentaram a oportunidade de assumir minha posição como pesquisadora e autora do meu texto, assim como a decisão de assumir riscos. A estrutura do capítulo metodológico foi idealizada enquanto tomava decisões sobre critérios de seleção, indícios e dados, abrangência e extensão dos materiais observados, decisões de interpretação inferencial e tantas outras (Braga, 2011). Inclusive, um dos desafios foi a necessidade de retornar às abordagens metodológicas, mesmo que este capítulo ainda fosse apenas rascunho. Assim, enquanto o problema e os casos individuais eram analisados, a reflexão epistemológica se constituía em paralelo, reforçando a não linearidade do trabalho.

Este capítulo não tem a pretensão de ser um manual técnico a respeito dos métodos escolhidos. O propósito é apresentar as abordagens metodológicas desenvolvidas para este trabalho, mas especialmente considerar e refletir sobre a relação do lugar do sujeito que faz a

pesquisa. Ou seja, entrar na oficina artesanal de pesquisadora que vai costurando os caminhos percorridos com os desafios enfrentados, e que como resultado desse processo têm a elaboração de uma tese e a [re]elaboração de um ser humano.

Este capítulo também se propõe a refletir questões como: a importância de observar situações da realidade para compreender como as coisas se transformam; estabelecer critérios internos ao objeto como organizadores da observação empírica; os desafios de trabalhar com um objeto da sociedade em mediação com lógicas complexas e os riscos de, por isso, não seguir modelos preestabelecidos; e, principalmente, usar a própria pesquisa como ambiente de experimentação, reflexão e aprendizado sobre as escolhas e modos de conduzir uma pesquisa empírica que contribua ao conhecimento da Comunicação.

Os itens apresentados a seguir espelham o meu artesanato intelectual, cuja finalidade é transportar o leitor para dividir comigo não só uma pesquisa acadêmica, mas o processo de sua escrita e suas várias fases de elaboração. Para isso preservo a preocupação de externalizar a clareza dos movimentos e processos.

No item, “*As Escolhas*”, abordo os processos de decisões técnicas de método, cuja centralidade está em uma tentativa de construção metodológica da circulação, especificamente. A proposta encaminha um movimento de sair da zona de conforto do amparo das teorias metodológicas consolidadas e há tanto tempo utilizadas como centrais aos estudos em comunicação. Arrisco adentrar na especificidade metodológica da mediação, ambiência que não só conceitua o objeto de trabalho, como orienta a sua tessitura, dando arcabouço, delineamentos e competência para explorar uma metodologia própria da circulação.

Na sequência, avanço para a construção do caminho percorrido, conectando os desafios encontrados e quais decisões foram tomadas para enfrentá-los. Procuro refletir sobre os desafios metodológicos de trabalhar com pesquisas no contexto da intensa mediação da sociedade, onde tudo acontece e se transforma rapidamente. Soma-se a isso, a escolha por analisar um objeto vivo e comunicante complexo, cujas ações acontecem em tempo real. Por isso, adentro naquilo que Bourdieu (2019) chamou de “cozinha das ciências”, que inclui noções subjetivas do que toca o sensível do pesquisador, tornando a tese um espaço *realmente* autoral. Fazendo jus à essa proposta, a última seção do capítulo conduz uma espécie de exteriorização dos processos mentais da tese, conforme foi se dando cada movimento de investigação e de escrita, e justamente por isso um ambiente de experimentação e reflexão de si mesma.

3.1 AS ESCOLHAS

A comunicação, sob o viés da mediatização, exige métodos que capturam a multiplicidade de significados, contextos e interações. A escolha dos métodos e abordagens investigativas não é arbitrária, ela emerge de uma reflexão cuidadosa sobre o que está sendo investigado, por que e como os fenômenos comunicacionais se manifestam e são compreendidos. Como menciona Gomes (2011, p. 57), “o objeto precede o método”, e precisamos “educar os olhos para ver além das aparências e se concentrar na busca sistêmica do todo”.

Com base nos caminhos que a mediatização nos convoca a percorrer para observar fenômenos comunicacionais em seu pleno andamento, os métodos selecionados buscam não apenas descrever, mas também interpretar e questionar as dinâmicas envolvidas. Assim, a primeira especificidade metodológica escolhida como abordagem é a mediatização, porque os objetos comunicacionais se manifestam em múltiplas e diversas interações, exigindo de nós pesquisadores uma tentativa de formular um método próprio a tal contexto. Isso implica que as metodologias já consolidadas e em sua maioria transferidas de outras áreas, não dão conta de orientar as pesquisas em mediatização por elas próprias.

Já vimos anteriormente que a mediatização comporta lógicas interacionais em circuitos de fluxo adiante. Previamente capturado dessa forma, porque o objeto estudado não é uma situação estática, mas composto por dinâmicas e lógicas interacionais que só podem ser percebidas em funcionamento, logo, uma abordagem metodológica pronta não daria conta do conjunto.

A problemática da mediatização da sociedade, além do compartilhamento de metodologias e conceitos entre as diversas ciências, exige uma aproximação distinta. A situação atual não mais permite uma contemplação externa, com conceitos adrede formulados. Ao contrário, o pesquisador que objetiva interpretar o momento presente deve deixar-se tocar e desafiar na explicitação de metodologias que emergem do próprio objeto (Gomes, 2011, p. 58).

Explorar uma metodologia da mediatização obviamente não é uma tentativa de universalizá-la, especialmente porque outros colegas da linha de pesquisa Mediatização e Processos Sociais já desenvolveram métodos próprios para seus objetos, também na ambiência mediatização. Porém, isso nos convoca a pensar a sua diversidade sob abordagens cujas imposições dos fenômenos comunicacionais atuais não nos permitem mais fugir ou neutralizá-los.

Assim, uma das propostas desta pesquisa é desenvolver uma tentativa de construção metodológica tendo como base a circulação como organizadora dos movimentos do objeto. Vale reforçar, portanto, que esta tese é elaborada sob a condição de uma metodologia de mediação, enfrentando as dinâmicas da circulação como método central. Dito isto, o objetivo não é debater as teorias metodológicas consolidadas, porque o esforço reflexivo é justamente avançarmos no campo de estudos da mediação para uma nova tentativa metodológica. Afinal, muitas vezes justificamos os movimentos e escolhas que somos obrigados a fazer em função dos objetos da mediação com os arcabouços de fora dela, ou então a naturalizamos como fenômeno, a ponto de não a reconhecermos como metodologia. Assumimos o risco de enfrentar tal desafio.

Antes, porém, é necessário distinguir aquilo que acionamos como métodos de pesquisa e o que consideramos como perspectiva metodológica. Os primeiros dizem respeito àqueles aspectos pontuais, estabelecidos ou tentativos (circulação) das metodologias tradicionais. As perspectivas metodológicas dizem respeito mais a uma atitude de pesquisa e um direcionamento de como a exploração, observação e análise das materialidades empíricas são manejadas, e por consequência, como esse processo vai nos indicando a construção do caso de pesquisa. Ou seja, partindo das bordas do caso para adentrarmos em sua especificidade e elaboração.

3.1.1 Atitudes de investigação empírica

As atitudes consideradas fundamentais e norteadoras da exploração empírica foram testadas ainda na dissertação e seguiram o objeto até aqui. De forma introdutória, seguimos com a perspectiva indiciária a partir dos estudos de Braga e Ginzburg, e com a perspectiva etnometodológica em sua essência, adaptada para conduzir a pesquisa empírica. Além disso, evoluímos de uma pesquisa de estudo de caso para um estudo de casos múltiplos de circulação. Nesta nova abordagem há semelhanças, e facilmente poderia ser confundida com as mesmas abordagens e escolhas de lá. Inclusive, essa foi uma das batalhas enfrentadas, porque até alcançar mais clareza quanto ao objeto aqui investigado, consideramos o risco de serem a mesma formulação, apenas com nomenclaturas distintas. Foi preciso muito esforço observacional, exploração empírica e, sobretudo, expandir a zona de conforto do conhecido para conseguir nomear as diferenças.

Para que a produção de conhecimento ocorra, e de modo que possamos elencar movimentos de operacionalização, primeiro é necessário um mergulho no objeto material, no sentido de buscar investigar sem carregar categorizações, estereótipos ou definições teóricas

apriorísticas. Ou seja, olhar tudo sem predefinições e captar dali aquilo que poderia ser uma potência investigativa. É um primeiro passo de buscar pelo objeto empírico, sobretudo permitindo que ele vá indicando suas processualidades. Esse passo se dá a partir do paradigma indiciário (Braga, 2008; Ginzburg, 1989), cujas observações geram conjecturas – inferências dedutivas, indutivas e abduativas (Ferreira, 2012).

O indiciário se trata de um paradigma de conhecimento, uma forma de conhecer alguma coisa; não é diretamente um método, embora oriente epistemologias e disciplinas de conhecimento que são essencialmente indiciárias. Quer dizer, trabalhar com indícios requer que façamos conjecturas/inferências – competência básica do ser humano – perceber e fazer inferências. A leitura que fazemos dos dados dos objetos – indícios – nos levam a fazer conjecturas, e estas a desenvolver hipóteses e perguntas.

No indiciário não se trata de explicar, mas de interpretar e compreender. Requer um processo de articulação entre os indícios para formular um modelo interpretativo que explique o fenômeno em questão. É um exercício tentativo de buscar conexões entre aquilo que está sendo descrito, o observável com suas características próprias e as perguntas de pesquisa. Para que se consiga fazer tal conexão é necessário perceber características próprias do observável, ou seja, suas dinâmicas e lógicas internas com o melhor detalhamento possível destas. Para isso, não é apropriado olhar para essas características através de hipóteses e filtros teóricos já definidos, pois podem direcionar e destacar alguns aspectos e não perceber outros. Aliás, o raciocínio abduutivo vai sendo elaborado conforme a exploração e observação empírica, que por sua vez orienta a reflexão teórica e, conforme esses movimentos, cada pista pode alterar a compreensão do caso e, conseqüentemente, o modelo que está sendo construído. Precisamos, portanto, abrir mão de “apegos” metodológicos ou decisões prévias.

Conforme avançamos na compreensão dos componentes e integrantes do objeto material, mais a abordagem indiciária vai se aperfeiçoando e gerando conjecturas afinadas. Uma das formas de fazer esse processo é o de perguntar. E as perguntas começam a surgir à medida que observamos e compreendemos os materiais. Pensando em uma ordem desta processualidade temos: uma inquietação e/ou premissa (não necessariamente uma pergunta sobre determinado assunto); em seguida começamos a observar detalhes desse assunto – indícios; a partir deles vão surgindo perguntas e mais clareza sobre os próprios indícios. São essas perguntas que vão dar a sustentação para o processo inferencial.

O paradigma indiciário tem como valor a capacidade de lidar com a complexidade e singularidade dos fenômenos sociais, comunicacionais etc., especialmente porque permite a exploração das descobertas de forma livre e dinâmica. É uma alternativa às abordagens

quantitativas e generalizadoras, incentivando uma exploração mais detalhada e avançada dos casos estudados. Na ambiência da midiatização analisamos fenômenos e casos multifacetados, enriquecidos de pequenos detalhes que se entrelaçam, se complexificam, e com a abordagem indiciária encontramos caminhos livres para refletir sobre tais dinâmicas e lógicas interacionais.

O paradigma indiciário caracteriza algumas metodologias, e também outras perspectivas analíticas, como por exemplo, a etnometodologia, a etnografia, análise da conversa etc. Todas as atividades que têm como eixo central a observação de atividades internas requerem a utilização de indícios. Em nossa pesquisa, somamos esforços investigativos com a perspectiva etnometodológica. Resumidamente, diz respeito a uma atitude de pesquisa e não uma metodologia estabelecida. Aqui, trata-se de uma prática com ênfase heurística, que por meio da observação e de tentativas nos permite a descoberta.

O seu propósito está enfaticamente em uma atitude, que é analisar os sentidos “que atores e agentes sociais atribuem à sua própria prática social” (Rodrigues; Braga, 2014, p. 6). Ou seja, requer adentrar no campo de observação para perceber o que as pessoas dizem e o que elas fazem em cada situação. Para pensar a abordagem etnometodológica é preciso pensar os fenômenos de forma subterrânea e renunciar a tudo o que fere a observação. Requer um aprofundamento observacional êmico, que procura ver as especificidades do objeto empírico em questão; se caracteriza por um olhar de dentro do objeto, para que ele nos encaminhe para os desdobramentos futuros, renunciando a categorizações prévias.

Inspirada na fenomenologia de retornar “às próprias coisas”, isto é, na observação dos fenômenos tal como eles se apresentam na experiência direta, esta abordagem examina como os indivíduos constroem e entendem a ordem social através de suas práticas comuns de interação. Obviamente encontramos algumas limitações em utilizar desta abordagem em nossa prática de objetos em circulação, porque assim como já pontuado, os materiais a que temos acessos nos são tangíveis a partir de vários graus de mediação técnica e humana, não havendo a possibilidade de observar um acontecimento com o Papa Francisco, por exemplo, no momento em que ele se realiza.

Contudo, essa perspectiva nos encoraja a olhar o conjunto de interações a que somos expostos conforme está dado, ou seja, só temos acesso ao enunciado e não ao ato da enunciação. Não nos cabe e nem é importante fazermos uma análise como se estivéssemos presente no exato momento de seu acontecimento, justamente porque nosso objeto é sobre as dinâmicas da circulação em movimento, em constantes modificações. Assim, aquilo que olhamos pela atitude êmica é o emaranhado de interações em circulação, fazendo o exercício de observar sem

categorizações prévias. É mais importante, permitindo que o próprio objeto mostre o seu caminho.

Acreditamos que é com esse primeiro espaço de observação que vão se aperfeiçoando as demais escolhas e definições. Basicamente se trata de compreender não só o que o objeto diz, mas sobretudo o que as falas/ações do Papa Francisco fazem através do que ele diz. Isto é, não basta olhar para o que o pontífice fala, mas para o que acontece a partir do dito e, inclusive, de seu silêncio. Assim, a perspectiva indiciária junto com o ponto de vista êmico é que direcionam toda a investigação das materialidades, desde a fase de exploração até a definição do caso de pesquisa.

3.1.2 Dinâmicas da circulação como referência para o método

Mobilizamos a opção de trabalhar múltiplos casos de circulação, e esta escolha em particular provém de alguns condicionamentos. Primeiro, porque na dissertação desenvolvemos uma pesquisa, cujos resultados deixaram inquietações, mas, além disso, a pesquisa lá realizada comprovou que conforme o Papa Francisco se desloca entre diferentes contextos e/ou situações, existe um imaginário em torno de sua performance comunicativa que evoca uma ideia de “papa da acolhida”, ou seja, “uma imagem que agrada” (Milani, 2019, p. 144). Contudo, não há a prevalência desse tipo de imagem ou imaginário sobre o papa, pois estas se modificam em curso, conforme elaboração e tensão da situação que aciona um episódio ou acontecimento sob as lógicas e dinâmicas da circulação.

Na dissertação identificamos “imagens-síntese que se sobrepõem diante da construção imagética simbólica em circulação” (Milani, 2019, p. 144). Isso quer dizer que as afetações interpretativas geradas em cada acontecimento polemizador com o Papa Francisco são construídas de maneira particular. Neste ponto, surge a premissa de que em torno do papa existem representatividades comunicativas simbólicas, e diferem entre si conforme espaço interacional ocupado pelo líder católico. Quer dizer, a conduta e expressões comunicativas do papa não se limitam aos espaços próprios à Igreja Católica, ele os expande quando permite a emergência de debates sobre questões de políticas sociais e integrativas, sobre o meio ambiente, povos e nações, e até mesmo em espaços estritamente políticos, como é o caso da tentativa de negociação entre Rússia e Ucrânia. Assim, torna-se imprescindível trabalharmos com casos que contemplem *diferentes* cenários, pontos de eclosão, contextos e ecossistemas circulatórios, participantes e abrangências.

Ora, quando analisamos fenômenos, situações e/ou grupos de pessoas no cenário comunicacional da circulação, aquilo que estamos observando é um conjunto com várias unidades, tipos de interações, participantes e dispositivos tecnológicos, mas como parte integrante deste fenômeno. A observação perpassa a especificidade de cada unidade, mas dentro de um contexto de caso único. Então quando optamos por observar múltiplos casos de circulação, diz respeito a observar vários casos com esse tipo de configuração heterogênea.

Além disso, normalmente casos de pesquisa sob as dinâmicas da circulação não possuem um fechamento reto, concreto ou com uma borda definida, no sentido de “aqui termina este caso”. As lógicas dos circuitos interacionais perduram por anos e de tão variadas formas que é praticamente inviável termos a perspectiva de um caso fechado, no sentido estrito do termo.

Outra limitação enfrentada em nossa tentativa de “construir” os casos que comporiam o estudo empírico foi de estar fazendo as observações e inferências através dos materiais, e novas interações entre os participantes estarem acontecendo praticamente em tempo real, característica própria do que mencionamos anteriormente. Isso não significa que precisamos olhar para tudo o que vai se desenvolvendo infinitamente, mas exige destreza e flexibilidade para compreendermos seus limites e o grau de importância de cada situação interacional para a constituição do caso, assim como sua pertinência ao problema e objetivos da pesquisa. Para a etapa da Qualificação prevemos um estudo de quatro casos individuais, que comporiam o estudo de casos múltiplos. Àquela altura, a premissa era de analisar casos menores em processos e abrangência interacional. Contudo, conforme damos espaço para a flexibilidade investigativa dos materiais, identificamos esta nova proposta de múltiplos casos organizados e sobretudo direcionados pelas dinâmicas da circulação.

3.1.3 Definição do caso

A abordagem metodológica das dinâmicas da circulação nos inspirou a outra experimentação: um Caso de Referência. Inicialmente, pensamos que o Caso 1 (Papa Francisco e a temática da homossexualidade) pudesse ser um caso piloto, tendo em vista o nosso histórico de pesquisa com o tema e também por se tratar de uma pauta marcante entre as ações do Papa Francisco. A noção de “caso piloto” baseava-se, especialmente, em ter sido o primeiro caso da tese que realmente foi sustentado, aprofundado e efetivado como um dos casos do estudo¹; mas

¹ Até a banca de Qualificação, apenas um recorte do Caso 1 havia sido testado, que era a eclosão do grande debate em torno da frase do Papa Francisco sobre união civil de homossexuais, exibido no documentário em Roma. A

também por ter sido “exemplo” de como as materialidades poderiam ser evidenciadas nos demais casos (Caso 2 – Sinodalidade e Caso 3 – Ucrânia e Rússia), que até então, tratavam de escolhas por situações pontuais, mas sem uma investigação capaz de prever os seus direcionamentos ou processualidades, muito menos a decisão de construí-los sob diversas dinâmicas de circulação.

A sistematização do caso foi inicialmente se dando em “fases” acontecimentos conforme a temática seguia o fluxo adiante em circuitos, um processo essencial para o amadurecimento da proposta que viria. Sem a perspectiva de fases, talvez não identificássemos que se tratava de algo mais dinâmico, vivo, flexível e significativo. Assim, as delimitações do que consideramos como *dinâmicas de circulação* seguiram alguns critérios: a) limitação temporal do que era possível analisar conforme período de entrega da tese; b) pertinência dos materiais com o problema e objetivos da pesquisa; c) coletar em dois ou três meios de comunicação diferentes os materiais de um mesmo circuito; d) observar em quais espaços aqueles veículos escolhidos publicaram o mesmo conteúdo e suas respectivas interações; e) o espaço do Youtube e redes sociais como o Facebook, Instagram e X como canais para a expressão de opiniões de atores sociais sobre o tema, sem estarem vinculados formalmente a alguma agência ou veículo de comunicação².

Portanto, a partir do estabelecimento dos critérios mencionados, o Caso 1 tornou-se o Caso de Referência para os demais a serem analisados. A decisão de ser referência não foi baseada na premissa de que os outros casos teriam características semelhantes, muito menos a mesma abrangência e sustentação; aliás, ambas as opções ainda eram frágeis, amparadas por uma situação particular em cada um dos casos, justamente porque ainda não tínhamos conhecimento da extensão deles. Então, o Caso 1 torna-se referência para os métodos e as abordagens processuais, assim como para a construção dos Casos 2 e 3 que seriam examinados posteriormente.

É importante mencionar que a relação entre o que entendemos como atitudes de pesquisa – o indiciário e a perspectivaêmica – se dá junto aos movimentos de circulação das escolhas. Deixar-nos guiar pela processualidade do caso é resultado da incorporação das duas perspectivas, abrindo espaço para aquilo que a circulação mostra, sem predefinições ou categorizações metodológicas. É neste fazer, também operado em movimentos de circulação

percepção de que o caso em si seria composto por outras dinâmicas de circulação foi sendo assimilada justamente no alargamento da exploração dos acontecimentos e materiais que tínhamos acesso.

² Os critérios para a escolha dos materiais serão abordados de forma mais explicativa no Capítulo 5.

da condução da pesquisa, que a construção do caso da tese se dá pelas bordas, e vai obtendo definição à medida que as ideias, insights, inferências e métodos vão se aprimorando.

A abordagem metodológica das dinâmicas de circulação sublinha a necessidade de abandonarmos a centralidade de uma unidade de investigação para compreendermos processos, lógicas e experimentações de conjunto. Nas experimentações de conjunto inclui-se o processo da *pesquisadora* e do *pesquisar*, também aprimorados pelos movimentos de circulação.

*

Conforme mencionado no início do capítulo, a construção do caso de pesquisa da tese não se deu de forma apriorística, ele foi sendo montado em movimentos de circulação, sobretudo, fundamentados pelas bordas contextuais e da problemática. Assim, o nosso caso de pesquisa é constituído por três casos distintos entre si, formando um *estudo de múltiplos casos de circulação*. Sua formação se fundamenta em uma perspectiva triádica, iniciada com o Caso 1: União civil de homossexuais, o Caso 2: Sinodalidade, e o Caso 3: A paz na Ucrânia. O Caso 1 é considerado um Caso de Referência pois orienta as escolhas e abordagens dos outros dois.

Consideramos que o caso de pesquisa possui uma segunda camada estrutural, que está transversalmente na configuração dos casos individuais: a abordagem metodológica triádica orientadora de sua formulação. Tal abordagem parte da 1) premissa exploratória de casos distintos e, por isso, a necessidade de 2) orientar-se no problema de pesquisa para as análises, que por sua vez foram orientadas pelas 3) dinâmicas de circulação. Aquilo que tangencia os três casos são as representatividades comunicativas simbólicas do Papa Francisco, expressas em circuitos interacionais midiáticos cujas afetações buscamos compreender. Na figura abaixo ilustramos o caso de pesquisa por meio de um diagrama.

Figura 1 – Diagrama de encaminhamento de observação do caso de pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

Ou seja, o caso desta pesquisa não é o *Papa Francisco* nem a sua presença na mídia, mas um processo comunicacional em que sua participação enquanto ação comunicativa é central. Da mesma forma, a Igreja Católica é um dos campos participantes nas relações aí investigadas, não o foco principal da análise. O fenômeno comunicacional é fruto da relação de quem participa, dos campos sociais em que esses participantes se inscrevem e a ambiência da midiatização, que é movimentada em dinâmicas de circulação. No centro desse grande conjunto heterogêneo há um conjunto de afetações, e este é o alicerce do caso.

Cumprir dizer, que para a fluidez do texto, os casos empíricos são desenvolvidos em capítulo próprio, sendo que o Capítulo 5 os antecede para fins de esclarecimento de abordagem, estrutura e organização de cada caso.

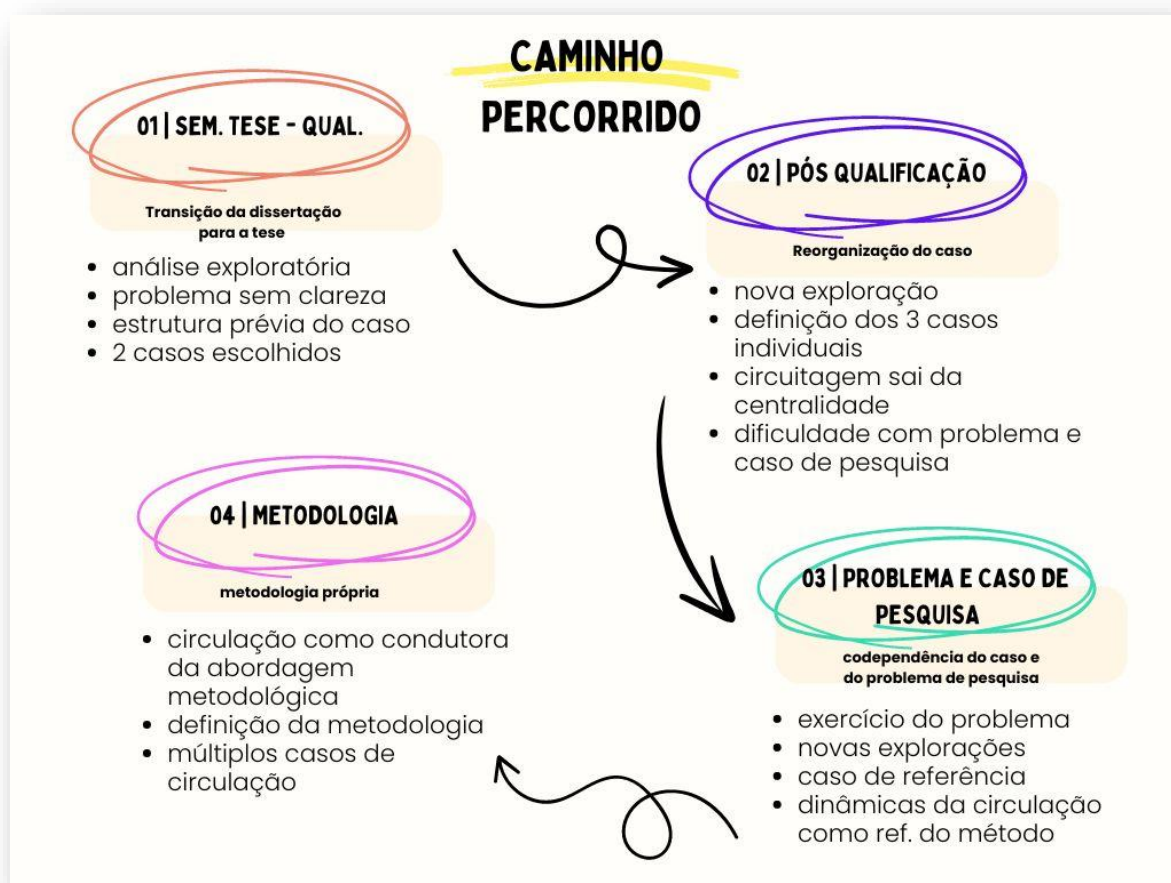
3.2 CAMINHO PERCORRIDO: OS PROCESSOS E DESAFIOS QUE COMPÕEM A TESE

Geralmente o tema de uma pesquisa de doutorado nasce de um interesse pessoal junto ao campo de estudos em que nos inscrevemos. Em alguns casos, também pode surgir a partir de alguma lacuna ou explorações possíveis que ficaram como oportunidades a partir do mestrado. Mas nem por isso quer dizer que tudo o que vamos enfrentar no processo seja “tirado de letra”. O contrário é muito mais verdadeiro. Portanto, dialogar sobre os desafios metodológicos, teóricos e também pessoais que os objetos de investigação no âmbito da midiatização nos exigem, para esta tese é fundamental.

Esta noção soma-se a outra característica do meu fazer científico, que é conduzir a escrita de modo que expresse os movimentos de como a pesquisa foi construída. Isso compreende um tom de relato de experiência que conecta os desafios com a dimensão prática de como foram enfrentados. De maneira geral, abro as portas da “cozinha da minha pesquisa” como um ambiente de experimentação, reflexão e aprendizado do que significa fazer ciência. Todos os processos, idas e muitos retornos, não podem ser visualizados por quem lê um trabalho acadêmico, especialmente porque as formas de aprendizados, as “grandes” sacadas são particulares ao sujeito que vive, sente e escreve.

Acredito que todos que já passaram pela etapa de doutorado concordam que a lista de desafios e adversidades para a construção de uma tese daria condições para uma outra tese. Me detenho a aprofundar os que foram mais significativos e fundamentais para o avanço da pesquisa e escrita: transição da dissertação para a tese, definição do problema de pesquisa, construção de um estudo de múltiplos casos de circulação e, a elaboração de uma metodologia própria e autoral do objeto em análise. Para enfrentar tais desafios, há um número expressivo de tomadas de decisão, desenhando caminhos não lineares, e por isso os organizo em quatro marcos: 1) Seminário de tese; 2) pós banca de Qualificação; 3) codependência entre caso e o problema de pesquisa; 4) metodologia da tese. A seguir, desenvolvi o mapa mental de produção da tese, conforme descrito.

Figura 2 – Síntese dos movimentos da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

Entre os principais desafios encontrados ao longo da pesquisa e escrita da tese, me deparei com uma espécie de dever em continuar examinando aquilo que foi iniciado na dissertação, especialmente as lacunas e possibilidades investigativas que não tinham condições de serem expandidas lá. Ao assumir esse lugar de continuação, o enfrentamento acontece com os riscos, como já mencionado do item 2.1. Embora seja natural que muitos pesquisadores sigam esse caminho, isso não isenta as dificuldades. Dentre todas as absorvidas no processo, esta foi a mais significativa porque travava uma disputa pessoal “de como conseguir desenvolver *uma tese*?”. Esse questionamento abarca a autorresponsabilidade e o compromisso com o rigor científico, além de fazer uma pesquisa significativa e não apenas para cumprir uma etapa de formação.

Ao prosseguir com o mesmo tema, a ação comunicativa do Papa Francisco, observando de longe as constantes transformações e alterações comunicacionais, em certa medida causam uma sensação de impotência. Além disso, não se tratava de observar “o Papa Francisco”, mas

um fenômeno comunicacional no âmago da midiatização, é deste contexto, por si só já desafiador, que se origina o objeto. Até então havia uma aproximação recente com os materiais que limitavam a percepção de avançar nas análises (limitação da experiência). Ao longo das pesquisas empíricas foi necessário buscar auxílio nos seminários e também afastar-se do tema por um tempo. Esse processo resolutivo foi constante.

Em resumo, só foi possível avançar depois de várias explorações de materiais com o compromisso de deixar ir as descobertas que já tinha feito, mas não no sentido de ignorar aquela produção, mas de conseguir se desprender e se conscientizar que estava diante de algo novo, e precisava olhar sem nuances ou conjecturas já formadas. Eclea Bosi (2003, p. 114) diz que “entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do *caminho familiar*, com marcos onde a significação da vida se encontra” (grifo da autora). Ao mesmo tempo que era um “caminho familiar” colocava-me à prova de sua significância e abrangência.

O **primeiro marco** se estabelece entre o Seminário de Tese e a banca examinadora de Qualificação do projeto. Até ali ainda havia uma espécie de barreira ou “pressão” por desenvolver e aprofundar a noção de circuitagem, lacuna trazida da dissertação, mas carecia de mais entendimento. O que eu tinha eram as considerações analíticas daquele trabalho. Isso impunha um dos desafios, que era fazer a travessia com o propósito de avançar. A pesquisa exploratória se fixou em olhar acontecimentos e ações que tivessem o Papa Francisco como eixo articulador. Desses casos, selecionei os que tiveram certo impacto no campo midiático de modo geral, e cujas ramificações alcançaram o debate social.

Os principais movimentos **entre o Seminário de Tese e a Qualificação** foram: a) observação dos materiais e possíveis casos ainda sob a ótica do que havia analisado na dissertação, entendendo como foco e talvez a possível “tese” a definição do que seria a circuitagem; b) procura por casos distintos para compor o estudo de múltiplos casos de circulação; c) não tinha definição da problemática da pesquisa nem a pergunta-problema, apenas perguntas abrangentes; e d) escolha prévia de dois possíveis casos: um deles – acontecimento em torno da fala do Papa Francisco sobre a união civil de homossexuais – já havia conseguido fazer análises significativas, embora mais tarde muitas camadas seriam ali adicionadas; e o segundo caso pairava em torno do que estava acontecendo sobre a abertura do Sínodo da Sinodalidade, ou seja, um caso que recém tinha começado, considerando se tratar de um acontecimento que levaria três anos para o desfecho. Tendo observado poucas materialidades do segundo, levei para a banca de Qualificação algumas análises de conjunto. Estas, por sua vez, indicavam um prelúdio do que o objeto estaria solicitando em termos de orientações teóricas.

Além dos dois casos mencionados, havia construído uma prévia estrutura do caso de pesquisa, composto por quatro casos individuais, divididos em dois conjuntos temáticos. O primeiro tinha como proposta observar dois casos, cuja principal característica se detinha nas lógicas internas na Igreja Católica, ou seja, tinha a ver com o seu modo de fazer. Dali, os casos eram originados de uma fala do papa ou algum assunto iniciado por ele e que se adentravam nas lógicas da circulação midiática. No segundo conjunto a proposta era investigar outros dois casos, em que as principais características envolviam questões externas à Igreja Católica. Isto é, eram situações voltadas a questões sociais e políticas com a participação do Papa Francisco, porém, não acionados por ele. Além disso, fiz uma primeira tentativa de pergunta para o problema de pesquisa, embora seria alterada ao longo do processo.

*

Ao observar um acontecimento, a transformação dos campos sociais, ou até mesmo a forma como os meios de comunicação fazem e divulgam as informações do mundo, tudo já está sob as lógicas de uma sociedade midiaticizada. Os fatos não são isolados em uma única perspectiva, há uma confluência de elementos, atores, meios, dispositivos interconectados. Nós pesquisadores somos impelidos a olhar para como as coisas, a sociedade, as formas de interação se transformam. Já não cabe mais observar como a Igreja faz uso dos meios de comunicação, mas como as lógicas entre ambos os campos se mesclam, se reconfiguram. É neste prelúdio que nascem os objetos de pesquisas da atualidade, acrescentando camadas de dificuldades que também envolvem a inserção de quem pesquisa neste meio. Ou seja, além do objeto se materializar em fluxos e dinâmicas de circulação, eu, enquanto pessoa, também estou inserida nos fluxos, estou inscrita nos espaços em que o objeto se condiciona e se movimenta.

Na esfera da midiaticização há uma necessidade imposta pelas matrizes dos objetos comunicacionais em âmbito complexo de “produzirmos desenvolvimentos teóricos e metodológicos para dele dar conta” (Bonin, 2008, p. 139). Os desafios impostos por pesquisas em midiaticização provocam a saída da zona de conforto de propostas teórico-metodológicas consolidadas para produzir novas sínteses e combinações.

Neste contexto particular é necessário enfrentar desafios de delimitar, articular e compor um caso de pesquisa e uma problemática possível de ser respondida. Mas como escolher os materiais empíricos entre tantas opções? Qual a minha inquietação diante desse contexto? O que acontece com os dizeres, participações e formas de expressão do papa depois que ganham o espaço midiático? Como vou monitorar o fluxo e o caminho que os sentidos vão tomando em

meio a tantos dispositivos, canais e formas de interação? Essas perguntas, entre tantas outras, indicam especificidades dos objetos de mediação. Ao optar por um caso, por exemplo, ele já está envolvido nessas camadas, ele é um objeto mediado, assim como os campos ou sistemas em que o objeto se inscreve também têm suas lógicas de funcionamento em constante modificações em função das lógicas da mediação.

Os objetos são vivos, em constante movimento e a aceleração das tecnologias, dos usos e das modificações geracionais não nos permitem criar explicações permanentes. Nesse contexto, acredito que esta seja a verdade inquestionável do conhecimento, de que ele precisa estar em movimento o tempo todo, só assim é possível avançar. Maldonado já nos adverte que “é impossível pesquisar produtos midiáticos [...] se não desenhemos procedimentos de observação que consideram as particularidades, as propriedades, as lógicas, as estruturas e os limites desses objetos” (Maldonado, 2006, p. 287).

Longe de ter a pretensão de trazer uma teoria ou algum avanço definitivo, o esforço aqui empreendido está em observar as modificações das interações, como elas acontecem e sob quais lógicas se movimentam. Aquilo que os objetos permitem analisar será um marco desta época. Daqui há 10 anos não há como prever, porque a forma de comportamento social também será outra. É verdade que algumas teorias, alguns conhecimentos ultrapassam essa noção temporal, contudo o cuidado com o uso delas é o de fazer a devida transferência para os fenômenos contemporâneos.

Um dos desafios metodológicos das pesquisas atuais é da falsa noção de dar conta de tudo o que se recebe de informação dos meios de comunicação, especialmente no universo digital. Assim, quanto menos capacidade tenho de visualizar e ter um panorama geral de tudo, mais complexo se torna pesquisar fenômenos comunicacionais na atual cena social.

Somado ao obstáculo anterior (transição da dissertação para a tese) mais a delimitação do caso e a definição do problema se tornaram conflituosas. Que questões comunicacionais emergem do tema e dos possíveis casos a serem investigados, sem estar atrelado à etapa anterior? Quais lacunas interacionais oferecem novas oportunidades de descoberta? Que problema teórico este objeto solicita? Estas foram algumas das indagações que conduziram a problematização e a definição da pergunta síntese do problema de pesquisa.

Nessa fase, precisei enfrentar as camadas dos obstáculos impostos por manter em estudo o mesmo tema. Aparentemente repetitivo, porém, realmente embaraçoso porque quando decidi seguir essa linha de continuação, sabia que correria riscos, e um deles era (e ainda é) de bancar uma problemática nova olhando para situações semelhantes em volta do perfil comunicativo do Papa Francisco, que mesmo composto por elementos e especificidades novas, ainda mantinha-

se o rastro da proximidade. Para tal situação, Braga (2011, p. 9) nos orienta que para “construir um problema de pesquisa, em sua organização interna e suas vinculações com as bases teóricas e com a realidade observável, envolve decisões metodológicas”.

O **segundo marco** dos caminhos da pesquisa é o registro da etapa posterior à Qualificação. Essa fase sublinhou a necessidade de reorganização do caso e a reformulação do problema de pesquisa. Apesar de os quatro casos organizados atenderem, em certa medida, a premissa inicial de trabalhar com um estudo de múltiplos casos de circulação, eles deixavam várias interrogações. Nesse processo precisava abandonar a circuitagem como foco de condução deles, porque ainda não tinha clareza sobre seu funcionamento específico.

Mergulhei em uma nova exploração de materiais. Optei por manter os Casos 1 e 2, previamente abordados, além de optar por um terceiro caso bastante distinto dos já pré-selecionados: a tentativa do Papa Francisco de negociar a paz entre a Rússia e a Ucrânia. Esse caso foi selecionado por conter uma especificidade em que o líder do catolicismo se movimentava por cenários quase que antagônicos ao seu contexto habitual. Em paralelo à coleta e observação das materialidades do Caso 1 (união civil de homossexuais), surgiu a necessidade de reformular não só o problema de pesquisa, mas a problemática da tese como um todo.

*

Por conta disso, o **terceiro marco** do caminho percorrido se estabelece na codependência entre a definição do problema e a elaboração do caso a ser investigado. A tática para a solução foi partir para as observações exploratórias das materialidades, adotando a perspectiva êmica. Para esse exercício foi preciso “soltar os itens da bagagem anterior” de forma que os novos insights, hipóteses, conjecturas e dúvidas tivessem espaço. Além disso, outra pausa foi necessária: de refazer o exercício reflexivo e classificatório das perguntas³ que poderiam dar conta do problema de pesquisa. Imediatamente a sensação é de retrocesso, mas permanecer por tempo indeterminado buscando a resposta atrasa ainda mais.

Assim, o problema de pesquisa não se apresenta apenas como uma relação entre a curiosidade do pesquisador e o objeto empírico percebido. As perguntas específicas da pesquisa, diretamente voltadas para a realidade, devem igualmente se articular com as ‘questões de horizonte teórico’ relacionadas à fundamentação, para concretizá-las/e ou para tensioná-las. A elaboração de perguntas pede também um enfrentamento exploratório prévio dos materiais – para preparar a ‘construção’ – seleções, decisões

³ Este exercício de problema de pesquisa foi originalmente proposto como atividade pelo professor José Luiz Braga, no seminário “Como a pesquisa constitui o Campo da Comunicação?”, em 2020/1.

sobre o que deve ser ‘objeto’ e o que deve ser contexto’, sobre os ângulos mais promissores para sua aproximação (Braga, 2011, p. 11).

Alinhado à orientação de Braga, o exercício consistiu em fazer uma pequena definição do que considerava minha tese; na sequência, um movimento de fazer perguntas de todos os tipos ao objeto, sem preconceito, sem restrições. Organizei um documento com 46 perguntas. Destas, classifiquei as que eram perguntas comunicacionais, e delas selecionei as que se aproximavam mais da lacuna que tinha motivado a pesquisa, e que poderiam direcionar para investigações pertinentes ao campo. Após várias seleções, agrupamentos, insights e redefinições, cheguei a duas perguntas que poderiam direcionar a investigação. No mesmo exercício, consegui avançar para descobrir, de fato, o que pretendia investigar nos casos, definindo os objetivos específicos da pesquisa. As “pausas”, no entanto, foram decisivas e fundamentais para o avanço, e a dúvida sobre o que seria o problema foi sanada.

*

Na sequência dos desafios específicos de um objeto de pesquisa, trabalhado sob o viés das interações em circulação, os obstáculos vão somando algumas camadas. Após ter um panorama do que viria compor o Caso 1 e já tendo uma prévia do Caso 2, se apresentavam as escolhas específicas de método. Na infinitude dos circuitos midiáticos observados, havia uma noção de que os casos eram compostos de “fases” ou “camadas” que modelavam a sequencialidade das interações. Estas “fases” eram novos micro acontecimentos em volta da origem do caso principal, mas que se conectavam a ele de maneira peculiar, como uma continuação, contudo, não de forma linear.

Busquei ajuda em outras abordagens metodológicas, a citar o estudo de casos múltiplos trabalhado por Robert Yin (2015), porém os manuais ainda não davam conta daquilo que o objeto apresentava. Por outro lado, a noção de Caso Piloto trabalhada pelo autor foi inspiradora para definir o Caso 1 como um Caso de Referência. Essa sacada oportunizou uma espécie de experimentação metodológica. Conforme mencionado no item 3.1.3, a noção de Caso de Referência não foi definida pensando que o primeiro caso definisse os próximos, mas que fosse a referência do método para a observação deles. Ainda não previa os detalhes de como as materialidades iriam se desenvolver, mas a noção de “fases” dava lugar a escolher, recortar e construir o caso por meio das “dinâmicas da circulação”. O que isso significava? Que todas as dúvidas que eu tinha quanto a quais veículos observar, em quantas plataformas e que tipos de interações fariam parte do caso, a partir dali seriam conduzidas por olhar o caso em pleno

movimento de circulação. Eram essas dinâmicas, conduzidas pelo próprio objeto, que definiram o que seria cada caso individual.

Assim, se estabelece o **quarto marco da tese**: uma metodologia conduzida pelo objeto de pesquisa, e tendo o Caso 1 como referência dos movimentos metodológicos. Assim, o problema e os objetivos da pesquisa orientaram a coleta e observação das especificidades dos materiais.

Digno de uma nota, quando avancei para a identificação das dinâmicas de circulação do Caso 2 me deparei com o primeiro indício do que poderia ser a circuitagem, propriamente dita. Aqui houve a sensação de um “salto de entendimento”, bastante particular. Em sua origem a circuitagem foi prevista de forma distante do que ali se apresentava, ao mesmo tempo, agora tinha um vislumbre de um movimento encantador em termos de fenômeno comunicacional de mediatização. Além disso, a descoberta de que quanto mais complexa a circulação se materializa, mais desafiador e satisfatório se torna sua investigação.

*

Para finalizar, todo esse caminho reforça aquilo que mencionei na abertura desta seção, de que estava “abrindo a cozinha da minha tese”. A exteriorização do processo mental da pesquisa é um processo incentivado por Bourdieu (2019), quando diz que “entrar na cozinha das ciências” é um movimento que exterioriza como as pesquisas são feitas, de modo que o fazer em si não paralise os pesquisadores do futuro, mas os impulse. Bourdieu (2019, p. 24) responde sobre as dificuldades que a área da sociologia encontrou para se tornar uma ciência, e refere que talvez uma das maiores esteja relacionada “no fato de os seus objetos serem questões de lutas; coisas que escondemos, que censuramos, pelas quais estamos prontos para morrer. Isto é verdadeiro para o próprio pesquisador, que está em jogo nos seus próprios objetos”. Além disso, o autor exemplifica essa situação quando há a dificuldade particular de que as pessoas tenham medo do que vão encontrar com suas pesquisas. “A sociologia [ciência], sem cessar, confronta aquele que a pratica a realidades difíceis; ela desencanta”.

A dificuldade explicada por Bourdieu não se limita à Sociologia, muito embora tenha suas questões pautadas nas ciências da Comunicação. Aquilo que analiso pelo recorte comunicacional está inserido na sociedade, e ousar dizer que o pesquisador que não encontra os desafios mencionados acima, entre tantos outros, que não se confronta com o objeto e os resultados obtidos dele, são raros ou inexistentes. É imperioso que nos encontremos (e aqui me refiro aos pesquisadores de forma geral) com realidades difíceis, que nos impactam,

especialmente porque aquilo que decidimos pesquisar (normalmente) nos é caro. Podemos identificar quando precisamos nos distanciar do objeto, quando não concordamos com dados obtidos, com situações analisadas nas materialidades, ou até mesmo quando a realidade que estamos investigando choca-se com aquilo que é o sensível ao ser humano; na evolução e para onde tais transformações irão modelar o futuro da sociedade, das relações humanas e a forma de se comunicar, ser e viver em sociedade.

Somos convidados a refletir sobre a importância desta prática na pesquisa, ou seja, a capacidade de refletirmos criticamente sobre as posições e preconceitos culturais e educacionais que podem influenciar nossos estudos. Estamos diante de dois cenários: aquele em que por muito tempo foi e ainda é, em algumas instituições, o que busca excluir essa presença do sujeito que pesquisa, seja na forma de escrita impessoal ou na forma que “deve conduzir” seus estudos; o segundo cenário requer que tenhamos cuidado para não nos deixarmos “apaixonar” demais por aquilo que nos é caro enquanto objeto ou orientação teórica, fazendo com que limitemos a observação crítica. Pela experiência que me toca, a busca pelo equilíbrio entre os dois é um exercício constante. Por outro lado, a participação do pesquisador naquilo que investiga traz aos avanços da ciência não apenas seus instrumentos teóricos e metodológicos, mas também suas próprias disposições sociais e culturais, que são moldadas pelas suas trajetórias de vida e posição no campo social. Esse posicionamento reforça a tese de Bourdieu de que o entendimento sociológico deve ser sensível ao contexto e às capacidades específicas envolvidas nas práticas estudadas.

4 CIRCULAÇÃO, SISTEMAS E AMBIENTE: DAS LÓGICAS ÀS AFETAÇÕES

4.1 CIRCULAÇÃO E CIRCUITOS: DAS TROCAS DIRETAS ÀS DINÂMICAS DE CIRCULAÇÃO

“O sentido, por sua vez, é aquilo que está em jogo no processo de circulação, sempre fruto de produções e cocriações. É resultado da ação da mente e, portanto, sempre produto de defasagens e dissonâncias, já que não há condições de definir um sentido único” (Rosa, 2019a, p. 156).

Uma das propostas de trabalhar com uma problemática da mediatização implica em compreender a noção de circulação como central no estudo de processos sociais. Nesse contexto, a circulação abarca os “fazeres comunicacionais tanto das instituições midiáticas, quanto de coletivos” (Freire, 2023, p. 36), e isso quer dizer que tanto os campos (religião, política, psicologia, direito, educação etc.) e atores sociais (até certo tempo chamados de espectadores) não se inscrevem apenas no polo da recepção.

As instituições midiáticas já foram consideradas as guardiãs da comunicação, aquelas que estavam à frente da produção e distribuição da informação, enquanto os demais campos, instituições e atores (espectadores/pessoas) se “restringiam” aos receptores das informações. A perspectiva funcionalista considerava a circulação como um modo de passagem da informação/comunicação entre produção e recepção.

Esta é a primeira etapa do trajeto conceitual da circulação, abordado por Fausto Neto (2018b, 63-64). Da noção funcionalista até a mediatização, os estudos na América-Latina fazem uma crítica ao modelo funcionalista que enfatiza a comunicação unidirecional (produtor-receptor), pois é insuficiente para explicar as complexas interações sociais. De acordo com essa perspectiva, a segunda fase do conceito de circulação concentra-se nas mediações sociais, reconfigurando a compreensão da comunicação como um processo dinâmico e interativo de negociação de significados. Finalmente, a transição para a ambiência da mediatização marca a terceira fase, onde as práticas sociais são profundamente transformadas, “de modo distinto, mas intenso, por operações da cultura midiática”.

No estágio atual da sociedade em que vivemos, esta perspectiva é a que nos permite identificar, na realidade, como as lógicas de interação se movimentam, articulam e transformam não só a forma de comunicar, mas sobretudo como a sociedade e as coisas se transformam.

Neste cenário, “a circulação exerce um trabalho de acoplamento de sentidos nas interfaces que se passam nos contextos dos polos produção/recepção”, em que a estrutura da ambiência não se dá “mais em torno de uma topografia midiática, no sentido ‘mass mediática’, mas cuja existência se formaliza na midiatização em curso” (Fausto Neto, 2018a, p. 20).

Nas dinâmicas da circulação há uma diversidade de encaminhamentos, e estes decorrem de outros, porém, não de modo determinístico, mas justamente na liberdade encontrada no “ir adiante”. Isso decorre porque saímos da era da TV e do rádio e avançamos para uma ampla opção de dispositivos de interação e da ampliação do espaço da internet como um espaço de múltiplas possibilidades. Vejamos, o funcionalismo pensava que uma mensagem chegaria ao seu ponto de destino exatamente como era emitida, mas não era dessa maneira que realmente acontecia. Quer dizer, acreditava-se que a TV, o rádio, o jornal possuíam o controle da informação, sem que ela fosse enviesada ou se dissipasse de outras formas que não a pretendida originalmente.

*

Dando um salto para o momento atual, com um único aparelho é possível acessar e se conectar com o mundo, sem que isso esteja limitado à interação com quem convive conosco. Ou seja, há todos os caminhos possíveis, inclusive com estímulos criados para tal. Obviamente a interação da recepção é notável, exposta de forma que nem conseguimos compreender, porque não dispomos de condições de acompanhar, prever e analisar algo tão grande, complexo e espalhado. E mais, todo esse esquema agora já não é algo “separado” da vida do ser humano como era a TV e o Rádio, que ficavam em um cômodo da casa, agora temos tudo isso à mão, 24 horas por dia em nossos *smartphones* como se fossem uma extensão de nós mesmos. Claramente, temos novas problemáticas, e amanhã já serão outras tão mais complexas à luz da velocidade como tudo têm se transformado. É nesse sentido que não se trata de ver efeitos casuísticos, mas de afetações em camadas continuamente sendo geradas, levadas adiante.

Ao sistematizar o trajeto já percorrido pelas pesquisas em circulação, Fausto Neto (2018a) assinala os estudos de Eliseo Verón como fundadores daquilo que conhecemos como circulação.

[...] Os media estão se misturando com todos os aspectos significativos do funcionamento social. Como se pode conceituar essa mistura? Trata-se de entendê-la e avaliar sua importância, sem cair na profecia apocalíptica e nem numa antecipação eufórica. Temos que tratar de compreender como vão se estruturando historicamente as relações entre os meios, as instituições e os atores sociais. Em cada um destes três

setores há múltiplas estratégias que, de uma maneira mais ou menos confusa, têm em conta as estratégias presentes nos outros dois. As estratégias são às vezes convergentes, às vezes divergentes. O conjunto tem o caráter de um sistema complexo, no sentido de que implica um grau importante de imprevisibilidade, apesar do esforço que uns e outros fazem para prever o futuro. Este sistema de relações entre meios, instituições e atores é complexo porque não comporta relações lineares (Verón, 1998, p. 2 apud Fausto Neto, 2018a, p. 6, grifo nosso).

Em Verón (2013) podemos identificar que a problemática da circulação não era uma relação simples de nomear, justamente pela natureza complexa no conjunto das relações. Trata-se, pois, de uma abordagem sistêmica envolvendo a relação entre meios, instituições e atores. Evidentemente há uma ampliação do conceito à medida que os processos sociais e os processos midiáticos também avançam em suas lógicas, compreendendo, desta forma, a circulação como um espaço dinâmico de negociação e reconfiguração de significados. Tal entendimento reforça aquilo que já mencionamos sobre os aspectos da midiatização, especialmente no que diz respeito às implicações das tecnologias digitais e suas capacidades de alterar radicalmente os modos de comunicação e socialização.

Como bem destaca Verón (1998), o que é central no conceito de circulação é que não se trata de uma abstração conceitual, mas de um movimento que “temos que tratar de compreender”, e só conseguimos perceber olhando para *as relações*. Nesse caso, o autor não está chamando a atenção para quaisquer relações, mas aquelas multidirecionais, complexas, entre as pessoas e a forma como se relacionam com as instituições, os meios e o ambiente que os envolve. “É complexo porque não comporta relações lineares”. Neste ponto é que se manifesta materialmente o nosso objeto.

As interações são diretamente influenciadas por novas formas de organização da circulação dos discursos. Isso traz uma nova complexidade à questão dos efeitos de sentido, exigindo ferramentas analíticas mais sofisticadas. Essas ferramentas precisam ser capazes de descrever como a questão da circulação se manifesta em novos contextos (Fausto Neto, 2010).

Em nossa pesquisa, a forma como a problemática da circulação se apresenta associa as “novas interações entre produção/recepção” mencionada por Fausto Neto, mas assumindo, igualmente, a complexidade de casos que, em tempo real, permanecem sendo alimentados no fluxo interacional. Braga (2017a, p. 43) elucida essa movimentação contínua de sentidos ao dizer que

Os elementos de saída de um episódio (decisões, encaminhamentos, ideias, sentimentos expressos, objetivos...) se põem a circular, alimentando sucessivos episódios interacionais – que os relacionam, por sua vez a seus próprios processos e metas, inscrevendo-os em outros sistemas de relações e viabilizando novas inferências (Braga, 2017a, p. 43).

Isso implica que a comunicação de hoje não é unilateral nem estática, ao contrário, está o tempo todo gerando outras possibilidades. Significa que aquilo que é um acontecimento noticioso ou até mesmo questões mais pontuais, como uma entrevista do papa no avião, não ficam isoladas naquele espaço. Por conta da diversidade de atores e campos envolvidos pela ambiência e aparatos midiáticos, aquele mesmo acontecimento ou entrevista vai sendo mobilizado numa ambiência maior, que é o espaço midiático. Então uma fala do papa que chama a atenção vai para o Facebook ou para o Youtube, e de lá outras tantas ressignificações e construções vão sendo originadas. Então, as afetações desse movimento, que leva adiante uma frase, provocam múltiplas construções de sentido e assim dão origem aos circuitos midiáticos (Braga, 2012; 2017b).

Nos circuitos não é o produto que circula, mas encontra na circulação um sistema que vai viabilizar e alimentar este circuito. “O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços” (Braga, 2012a, p. 41). Ao mesmo tempo em que o produto se mantém na circulação, ele passa a moldar o próprio ambiente que o põe a circular.

A transformação do ambiente a partir das operações em circulação fica visível nas especificidades do Caso 1. Lá temos uma situação em que o jornalismo põe a circular uma resposta da Igreja Católica sobre um dizer do papa, que já estava em ressignificação nas dinâmicas da circulação. O jornalismo “propôs” o sentido que seria levado adiante. A reverberação a partir da operação do jornalismo provoca uma afetação ao próprio sistema, o deslocando de um lugar de produtor ou acionador da circulação para uma espécie de ambiente mais amplo, transformando-se no palco onde as disputas de sentido ocorrem.

Como veremos adiante com as especificidades inferenciais que os casos apresentam, essa lógica processual é o que, ao mesmo tempo, dá origem a eles e os mantém ativos, recebendo outros elementos e camadas que complexificam a circulação. Ou seja, “não estamos olhando para um acontecimento em si, mas para processos interacionais que se desdobram a partir desse acontecimento” (Freire, 2023, p. 37). Nos importa olhar para as afetações que acontecem a partir das ações do Papa Francisco, considerando que nem sempre é uma situação com valor de acontecimento que gera novos desdobramentos.

São circuitos que se sobrepõem e se mesclam, dando uma variedade tal ao tema em questão que, inclusive, se desvinculam do sentido primeiro. Ou seja, os sentidos se autonomizam não só no que diz a mídia, mas também no que o Papa Francisco fala originalmente, ganhando novas nuances no espaço da circulação (Milani, 2019, p. 40).

Assim, nos múltiplos casos de pesquisa analisados nesta tese, direcionamos a análise para as *dinâmicas da circulação*. A expressão *dinâmicas* compreende que um caso vai sendo elaborado como tal à medida que se desenvolvem circuitos interacionais de diferentes proporções, com diferentes elementos acionadores de sentidos e de operações que o fazem seguir adiante na ambiência da mediação.

Desta forma, um caso individual pode ter situações acontecimentais, como observamos no Caso 2, quando o Papa Francisco inaugura um sínodo sobre o modo de fazer da Igreja. Esta é uma das dinâmicas da circulação presentes ali, e que corresponde a uma essência de acontecimento noticioso. Contudo, há outras dinâmicas na composição do caso que não são acionadas dessa forma, mas como interações de atores sociais envolvidos, a exemplo da carta enviada pelos bispos e cardeais conservadores ao Papa Francisco. Quer dizer, embora o contexto da carta não seja um acontecimento, ainda assim movimenta uma série de operações comunicativas entre o sistema da Igreja, o jornalismo e os atores sociais que se manifestam a respeito do assunto. Entre as interações geradas nessa relação de tensão e negociação, são geradas afetações diversas, que por sua vez, desdobram o contexto da carta dos religiosos sob outros prismas e circuitos.

4.2 REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS NO ESPAÇO DE VALOR DA CIRCULAÇÃO

Na sequência para as características dos conceitos de circulação, circuitos e dinâmicas da circulação, o objeto de nossa pesquisa nos lança a examinar a circulação para além das relações, meios e instituições, mas a compreender a mobilização dos empíricos no espaço de negociação e ressignificação de sentidos. Tal proposta é desenvolvida nos estudos de Rosa (2016; 2019a; 2019b; 2020), considerando a circulação como um espaço onde a regulação do visível é disputada entre diversas esferas, resultando na produção de sentidos que moldam o imaginário coletivo. Rosa (2019a, p. 156) explica: “O sentido, por sua vez, é aquilo que está em jogo no processo de circulação, sempre fruto de produções e cocriações. É resultado da ação da mente e, portanto, sempre produto de defasagens e dissonâncias, já que não há condições de definir um sentido único”.

A perspectiva da autora, da circulação como um espaço que atribui valor aos sentidos acionados em circuitos múltiplos, é essencial para avançarmos no desenvolvimento teórico que o objeto nos solicita. Contudo, é preciso fazer uma ressalva. A proposta conceitual da autora tem como foco a análise de imagens e imaginários midiáticos, que “postos em circulação,

adquirem força quando agenciam fluxos de produção de sentido” (Rosa, 2019b, p. 21). Em nossa pesquisa, não tratamos de imagens ou imaginários, no estrito senso dos estudos de Rosa, mas a perspectiva é importante em nossa abordagem para compreendermos as representatividades comunicativas do Papa Francisco neste mesmo espaço de valorização de sentidos, e que são, sobretudo, simbólicas.

*

Está claro que as lógicas da circulação midiática evocam múltiplos sentidos que permanecem em disputa de valor. E nossa proposta visa extrair as representatividades comunicativas do papa como especificidade dos sentidos ali transformados, que por estarem sob operações de valoração e reconhecimento são transformadas em representatividades simbólicas. Em nível social concordamos que um cargo como o de papa já possui determinado grau de representação, assim como outros cargos de liderança política, religiosa, e de outros campos sociais

A posição de papa historicamente é marcada por uma importância social. Além disso, um dos elementos que dá ênfase ao cargo de líder do catolicismo é por se tratar de uma Igreja mundial e milenarmente estabelecida. Então, esses níveis de “valor” e de representação já existem intrínsecos ao cargo. Se não fosse Francisco a ocupar a cadeira de pontífice, essa mesma percepção estaria posta com outro papa, como observamos ao longo dos tempos. A diferença de nossa abordagem é que não olhamos para esta “representação” ou por esta perspectiva, mas para a representatividade que é *comunicacional*, que diz respeito a forma de expressar, comunicar e agir do *Papa* Francisco, uma característica dele, e que ganha novas camadas na sociedade imersa em um modo de ser que reforça, potencializa e coloca tais aspectos em debate por meio de múltiplos atores.

*

Além da percepção de valor derivada das operações de circulação, buscamos traçar um panorama entre a noção de representação e representatividade a partir de textos de Pitkin (1979; 2006) para auxiliar nossa construção tentativa a respeito do que consideramos as *representatividades do Papa Francisco*. Os textos de Pitkin exploram profundamente o conceito de representação, especialmente no contexto político, e por isso a autora esclarece como a representação se desenvolveu historicamente e como ela se manifesta em diferentes

contextos sociais e políticos. Ela também investiga a complexidade semântica do termo e suas várias aplicações. Não nos cabe adentrar na teoria da autora, mas pinçar os atravessamentos que servem ao objeto desta tese.

Pitkin (1979) enfatiza que a representação não é um conceito unívoco. Ela se desenvolveu de maneiras diferentes ao longo da história e em diferentes contextos culturais, desde perspectivas místicas até de uma pessoa ser representante de outra ou de grupos e organizações. Além disso, a autora sinaliza que o conceito foi usado e compreendido de várias formas conforme os povos, lugares e épocas, passando por atualizações e reconfigurações. Ela salienta que “a representação é, em grande medida, um fenômeno cultural e político”, ou seja, “um fenômeno humano” (Pitkin, 2006, p. 16).

Entre as definições mais conhecidas por nós, está a do sentido de que “o adjetivo ‘representativo’ significa ‘que serve para representar, figurar, retratar ou simbolizar’; e aquela que diz que “representar é uma atividade humana, mas não um agir para outros; é a atividade de apresentar, de figurar, de pintar um quadro ou encenar uma peça” (Pitkin, 2006, p. 20).

Retomando o ponto de vista de que o cargo de papa possui intrinsecamente uma noção de representação, Pitkin insere tal perspectiva na linha do tempo do conceito, sendo usado pelo pensamento político, mais especificamente do Parlamento. Nas palavras da autora:

A outra idéia que vem para enriquecer a tradição de pensamento sobre o Parlamento é a idéia de que toda a nação está, de alguma forma, encarnada em seu governante, assim como a Igreja está encarnada em Cristo ou no Papa, depois Dele. Esta é uma concepção medieval e mística: o Rei não é apenas a cabeça do corpo da nação, nem apenas o proprietário de todo o reino; ele é a coroa, o reino, a nação. A idéia vai além da representação ou da simbolização como nós agora as concebemos e envolve uma unidade mística que “a análise teórica dificilmente pode separar” (Pitkin, 2006, p. 24-25).

Aqui temos a verificação de que *ser papa* carrega um simbolismo para além de representar as pessoas da instituição religiosa, e é atravessado por um simbolismo que paira o misticismo, o transcendental. Já trabalhamos com essa evidência conforme avançamos nas pesquisas com o Papa Francisco, e vale ressaltar que essa percepção é bastante particular à Igreja Católica, pelos motivos que caracterizam a instituição. Então, o Papa Francisco é o líder, é quem toma e assina as decisões, quem conduz a Igreja, e por sua vez, em nome da Igreja Católica representa todos os fiéis católicos apostólicos romanos do mundo. Porém, além desta dimensão é acoplado em sua função/posição algo maior – o representante de Cristo – e ao mesmo tempo a incorporação do que é *ser Igreja*. A concepção assim formulada é, obviamente,

particular à maneira como a Igreja Católica se constituiu e se consolidou, elencando dogmas e uma doutrina que a autoriza e reforça.

Mais à frente, entre a curadoria que a autora faz do conceito com diversos outros pesquisadores, a perspectiva de Hobbes é mencionada por Pitkin da seguinte forma:

Um representante é alguém que recebe autoridade para agir por outro, quem fica então vinculado pela ação do representante como se tivesse sido a sua própria. A representação pode ser “limitada”, sendo autorizadas apenas algumas ações específicas sob restrições específicas, ou pode ser “ilimitada”. O último tipo dá lugar à soberania [...]. Essa ação solda a multidão de indivíduos em um único e duradouro todo, “a pessoa de todos”. O soberano representa aquela pessoa singular, pública; na verdade, é porque ele a representa que ela pode ser considerada uma unidade. Pela definição formalista de Hobbes, ao ser autorizado, o representante adquire novos direitos e poderes; o representado adquire apenas novas obrigações (Pitkin, 2006, p. 28-29, grifo nosso).

Na concepção de Hobbes utilizada por Pitkin, há a sugestão de que ao chamar o representante de soberano, isso sugere que o soberano “fará o que se espera que os representantes façam, não apenas o que lhe satisfaz” (2006, p. 29). Isso está diretamente relacionado à diferenciação que a autora faz, em texto anterior, entre a noção de representação e como isso reverbera na representatividade daquela pessoa. Pitkin descreve representatividade como a capacidade dos representantes de refletir as características, interesses e desejos daqueles que representam. Ela destaca que a representação substantiva diz respeito a agir no interesse dos representados, de uma forma responsiva às suas necessidades (Pitkin, 1979). Isso implica que a representatividade vai além da mera presença física ou demográfica dos representantes, abarcando também a eficácia com que esses representantes defendem os interesses de seus constituintes.

Nos casos empíricos que examinamos, nos deparamos com situações em que atores sociais católicos e cristãos de forma geral se pronunciam sobre alguma ação ou dizer do Papa Francisco, com as seguintes frases: “*esse papa não me representa*” ou ainda “*esse papa é representação de Jesus na Terra*”. Esse tipo de comentário dá pistas da disputa da atribuição de valor às representatividades do papa (Rosa, 2019a). Quando esses dizeres são evidenciados em movimentos de circulação, eles não são apenas postos a circular, mas reforçam o valor que essas expressões vão ganhando. De maneira particular, isso se conecta ao que Rosa (2019a) chama de “aderência à sombra” para descrever como, através da circulação, as imagens se tornam permanentes no imaginário coletivo. Neste caso, não se trata de uma imagem, mas da representatividade de Francisco perante o público de fiéis e à sociedade que vai sendo reverberado para além de um acontecimento pontual. Quando há um sentido ganhando força

nas interações que se disputam, significa que aquela representatividade vai se fixando na memória coletiva, e como afetação, vai influenciando percepções e narrativas futuras.

Isso significa que as interpretações geradas em cada evento polêmico envolvendo o Papa Francisco são construídas de maneira dinâmica e multifacetada. Essas representatividades comunicativas simbólicas diferem conforme o espaço interacional ocupado pelo líder católico. A conduta e as expressões comunicativas do papa não se limitam aos espaços próprios da Igreja Católica; ele as expande, permitindo a emergência de debates sobre questões de políticas sociais e integrativas, meio ambiente, povos e nações, e até em espaços estritamente políticos, como nas tentativas de negociação entre Ucrânia e Rússia.

Na observação das dinâmicas de circulação de cada um dos casos evidenciamos como a figura do papa atua como um catalisador para uma série de interações comunicativas, dando a ver como as suas representatividades emergem em disputa. Esse fazer reitera a noção de que não há a prevalência de uma representatividade, mas de várias. E destas, conseguimos capturar experimentações de âmbito interacional, como uma forma de afetação da valoração do que acontece entre os circuitos. Isto é, os sentidos e o seu valor postos na ambiência midiática geram consequências que mobilizam novos fazeres, seja por parte da Igreja, do jornalismo ou mesmo do papa. Por essa razão a nossa proposta de representatividade é comunicativa e simbólica, porque é uma das coisas que acontecem a partir do que o Papa Francisco diz e faz.

Além disso, Rosa enfatiza que a circulação é um espaço dinâmico e processual que impacta diretamente a produção de sentido na sociedade. Ela afirma que “a circulação como uma relação de atribuição de valor é verificável na própria criação dos circuitos, pois apenas as imagens percebidas e tomadas como relevantes passam a permanecer em circulação, demonstrando que a cada nova inserção tais imagens são acrescidas de valor, potencializadas” (Rosa, 2019a, p. 165). Nesse contexto, a circulação não é um evento estático, mas um fluxo constante de interações que modelam e remodelam o valor simbólico das imagens [representatividades]. As noções das representatividades comunicativas do papa que conseguem se manter em circulação são aquelas que continuamente acumulam camadas de significado, reafirmando sua relevância no imaginário coletivo. Dessa forma, a circulação torna-se essencial para entender como os valores e significados culturais são produzidos e sustentados na era da midiatização.

É justamente este o ponto central na observação de casos empíricos de midiatização e/ou casos midiatizados que temos observado nas pesquisas de nossa linha de pesquisa na Unisinos. Analisar episódios de circulação requer que observemos os atravessamentos entre aquilo que é especializado e o que se trata do senso comum. A profusão de sentidos, de reconfigurações

interacionais passa a ser um amalgamento entre interações de variadas frentes, cujas consequências e desdobramentos avançam cada vez mais. É na percepção desse processo que se justifica aquilo que mencionamos na abertura da tese: observar fenômenos comunicacionais em sociedade é mapear, rastrear as lógicas *de transformação* das coisas, e não mais dizer como as coisas *estão*.

4.3 SISTEMAS E AMBIENTE: DO CONTÍNUO E ADIANTE ÀS AFETAÇÕES

Como vimos, a circulação se configura como um amplo palco de funcionamento de circuitos interacionais midiáticos. Inicialmente, essa caracterização emerge de uma abstração conceitual, assim os objetos só podem ser percebidos, identificados e analisados a partir de fluxos, rastros e lógicas de uma realidade material. As mutações, transferências, diferenças e ressignificações ocorrem através do movimento nos circuitos, os quais são responsáveis pela criação de novos significados. Portanto, os circuitos se manifestam na circulação, servindo como palco para transformações que reverberando múltiplos sentidos, atravessamentos e afetações.

Investigar objetos em circulação requer que olhemos para cenários, sentidos, transformações e, sobretudo, complexidades evidenciadas pelas lógicas dos indivíduos, contextos e sistemas participantes das interações, acontecimentos e das diversificadas construções comunicativas presentes na sociedade. Reforçando e apropriando-nos da noção de Braga (2015, p. 20) quando argumenta que “dizer as lógicas é dizer o processo. Conhecê-las é conhecer a este”, seguimos as pistas vivas e dinamizadoras da circulação em suas especificidades para compreender a transformação dos processos comunicacionais.

A circulação, a seu turno, não se desenvolve no vazio, mas em um ambiente estabelecido por campos sociais, consolidado e instalado por “instituições e estruturas historicamente elaboradas”.

Com a midiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (Braga, 2012, p. 44).

Quando observamos os campos participando de múltiplos sentidos, quer dizer que em sociedade eles se articulam, se tensionam. Braga reforça que a articulação entre diferentes campos sociais também é resultado de crescentes modos e da prevalência de meios para interação em sociedade, impulsionando aos campos a “necessidade de processos

experimentais”. Nessa esfera, os sentidos podem variar ao infinito, justamente porque se trata de um fluxo contínuo, e por isso, em cada recorte da realidade que observamos esses desdobramentos são particulares e específicos, conforme conjunto de relações evidentes.

Os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis, moldando-as a seus objetivos. Ao experimentarem práticas midiáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiáticos, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiática. Essa processualidade interacional inevitavelmente repercute sobre o próprio perfil do campo – por exemplo, incidindo sobre o equilíbrio das forças que o desenham em dado momento, abrindo possibilidades para determinadas linhas de ação e fechando outras, exigindo diferentes tipos de ajuste ao contexto. Mas isso também requer invenção social (Braga, 2012, p. 45).

Analisando a forma como o Papa Francisco age e seus dizeres são transformados nas dinâmicas da circulação, vemos um ambiente fértil para experimentações comunicacionais, mobilizadas entre a tensão e aquilo que é normativo do campo religioso. Tais experimentações decorrem do contato do campo com as práticas midiáticas, como Braga sinaliza, permitindo que as afetações geradas em circuitos midiáticos repercutem no perfil do próprio campo.

Não só o Papa Francisco faz isso o tempo todo, em uma lógica de negociação – seja com o seu campo de origem, os demais campos que se inscreve ou com a sociedade – mas a afetação de suas ações, em relação ao ambiente, imputa ao campo Igreja certas “invenções sociais” que são materializadas nas experimentações interacionais. Isso quer dizer que não é possível ignorar a forma como os campos sociais agem sobre as lógicas da circulação, colocando em relação seus processos, participantes e transformações. É dessa relação que nascem os enfrentamentos, e um deles são as afetações que envolvem o que o Papa Francisco faz, e mais ainda aquilo que acontece a partir do que ele faz nas dinâmicas da circulação.

A relação de contato entre campos¹, como mencionado acima, possui proximidade com o que Luhmann (2010; 2016) chama de interpenetração porque explica “o funcionamento das interações entre sistemas (institucionais) midiáticos e os sistemas que envolvem os atores sociais, no contexto da midiática” (Fausto Neto, 2018a, p. 8). O contato entre os polos acontece em uma “dinâmica de interface” em que um sistema opera em contorno do outro, em mútua afetação. Conforme Fausto Neto, na perspectiva sistêmica de Luhmann a interpenetração

¹ Neste trabalho, a noção de campos e sistema não são trabalhadas como sinônimos, porém, se aproximam ao pensarmos nos campos e/ou sistemas com suas expertises, lógicas e limites internos. Contudo, a noção de sistemas mais tem a ver com uma atualização de perspectiva – no sentido da impossibilidade de campos autônomos, sem o atravessamento da midiática.

“envolve dois subconjuntos – sistema e ambiente”. Um dos pontos da teoria dos sistemas trabalhada por Luhmann é a diferenciação entre sistema e ambiente. O autor explica que um sistema é definido tanto pelo que inclui (suas operações internas) quanto pelo que exclui (o ambiente). Essa diferenciação é crucial porque estabelece os limites do sistema. O ambiente é sempre mais complexo do que o sistema e contém todos os elementos que não são parte do sistema em questão².

Ao estudar um caso midiaticado, Bianca Rosa (2021) trabalha com os sistemas em relação de interpenetração porque confirma que todos os sistemas presentes no caso empírico estão na ambiência da midiatização, logo são atravessados por suas lógicas. Diz a autora que todos eles “publicizam suas operações a partir de fundamentos de lógicas de mídia e de midiatização, porque ele alcança a sociedade, que toma conhecimento dessas interações por um intenso e complexo processo de relatos, que disputam pontos de vista e sentidos” (2021, p. 42). Tal perspectiva é transferida ao nosso caso de investigação³, quando o dizer do Papa Francisco sobre união civil de homossexuais, embora sob contexto de um documentário, mobiliza não só a relação entre o que a Igreja pensa e faz, mas solicita ações à sociedade, a outros sistemas, portanto. Aqui implicam-se outros sistemas, como o Civil, político, o social que rege as normas e condutas dos indivíduos, e obviamente o sistema religioso por ter sido originado de uma fala do líder dos católicos.

Por compartilharmos do mesmo contexto de objetos de midiatização com Bianca Rosa (2021), adotamos sua abordagem do conceito de Luhmann, no sentido da relação entre sistema e ambiente.

É exatamente a comunicação que Luhmann observa como um elemento central que regula as relações entre sistema e ambiente, mas que busca a diferença como distinção referencial entre eles para constatar que os sistemas possuem a capacidade de mudar e organizar as suas estruturas por meio de suas gramáticas internas, determinando assim, suas próprias operações (Bianca Rosa, 2021, p. 42-43).

A autora reconhece sistemas como conjuntos de elementos interconectados que, embora operem juntos, são distintos de seu entorno externo (os outros sistemas). Rosa também aponta

² Há uma distinção entre “sistema” e “pensamento sistêmico”. O sistema é uma compreensão e explicitação de um processo. Por outro lado, sistêmico é uma visão complexa que organiza a reflexão, como um modo de ser. Sistema pode ser uma unidade. Sistêmico faz com que a reflexão se atenha ao conjunto complexo da sociedade. O primeiro diz respeito ao singular; o segundo aponta para uma visão da complexidade.

³ Luhmann trabalha arduamente no conceito de sistemas, mas aqui nos apropriamos em perspectiva comunicacional, mais especificamente pela lente da circulação midiática de maneira que contribua para pensar o nosso objeto de estudo. Por essa razão também buscamos compreensão com outros autores que não só acionam a teoria dos sistemas em suas pesquisas, mas o fazem em objetos e processualidades de midiatização, como Bianca Rosa, Antonio Fausto Neto e Eliseo Verón.

que a percepção dessas distinções depende do ponto de vista do observador, e por extensão, do objeto da realidade que se está observando. Cabe esclarecer que tal diferenciação, na perspectiva luhmanniana, diz respeito a uma relação entre os próprios sistemas que estão organizados em um ambiente – a sociedade. Nesse caso, um sistema estando em relação com outro, os seus limites e diferenciações tornam-se o ambiente para o outro sistema. Isso quer dizer que a relação aqui posta, trata-se de uma noção de relação *intersistêmica*, porque o ambiente que envolve todos os sistemas sociais seria a sociedade para Luhmann. Em nossa pesquisa esta sociedade é caracterizada pelas lógicas e processos de midiatização – portanto, a nossa perspectiva de relação entre sistema e ambiente se dá com os sistemas (Igreja, Civil, leis, político, midiático) e o ambiente da sociedade midiatizada.

Reforçando o entendimento de Luhmann (2010), sua proposta diz que não se trata de uma relação generalista entre sistema e ambiente, mas “*uma relação entre sistemas que pertencem reciprocamente um ao meio do outro*”. O autor ainda diferencia as relações intersistêmicas da ideia de *penetração*. Esta ocorre quando um sistema disponibiliza a sua própria complexidade, para que outro se construa”. A *interpenetração* acontece quando a relação é recíproca e mútua, “ou seja, quando ambos os sistemas mutuamente permitem-se ‘proporcionar sua própria complexidade pré-construída’” (Luhmann, 2010, p. 267, grifo nosso).

Outro ponto importante na teoria dos sistemas de Luhmann (2010; 2016), é que ele se concentra nas operações e comunicações dentro de sistemas sociais autônomos. Ele propõe que a compreensão da sociedade vai além das ações individuais, focalizando a maneira como a comunicação é organizada e processada dentro dos sistemas sociais. A teoria de Luhmann sugere um certo desacoplamento entre indivíduos e sociedade no sentido convencional, em que indivíduos participam da sociedade, mas a estrutura e operação dos sistemas sociais não são determinadas diretamente pelas ações individuais.

Por outro lado, Verón (2013) problematiza essas definições de Luhmann, indicando que a distinção feita entre “sistemas sociais” e “sistemas psíquicos” (este último aplicado aos seres humanos) quer dizer que – na diferenciação de sistemas/ambiente de Luhmann – um seria ambiente do outro. Assim, “os sistemas sociais têm como ambiente os sistemas psíquicos, e os sistemas psíquicos têm como ambiente os sistemas sociais” (Verón, 2013, p. 295, trad. nossa). Ou seja, na percepção de Verón, Luhmann estaria fazendo uma diferenciação entre os indivíduos e os sistemas, dando a entender que os seres humanos estariam “fora” dos sistemas. Essa noção também nos é problemática, afinal, embora Luhmann foque na autonomia e autossuficiência dos sistemas, em nossa perspectiva é necessário os “incluir” como parte desses sistemas. Portanto, quando estamos falando que o sistema da Igreja Católica se interpenetra

com outros sistemas, acionados na relação mútua através daquilo que as falas e ações do Papa Francisco, significa que quem faz esse acoplamento acontecer são os indivíduos, cada um a seu modo agindo e se interpenetrando com lógicas de outros sistemas.

Um dos problemas apontados por Verón se inscreve da seguinte forma:

No contexto conceitual luhmanniano, uma relação intersistema pressupõe a comparabilidade dos sistemas que se interpenetram: trata-se de sistemas autorreferenciais e auto-organizativos, que são autônomos em sua atividade de reprodução autopoietica. Se poderia concluir que o fundamento sistêmico dos sistemas psíquicos não tem nada a ver com o sistema social, e a autonomia dos sistemas psíquicos tem outra fonte, outro sustento, que não o propriamente social. [...] A interpenetração poderia, então, ser interpretada como a relação entre sistemas sociais e sistemas biológicos, ambos autorreferenciais e auto-organizantes (Verón, 2013, p. 297, trad. nossa).

Logo, na noção de interpenetração, aquilo que é complexidade em um sistema torna-se “desordem” em outro.

Portanto, pode-se dizer que os sistemas psíquicos fornecem aos sistemas sociais uma desordem adequada e vice-versa [...]. A construção dos sistemas sociais (e, portanto, a construção dos sistemas psíquicos) segue o princípio da “ordem a partir do ruído” (Luhmann, 1995: 214 apud Verón, 2013, p. 298, trad. nossa).

Para elucidar e “solucionar” tal problemática à luz da midiatização, Verón (2013, p. 299) explica que no espaço-tempo histórico “os fenômenos mediáticos tornam possível no sistema social, pois é uma dimensão do ambiente dos sistemas psíquicos”. Em dado momento, os sistemas psíquicos (seres humanos) utilizam da exteriorização dos fenômenos mediáticos para dimensionar a sua própria “biografia”. É neste ponto que se encontram os objetos e pesquisa da Comunicação na fase evolutiva que nos inscrevemos.

Adentrando essa teorização complexa e abrangente sobre os sistemas, Bianca Rosa (2021) elabora uma explicação que faz jus ao fenômeno comunicacional que esta tese busca compreender. Já afirmamos em outros momentos, e a própria abordagem de Luhmann reafirma que aquilo que sabemos, acessamos e temos contato a nossa volta, se dá via comunicação. Com base nesse conhecimento, Bianca Rosa (2021, p. 43) pontua que “cada sistema é constituído por suas singularidades (deontologias, ética, gramáticas, operações), mas esses sistemas não estão agindo de forma isolada, eles estão em contato com algo que os permeia, que os perpassa, que são as *lógicas de operação midiatizantes*” (grifo da autora). Além disso, a autora dá ênfase na ideia de que a sociedade está organizada, de forma total, em torno das lógicas e fundamentos da midiatização. Isso quer dizer que sua ambiência é composta pela “interpenetração entre sistemas”.

*

A desordem ou perturbação como resultado das relações intersistêmicas de Luhmann, é também uma abordagem que funciona ao nosso objeto, especialmente por se tratar de transformações que ocorrem entre e nos sistemas em função da permanência deles na ambiência da midiatização. Assim, nos apropriamos novamente dos estudos de Luhmann, sob a perspectiva de que os sistemas percebem e respondem os estímulos que recebem do ambiente como “irritação” ou “perturbação”. Essa relação diz respeito à forma como os sistemas evoluem ao adaptarem suas estruturas internas em resposta aos desafios e complexidades apresentados pelo ambiente⁴. Luhmann (2010, p. 132) explica que um sistema apenas reage a uma irritação quando tem “condições de processar as informações e transformá-las em estrutura”.

Dito de outra forma, existem laços estruturais entre sistema e ambiente, por exemplo, entre comunicação e consciência, entre consciência e sistema nervoso central, entre sistema nervoso central e grande número de processos orgânicos, entre estes e condições climáticas que fornecem mesmo tempo e numa medida suficiente um grau normal de adaptação e uma irritação, *mas que em absoluto servem para melhorar a adaptação do sistema ao seu ambiente*. Se, apesar de tudo, aparecerem modificações evolutivas estruturais haverá que encontrar a explicação nos próprios sistemas (Luhmann, 2001, p. 128).

O autor compreende que “as irritações surgem de uma confrontação interna (não especificada, num primeiro momento) entre eventos do sistema e possibilidades próprias, que consistem, antes de tudo, em estruturas estabilizadas, expectativas”. Nesse ponto, Luhmann deixa evidente que a construção é ‘sempre própria do sistema’, nomeando-a como autoirritação, porém, obviamente provenientes de provocações do ambiente. Nesse sentido, o autor quer dizer que a perturbação de um sistema será provocada pelo seu ambiente, e isso gera uma irritação interna capaz ou não de modificá-lo. Esses problemas não necessariamente produzem suas próprias soluções, o que afasta a ideia de uma evolução teleológica (ou seja, orientada para um fim específico). Em vez disso, a evolução é vista como um processo condicionado pela capacidade do sistema de gerar respostas estruturais a desafios internos, aproveitando condições favoráveis que podem ser temporárias ou coincidentes (Luhmann, 2001).

⁴ Vale ressaltar que nos interessa observar os sistemas em relação de interpenetração uns com os outros, mas de igual forma como esses sistemas que se contactam entre si se relacionam com o seu meio (ambiente da sociedade midiatizada). Por essa razão, quando nos referimos à relação entre o sistema e o seu ambiente, quer dizer o sistema – religioso, político, civil – em relação ao ambiente da sociedade que engloba todos os sistemas, e que em nossa tese significa que estamos tratando de uma ambiência de midiatização.

Para fins de completar esta elaboração, Ferreira (2016, p. 135), também usando como ponto de partida a noção de Luhmann, complementa esse conceito com os “processos de incerteza e indeterminação em contextos de midiaticização” interpretando as transformações dos sistemas a partir da “adaptação, disrupção e regulação”. Apesar de apresentar esses conceitos como parte de um campo de hipóteses para análise dos processos midiáticos e suas relações com processos sociais, é da relação de ambas as perspectivas – Luhmann (2001) e Ferreira (2016) – que a empiria do nosso caso de pesquisa se manifesta.

Conectado à problemática desta tese, lançamo-nos ao desafio de compreender como essas afetações são originadas, através de operações interacionais, no funcionamento das lógicas das dinâmicas de circulação. De modo abrangente, as irritações ao sistema religioso – em que se inscreve o principal participante (o papa) – ocorrem quando há uma perturbação por elementos externos, desencadeando respostas adaptativas. Exemplo disso é quando um dizer do papa ganha proporções “fora dos padrões” a tal ponto de forçar a Igreja a se manifestar, ou ainda a modificar algumas lógicas internas de seu sistema. Aqui entra a noção de “regulação”, indicando os ajustes internos frente às provocações sociais, midiáticas ou da própria política, para acomodar ou neutralizar as influências externas. Em casos mais intensos pode ocorrer o que Ferreira chama de “disrupção”, onde as estruturas e práticas estabelecidas são significativamente alteradas. Nessa situação podemos citar a bênção para pessoas homoafetivas que vivem em união, um sínodo com características democráticas e com a inserção de voto de mulheres, observados na empiria dos Casos 1 e 2, respectivamente.

No contexto da midiaticização, essas afetações são frequentemente catalisadas por atores sociais, que operam tanto dentro quanto fora dos sistemas, gerando um fluxo contínuo de interação e transformação. É exatamente a partir deste cenário que os casos empíricos acionam tal investigação. É por isso que faz sentido trabalhar com a concepção de irritação, regulação e adaptação, porque de alguma forma não são os sistemas em interpenetração, de forma estrita, que se provocam esse tipo de transformação, mas sobretudo as pessoas que estão inscritas em cada sistema e no ambiente.

5 ABORDAGEM EMPÍRICA: UM SUJEITO, MÚLTIPLAS EXPERIMENTAÇÕES

“Portanto, na comunicação, o mais simples tem a ver com as tecnologias e mensagens, enquanto o mais complicado tem a ver com os homens e as sociedades” Dominique Wolton (2010, p. 12-13).

Fazendo referência ao texto de Gomes (2016) sobre as múltiplas vozes da midiatização, este capítulo evoca as múltiplas experimentações empíricas que surgem das dinâmicas da circulação em torno de um sujeito: o Papa Francisco. Já dissemos que não se trata de tê-lo com o objeto da pesquisa, mas é o sujeito que encaminha a construção empírica.

Do ponto de vista comunicacional, identificamos experimentações em curso que destacam uma relação de tensão entre o que o papa faz e aquilo que é a norma estabelecida pelo sistema católico. As situações que reverberam “tensionam a norma porque exigem respostas para problemas não postos” (Flores, 2021, p. 70), e normalmente são motivadas pela noção de representatividade do Papa Francisco. Nesse sentido, podemos eleger aquela representatividade marcada pelo cargo, liderança e poder vinculado a um “lugar de representatividade”. Contudo, nesta pesquisa a percepção da representatividade mencionada é fundamentalmente comunicativa e simbólica.

Isso quer dizer que aquela representação inerente ao seu cargo está posta, mas quando as interações desse sujeito passam a circular “segundo processos midiáticos” (Braga, 2015), estamos falando de representatividades comunicativas simbólicas que emanam dos sentidos. Rosa (2019a) faz uma aproximação desse entendimento, no âmbito das imagens que circulam e dos imaginários midiáticos que são convocados a partir dos sentidos. Apesar de não adentrar nas questões de imaginário em si, a perspectiva da representatividade comunicativa é capturada pelos sentidos em circulação.

As representatividades, em perspectiva plural, justamente porque reverberam ou são construídas por diferentes elementos. Por exemplo, se observamos um caso em que o debate gira em torno do tema da homossexualidade e a Igreja, ali paira um tipo de representatividade, por outro lado, se o papa está em interação com um cenário político como é o caso da guerra, a representatividade comunicativa que ali emerge é distinta. Isso se dá sob negociações agenciadas pelo Papa Francisco, que a todo momento precisa estabelecer uma coerência entre aquilo que ele diz e faz com os limites impostos pelas normas de sua instituição. Aliás, em cada situação pode haver mais de uma representatividade comunicativa que se sobressai às demais.

Quer dizer que essas representatividades são simbólicas e relativas ao contexto, participantes e tipos de interação e tensões que ali são acionados, isto é, naquilo que é da produção de sentido.

Assim, os casos de pesquisa não se reduzem nem ao Papa Francisco, nem às suas representatividades comunicativas, mas são parte do que permeia o objeto empírico estudado. Analisar os casos sob as especificidades das dinâmicas da circulação é fundamental para nosso estudo porque viabiliza múltiplas compreensões, cujos elementos são diversos, seja em participantes, que tipo de ações e falas desencadearam os casos, sistemas e espaços midiáticos envolvidos. É em torno das dinâmicas dessa heterogeneidade que os casos empíricos são organizados.

Trabalhamos com um estudo empírico que abarca múltiplos casos de circulação, especificamente pela diversidade. Além disso, selecionamos três casos distintos amparados e observamos à luz do problema de pesquisa e dos encaminhamentos que a abordagem metodológica da circulação nos direciona. Ao longo do texto acionamos os objetivos específicos, alguns mais explicitamente que outros, mas funcionam como um modo de dar clareza aos casos.

*

Cumpramos esclarecer que em cada caso buscamos compreender o impacto das representatividades comunicativas do Papa Francisco nas interações que se moldam em lógicas e dinâmicas de circulação. O objetivo é explorar como essas representatividades e experimentações influenciam as relações entre fiéis, o público interno da Igreja e a sociedade a partir de diferentes cenários de negociação (comunicacional), e identificar padrões comuns nas interações de cada caso.

Não pretendemos confirmar as representatividades comunicativas e as experimentações que emergem do fluxo das interações, mas, estamos em busca de capturar as afetações originadas desses processos e como elas organizam e modificam os circuitos midiáticos.

*

Para adentrarmos nos estudos empíricos, antes é necessário fazer uma nota referente ao seu desenho estrutural e disposições.

Cada um dos casos é um caso mediatizado, ou seja, é originado das lógicas da mediação, possuindo a seu turno características, movimentos e operações particulares ao seu

funcionamento. Destes, observamos interações de pessoas, instituições, sistemas, meios de comunicação que estão, a todo tempo, conectados de inúmeras formas. Não podendo capturar o todo, damos nota de elencar recortes. No capítulo metodológico definimos como orientador das escolhas dos materiais de cada caso as dinâmicas da circulação, e que, nem sempre, seguem uma ordem temporal.

Assim, cada caso inicia com uma breve apresentação, marcando as dinâmicas da circulação que os constituem. Para isso, nos orientamos a partir das publicações dos sites de notícias, e como o caso vai sendo elaborado e ganhando novas camadas na circulação. No segundo momento, adentramos no detalhamento das inferências específicas, partindo sempre dos indícios.

Destacamos que o “o término do estudo de cada caso não é o ponto final do processo de circulação que nele acontece, que é contínuo e ininterruptível” (Flores, 2021, p. 46). Em sua tese, Flores (2021, p. 28) conceitua que a circulação “se dá em uma dinâmica de espalhamento”, e com isso o autor quer dizer que “as tecnologias são convertidas em meios, e os meios não são apenas veículos de transmissão de mensagens, mas parte constitutiva do processo interacional”.

Fazendo jus à proposta do autor, os recortes dos materiais foram feitos baseados na problemática da pesquisa e na forma como as dinâmicas da circulação indicaram os “atos e acontecimentos eleitos” como observáveis. Estes, a seu modo, envolvem processos sociais mais amplos, que incluem atividades que se desenrolaram no mesmo intervalo de tempo, assim como antes e depois dele (Flores, 2021).

As materialidades são observadas e coletadas a partir do que temos acesso em sites de notícia brasileiros, a distribuição dos conteúdos desses mesmos sites em suas redes sociais oficiais, e nestas a reverberação interacional do caso entre os participantes (atores sociais). A proposta é observar os movimentos que a circulação vai ordenando, não necessariamente seguindo a linearidade dos fatos como ocorreram.

A observação e análise não é restrita a veículos de comunicação de forma rígida, mas na medida do possível, nos orientamos pelas publicações do Portal G1 e filiados, CNN Brasil, Portal Terra, Folha de São Paulo, O Globo, além do site e meio de comunicação oficial da Igreja Católica, o Vatican News (em português). Para dar conta das dinâmicas em circuitos, observamos como os temas e acontecimentos de cada caso são tratados nas redes sociais dos portais de notícias mencionados. Especialmente, nos interessa ver ali as interações dos atores sociais. Além disso, fizemos uma busca por palavras-chave referentes aos microacontecimentos em plataformas como o *Facebook*, *Youtube* e *X* (antigo Twitter) de maneira individual, a fim

de capturar pistas das dinâmicas da circulação do caso, seja por atores sociais ou veículos de comunicação.

Seguindo os caminhos da pesquisa, a sequência de observação dos casos individuais se dá na ordem em que foram escolhidos e sendo investigados: 1) União civil de homossexuais, o 2) Sínodo da Sinodalidade e a 3) negociação de paz entre Ucrânia e Rússia, respectivamente. A transversalidade que perpassa os três, assim designando um estudo de múltiplos casos de circulação, é trabalhada no Capítulo 9, junto com as conclusões.

6 CASO 1 – UNIÃO CIVIL DE HOMOSSEXUAIS

6.1 APRESENTAÇÃO DO CASO

No dia 21 de outubro de 2020, o recorte de uma frase do Papa Francisco, veiculada em um documentário¹ em Roma, gerou repercussão mundial a respeito da união civil de homossexuais, considerada “histórica” por alguns veículos de comunicação. A frase de efeito circulou e ganhou atenção do mundo, sobretudo no noticiário brasileiro “Os homossexuais têm o direito de ter uma família, pois são filhos de Deus. Você não pode expulsar alguém de uma família [...]. O que temos que ter é uma lei de convivência civil. Dessa forma, eles são legalmente cobertos. Eu lutei por isso”². Este acontecimento contempla a primeira dinâmica de circulação do Caso 1. De modo a dar clareza na ordem em que as dinâmicas aparecem e são descritas e analisadas neste capítulo, elaboramos um diagrama.

Figura 3 – Dinâmicas da circulação – Caso 1: União civil de casais homossexuais



¹ O documentário foi dirigido pelo cineasta Evgeny Afineevsky, e retrata aspectos da vida de Francisco, assim como sua abordagem em temáticas desafiadoras e sensíveis. Disponível em: <https://www.francescofilm.com/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

² A fala foi retirada de reportagem do Fantástico, cuja materialidade será descrita adiante. Disponível em: <http://glo.bo/46oDAi6>. Acesso em: 25 out. 2020.

Fonte: Elaborada pela autora.

O debate sobre a questão da homossexualidade e suas restrições diante da norma da Igreja Católica tem sido um tema frequentemente pautado pelo jornalismo no Brasil e países afora, considerando a sua emergência no pontificado de Francisco. Um tema emblemático, sobretudo por seu ângulo polêmico, tem gerado afetações nos diversos ambientes pelos quais o sistema da Igreja Católica circula ou é posto a circular.

Nessa situação, o líder da Igreja Católica, que por definição governa o Estado eclesiástico – Cidade-Estado do Vaticano – expressa ser favorável a uma lei civil de homossexuais, enquanto tal lei não é recíproca ao seu próprio governo. Em tese, podemos considerar que seria um governante de um país, com a característica de ser um país religioso e não tradicional como os demais, falando a outros governantes que uma lei civil é importante em casos de união de pessoas do mesmo sexo.

As primeiras publicações noticiosas sobre a fala do papa no documentário iniciaram em 21 de outubro de 2020, e no primeiro momento os sites de notícias informaram que não haviam conseguido conversar com o Vaticano a respeito do assunto.

Figura 4 – Manchetes sobre a fala do Papa Francisco



Fonte: CNN Brasil, Fantástico, G1 e Folha de S. Paulo.

O que assinala a segunda dinâmica de circulação deste caso é quando os sites de notícia passam a publicar compilados de dizeres do Papa Francisco com o mesmo teor, seja algum tipo de polêmica ou momentos que o pontífice “desafiou o conservadorismo” da Igreja. Os portais também fizeram uma síntese de todas as vezes que a temática da homossexualidade havia sido mencionada pelo papa. Ainda dentro da lógica do sistema jornalístico, alguns meios de comunicação entrevistaram lideranças católicas, como padres e bispos, abordando uma perspectiva das possíveis afetações para a Igreja. Além disso, alguns veículos ouviram grupos LGBTQIA+, para entender o que a fala de Francisco significava para essas pessoas.

A partir do dia 2 de novembro de 2020, os veículos de comunicação passaram a publicar atualizações sobre uma nota emitida pelo Vaticano, explicando que o papa se posicionou favorável à união civil de homossexuais, mas que suas falas foram tiradas de contexto e não mudavam a posição da Igreja Católica. Tal situação compõe a terceira dinâmica de circulação do caso.

A fala do Papa Francisco, apresentada no documentário, se tornou um acontecimento noticioso entre os meios de comunicação, cuja abrangência e permanência na pauta jornalística indicam um grau de importância evidente. Além disso, é interessante observar a reverberação desse acontecimento a partir do que os participantes vão acionando ao debate. Isso se dá tanto pelo público de católicos, pela sociedade em geral e pelo público diretamente interno à instituição. Esses movimentos interacionais acabam gerando um outro movimento do sistema midiático, que é dar destaque a situações semelhantes envolvendo o pontífice. Outro aspecto comunicacional aparente, é como esse debate vai gerando novos desdobramentos agonísticos a partir do pronunciamento da Igreja Católica, uma ação comum diante de situações polêmicas. O destaque, neste caso, é em como esse novo elemento direciona uma nova fase para o debate.

Três anos depois da fala do documentário ter eclodido, temos a quarta dinâmica de circulação do Caso 1. Em dezembro de 2023 o Vaticano publicou um documento e anunciou uma decisão inédita ao autorizar a bênção de casais em situações irregulares pela Igreja Católica, incluindo casais do mesmo sexo. O documento, conforme relatam os sites de notícia, reforça que essas bênçãos não devem ser formalizadas por rituais específicos, para evitar a confusão com o sacramento do matrimônio. Essa nova decisão interna, aprovada pelo Papa Francisco, é baseada no conceito de bênção da Igreja Católica, como uma oração ou apelo das pessoas a Deus, e que, portanto, esse pedido não deve ser negado, mas que a concessão deve ser feita caso a caso.

O anúncio dessa decisão se conecta ao desenvolvimento do caso, porque inclusive há uma lógica do sistema jornalístico de revisitar os momentos anteriores que tiveram significativa

repercussão sobre o tema, especialmente a fala do documentário em 2020. Além disso, há um movimento de conexão processual entre os dois macroacontecimentos, e que ao longo dos anos nos dão a ver marcas interacionais importantes no acionamento e continuação dos circuitos.

Neste caso há uma particularidade que é evidenciada a partir de lógicas de reconstituição em que o jornalismo cita os eventos anteriores relacionados a temática da homossexualidade, mas destacando aqueles em que foram considerados movimentos significativos no sistema católico, ou que provocaram alguma alteração em suas práticas. Por esse motivo, o Caso 1 é composto por materialidades das quatro dinâmicas de circulação, cujas marcas de conexão corroboram com o problema de pesquisa.

6.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 1

No dia 21 de outubro de 2020, a Folha de S. Paulo contextualiza a frase do Papa Francisco no documentário. Na matéria, o site contempla a versão do diretor do filme, Evgeny Afineevsky, em suas tentativas de se aproximar do papa, além de sintetizar o propósito da produção do documentário. Explica, também, em que momento do roteiro o papa aborda o direito dos homossexuais.

Figura 5 – Trecho da matéria publicada pela Folha de S. Paulo (21.10.2020)

O papa aborda o direito dos homossexuais num trecho do filme que apresenta a história de Andrea Rubera, homem gay que adotou três crianças com seu parceiro. Rubera diz que foi a uma missa celebrada por Francisco e deu a ele uma carta. Nela, explica que gostaria de ir com o companheiro e os filhos às missas em sua paróquia, mas temia que as crianças ficassem traumatizadas caso fossem hostilizadas.

O documentário não deixa claro o país em que Rubera vive. O homem conta que o papa, alguns dias após ter recebido a carta, telefonou para contar que ficou tocado pela mensagem. Francisco estimulou o casal a levar os filhos à igreja, mas também pediu que estivessem prontos para sofrer críticas.

Rubera e o companheiro seguiram o conselho e, dizem, ficaram felizes ao passar a frequentar a paróquia.

Fonte: Folha de S. Paulo³.

³ Disponível em: <https://bit.ly/3NEuExy>. Acesso em 10 dez. 2020.

Nesta primeira dinâmica, identificamos que de todos os materiais observados, o texto publicado pela Folha foi o único a contextualizar porque a frase do papa estava no documentário.

Neste caso, a Folha trabalha o texto construindo uma narrativa sequencial. Primeiro apresenta o documentário. Em seguida, retoma essa lógica para dizer como a temática era considerada por Francisco quando ainda era arcebispo em Buenos Aires: “Quando era arcebispo de Buenos Aires, o papa foi contra a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas defendeu algum tipo de proteção legal a casais gays”. Há uma sinalização de permanência opinativa quanto ao tempo, muito embora seja um assunto com decisões definitivas nas leis católicas. Ao abordar o dizer do papa, o veículo destaca o sentido humanitário da resposta de Francisco, o que não quer dizer que sejam alteradas as normas da instituição, e por isso faz a distinção entre a postura acolhedora do papa e a posição da Igreja Católica, que proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e considera a prática pecaminosa.

Na sequência da matéria, outros dois pontos são mencionados pela Folha. Primeiro que, após ser eleito papa em 2013, Francisco “adotou postura mais aberta no tema, mas não mudou dogmas da instituição. Disse que jamais poderia julgar um gay [...]”. Aqui, a Folha faz um reforço do posicionamento anterior de Francisco, quando ainda era arcebispo. Pontua que, “agora” como papa, mantém os princípios de acolhimento. A Folha faz o movimento de retomada do tema da homossexualidade quando mencionado pela primeira vez pelo Papa Francisco em 2013. A menção ao episódio não é aleatória, nesse caso, considerando que o dizer do papa naquele momento foi pauta e debate no mundo inteiro (Milani, 2019). O segundo ponto destacado pelo site de notícias foi também relembrar o posicionamento de lideranças católicas conservadoras, e que em 2019 já haviam expressado descontentamento com o atual pontífice, inclusive acusando-o de cometer heresia.

Mesmo se tratando de um episódio passado, percebemos as marcas de acionamento de um para outro, de mesma temática, mas sobretudo de afetações também emblemáticas. Ou seja, podemos inferir que a temática da homossexualidade, quando abordada por um papa, sempre será considerada uma grande pauta, o que justifica o retorno à memória midiática de 2013, com o principal ponto agonístico reverberado – as críticas da ala conservadora interna da Igreja.

Seguindo, o texto elabora um comparativo de posicionamento do então papa emérito, Bento XVI, como “um dos principais opositores ao casamento gay na Igreja”. Como indício de seu posicionamento, a Folha faz um movimento de contrastar a opinião do antecessor de Francisco com a opinião de uma liderança mundial – secretário-geral da ONU e católico – dizendo que a postura do Papa Francisco “foi considerada um ‘movimento positivo’”. Aqui há

uma lógica de legitimação orientada pelo jornalismo. Um líder da ONU (Organização das Nações Unidas), organização mundial e com estreita relação com o catolicismo, é entrevistado para chancelar as ações do líder mundial da instituição religiosa, o que destaca o lugar simbólico dos dizeres do papa na representatividade interacional.

Figura 6 – Trecho da matéria publicada pela Folha de S. Paulo (21.10.2020)

Um dos principais opositores ao casamento gay na Igreja é o papa emérito Bento 16. Em uma biografia autorizada publicada em maio, ele comparou a prática ao "anticristo". "Há um século seria considerado absurdo falar sobre casamento homossexual. Hoje, quem se opõe a ele é excomungado da sociedade. Acontece a mesma coisa com aborto e criação de vida humana em laboratório", afirma o papa emérito.

Para ele, "a sociedade moderna está formulando um credo ao anticristo que supõe a excomunhão da sociedade quando alguém se opõe". A declaração atual do papa Francisco foi considerada um "movimento muito positivo" pelo português António Guterres, secretário-geral da ONU e católico.

"O secretário-geral tem se posicionado com veemência contra a homofobia e em favor dos direitos LGBT. Para ele, as pessoas nunca devem ser perseguidas ou discriminadas por conta de quem amam", disse ele.

Fonte: Folha de S. Paulo⁴.

Na finalização do texto, a Folha aciona um apelo social, descrevendo que o primeiro país a permitir o casamento gay foi a Holanda, em 2001, e que mesmo havendo 28 nações que autorizam a prática, ainda há dezenas de países que criminalizam as relações homoafetivas. Por fim, a notícia evoca a situação no Brasil, destacando que "o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foi autorizado após uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) de 2011 e de uma resolução do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), de 2013.

Nesta parte final do texto jornalístico, identificamos uma posição de tensionamento entre as normativas do sistema religioso e o sistema social, e como as afetações de um reverberam nas lógicas do outro. Esta questão será explorada adiante.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3NEuExy>. Acesso em 10 dez. 2020.

Figura 7 – Manchete do site da CNN (21.10.2020)



Fonte: Site CNN⁵.

No site da CNN há uma matéria com menos texto, mas usando o recurso da reportagem em vídeo, veiculada na TV e disponibilizada no canal do Youtube⁶ da emissora. Na publicação, o site aborda o tema indicando que a frase do Papa Francisco foi feita em um documentário, sem contextualizar sobre o filme. A operação do jornalismo nesse caso, é de optar por isolar a frase de efeito, dando o sentido de “declaração”. A escolha deixa aberta a interpretações, mas reforçando o sentido de que o dizer do papa sobre união civil de pessoas do mesmo sexo tenha sido algo pensado e dito como uma declaração de fato. Essa lógica é utilizada pela grande maioria dos materiais e veículos observados.

Então, só pra gente lembrar, o Papa né, como eu disse, fez essa declaração publicamente com esse assunto pela primeira vez, certamente o comentário mais incisivo desde que ele foi escolhido pro cargo em 2013. No início do papado, o Papa Francisco chegou proferir uma frase, ele disse: 'Quem sou eu para julgar?', quando falava sobre homossexuais que tentavam continuar frequentando a Igreja Católica, né, então ele disse 'quem sou eu para julgar?'. Mas, como eu disse, a declaração do

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3UKGLxj>. Acesso em: 10 dez. 2020.

⁶ Reportagem em vídeo da CNN. Disponível em: <https://bit.ly/3RGO4mA>. Acesso em: 10 dez. 2020.

documentário é bem mais incisiva sobre esse assunto (Transcrição da reportagem em vídeo. Grifo nosso).

Na reportagem em vídeo, a jornalista menciona que no documentário o papa abordou temas sensíveis, que frequentemente estão em suas comunicações, mas em nenhum momento sinaliza sob qual contexto a resposta de Francisco no documentário é feita, dando o reforço para a frase como algo decisivo.

Nesse material, a CNN também buscou a opinião da ONU sobre a questão. Da mesma forma que a Folha traz esse posicionamento, aqui, eles dão ênfase ao dizer que o secretário-geral da ONU é também católico fervoroso e considera bastante positiva a declaração do papa. Ou seja, a representativa comunicativa do papa ganha especial reforço quando um outro líder mundial é ouvido, especialmente ao destacar sua opção pelo catolicismo. A lógica usada pela CNN é ainda mais contundente do que a da Folha, quanto ao valor simbólico que o dizer do papa representa. No vídeo, a jornalista reforça ao final da reportagem que foi a primeira vez que o Papa faz um comentário tão incisivo e publicamente sobre esse tema. Embora cite a primeira vez que o Papa Francisco falou sobre o tema.

Outra particularidade interacional observada nos materiais, nesta primeira dinâmica do caso, foi a provocação do jornalismo diretamente ao sistema interno da Igreja.

Figura 8 – Matéria do G1 sobre dizer do papa



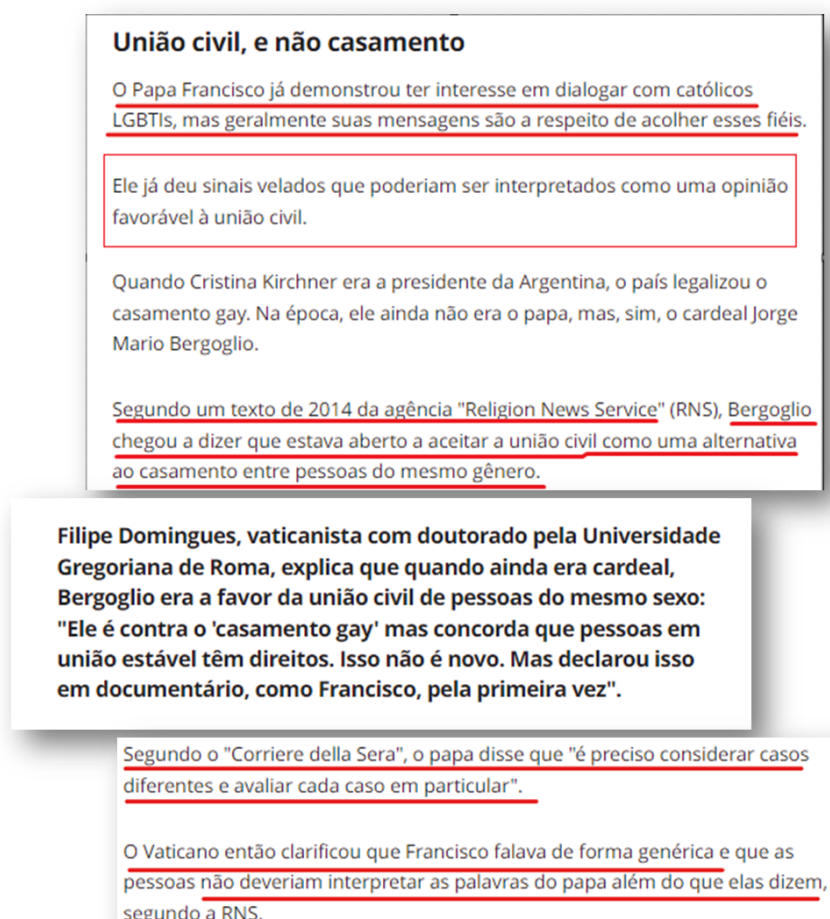
Fonte: Portal G1⁷.

A matéria do G1 utiliza uma reportagem em vídeo, veiculada no Jornal Nacional, cuja abertura é realizada pela jornalista âncora da emissora, Renata Vasconcellos, e a reportagem em si é apresentada pela repórter Ilze Scamparini, correspondente em Roma.

No texto, a maior parte é destinada a organizar um debate entre aquilo que Francisco já havia comentado sobre o assunto quando era arcebispo, e para isso citou pedaços de entrevistas concedidos a veículos de comunicação internacionais. A estrutura do texto elabora um comparativo entre situações e o que o Papa Francisco já havia falado sobre o assunto, como se o jornalismo estivesse buscando algum tipo de comprovação ao longo da carreira de Francisco, mas com a premissa de não ser algo “criado” pelo midiático, mas capturado direto na fonte.

⁷ Disponível em: <http://glo.bo/41CBsS6>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Figura 9 – Trechos da matéria do G1, com diferentes posições sobre os dizeres do Papa Francisco



Fonte: Portal G1⁸.

É importante mencionar a diferença entre a norma geral e o atendimento particular à pessoa. Como jesuíta, o Papa tem muito claro essa diferença. Ele não pode (nem deve) abolir a norma, então a relativiza conforme a caridade e o bom senso para respeitar a pessoa em seus direitos. O problema comunicacional presente aqui é constituído pelo não conhecimento das pessoas nem pela fineza da distinção do Papa.

Nesta situação, o jornalismo compila relatos do que as pessoas já interpretaram sobre os dizeres de Francisco sobre o casamento homossexual, em diferentes momentos, construindo uma espécie de provocação. Por outro lado, também evoca a réplica do Vaticano sobre essas pontuações, dizendo que "as pessoas não deveriam interpretar as palavras do papa além do que elas dizem". A proposta agonística que o jornalismo faz na distribuição da organização

⁸ Disponível em: <http://glo.bo/41CBsS6>. Acesso em: 10 dez. 2020.

estrutural do texto, ao mesmo tempo que provoca uma certa controvérsia, também dá espaço para a resposta do Vaticano; aliás, o jornalismo abre espaço para a posição do Vaticano que, em tom de crítica, refere-se às lógicas do jornalismo por provocar tais interpretações “erradas”. Além disso, todo esse movimento é feito com base em pesquisas em outros veículos de comunicação, de outros anos e momentos envolvendo Francisco.

Na abertura da reportagem em vídeo, anexada ao texto, a apresentadora do noticiário faz uso da palavra “declaração” para introduzir a sequência “Uma declaração histórica do Papa em defesa da união homoafetiva ganhou repercussão mundial nesta quarta-feira”. Na próxima fala, entra a repórter com o seguinte conteúdo:

O Papa Francisco quis mandar um sinal forte aos países onde a igreja se opõe à união entre homossexuais, e fez isso através do documentário Francisco que estreou hoje no festival de cinema de Roma. Os homossexuais, disse o Papa, são filhos de Deus e tem direito a uma família, ninguém deve ser expulso ou infeliz por isso. O que temos é que criar uma lei sobre as uniões civis, eu lutei por elas, afirmou Francisco. O diretor do documentário, o russo Evgeny Afineevsky, disse que a intenção do Papa não é mudar a doutrina da igreja, mas acabar com a discriminação e reconhecer que todos merecem direitos iguais. Amanhã o diretor vai receber, no Vaticano, um prêmio pela divulgação de temas humanitários. O Papa Francisco foi muitas vezes criticado pela ala ultraconservadora da igreja e teve até que suavizar as suas declarações. Agora a clareza e a coragem dele estão sendo reconhecidas por muitos religiosos. Nos últimos quatro Sínodos dos Bispos a abertura do Papa aos homossexuais encontrou forte oposição do episcopado mundial. Mas hoje a repercussão, principalmente entre os Jesuítas foi muito positiva, e na Alemanha um bispo já informou que vai abençoar as uniões homoafetivas” (Transcrição da reportagem, grifo nosso).

A frase da jornalista Ilze Scamparini “O Papa Francisco quis mandar um sinal forte aos países onde a Igreja se opõe à união de homossexuais” gera o sentido de que o dizer do Papa no documentário foi feito exclusivamente aos países onde a Igreja se opõe às uniões. Além disso, o sentido dado pelo jornalismo evidencia uma identificação de posicionamento, de certa forma elogiando o papa pelo “ato heroico e corajoso”. Em contato com o cenário social, o jornalismo leva a audiência a ter uma identificação ou uma certa aproximação com a Igreja e com o papa.

Porém, conforme contextualizou a Folha de S. Paulo, na primeira matéria publicada sobre o tema, o comentário do papa não foi feito com esse objetivo, mas para a resposta a uma situação específica citada. Do jornalismo podemos inferir uma proposta de fazer circular o discurso, independentemente de o dizer do Papa estar se referindo ao público interno do seu sistema. Podemos considerar como uma contradição arbitrária, pois o que o Papa fala sobre a união de casais do mesmo sexo é referente à sociedade civil; esta sim, o pontífice “chama” para um olhar mais atento, mas em nenhum momento se refere que a Igreja precisa se abrir a essa pauta. A fala do diretor do documentário é trazida à agonística, reiterando que a “intenção” do

papa não era mudar a doutrina, mas acabar com a discriminação. Em meio a contradições e de um jeito canhestro, há uma operação de imputar ao sistema religioso um debate, mas sem acioná-lo propriamente.

Essa interpretação do G1 “força” um debate interno entre o dizer do Papa e as lideranças religiosas, porque está se referindo que o “sinal” foi aos países onde a Igreja se opõe a essa prática. A argumentação discursiva do jornalismo fez parecer que o Papa estava mandando um recado interno, através de outro espaço, para que os governantes desses países olhem para a união de pessoas do mesmo sexo, já que a Igreja nega essa prática. Apenas ao final do texto do G1 é apresentado, de forma velada, o contexto em que a frase do Papa foi dita, porém, sem detalhes e deixando aberta a interpretações. Ou seja, o jornalismo faz emergir um acontecimento a partir da apropriação e autonomização da frase dita, o que direciona ao sistema religioso uma irritação, que a priori nem existiria se não fosse a exacerbação desse sentido. Assim, dá início a uma dinâmica de circulação que depois se transforma em circuito.

Antes mesmo de o Vaticano se pronunciar oficialmente, alguns noticiários buscaram trazer o posicionamento de membros da Igreja, como foi o caso do G1 ao abordar a Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que depois também é reforçada em uma matéria própria do site da organização.

Figura 10 – Manchete do G1: Posicionamento da CNBB e manchete da CNBB sobre o dizer do Papa Francisco



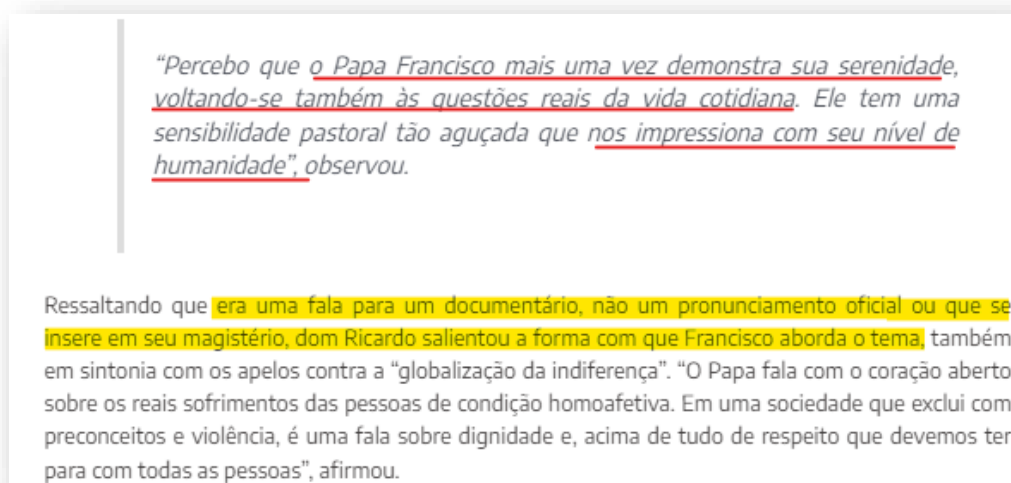
Fonte: Portal G1 e Site CNBB⁹.

O texto da CNBB começa com um esclarecimento de dom Ricardo Hoepers em resposta à repercussão sobre o dizer do Papa Francisco: “Percebo que o Papa Francisco mais uma vez demonstra sua serenidade, voltando-se também às questões reais da vida cotidiana. Ele tem uma sensibilidade pastoral tão aguçada que nos impressiona com seu nível de humanidade”. A

⁹ Disponível em: <http://glo.bo/4bKgSUo>; <https://bit.ly/49EaPyT>. Acesso em: 10 dez. 2020.

justificativa feita pela CNBB é publicada logo em seguida do estopim do caso, antes da nota oficial do Vaticano. Nela, há uma explicação diferenciando a compreensão pastoral daquilo que a Igreja prega e de que o Papa Francisco faz jus em seus dizeres, em contrapartida com o que é a doutrina. Ou seja, apesar da abordagem sensível e respeitosa do Papa, o discurso interno é de ratificação de que a doutrina da Igreja não muda.

Figura 11 – Trecho da matéria no site da CNBB



Fonte: CNBB.

O site apresenta um esclarecimento feito em vídeo, pelo arcebispo de Campo Grande (MS) que havia sido publicado no Youtube da arquidiocese. Na fala do religioso, todo o conteúdo é baseado numa leitura de documentos oficiais da Igreja, pontuando como a questão do casamento é vista. O arcebispo reforça a postura e forma acolhedora que o Papa Francisco trata esse tema, além de convidar a sociedade para a reflexão sobre a situação. Aqui há um movimento inverso entre sistemas, em que um líder religioso convoca a sociedade a olhar a temática dos homossexuais com mais profundidade, e inclusive apela a um discurso científico para dizer que é preciso de mais esclarecimentos sobre as questões de gênero, para que a área social atue com mais discernimento para cuidar das pessoas que fazem parte desses grupos. Nesse ponto, o religioso dá a ver que quando a Igreja é convocada ao debate em circulação, ela devolve a provocativa à sociedade e se ancora em uma falta de conhecimento sobre a questão em como tratar com estes grupos de pessoas. Por outro lado, podemos conferir ao Papa Francisco esse “convocar” a sociedade a refletir sobre a homoafetividade, mas que produz o sentido inverso também, afinal, a Igreja não faz parte da sociedade? Dessa forma, há uma dupla

lógica provocativa porque implica na inclusão do próprio sistema religioso no debate, visto ser também parte desta sociedade.

Evidentemente há uma afetação gerada pelo sistema jornalístico ao sistema católico, e vice-versa, seja pelas interpretações ruidosas ou mesmo à proporção que o tema ganha, sobretudo quando o Papa Francisco é o principal agente. Ao mesmo tempo, os posicionamentos internos são fortalecidos com a justificativa de não modificação, com amparo de documentos oficiais na doutrina e na própria tradição católica.

*

Durante o andamento da primeira dinâmica de circulação deste caso, a segunda dinâmica emerge da diversidade de interações que são mobilizadas ao longo do caso envolvendo o dizer do Papa Francisco sobre união civil para casais homossexuais. Como parte da agonística, o jornalismo faz um movimento de retomada a circuitos anteriores. Esta segunda dinâmica de circulação do Caso 1 é observada a partir de compilados organizados em situações que marcaram o pontificado de Francisco até aquele momento.

Figura 12 – Manchetes sobre momentos marcantes do pontificado de Francisco



Fonte: Portal Terra; Fantástico; Portal G1¹⁰.

Nos três veículos, os textos iniciam contextualizando sobre a “declaração” do dizer sobre união civil de homossexuais exibido no documentário. A partir daí, o G1, por exemplo explora sobre o acontecimento mais recente até então, e na sequência o texto abre a próxima

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/45UMvqh>; <https://bit.ly/3Sqcqzn>; <http://glo.bo/48cD1J4>. Acesso em: 10 nov. 2020.

seção da seguinte forma: “O que mais o papa Francisco disse sobre homossexualidade no passado?”, e assim vai elencando momentos em que o Papa Francisco já abordou a temática, seguida da opinião de um correspondente, reafirmando que apesar do apoio, há poucos sinais de mudança na doutrina. Aqui há um detalhe de pontuação sobre uma lógica interna ao sistema religioso, abordada pelo correspondente ouvido, explicando que se a Igreja Católica fosse realmente fazer alguma alteração em sua doutrina, essa decisão seria apresentada “de maneira mais formal e após muito debate interno”.

Figura 13 – Trecho de matéria do G1 – identificação de lógicas internas ao sistema católico

Escrevendo de Roma, onde é correspondente da BBC, Mark Lowen enxergou na declaração "o apoio mais evidente" que o papa já fez em relação à união de pessoas do mesmo sexo.

Mas a fala indica um sinal efetivo de mudança, ou é mais uma declaração improvisada do antigo arcebispo de Buenos Aires, conhecido por acenar de vez em quando a inclinações liberais, apenas para voltar à doutrina tradicional quando a pressão institucional aumenta?

Para Lowen, a declaração recai melhor na segunda opção.

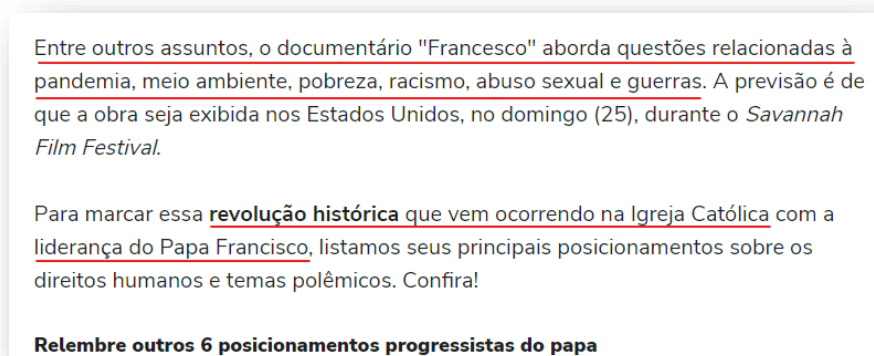
"Qualquer mudança doutrinária significativa nesse assunto seria tipicamente apresentada de uma maneira mais formal e após muito debate interno. Há, por enquanto, poucos sinais de que qualquer um dos dois (processos) seja iminente", analisa o correspondente.

Fonte: Portal G1¹¹.

De maneira mais simples, o site do Fantástico compila momentos importantes do pontificado de Francisco, tendo como abertura uma linha de apoio que faz a conexão do atual comentário feito no documentário, com outras ocasiões “em que Francisco foi progressista”. Além de fazer essa conexão, o Fantástico tem o perfil de fazer esses históricos com situações de grande repercussão. Observemos que o Fantástico caracteriza e marca seu ponto de vista sobre as ações do Papa Francisco como progressista. Quando reforça esse sentido, também orienta o público a olhar por esta perspectiva e compreender que o dizer do documentário chancela decisões ou dizeres anteriores.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/45UMvqh>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Figura 14 – Abordagem do Portal Terra “Papa Francisco: 7 vezes em que o religioso desafiou o conservadorismo”



Fonte: Portal Terra¹².

Na abordagem do Portal Terra observamos uma marca da representatividade comunicativa do Papa, especialmente quando o veículo utiliza a expressão “revolução histórica” em destaque, e conferindo tal transformação à liderança de Francisco. Logo abaixo, essa percepção sobre o papa é reforçada no título que nomeia os seus posicionamentos como “progressistas”.

O midiático aproveita um momento de grande repercussão envolvendo o papa, e organiza outras ocasiões para reforçar a ideia de que realmente o Papa Francisco está fazendo movimentos de alteração na Igreja Católica. O texto evidencia uma proposta de dizer isso, associando uma postura do líder religioso com questões sociais, mas também de disrupções internas à instituição religiosa.

O uso dos termos “desafiou o conservadorismo” e “revolução histórica” afirma a percepção do vínculo para a representatividade simbólica dos dizeres e ações do Papa Francisco. Ou seja, não propositalmente o papa fala ou faz determinadas coisas com o intuito de gerar polêmica, mas o sistema jornalístico põe a circular dessa forma. E essa afetação em si é que se apropria de um dizer do Papa como algo que extrapola o normativo, mobilizando uma percepção de algo experimental, novo e que considerando o aspecto sempre tradicional do catolicismo, aciona um sentido representativo comunicacional simbólico e de larga dimensão.

Retomando os materiais da primeira dinâmica do Caso 1¹³, temos a frase de efeito do Papa Francisco retirada do documentário publicada pelo Fantástico, no dia 25 de outubro.

¹² Disponível em: <https://bit.ly/48xWwLf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

¹³ A segunda dinâmica de circulação do Caso 1 acontece em meio ao andamento da primeira. Por isso optamos em inseri-la na ordem cronológica em que aparece para não romper com a sequencialidade dos materiais escolhidos para a análise. A partir do material do Fantástico, retomamos a investigação da primeira dinâmica.

Quatro dias após a exibição, o site publica em dois formatos: reportagem em vídeo, exibida no horário semanal do programa, e este vídeo incorporando um texto no site do Fantástico, no Portal G1.

Figura 15 – Manchete e trecho de reportagem no site do Fantástico



Fonte: Fantástico¹⁴.

A reportagem em vídeo é feita pela repórter Ilze Scamparini, e a frase inicial de sua fala também é usada para iniciar o texto no site: “Na quarta-feira (21), um terremoto sacudiu o menor país do mundo, o Vaticano. Uma nova declaração do Papa Francisco deixou confusos os fiéis, entusiasmados os progressistas e alarmados os conservadores da Igreja”.

¹⁴ Manchete do Fantástico: Declaração histórica: a repercussão da fala do Papa Francisco sobre união civil entre pessoas do mesmo sexo. Disponível em: <https://bit.ly/472HGvV>.

Segundo o Fantástico, a fala de Francisco é considerada uma “declaração histórica”, pois mesmo já tendo se pronunciado sobre o tema diversas vezes em seu pontificado, nunca o tinha sido dessa forma. Ao fim da nota que direciona para a reportagem em vídeo, o texto do Fantástico destaca que no documentário exibido mostrava os “dramas do mundo através dos olhos do Papa Francisco, mas só esta declaração ganhou repercussão”. Quer dizer, o jornalismo faz uma escolha ao publicar sobre a “declaração”, pois poderia ter feito sobre os demais temas abordados no documentário.

A lógica do jornalismo pode ser observada na escolha de pelo menos dois termos – “declaração” e “terremoto”. A palavra “declaração” nos orienta a ver uma marca específica que incide sobre como o conteúdo será direcionado. O termo indica que o papa fez uma declaração sobre o assunto, como se o dizer em si fosse isolado ou uma declaração feita no documentário. Contudo, se trata de uma resposta a uma entrevista, cujo conteúdo foi utilizado pelo produtor do filme. Considerando que o significado da palavra em si, e o peso significativo que ela tem no contexto católico, o jornalismo usou desse *jogo de sentido* justamente para gerar um impacto reforçador do sentido pretendido, que, a partir dos indícios, potencializou a reverberação do processo interacional, assim como direcionou os atravessamos que o caso teria. Nesta materialidade, há, ainda, o destaque para o uso das duas palavras por uma jornalista especialista no que diz respeito ao Vaticano e Igreja Católica, já que por muitos anos foi correspondente da TV Globo na Itália, Vaticano e região, tendo como base a capital Roma.

Na reportagem em vídeo, Ilze Scamparini sinaliza que a fala de Francisco foi usada no documentário, mas foi realizada um ano antes em um canal de TV mexicano, e que inclusive, quando foi ao ar na ocasião, essa fala polêmica foi cortada. Para dar conta dessa evidência, o Fantástico faz uma comparação entre o vídeo transmitido na TV mexicana e o trecho do documentário. Na reportagem, a jornalista explica que o Vaticano foi procurado, mas se recusou a contar quem havia censurado o trecho polêmico anteriormente.

Figura 16 – Frame comparativo na reportagem do Fantástico



Fonte: Fantástico.

Na mesma reportagem o Fantástico retoma a frase dita pelo Papa Francisco no avião, em 2013, que também reverberou o dizer: “quem sou eu para julgar?”, quando, pela primeira vez, Francisco falou sobre a temática dos homossexuais. O movimento que o jornalismo faz nessa matéria – também observado em outros veículos – é de fazer uma linha do tempo das vezes em que os pronunciamentos do Papa geraram tal repercussão.

Recuperando os efeitos de 2013, o Fantástico explica que a “declaração” atual é histórica, ratificando que esta superou a anterior. Considerando que o Fantástico é caracterizado por um veículo jornalístico que produz reportagens em profundidade e cuja programação é veiculada semanalmente, em geral são materiais exibidos com exclusividade, e que não se vê no jornalismo diário, por exemplo. Por conta disso, a reportagem – com 10 minutos de duração – explora a fala do papa no documentário, e busca apresentar diferentes ângulos a partir do tema.

Um detalhe é o de elencar outros momentos em que o Papa Francisco se pronunciou sobre o assunto e, também, coletar a percepção disso na visão de vaticanistas especialistas, e da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Dentre os destaques dos conteúdos trazidos na reportagem, o especialista diz que Francisco “virou do avesso” a linha do seu antecessor, e que isso pode intensificar a guerra civil interna por que passa a instituição católica. Aqui há uma marca discursiva que direciona para uma outra questão tensa envolvendo o papa e a Igreja, que é a “guerra civil” interna. Ele nomeia o processo, ou seja, declara que há uma guerra civil em curso, e que este acontecimento tem efeito sobre o conjunto.

A CNBB se mantém cautelosa, reiterando que a lei da Igreja permanece sem modificações. Também foram consultadas pessoas que constituem uniões homoafetivas e como isso tem impacto nas leis civis. Ou seja, o gesto de humanidade do papa acrescenta uma esperança aos fiéis católicos, pois mesmo sem mudar a lei interna já se tem um discurso humanitário, sem condenações duras.

Fazendo parte da primeira dinâmica de circulação, identificamos uma interação na publicação do Portal Terra que se dedica exclusivamente a abordar como os grupos LGBTQIA+ brasileiros fazem movimentos de entrada na Igreja Católica. Conforme linha de apoio da matéria, o site destaca que esses grupos vêm as falas do Papa Francisco como uma ajuda para “reduzir a intolerância; eles vêm conquistando espaço nas paróquias, mas ainda enfrentam resistência”¹⁵.

O jornalismo, neste caso particular, faz uma escuta com participantes desses grupos e nos dá pistas de que há um movimento forte entre pessoas LGBTQIA+ que são católicas e que fazem parte das atividades religiosas, e particularmente buscam essa inclusão nos rituais e atividades católicas.

Figura 17 – Trecho de relatos de grupos LGBTQIA+ na matéria do Portal Terra

Para ela, a fala recente e posicionamentos anteriores do papa Francisco ajudam na redução da intolerância. "LGBTs dentro da igreja católica sempre existiram, mas foram silenciados por muito tempo. Mas a fala não me dá certeza de que um dia pessoas LGBT poderão se casar na igreja, o que seria o meu sonho", lamenta.

Outro coletivo com proposta semelhante é o **Grupo Diversidade**, anteriormente conhecido como Pastoral da Diversidade Sexual, de Belo Horizonte, que tem um foco no apoio à população transgênero e travesti que mora no entorno da Paróquia São Francisco das Chagas. "Estávamos inquietos com essa realidade. Algumas vinham na paróquia quando uma morria, queriam a presença do padre", afirma um dos coordenadores do grupo, criado em 2017, o professor Felipe Marcelino, de 30 anos.

Segundo ele, a paróquia tem um número expressivo de frequentadores gays, cuja orientação sexual é conhecida no local. "Toda paróquia tem pessoas LGBTs, gays, lésbicas. As comunidades toleram, mas isso não é discutido", comenta. "Todo mundo na paróquia sabia que eu era gay, mas ninguém dizia, era uma coisa velada. A gente trabalha muito a questão de como inserir o debate da diversidade sexual e de gênero dentro de igreja."

¹⁵ Linha de apoio observada na matéria do Portal Terra, disponível em: <https://bit.ly/42YqqYc>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Fonte: Portal Terra¹⁶.

Um dos participantes comenta de como o simbólico está em jogo nesse debate entre grupos LGBTQIA+ e a Igreja Católica. Além de impactar emocional e psicologicamente na vida dessas pessoas, ele sinaliza sobre a representatividade comunicativa das palavras do Papa, quando diz: “É um avanço, uma fala impactante, toca no assunto com tranquilidade, sem tabu. E ele sabe do peso que a palavra dele tem”. Outro participante reforça essa representatividade simbólica daquilo que o papa diz e faz: “É um degrau a mais, não deixa de ser uma conquista, tardia” [...]. “Infelizmente, a gente precisa de chancelas para que possam entender e ver que as coisas evoluem, o que era velado deixa de ser”.

É importante observarmos nesse grande debate, que mesmo as pessoas conhecendo as restrições, elas provocam o debate de que a instituição precisa se abrir, porque as pessoas estão lá. Nessa perspectiva, quando os relatos dos participantes indicam que os religiosos participam de forma velada nas atividades dos grupos, ou até mesmo silenciam essa questão, é uma tentativa interna de conter a experimentação.

Aqui podemos observar como a representatividade comunicativa do papa mobiliza um debate mais amplo. Inclusive, podemos inferir que, mesmo fazendo parte de um contexto específico, quando o Papa Francisco fala sobre o casamento homossexual, mesmo na esfera civil, ele abre espaço para esse debate, ele não silencia sobre. Considerando que tenha dimensão do quanto suas expressões comunicativas representam, ao longo do seu pontificado ele seguiu fazendo comentários de abertura, acolhimento e também de chamar a sociedade em geral para pensar e debater sobre. Essa representatividade comunicativa simbólica, quando posta em circulação vai acionando interações agonísticas, que também mobilizam que o sistema religioso entre em disputa. Entre as afetações dos movimentos entre sistemas, conseguimos identificar que, aos poucos, vai havendo uma alteração nas lógicas internas da Igreja Católica. Por exemplo, por muito tempo o tema da homossexualidade era silenciado pela, e com o Papa Francisco essa discussão ganha outro significado, agora já de abertura e concretização do discurso através de alguns atos isolados, como por exemplo, o batizado de filhos adotivos de casal homossexual, autorização aos padres para abençoar uniões entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo ainda não sendo equiparado e permitido legalizar religiosamente essas uniões, são lógicas disruptivas que alteram o funcionamento tradicional do sistema.

Há um movimento social por parte do público homossexual que quer participar dos rituais católicos que questiona e leva o debate até os círculos internos religiosos. Por vezes há

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/42YqqYc>. Acesso em: 10 dez. 2020.

tentativas de silenciamento, que podemos entender como uma tentativa de conter as afetações. Porém, de outro lado, temos o líder principal da instituição abrindo as portas para esse debate, e ainda devolvendo a questão à sociedade. Há uma espécie de dualidade na representatividade simbólica dos dizeres do Papa. Primeiro, a Igreja Católica é mobilizada a participar do debate, então o papa fala abertamente sobre, mas na incapacidade de poder fazer grandes mudanças vai aos poucos dando abertura a partir do discurso e algumas ações de exceção isoladas. Ao mesmo tempo, diante dessa incapacidade de alteração, aciona a sociedade para olhar com mais cuidado para essas questões, justamente porque mesmo sendo líder de uma instituição religiosa, sua representatividade comunicativa é simbólica ao se dirigir à sociedade em geral. E é desse movimento social fortalecido que vai fazendo movimentos de ruptura das barreiras que a Igreja é impelida a modificar-se para acolher.

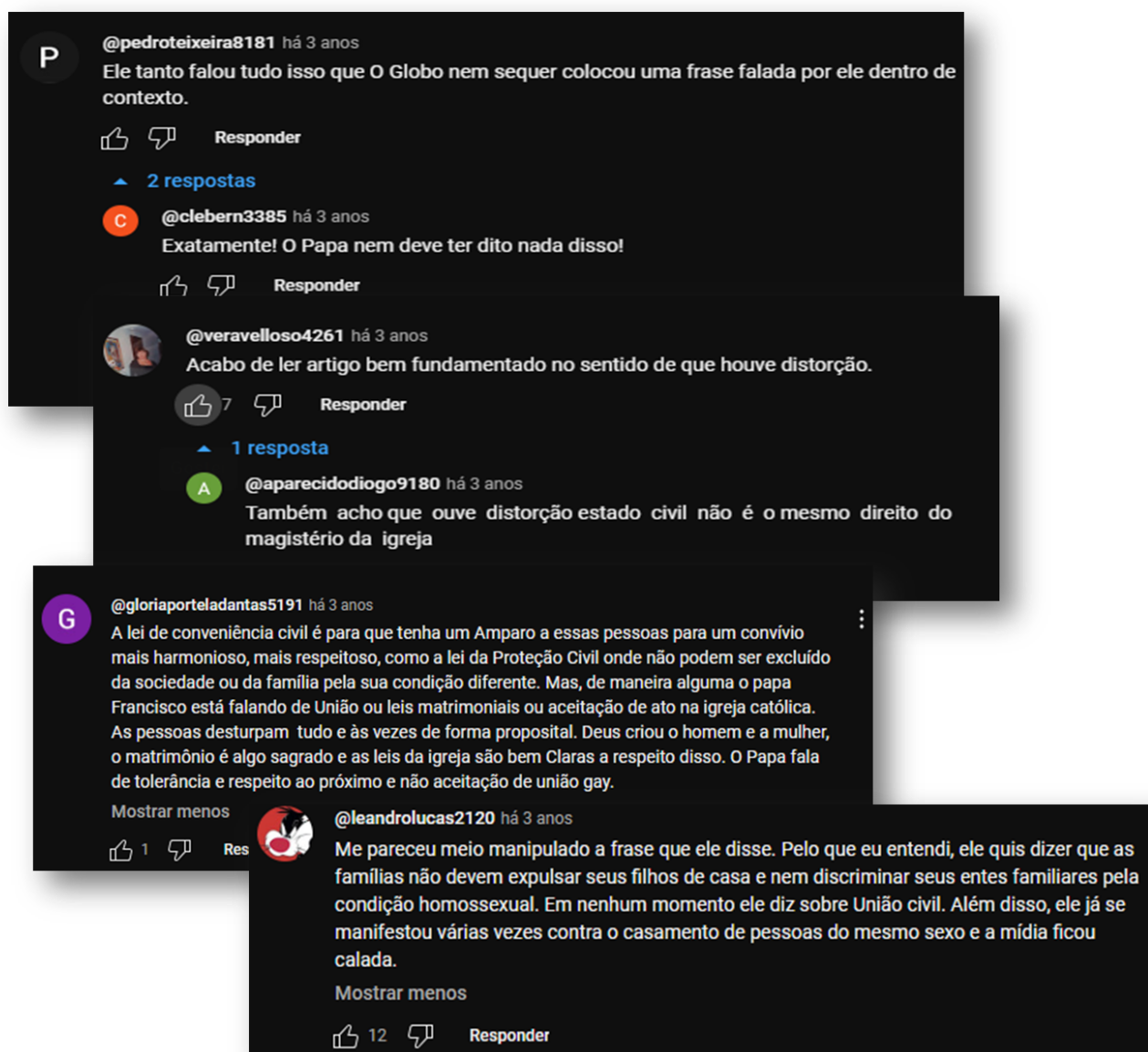
O movimento dos participantes desses grupos refuta a máxima de se as pessoas conhecem os fundamentos da instituição e reconhecem que não são aceitos, não deveriam insistir, apenas respeitar a decisão de uma instituição. Com base nos relatos do texto, identificamos que apesar de a Igreja estar fechada à exercer os mesmos procedimentos para os grupos LGBT, como casamento e outros sacramentos, a religião é algo que toca o sensível, o pessoal, e por isso esses desejos expressam a necessidade de participação. Outro aspecto que entra em evidência é quando o ator social comenta que “as comunidades toleram, mas isso não é discutido”. Essa fala está diretamente conectada com as aberturas da Igreja mencionadas acima. Ao invés do silêncio tradicional, o Papa Francisco faz aberturas e modifica algumas práticas isoladas. Distante da perspectiva de que a doutrina seja alterada, ainda assim são mudanças bem significativas.

*

Os atores sociais, cujas interações observamos em comentários dos sites de notícias, redes sociais e Youtube dos materiais coletados, acionam um debate intersistêmico identificando desvios na apropriação do discurso pelo jornalismo. Isso acontece em outubro de 2020, com o andamento da dinâmica da circulação. Esse debate entre os atores sociais que vai além das amplas dicotomias – de aceitação e negação às palavras do Papa Francisco – ou seja, os participantes pertencentes ou implicados pelo sistema religioso questionam o campo jornalístico sobre a forma de divulgação e reverberação dos dizeres do Papa. Esse movimento é percebido no momento da transição das dinâmicas do Caso 1, que acontece depois de já ter havido uma dispersão interacional polemizada sobre os dizeres do Papa no documentário – os

atores (Figura 18) acionam uma tentativa de esclarecimento sobre o significado da resposta de Francisco e, ao mesmo tempo, indicando o jornalismo como responsável pela forma como os sentidos foram “tirados de contexto”, como expresso nos comentários abaixo:

Figura 18 – Atores sociais debatem sobre a apropriação do discurso jornalístico sobre os dizeres do Papa Francisco – parte 1



Fonte: O Globo e Uol¹⁷.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3TaZe52>; <https://www.youtube.com/watch?v=NBf6Gp2Vx94> & ab_channel=UOL. Acesso em: 20 nov. 2023.

A crítica dos atores sociais dirigida ao jornalismo faz uma ponte entre as duas primeiras dinâmicas de circulação do Caso 1 – a reverberação do dizer do Papa no ambiente midiático (out./2020) e a divulgação da nota oficial do Vaticano após as polêmicas geradas (2 nov. 2020).

Ainda na primeira dinâmica do caso, quando os veículos estavam noticiando que o Papa Francisco apoiava a união civil de homossexuais, os atores sociais se manifestam dizendo que há um equívoco de interpretação da mídia, mencionando que os dizeres do Papa foram tirados de contexto, ou que “houve distorção”. Esses comentários indicam que os atores sociais que acionam essa crítica ao jornalismo, possivelmente possuem certo vínculo com o sistema religioso, mais especificamente da Igreja Católica, porque utilizam argumentos normativos à instituição para distinguirem sobre as especificidades do que seria uma união civil e um casamento pelo regulamento católico.

Considerando o entendimento da distinção das duas situações perante a Igreja Católica, os atores sociais são irritados/afetados pela amplificação e reverberação do discurso jornalístico, que opta por levar adiante uma informação baseada numa frase de efeito, que claramente impacta em uma crise interna à instituição e aos participantes que se sentem parte desse sistema. Os atores sociais em interação começam a dar os primeiros sinais do diagnóstico desse movimento de afetação, originado do modo de dizer sobre um acontecimento.

Como mencionado, a tentativa de esclarecimentos dos atores sociais implicados no processo agonístico entre os sistemas faz a conexão entre as duas dinâmicas do caso – a reverberação da “distorção do sentido” dos dizeres do Papa Francisco e a nota oficial do Vaticano em resposta a essa reverberação, que acontece 12 dias após.

As interações dos participantes são observadas nos materiais que estavam em circulação na primeira dinâmica, de reverberação do acontecimento, assim como nas matérias que são publicadas pelo jornalismo após o Vaticano ter emitido uma nota oficial (Figura 18). Primeiro, vamos entender como o jornalismo passou a noticiar e abordar o movimento de explicação do Vaticano, e depois observamos a continuidade da abordagem dos atores sociais.

A pauta dos textos jornalísticos é a resposta da Igreja¹⁸ dizendo que a fala do Papa Francisco foi tirada de contexto, e que originalmente ela foi resposta a duas perguntas diferentes, ou seja, indicando que o jornalismo se apropria apenas da resposta sem entender o

¹⁸ Não tivemos acesso à nota, pois foi divulgada em círculos restritos da Igreja, logo após a questão ter sido transformada em um acontecimento. Conforme informações dos meios de comunicação brasileiros consultados, a nota foi divulgada pelo biógrafo papal, Austen Ivereigh, que a publicou, e depois foi confirmada pelo embaixador do Vaticano, no México. Informações disponíveis em: <https://bit.ly/3tJPhBz>. Acesso em: 10 nov. 2020.

contexto e nem sobre o que o pontífice respondia. Nos recortes da Figura 19 observamos as principais manchetes dos sites de notícias falando sobre a nota.

Figura 19 – Recortes de como o sistema jornalístico retoma à pauta, após nota oficial do Vaticano



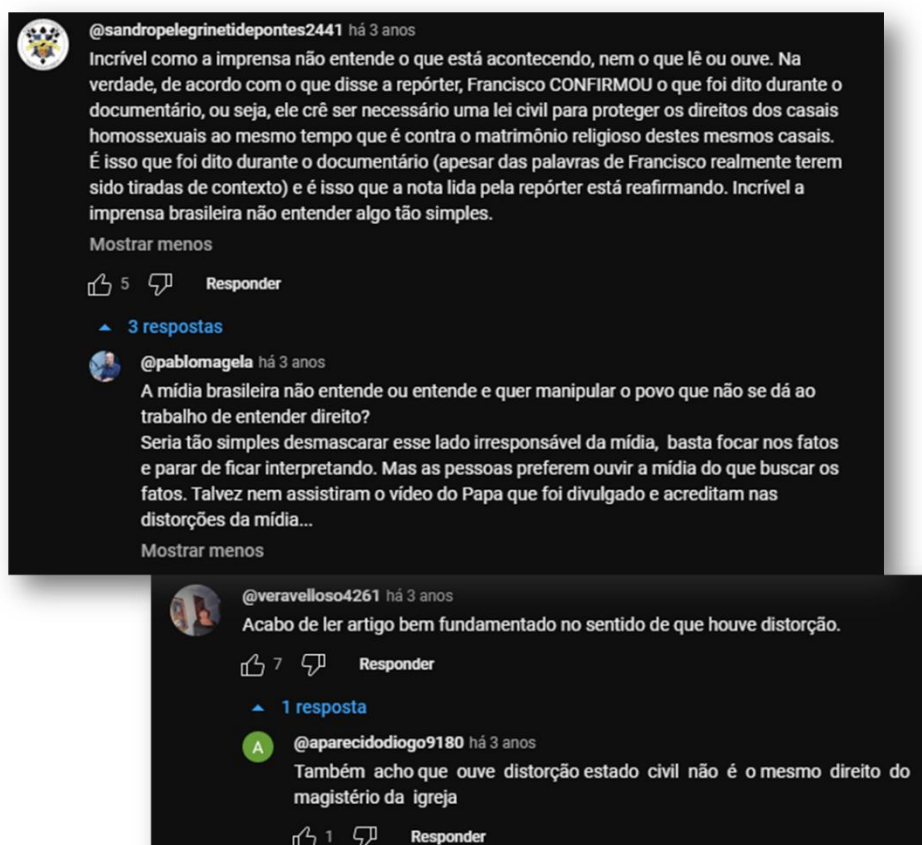
Fonte: CNN, O Globo, Portal G1 (Facebook)¹⁹.

Como vimos, o movimento dos atores sociais que questiona sobre o sentido levado a circular pelo jornalismo acontece ainda na primeira dinâmica, mas ganha reforço e continuidade após a publicação das notícias cuja pauta era a justificativa do Vaticano. A intervenção dos atores sociais é observada tanto em comentários das matérias publicadas nos sites como nas reportagens em vídeo publicadas pelas emissoras no Youtube.

Na Figura 18 observamos as interações iniciadas na dinâmica anterior, e na Figura 20, os argumentos dos atores sociais se voltam, especificamente, ao debate das operações do jornalismo.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3wlc1ZE>; <https://oglobo.globo.com/brasil/vaticano-diz-que-fala-do-papa-sobre-união-de-homossexuais-foi-tirada-de-contexto-24724884>; <https://www.facebook.com/g1/posts/4579450182107031>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Figura 20 – Atores sociais debatem sobre a apropriação do discurso jornalístico sobre os dizeres do Papa Francisco – parte 2



Fonte: Youtube O Blog e Youtube CNN²⁰.

Na sequência do circuito, os atores sociais utilizam o Youtube para expressar sua opinião, considerando que alguns sites não abrem espaço para comentários do texto. Uma lógica observada foi de que, mesmo os sites que mantêm o espaço para comentários, o teor das discussões dos mesmos conteúdos no Youtube é mais voltado a um debate diversificado. Quer dizer, as interações naquele espaço, aparentemente, dão vazão à expressividade interacional mais livre.

Alguns comentários de atores sociais na página do G1 no Facebook estão alinhados a essa discussão. Nas imagens abaixo podemos observar dois detalhes significativos: o número de respostas que um único comentário gera – nas duas imagens as respostas são debatidas intensamente (levando em consideração que esses comentários são um fragmento dos 24 mil comentários da postagem do G1), e chama a atenção pela quantidade de reações e respostas em

²⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ydmOTsw6nSI&ab_channel=JornalOGlobo; https://www.youtube.com/watch?v=etjLmk8osvs&ab_channel=CNBRasil. Acesso em: 20 nov. 2023.

cada um dos comentários; outra observação está no gabarito das discussões dos comentários: os atores sociais trazem à tona justamente a distinção entre união civil e casamento religioso, além de contradições opinativas em relação ao papa e seu posicionamento.

Figura 21 – Comentários em postagem do G1 no Facebook



Fonte: G1 – Facebook²¹.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/2WWo2jb>.

Figura 22 – Matéria e comentários do G1 no Facebook



Fonte: Facebook G1²².

A partir do pronunciamento da Igreja, os atores sociais se manifestaram de maneira bastante distintas, mas sobretudo tecendo críticas ao jornalismo, chamando de sensacionalista. Aqui se “enquadram” nos dizeres esclarecedores da instituição, e ao mesmo tempo fazem a análise do que o papa falou, separando o seu dizer daquilo que é a normativa da Igreja. Em contrapartida, há os comentários que criticam a não evolução das leis da Igreja Católica, e aquele que vai entender que a importância está em ter o direito garantido por lei e que a participação da Igreja nisso seria uma problemática secundária. Há uma tentativa de “blindar”

²² Disponível em: <https://bit.ly/3nWcYyu>. Acesso em: 20 abr. 2021.

o papa, indicando que ele está certo, mas sem questionar a Igreja, e isso nos remete a observar uma jogada para definir quem, de fato, está agenciando o debate, e enquanto acontece, essa processualidade vai atribuindo valor à circulação.

*

Três anos depois do tema “união civil de homossexuais” ter sido palco de extensa agonística, e em meados de encaminhamentos finais do período da tese, uma nova repercussão envolvendo o tema e o Papa Francisco entra em jogo. Optamos por dar sequência ao caso não por se tratar de mesma temática, mas pelas conexões interacionais observadas, além de lógicas específicas relacionadas ao problema e objetivos da pesquisa, assim denominando a quarta dinâmica do Caso 1.

Em dezembro de 2023 o Vaticano anunciou uma mudança significativa em sua abordagem para com casais do mesmo sexo e casais considerados irregulares pela Igreja, autorizando, pela primeira vez, que recebam bênçãos não litúrgicas. Embora não altere a doutrina do casamento na Igreja Católica, tal medida marca uma ruptura além do discurso de acolhida, aliás uma modificação propriamente dita das normativas internas do sistema católico. A decisão foi divulgada em documento pelo Dicastério para Doutrina da Fé, e aprovado pelo Papa Francisco. Conforme as materialidades consultadas, o contexto em que o documento é aprovado está relacionado com as tensões internas na Igreja Católica, especialmente da ala conservadora dos Estados Unidos. Em outubro de 2023, um grupo de cinco cardeais conservadores fizeram um pedido público ao papa para que reafirmasse a doutrina católica sobre casais homossexuais. A declaração do Vaticano, publicada em 18 de dezembro de 2023, aconteceu seis semanas após ter sido concluída a primeira etapa do Sínodo dos Bispos sobre o futuro da Igreja Católica, em que questões desse teor foram discutidas.

Figura 23 – Compilado de manchetes sobre a pauta de bênção a casais homossexuais



Fonte: O Globo; GloboNews; CNN; Folha de São Paulo²³.

Conforme publicação dos veículos de notícia sobre esta pauta, desde o início do processo de circulação havia o esclarecimento de que as bênçãos aos casais homossexuais foram liberadas, mas em formato não ritualizado, ou seja, bênçãos pastorais, fazendo a devida distinção entre o ato aceito e a formalização da união nos termos da Igreja. Tal decisão dá respaldo e legitimação sobre a conduta de Francisco desde o início do seu pontificado, que sempre foi de provocar uma reflexão mais pastoral, de uma Igreja mais acolhedora. Assim como boa parte de suas decisões e dizeres disruptivos, esta medida gerou reações diversas, sendo vista como um avanço significativo por alguns, especialmente na comunidade LGBTQIA+, enquanto abertura para intensificar a oposição de setores mais conservadores dentro da Igreja.

A principal inferência desta dinâmica está diretamente relacionada ao que origina a primeira. Aqui, a expressão “declaração” é usada pelo Vaticano, sinalizando o verdadeiro sentido que ela tem quando se trata de Igreja Católica, de algo oficial, anúncio ou proclamação. Quer dizer, quando o termo é usado pela instituição significa dizer que é algo sério e de grande importância. A conexão com o dizer de 2020 no documentário é reforçada pelo Vaticano quando um dos textos menciona o caso, e reafirma o posicionamento de Francisco quanto à pauta do acolhimento às pessoas dos grupos LGBTQIA+ na Igreja.

²³ Disponível em: <https://bit.ly/3SZz04q>; <https://bit.ly/3ww5oUD>; <https://bit.ly/4bOsDJG>; <https://bit.ly/3URt8wm>. Acesso em: 10 jan. 2024.

O circuito iniciado em 2020 é levado adiante e que vai ganhando força simbólica, porque a cada novo dizer do Papa nesta direção, o primeiro ponto significativo é retomado no discurso. E ao observarmos a própria instituição fazer isso, nos dá a ver uma confirmação da representatividade comunicativa de Francisco, porque agora não é o jornalismo que está convocando a Igreja Católica à circulação, mas o oposto.

Figura 24 – Parte das publicações feita pelo Vaticano sobre bênção de casais homossexuais



Fonte: Vatican News²⁴.

Conforme Figura 24, nesta sequência do circuito observamos um volume significativo de textos publicados pelo site oficial do Vaticano, o Vatican News. Em contraste, em outubro de 2020 a repercussão das “declarações” de Francisco no documentário não foi registrada nos meios oficiais da Igreja, sendo encontrada apenas em veículos de comunicação tradicionais. Uma simples nota foi divulgada na época, a qual não encontramos registros senão pelos enunciados dos sites de notícia. No entanto, na declaração de dezembro de 2023 há uma profusão de publicações sobre o assunto, desde o momento em que o anúncio foi feito até o Vaticano emitir um novo documento para esclarecer o anterior, numa tentativa de dissipar quaisquer mal-entendidos.

²⁴ Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt.html>. Acesso em 20 jan. 2024.

Há uma lógica de dupla afetação observada nesta etapa. Primeiro, que a bênção à união de casais homossexuais já havia sido proibida pelo Papa Francisco em 2021, e em 2023, há uma declaração que reforça a decisão anterior de não permitir ou abençoar a união de pessoas homoafetivas. Porém, modifica a forma de discurso e ainda abre para uma possibilidade “intermediária”, que é a bênção para as pessoas em relação homoafetiva, mas fora do ritual religioso do casamento. Isso quer dizer que a Igreja não admite a administração do Sacramento do Matrimônio para casais em relação homoafetiva, mas não nega em dar a bênção para esses mesmos casais. O cuidado destacado aqui é em “simular” o sacramento com a bênção.

A segunda face da afetação está na forma de comunicar de tal decisão, em que aparentemente há uma proposta expressiva em dizê-la. Quer dizer, enquanto o tema foi levantado na esfera civil, no dizer do documentário em 2020, o Vaticano não se pronunciou publicamente em suas plataformas de comunicação, e neste último episódio há uma escolha em fazer isso de maneira enfática e abrangente. É como se a instituição desejasse o endosso da temática no espaço social e midiático, e não mais a tentativa de regulação ou de contenção do debate, como ocorreu na primeira situação. Mesmo que a iniciativa tenha necessitado de mais esclarecimentos do Vaticano, isso foi feito de forma aberta, nos permitindo duas inferências: a de a própria instituição publicar em primeira mão para “estancar” a polêmica que previsivelmente viria, e até antecipando-a, mas direcionando a circulação com o sentido pretendido pela Igreja; ou, de outra forma, por se tratar de um caso que é desviante da norma ou do que é considerado um procedimento/ação comum da Igreja, a Igreja Católica desejou mostrar ao mundo como é aberta, inclusiva a partir de tal decisão emblemática. Isto é, partiu da instituição o intuito de levar adiante a novidade.

Esta decisão é apresentada como um esforço para ampliar a inclusão e a misericórdia dentro da Igreja, refletindo a visão pastoral do Papa Francisco de uma Igreja mais acolhedora. Ao mesmo tempo, a medida gerou reações diversas, sendo vista como um avanço significativo por alguns, especialmente na comunidade LGBTQIA+, enquanto poderia intensificar a oposição de setores mais conservadores dentro da Igreja. Este movimento segue a linha de outros gestos de Francisco em direção à inclusão da comunidade LGBTQIA+, como quando ele endossou a proteção legal para uniões homoafetivas na esfera civil e se pronunciou contra a criminalização da homossexualidade, destacando a importância de distinguir entre “pecado” e “crime” e reiterando seu apoio ao acolhimento de pessoas LGBTQIA+ na Igreja.

Figura 25 – Explicação sobre a declaração que aprova bênção a casais irregulares

2. Recepção prática

Alguns Bispos, todavia, exprimem-se em modo particular a respeito de um aspecto prático: as possíveis bênções de casais em situação irregular: A Declaração contém a proposta de breves e simples bênções pastorais (não litúrgicas, nem ritualizadas) de casais irregulares (não das uniões), sublinhando que se trata de bênções sem forma litúrgica, que não aprovam nem justificam a situação em que se encontram essas pessoas.

Os documentos do Dicastério para a Doutrina da Fé, como *Fiducia supplicans*, podem requerer, nos seus aspectos práticos, mais ou menos tempo para a sua aplicação, segundo os contextos locais e o discernimento de cada Bispo diocesano com a sua Diocese. Em alguns lugares não existem dificuldades para uma aplicação imediata, em outros há a necessidade de não inovar nada enquanto se toma todo o tempo necessário para a leitura e a interpretação.

LEIA TAMBÉM



18/12/2023

Um coração de pastor que nunca fecha a porta

Fonte: Vatican News²⁵.

Além de a própria Igreja Católica reconhecer as tensões que o assunto causou, nesta dinâmica de 2023 observamos uma lógica disruptiva, a tal ponto de o site oficial abordar os contrassensos internos, como no texto “Igrejas africanas: em comunhão com o Papa, mas abençoar casais homossexuais escandaliza”, publicado 11 de janeiro de 2024²⁶.

No texto, as resistências internas à declaração são oriundas da África, em que o cardeal Fridolin Ambongo Besungu, representando o Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagascar (Secam), expressou que a implementação de tais bênções extralitúrgicas propostas poderiam levar a escândalos no continente africano, onde a moral católica e as normas culturais se chocam com a aceitação de uniões homossexuais. Ambongo destaca que, apesar das diretrizes do Vaticano, a decisão final sobre a concessão destas bênções ficará a critério de cada bispo em sua diocese, ressaltando o "apego inabalável" ao Papa e a continuidade da doutrina da Igreja sobre matrimônio e sexualidade.

Inferencialmente, há uma legitimação do simbolismo que o cargo de papa representa para quem está interno à instituição religiosa, e o cardeal destaca isso quando diz do “apego inabalável” ao papa. Porém, mesmo tendo isso em vista, há uma justificativa em dizer que

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/49OCEog>. Acesso em: 15 jan. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3wuKDIQ>. Acesso em 15 jan. 2024.

mesmo tendo esse vínculo representativo ao papa, o líder religioso evidencia o aspecto de tensão, conforme características particulares no continente africano.

Ao pesquisar materialidades que evidenciassem as afetações da declaração do Papa Francisco, nos deparamos com uma, em particular, de uma liderança religiosa de outra vertente, que se pronuncia e manifesta incisivamente contrário ao Papa Francisco. Silas Malafaia, pastor protestante neopentecostal brasileiro, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo se expressa publicamente em seu canal do Youtube, dando a seguinte opinião “O papa é hipócrita e envergonha os católicos”. O vídeo foi publicado no dia 19 de dezembro de 2023, dia seguinte após o anúncio da declaração sobre bênção de casais irregulares. Até o momento de captura de materiais do caso, o vídeo possuía 133.843 visualizações, e 2.942 comentários.

Silas Malafaia, ocupando um lugar de líder em uma instituição religiosa cristã, se vê afetado por tal agonística. Nesse caso, o pastor protestante não faz parte do círculo da Igreja Católica, não é um participante do sistema do jornalismo, mas de outra instituição, que em tese não teria relação nenhuma com o catolicismo.

Nos comentários ao vídeo no Youtube essa presença de participantes católicos carrega um debate na esfera simbólica, também de representatividade comunicativa. O movimento inverso também é encontrado em interações envolvendo o Papa Francisco, quando pessoas que se designam de outras religiões ou até mesmo agnósticas expressam admiração ou antagonismo em relação aos seus dizeres e ações. Isso implica inferir que há uma evidência de representatividade comunicativa simbólica em lideranças religiosas, especialmente quando o lugar, posição ou função que ocupam também potencializam essa perspectiva, como é o caso tanto de Silas Malafaia quanto do Papa Francisco.

Figura 26 – Comentários no vídeo do Pastor Silas Malafaia

 **@JaquelineDeJesus-gz4jp** há 2 meses
Sou católica mas te admiro pastor vc sempre fala movido pelo espírito santo. Obrigado por sua opinião
👍 13 💬 Responder
▼ 3 respostas

 **@rahamim7143** há 2 meses
Como Católico Apostólico Romano agradeço sua exortação. Parabéns Pastor
👍 182 💬 Responder
▲ 10 respostas

 **@PrAteviSilva** há 2 meses
Que bom que vc tem esse entendimento o pastor Silas não está atacando o papa mais verdade tem que ser dita
👍 10 💬 Responder

 **@sebastiaoimbradealmeida825** há 2 meses
Como Católico Apostólico Romano você deveria primeiro estudar os documentos de nossa Igreja.
Uma simples leitura do documento que o Papa divulgou é suficiente para concluir quer Malafaia não leu o documento e está julgando sem ter conhecimento....
Ler mais
👍 7 💬 Responder

 **@franciscoisidoropessoaajuni5968** há 2 meses
Sou católico, apostólico, romano estou com muito triste e decepcionado com essa notícia. Não vou desistir pq a igreja é de Jesus Cristo e não desses hereges. Saúde,paz e bênçãos pastor Malafaia. 🙏🙏 BRILARUS 👍
👍 10 💬 Responder
▲ 2 respostas

 **@JosePereira-hi1mt** há 2 meses
Ele disse para abençoar não amaldiçoar, mas se prefere amaldiçoar vai frequentar a igreja do malafaia você está na igreja errada.
👍 2 💬 Responder

 **@fumacasbs8014** há 1 mês
@JosePereira-hi1mt também acho que. A igreja católica não é ele. Ridículo essa gente que mistura nossa religião com politicagem.
👍 💬 Responder

 **@Nilcaprosperidade520** há 2 meses (editado)
Sou católica e se vê o padre da minha paróquia fazer essa prática bizarra procuro outra. Obrigada pastor!
👍 12 💬 Responder

Fonte: Canal Silas Malafaia Oficial²⁷.

²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3uLSXn3>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Na própria afetação entre os sistemas religiosos, as interações dos atores sociais evocam outro debate sistêmico, quando um dos atores sociais comenta que o pastor não deveria misturar a religião dos católicos com politicagem.

Considerando os conhecimentos gerais e de pesquisas pontuais sobre o líder protestante, Silas é pastor evangélico, influente e defensor da fé cristã, largamente conhecido por sua presença significativa na mídia, o que o coloca em contato com um público numeroso em suas mensagens. Sua atuação também adentra na esfera política, a partir do apoio a candidatos políticos que compartilham de seus valores conservadores. De certa maneira, isso o torna uma figura polarizadora no debate público. Suas posições firmes em questões sociais e políticas, especialmente sobre temas controversos como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e o aborto, geram admiração entre seguidores que compartilham de suas crenças, mas também provocam críticas e oposição de grupos progressistas.

No vídeo, o pastor utiliza uma argumentação ancorada em dizeres bíblicos, interconectados com exemplos da vida prática para reforçar a crítica de que a bênção de casais homossexuais é pecaminosa e contrária aos preceitos da Bíblia. A frase mais contundente e que está enfatizando a autorização do Papa Francisco é quando o pastor diz: “Aprenda: Abençoar pessoas é uma coisa, abençoar práticas pecaminosas é outra bem diferente”. Existe uma agonística interpretativa nesse discurso, já que mesmo a Igreja Católica explicou e reiterou diversas vezes ao longo do estopim do caso, que o que estava sendo aprovado não era a união homossexual, e sim a bênção para todas as pessoas de forma igualitária, e isso inclui pessoas em casamentos considerados irregulares pelo catolicismo. Aliás, em sua fala, o pastor faz a crítica em tom de cobrança para que a Igreja permaneça em seus dogmas e se feche para mudanças como esta. Ao invés de incentivar a abertura, condena, baseado na doutrina que esse tipo de ação seria um incentivo ao pecado. Contudo, o curioso é que a ideia do que é a bênção acaba se perdendo no debate.

Quando o Papa Francisco autoriza essa prática pastoral, ele abre frente a uma prática disruptiva, porque até então, muitos dos dizeres sobre os grupos LGBTQIA+ eram focados no discurso de inclusão, e agora há uma modificação da prática do discurso. Ou seja, antes o papa pediu para que esses grupos fossem respeitados e acolhidos, agora o papa mostra esse “respeito e acolhida” na prática. Não há modificação na doutrina, mas na forma de abordagem, de acolhimento e tratamento com essas pessoas, e isso é disruptivo. A tal ponto que, além de acionar um debate interno que movimenta e coloca o sistema religioso a interagir ao redor do mundo, também aciona outros sistemas religiosos a participarem da agonística processual. Dessa maneira, essas ações do Papa geram um tensionamento da norma católica, mesmo que

ela não tenha sido alterada, mas também repercutem e reverberam para além do estabelecimento de posições internas. Esse fazer experimental faz com que o relacionamento e o posicionamento da Igreja Católica com a sociedade sejam reconfigurados de maneira histórica.

A partir desse recorte de materialidades é possível observar a diversidade de lógicas interacionais, seja por parte do jornalismo, da forma de comunicação do Papa ou dos atores sociais. Pensando a que lado pertence cada uma das vozes desses discursos, conseguimos perceber sobreposições e atravessamentos de campos, de sistemas e setores, e a forma como os indícios são percebidos nos indicam determinadas relações. Identificamos operações dos atores sociais, da Igreja Católica, do Papa. Este, mesmo silencioso, é posto a falar por outras vozes, construindo uma relação de disputas intersistêmicas.

7 CASO 2 – SÍNODO DA SINODALIDADE

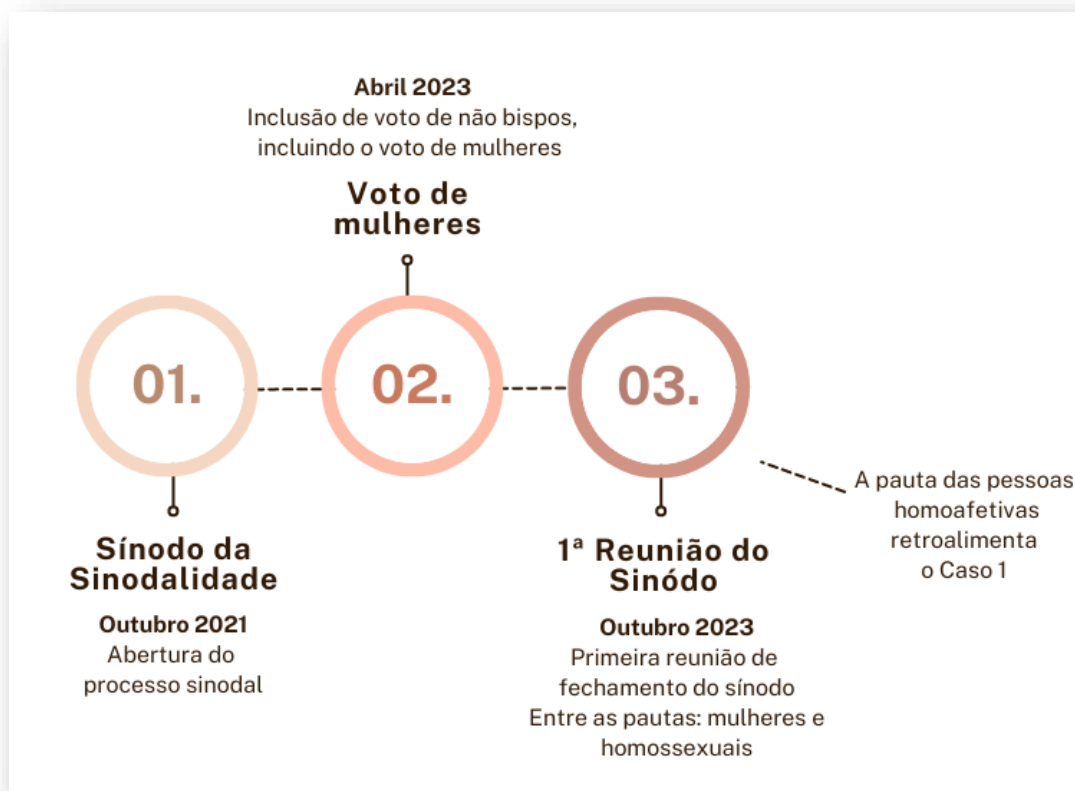
7.1 APRESENTAÇÃO DO CASO

Por conta do uso frequente da expressão “Sínodo” e “Sínodo dos Bispos”, iniciamos com a explicação do que essa prática interna à Igreja Católica significa. Sínodo dos Bispos. É uma assembleia consultiva de bispos da Igreja Católica, iniciada em 1965, pelo Papa Paulo VI, após o concílio Vaticano II. O objetivo destas reuniões é que os bispos participantes possam aconselhar o papa sobre questões específicas da fé, moral ou da disciplina eclesial. Sua estrutura se assemelha a um fórum, em que os representantes dos bispos do mundo inteiro se reúnem para discutir temas importantes para a Igreja, refletindo sobre as necessidades dos fiéis e buscando caminhos para guiar a comunidade católica em respostas aos desafios contemporâneos. O processo sinodal envolve várias etapas, desde a preparação, a celebração da assembleia sinodal no Vaticano, e a implementação das suas recomendações.

O Sínodo dos Bispos, iniciado em 2021 e previsto para terminar em outubro de 2024, é dedicado ao tema da sinodalidade, ou seja, ao caminhar juntos da Igreja. Este sínodo tem como propósito refletir sobre o modo de ser da própria instituição, e para isso o Papa Francisco convocou um processo inédito de escuta aos fiéis, na fase preparatória. Diferente de sínodos anteriores, o atual destaca-se pelo seu processo extenso e inclusivo, iniciando com um diálogo aberto nas dioceses (Igrejas locais) ao redor do mundo, seguido por uma síntese dessas conversas em nível continental antes de chegar ao Vaticano para as sessões plenárias. Esta abordagem sublinha o desejo do Papa Francisco de ouvir a “Igreja em saída”, uma Igreja que não apenas acolhe e escuta, mas também se engaja proativamente com o mundo em suas alegrias e esperanças, dores e desafios. Este processo sinodal representa um esforço significativo para viver mais plenamente a visão do Concílio Vaticano II de uma Igreja comprometida com o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo. Mais do que caminhar juntos, a sinodalidade é um modo de governo, onde se relativiza a autoridade monárquica. O papa não governa sozinho, mas em comunhão com todos os bispos.

Para ilustrar as dinâmicas de circulação que orientam as materialidades deste caso, organizamos o diagrama, na figura abaixo.

Figura 27 – Dinâmicas da circulação – Caso 2: Sínodo da Sinodalidade



Fonte: Elaborada pela autora.

*

De modo a contextualizar a primeira dinâmica de circulação deste caso, as informações do Vaticano indicam que em maio de 2021 o Papa Francisco começou a falar sobre o Sínodo dos Bispos, previsto inicialmente para 2022 e depois passou por duas prorrogações, oficializando-se o término para outubro de 2024. Em texto divulgado no site oficial – Vatican News – o título pontua a novidade: “Sínodo 2023: escutar o povo de Deus” em junho de 2021, e já dá pistas do ineditismo do método e formato a ser realizado: “Precisamente, o conceito de processo é o método a utilizar. Algo que remete para uma ideia de movimento, o que implica gente em contacto, debate e reflexão” (Vatican News, grifo nosso, 28.06.2021)¹. A novidade em questão não era de ser um Sínodo, mas sobre o processo de sinodalidade do próximo encontro, que seria de escuta dos fiéis da Igreja, um projeto iniciado pelo Papa Francisco.

¹ Disponível em: <https://bit.ly/4327I1I>. Acesso em: 10 dez. 2021.

O texto oficial com os detalhes de como todo o processo iria acontecer foi divulgado no dia 07 de setembro, e os primeiros materiais jornalísticos sobre essa pauta datam de início de outubro, considerando que foi o mês que marcou a primeira fase do processo sinodal.

A primeira dinâmica deste caso começa em outubro de 2021, período em que o Papa Francisco deu início ao processo da sinodalidade, com a primeira fase de escuta. O objetivo de tal decisão é de que a maioria dos católicos do mundo sejam ouvidos sobre o futuro da Igreja, cujos núcleos temáticos divulgados pelo Vaticano envolvem aspectos de inclusão, diálogo, e especialmente de como as decisões da Igreja são tomadas. Ou seja, a proposta expressiva do Papa foi abrir uma autoanálise com base na escuta externa, e não só de seus participantes internos como tradicionalmente é estabelecido.

Os acontecimentos temporais que envolvem esse caso iniciam na segunda metade de 2021 com previsão de encaminhamentos finais para outubro de 2024. Não podendo abarcar a totalidade das operações de circulação de todo o período, o recorte da realidade escolhido se dá sobre três dinâmicas de circulação: 1) abertura oficial do processo de sinodalidade pelo Papa Francisco (out. 2021); 2) a decisão de que o Sínodo teria a participação e votação de mulheres, também considerado inédito na história da Igreja Católica (abr. 2023); e 3) primeira reunião de fechamento do sínodo (ou. 2023), em que a pauta sobre o voto das mulheres é retomada. Dessa forma, os materiais foram coletados seguindo os movimentos da circulação, para captar aquilo que a problemática e os objetivos da pesquisa nos convocam. Além disso, o mais importante é observar a processualidade do caso do que dar conta de sua completude.

O Caso 2 tem sua particularidade muito próxima das especificidades internas à Igreja Católica, com nomenclaturas próprias² e, sobretudo, uma temporalidade de acontecimentos constantes de pelo menos três anos. Destacando nosso recorte, elaboramos um desenho com as dinâmicas escolhidas para a análise.

7.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 2

O Caso 2 destaca um movimento interno e disruptivo da Igreja Católica, novamente impulsionado pela principal característica do Papa Francisco de ser um líder reformador. As inferências do Sínodo da Sinodalidade indicam uma processualidade circulatória a partir das lógicas internas do sistema católico. Nesta situação, o primeiro movimento é realizado pela

² As expressões “Sínodo dos Bispos” e “Sínodo da Sinodalidade” são escritas em maiúscula porque são nomes próprios da reunião. Quando as palavras “sínodo” e “sinodalidade” forem utilizadas como substantivo simples, manter-se-ão em minúscula.

Igreja Católica, um ato proposto pelo Papa Francisco, e tal decisão é o que convoca o jornalismo a participar do circuito. Há uma ação de Francisco – de inaugurar um processo que já é tradicional no catolicismo – o Sínodo dos Bispos – de maneira disruptiva, fazendo com que a Igreja Católica inverta, de certa forma, a sua lógica de relacionamento com os fiéis: ouvir as pessoas católicas para pensar o futuro da instituição. Ou seja, há decisões que precisam ser tomadas por parte da Igreja, e de forma estabelecida, isso sempre foi realizado nos mesmos padrões – os bispos do mundo todo dão conselhos ao papa, que depois toma decisões e divulga em nome da Igreja. Porém, neste caso há o movimento de levar a questão ao público fora dos muros, ouvir para depois colocar em prática. O ponto de destaque do processo é que a escuta não é sobre um tema pontual, mas sobre o próprio modo de fazer da Igreja Católica. Em linhas gerais, é como se a Igreja estivesse pedindo uma “consultoria” de como deveria ser e fazer aos fiéis, que é uma fração significativa dos participantes que fazem parte do sistema da Igreja.

Por se tratar de uma decisão inédita, mas também interna, há uma numerosa quantidade de materiais publicados pelo meio de comunicação oficial do Vaticano, o Vatican News. Desde 2021 até os acontecimentos que a pesquisa contemplou, a pauta da sinodalidade é periodicamente presente no site e/ou redes sociais da instituição, além de ser mencionada nos posts do perfil oficial do Papa Francisco na plataforma *X* (antigo *Twitter*). Ter o tema mencionado nos posts do perfil *@pontifex_pt* é algo bem significativo, já que outras temáticas também polemizadas, a exemplo do Caso 1, não aparecem.

*

O volume de materiais no site do Vaticano nos parece algo natural, já que se trata de um processo importante e que provavelmente marca a identidade do catolicismo. O que também ganha destaque é que a pauta da sinodalidade é abordada de forma mais conceitual, talvez até pastoral no sentido de explicar os movimentos que essa atitude requer dentro do funcionamento da instituição. Por outro lado, se trata de falar de um processo inaugural, que antecede um Sínodo, cujos fechamentos são marcados por duas grandes reuniões, mas que os temas que serão abordados nas reuniões de Sínodo não são mencionados. Em alguns materiais encontramos referências a outros sínodos pontuais que tratavam de pautas específicas, como o da Família e o da Amazônia. O atual, por outro lado, institui que a pauta seja o modo de ser e de fazer da Igreja, mas deixa subentendido que o processo seja a respeito de algo específico, porque em alguns discursos o Papa Francisco convida os bispos a não permanecerem enraizados na doutrina, nas normas e na sua visão das coisas. Isso implica dizer que há pautas em debate,

mas na primeira dinâmica observada essa clareza de indicação não aparece nos materiais oficiais.

No documento preparatório publicado pelo Vaticano, cujo conteúdo explica e orienta todo o processo sinodal, buscamos olhar para as possíveis questões a serem debatidas, mas as indicações nos pareceram gerais e um tanto vagas. O texto sugere dez núcleos temáticos para o aprofundamento durante o processo de consulta. São aspectos que abrangem a inclusão de todos no caminho da Igreja, a promoção de um diálogo aberto e autêntico, o reconhecimento da diversidade de dons e ministérios e a consideração de como as decisões são tomadas dentro da Igreja. Segundo o documento, esses núcleos temáticos foram desenhados com o objetivo de explorar a vivência da sinodalidade em diferentes contextos e níveis, desde as relações e vida a nível local até o diálogo com a sociedade e outras confissões cristãs.

Há um indício de uma disrupção em andamento provocada pelo Papa Francisco. Ele solicita que as lideranças religiosas aprofundem as percepções internas institucionalmente, mas especificamente indica que a forma de se relacionar da Igreja com outros sistemas precisa ser revista³. Já a lógica inversa é vista nos textos jornalísticos dos sites de notícias. A pauta dos veículos de comunicação destaca a inauguração deste processo pela Igreja e o impacto que isso gera em sua representatividade como instituição tradicional. Além disso, “o furo” das notícias são as pautas que os veículos sinalizam que serão debatidas, como por exemplo, uniões homoafetivas, sacerdotes casados, mais inclusão e participação de mulheres em rituais específicos, etc. Contudo, infere-se que as temáticas indicadas pelo jornalismo tenham sentido especulativo, porque não foram assim observadas nos materiais oficiais do Vaticano.

Figura 28 – Manchete do G1



³ Disponível em: <https://bit.ly/3P88AME>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Fonte: Portal G1⁴.

O portal G1 utiliza a matéria da BBC que aborda vários ângulos, especialmente a opinião de especialistas vaticanistas. Identificamos que é da opinião de tais especialistas que os sites de notícias sustentam a perspectiva de que o debate inclui os temas citados. A reportagem faz um apanhado do que é essa ação iniciada pelo papa e trabalha com especificações da Igreja Católica de maneira didática, como por exemplo, sobre a hierarquia da instituição e sobre o que é o Sínodo dos Bispos, diferenciando-o dos demais.

O veículo de comunicação faz uso de frases em destaque ao longo do texto, por ser uma reportagem este recurso torna a leitura fluída. No total são seis destaques, todos eles com frases retiradas das falas dos entrevistados. À primeira vista, os destaques parecem servir não apenas para a dinâmica da leitura, mas para chamar atenção a pontos específicos. Ou seja, em tese não é a voz da BBC, mas a escolha de qual frase deixar em evidência; são escolhas pontuais que permeiam a ênfase dada de forma geral a essa pauta. Na figura a seguir está o primeiro destaque:

Figura 29 – Frase em destaque na reportagem da BBC

Temas que vêm sendo trazidos à tona mais recentemente, como maior participação feminina na tomada de decisões da Igreja e mais acolhimento a grupos ainda marginalizados pelo catolicismo tradicional — de homossexuais a divorciados em segunda união —, devem aparecer de forma recorrente nesse processo de consulta pública, a maior já realizada na milenar história do catolicismo.

Fonte: Portal G1⁵.

Uma das lógicas do campo midiático é dar espaço a pautas polemizadoras e, neste caso, a primeira frase em destaque na reportagem da BBC é sobre os temas que devem aparecer durante a consulta da Igreja aos fiéis. No destaque são indicadas temáticas que possivelmente serão debatidas no período sinodal, e são temáticas que para a Igreja Católica sempre acionam pautas conflituosas. Quer dizer, a indicação dos temas está mais para uma especulação ou uma

⁴ Disponível em: <https://bitly.com/hOpLyUm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁵ Disponível em: <https://bitly.com/hOpLyUm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

previsão a partir das ações e das pautas levantadas pelo Papa Francisco, porque afinal, o documento oficial do Vaticano em nenhum momento designa as temáticas específicas.

Figura 30 – Fala em destaque na reportagem da BBC

"Além disso, tem uma grande possibilidade de Francisco encerrar seu pontificado, por aposentadoria ou morte, antes do sínodo terminar. Assim, o processo sinodal se torna um meio para garantir a continuidade do processo de mudanças iniciado por Bergoglio, independentemente de quem seja o novo papa"

Fonte: Portal G1⁶.

Outro destaque da reportagem é a fala de um especialista entrevistado para dar ênfase às especulações sobre a possibilidade de renúncia do Papa Francisco. A escolha por manter essa fala em evidência na reportagem pontua uma lógica do veículo em questão. Ou seja, o assunto não é este, contudo, é uma entrada para possíveis desdobramentos.

A mesma reportagem da BBC News foi publicada em outros grandes veículos, como Folha de São Paulo. A seguir alguns comentários publicados pela Folha:

"Belíssima discussão, que traz não somente uma racionalidade superior, mas uma humanidade ampliada a uma instituição milenar. Esse Papinha argentino é massa".

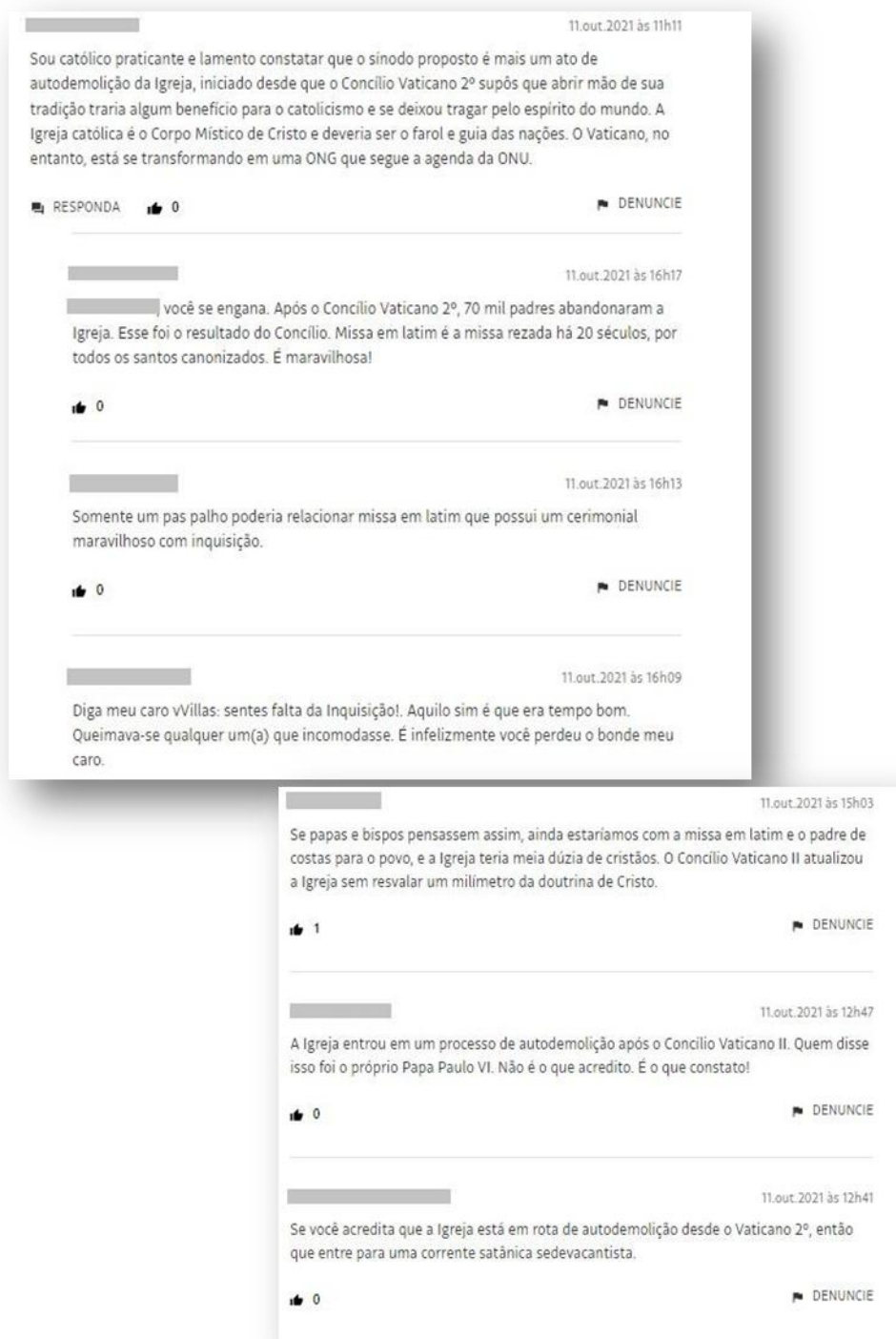
[...]

"O esforço descomunal do Papa Francisco é elogiável. Creio que há muitos e bons cristãos que seguem o catolicismo romano. Mas, Mas, a caminhada me parece quase impossível. O que se vê é uma instituição pesada, viciada em poder, riqueza e de costas aos ensinamentos do Evangelho. Francisco é um hálito de esperança... mas corram porque o êxodo católico parece crescer" (sic).

Aqui temos dois comentários que expressam contentamento pela ação iniciada pelo papa, enaltecendo-o como um herói na batalha por mudanças *da* e *na* Igreja. Todavia, proporcional a esse reconhecimento há a perspectiva do enraizamento de padrões da Igreja Católica, além do peso ideológico e de poder. A seguir, um exemplo de como os comentários se desenvolvem, no mesmo espaço, na Folha de S. Paulo.

⁶ Disponível em: <https://bityli.com/hOpLyUm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Figura 31 – Comentários no site da Folha de São Paulo



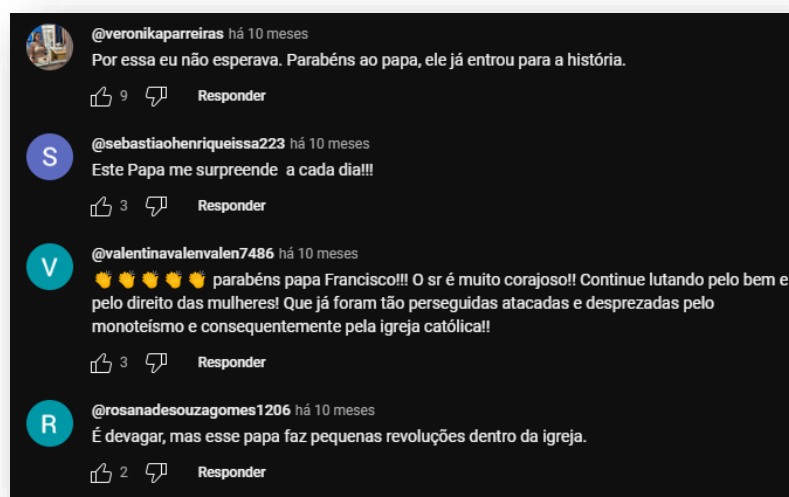
Fonte: Folha de S. Paulo⁷.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3AqMtZz>. Acesso em: 10 nov. 2021. Próximo a data de entrega da tese, os comentários citados foram retirados do site.

Contrário ao posicionamento dos dois primeiros comentários, estes se desenvolvem com intensa disputa de sentidos a partir da defesa do lado conservador. O elemento acionado é o Concílio Vaticano II como um marco que divide a história da Igreja Católica em dois momentos: antes e depois do Concílio. Além disso, a Inquisição também é mencionada pelo ator social que se manifesta favorável ao movimento político-religioso. Essa opinião suscita o debate em torno de padrões e tradições muito internas à Igreja, como é o caso da missa rezada em latim. Nas abordagens mais conservadoras, a decisão do Papa Francisco faz com que as pessoas retomem antigas tradições, defendendo que aquilo que moldou a instituição ao longo dos séculos deveria permanecer imutável. O que não é coerente com a própria ideia de evolução social, e aqui podemos acrescentar a perspectiva de como essa evolução social, que inclui o público católico, se modificou e ao longo do tempo foi sugerindo e reivindicando mudanças da instituição para com os fiéis.

Observamos a reafirmação da representatividade simbólica do Papa Francisco. Posterior a ações como estas, os atores sociais se manifestam enaltecendo sua figura, seja dizendo que ele “já entrou para a história” ou quando o ator social diz que Francisco, mesmo “devagar”, já fez “pequenas revoluções dentro da Igreja”.

Figura 32 – Comentários de atores sociais na publicação do UOL, no Youtube



Fonte: Youtube Uol⁸.

*

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hd54LzAX8wg&ab_channel=UOL. Acesso em: 10 dez. 2023.

Há uma operação do jornalismo de evidenciar o debate interno que este caso provoca à instituição católica, e faz isso por meio de levantar a opinião das lideranças conservadoras. Como resposta, utilizam da fala do Papa Francisco realizada em uma missa de abertura do processo sinodal com os bispos. Na ocasião Francisco diz que “não se deve ter medo do desconhecido, e que não devemos nos refugiar na desculpa de que não vale a pena mudar, simplesmente porque sempre fizemos assim”. O mesmo argumento é utilizado pelo site O Globo, também indicando a posição dos conservadores a partir da “chamada de atenção” de Francisco em sua homilia: “— Estamos prontos para a aventura desta jornada? Ou estamos com medo do desconhecido, preferindo nos refugiar nas desculpas habituais, como “é inútil” ou “sempre fizemos assim”? — afirmou durante sua homilia”⁹.

Ou seja, neste caso, é o papa quem convoca tanto a Igreja como instituição como as lideranças religiosas para tal disrupção, fazendo isso abertamente em vários discursos. Considerando a ambiência da midiatização e como a pauta passa a circular, aqui observamos o Papa Francisco convocando tanto a Igreja quanto o público interno a participar do circuito. E essa estrutura discursiva é usada pelo jornalismo evidenciando e reforçando a solicitação de Francisco. Embora exista esse apelo, convite, esforço do Papa Francisco, seja como líder máximo da instituição, mas também quem deu início a tal mudança de paradigma, sua preocupação aparece na comunicabilidade do processo transformador. Preocupar-se com a forma de como o processo será comunicado pelo público interno é destaque na matéria em que o Vaticano entrevista o Padre Sérgio Leal, que já havia participado do Sínodo da Amazônia e conversado diretamente com o Papa Francisco. A escolha por este padre aparentemente está relacionada com a tese de doutorado do religioso, cuja temática defendida tratou da sinodalidade como estilo pastoral. Esse texto/entrevista com o padre Leal foi publicado em setembro, período anterior à abertura do processo da sinodalidade, o que evidencia e introduz a posição da Igreja em como o andamento dos próximos anos deveria ocorrer, no sentido e estilo de como a instituição deveria se comunicar.

⁹ Trecho retirado de matéria publicada pelo site O Globo, disponível em: <http://glo.bo/4c7MKTe>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Figura 33 – Matéria publicada pelo Vaticano reforçando um novo modo de comunicação no processo da sinodalidade



Fonte: Vatican News¹⁰.

Neste texto, há uma evidência clara pelo desejo de comunicar de forma transparente e aberta da Igreja Católica, mas provocado pelo Papa Francisco e não pela Igreja como um todo. É o que diz o Padre Sérgio Leal:

E o Papa diz que tenhamos o cuidado para que aquilo que comunicamos seja aquilo que é escutado. E isto implica um modo de comunicar novo porque corremos o risco de falar e não ser ouvidos. E este é também um risco do modo como hoje entendemos a comunicação. Fazer uma publicação online não significa ser escutado” – disse (Vatican News, 21 set. 2021).

Quando falamos em ambiência da midiatização e em como as informações circulam e são transformadas e ressignificadas no movimento dos circuitos midiáticos, isso implica que não é possível ter o controle por parte de quem emite uma mensagem. Tendo já esse entendimento, o padre entrevistado comenta que esta é uma das preocupações do chefe da Igreja Católica. Há o desejo de levar adiante, mas reforçando o cuidado de fazer da forma certa, porque já existe um ambiente que vai fazer com isso ganhe outras proporções. Outro ponto inferencial é a leitura de que o Papa Francisco tem conhecimento que se trata de algo experimental, no sentido de nunca ter sido feito antes, embora entenda como necessário. Porém, quando se experimenta algo, não há como saber o resultado.

Portanto, o Sínodo representa um esforço significativo do Papa Francisco para levar a Igreja a promover um diálogo eficaz que transcenda as barreiras culturais, mas sobretudo

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3TepgD8>. Acesso em: 10 dez. 2021.

tradicionais de sua própria história. A fala do religioso (citada acima) nos permite inferir que o objetivo de Francisco é que o Sínodo da Sinodalidade gere processos de mudanças e não apenas crie novas estruturas. Quiçá seja um desejo reformador de que sua abordagem seja continuada após sair do cargo, e por isso o reforço em argumentar que o processo de sinodalidade inaugurado seja um “novo modo de comunicar e outro modo de governar”, em que o principal desafio da instituição é de ser ouvida e compreendida em uma cultura de mudança. Por outro lado, é uma experimentação tanto estrutural quanto comunicativa do catolicismo, o que requer que a instituição se adapte para garantir que sua mensagem não seja apenas transmitida, mas incorporada. E aqui, nos parece que isso está sendo “solicitado” aos membros da Igreja, mais do que à comunidade de fiéis.

Nos materiais publicados pelo Vaticano identificamos um esforço em reafirmar o posicionamento de uma “nova identidade”, além de uma preocupação de que esse novo modo de comunicar seja de fato entendido. Tal perspectiva surge da entrevista publicada com um dos membros da Comissão Teológica do Sínodo 2021-2024, o Monsenhor Piero Coda. O religioso identifica o atual Sínodo como o evento eclesial mais significativo após o Concílio Vaticano II. A noção de identidade da Igreja aparece: “Não é uma escolha de democratização”, mas “uma questão de identidade profunda¹¹”. Esses materiais chancelam a perspectiva do Papa Francisco e reforçam a sua representatividade comunicativa, afinal, todas as pessoas entrevistadas concordam com o posicionamento e ações do líder católico.

¹¹ Conteúdo disponível no site Vatican News: <https://bit.ly/3VfGfYv>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Figura 34 – Trecho de matéria em que o Vaticano entrevista um padre, membro da comissão do sínodo

→ A propósito de participação, em seu discurso inaugural, Francisco afirmou que esta é "uma exigência de fé e não de estilo". Por que esse esclarecimento?

Mons. Coda: Na minha opinião, porque o Papa queria sublinhar que a participação não é simplesmente uma opção, isto é, não se trata de cosmética eclesial, para mostrar que somos "politicamente corretos", capazes de um certo grau de partilha. Em vez disso, trata-se de uma questão de identidade profunda. Nós, de fato, participamos do único mistério de Cristo, somos co-herdeiros de Cristo - diz o Novo Testamento - do infinito dom de amor que o Pai nos dá no Espírito Santo. Portanto, ou colocamos em ação esta participação na vida da graça da fé e do amor, na esperança de Cristo, ou não somos completamente o que deveríamos ser pela graça do nosso Batismo. Portanto, é uma questão de identidade e não simplesmente de cosmética eclesial.

Fonte: Vatican News¹².

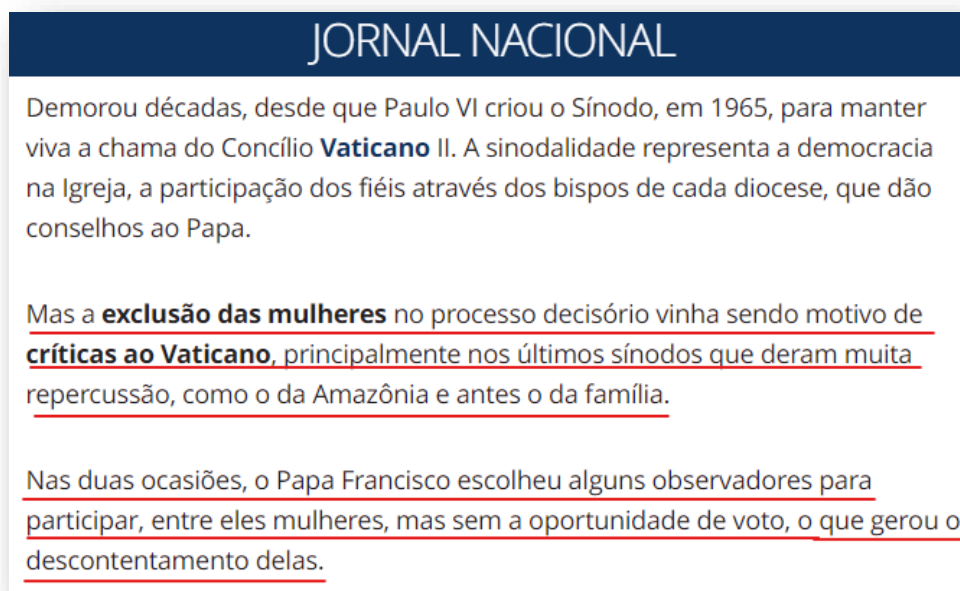
*

Marcando a segunda dinâmica de circulação do caso do Sínodo da Sinodalidade, temos outra disrupção provocada pelo Papa Francisco. A inclusão de pessoas "não bispos" para compor o Sínodo dos Bispos é anunciada em abril de 2023. Pela primeira vez, 70 pessoas teriam direito a voto, entre eles sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas. Estas pessoas seriam nomeadas pelo papa a partir de sugestões feitas pelas Conferências Episcopais e dos Conselhos das Igrejas Orientais. Mas a grande experimentação proposta por Francisco foi pedir que 50% dessas pessoas fossem mulheres, e que as pessoas jovens deveriam ser valorizadas. Embora para algumas lideranças isso não altere a natureza do sínodo e sua constituição ser com bispos, isso representa um divisor de águas na história da Igreja Católica.

Alguns textos jornalísticos apontam que a exclusão de mulheres nas votações dos Sínodos já era uma pauta interna à Igreja. Essa opção já era alvo de críticas, e isso foi significativo nos Sínodos sobre a Família, e depois sobre a Amazônia, que geraram debates expressivos.

¹² Disponível em: <https://bit.ly/3VfGfYv>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Figura 35 – Trecho de matéria publicada sobre a decisão de haver voto de mulheres no Sínodo



Fonte: Site Jornal Nacional¹³.

Por outro lado, o foco do jornalismo nesta situação (publicação do Jornal Nacional) é a reação de um grupo católico conservador chamado Missa em Latim, que se referiu à decisão do Papa como “golpe” e que poderia ser um “precedente perigoso para a hierarquia da Igreja”. Ao mesmo tempo que o líder máximo do catolicismo toma uma decisão de maior abertura, de modificação de práticas até então imutáveis, nos meandros do próprio sistema observamos um movimento que faz tentativas de frear as atualizações executadas pelo papa. Percebemos esse mesmo movimento quando bispos e cardeais ultraconservadores também se manifestam contrários às decisões de Francisco e passam a pedir esclarecimentos e enviar cartas públicas, gerando tensões e debates que circulam pelo ambiente midiático.

O site O Globo publicou sobre a pauta da presença das mulheres na Igreja, com o diferencial de trazer mais dados sobre o debate interno, inclusive sendo motivo de protestos em 2018, com entrega de petição com mais de 9 mil assinaturas. Ou seja, a decisão do Papa Francisco enfatiza o seu discurso de abertura às mulheres, mas por outro lado, essa já era uma irritação interna à Igreja, com a tentativa de que o sistema católico abrisse suas fronteiras para mais participação delas. Ao longo do pontificado de Francisco, a inclusão feminina vem aparecendo em várias oportunidades, mas também podemos inferir que isso está relacionado a uma necessidade e não especificamente porque o Papa Francisco quis. Tendo em vista a

¹³ Disponível em: <http://glo.bo/3PCZ4S3>. Acesso em: 12 ago. 2023.

realidade social hoje, a representação das mulheres torna-se imprescindível. Não existe nada, dogmaticamente falando, que justifique a ausência e a marginalização feminina em vários setores da Igreja. Embora não tenha restrição dogmática, há uma tradição consolidada e estabelecida, cujos cargos de liderança sempre foram ocupados por homens.

Figura 36 – Trecho da matéria de O Globo – síntese das ações do Papa Francisco sobre a integração de mulheres na Igreja

As mudanças vêm ao encontro de manifestações do Papa em defesa da ampliação do poder decisório de mulheres, assim como do estímulo à integração de leigos nos assuntos da Igreja. Francisco também nomeou mulheres para cargos na Cúria Romana — o órgão central de governo da Igreja. Em 2021, o Papa fez uma alteração no regulamento da Igreja para permitir que mulheres pudessem fazer a leitura da Bíblia nas missas e distribuir a comunhão nas missas.

O direito de voto era uma reivindicação antiga das mulheres na Igreja Católica. No encontro de 2018, ocorreram protestos pela ampliação do papel delas, com a entrega de uma petição com mais de nove mil assinaturas ao secretariado do Sínodo.

— (A mudança) É resultado de longa militância e ativismo — comemorou Kate McElwee, integrante de um grupo que defende o direito de mulheres na Igreja. (Com New York Times)

Fonte: O Globo¹⁴.

Um aspecto que evoca a representatividade comunicativa do Papa Francisco é quando o jornal O Globo traz à memória outras ações já concretizadas de inclusão de mulheres na Igreja, em situações diversas. Esse reforço simbólico de sua característica reformadora, que passa pela negociação, nos leva a identificar a marca de uma experimentação interacional começada por Francisco, que foi acontecendo aos poucos. Até a abertura do voto para mulheres no sínodo, o papa trouxe a mulher para outros espaços que antes eram ocupados somente por padres ou homens religiosos. Contudo, o que reverbera mais, aparentemente, é quando elas são colocadas para votar num ambiente e numa situação em que a presença delas não era nem cogitada.

¹⁴ Disponível em: <http://glo.bo/3TihHvk>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Observamos, nesta situação específica, que mesmo se tratando de um sistema tradicional e enraizado no patriarcado, este sistema está inserido em um ambiente de transformações sociais e com as características que reforçam os discursos e as provocações, então a Igreja se vê diante de um cenário que não deixa opção senão encontrar formas de fazer determinadas alterações. Esse aspecto é observado não só na pauta das mulheres, mas na disputa de homens casados poderem exercer o sacerdócio (aspecto doutrinário que poderá ser revisto a qualquer momento por decisão eclesiástica), e com a flexibilização para casais homossexuais, entre outras pautas.

É importante compreender como as especificidades da segunda dinâmica do Caso 2 organiza as lógicas do circuito, em especial, no que diz respeito à pauta do voto de mulheres. Com essa decisão observamos uma experimentação começada pelo Papa Francisco, a tal ponto que religiosos dizem ser o marco mais importante desde o Concílio Vaticano II. A medida de Francisco gera uma afetação sistêmica: primeiro, todos os participantes internos da Igreja Católica precisam se movimentar para realizar o pedido do seu líder; segundo, nem todos os participantes apreciam tal comando, e passam a se manifestar constante e abertamente contrários a tal decisão, e solicitando, por sua vez, esclarecimentos ou reforço de posições que são centrais e enraizadas na tradição da instituição.

*

Às vésperas da primeira reunião de conclusão do Sínodo da Sinodalidade (outubro de 2023), a pauta do voto feminino é reinserida na circulação. Nesta processualidade marcamos a terceira dinâmica de circulação que compõe o Caso 2. O tema retorna ao midiático a partir de uma carta de cinco cardeais conservadores, solicitando ao papa que reafirmasse a doutrina católica sobre casais homoafetivos e a ordenação de sacerdotes mulheres. O pedido dos conservadores foi feito antes da primeira reunião do papa com os bispos, porque, após a assembleia, um documento é publicado com os primeiros resultados e indicações do que a instituição fará na prática, e possivelmente as questões levantadas pelos cardeais estariam entre elas.

Conforme matéria do site O Globo¹⁵, a carta dos cardeais expõe a preocupação sobre as declarações do Papa Francisco, até então recentes, que pediam para que a Igreja evoluísse em sua compreensão. Além disso, a bênção de casais homossexuais e o voto feminino no sínodo foram os motivos reforçadores do pedido dos cardeais. Claramente, observamos uma tentativa

¹⁵ Conteúdo completo disponível em: <http://glo.bo/3IBi1AE>. Acesso em: 10 jan. 2024.

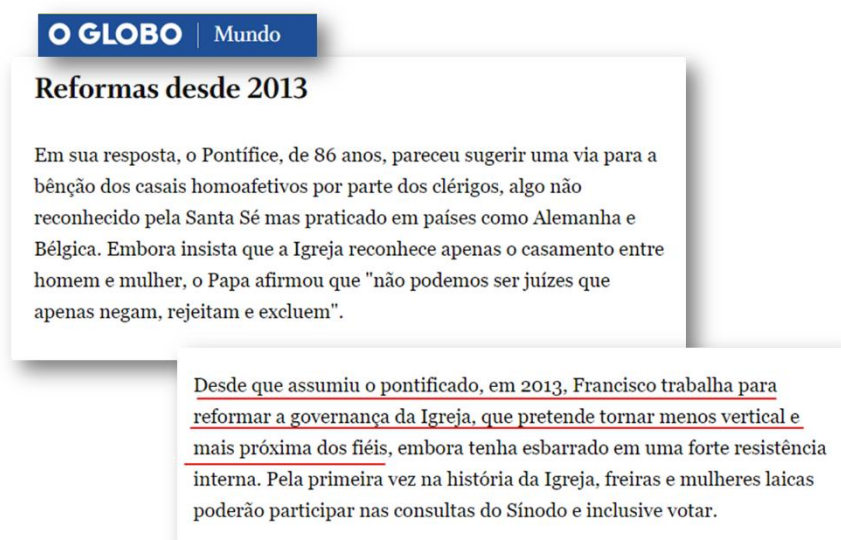
do grupo em frear não só as alterações que Francisco vem fazendo à instituição, mas uma forma de colocar isso à público. Poderia ser uma discussão interna, mas a partir das informações coletadas, entendemos que foi um ato para alcançar mais pessoas. A possibilidade de o Papa Francisco decidir por levar adiante decisões ainda mais progressistas do que o voto feminino sinaliza uma ameaça aos integrantes conservadores. Para conter a possibilidade, estes utilizam da tática de levar a público o pedido, conhecendo de antemão os mecanismos de reverberação e de provável polêmica numa tentativa de impedir o pontífice. A negociação também aparece por parte dos cardeais e bispos conservadores, além de estarem munidos de lógicas de mediação, isso quer dizer que eles também estão jogando o mesmo jogo.

Na missa de abertura da reunião do Sínodo dos Bispos, em 4 de outubro de 2023, o Papa Francisco apela novamente para que a Igreja Católica seja mais “hospitaleira e de portas abertas a todos”. Além disso, conforme matéria publicada pelo O Globo, Francisco enfatizou que não há espaço para “estratégias humanas, cálculos políticos ou batalhas ideológicas”¹⁶. Esse reforço indica uma resposta à manifestação feita pelos conservadores, além da possível influência deles entre outras lideranças religiosas. Estrategicamente, Francisco também aproveita um momento que será mediado em longo alcance para responder, obviamente de maneira sutil, mas marcando seu posicionamento. Esse debate público nos permite um pequeno indício do grau de afetação para a Igreja Católica, deixando aberto a conjecturas de que, se debates como este venham a público de tal forma, aquilo que fica sob os muros da instituição é ainda mais intenso e politicamente confrontativo.

Nesta dinâmica, novamente o jornalismo retoma o circuito sobre o ineditismo do voto de mulheres, além dos discursos em que Francisco reforçou o pedido para que a própria instituição que lidera estivesse aberta a tais questões.

¹⁶ Texto completo disponível em: <http://glo.bo/43dRiTU>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Figura 37 – Partes do texto publicado pelo site O Globo – reforço sobre as ações de Francisco desde sua eleição



Fonte: O Globo¹⁷.

Na matéria, o veículo faz um retorno aos passos de Francisco desde que começou a liderar a Igreja Católica, em 2013. Isto nos remete a ver marcas de uma representatividade comunicativa do Papa Francisco que, sem dúvida, é simbólica, e sempre que suas ações estão no debate público e, particularmente, interno ao sistema da Igreja, o jornalismo utiliza dessa estratégia de reforço.

Na sequência do caso, observamos as manifestações de atores sociais na plataforma Youtube, considerando a presença de inúmeras publicações de pessoas que se nomeiam como fiéis católicos e que publicam seus posicionamentos e compreensões sobre o Sínodo da Sinodalidade. Há uma particularidade observada que a esmagadora maioria dos vídeos assistidos são de católicos que assumem o posicionamento tradicional e/ou conservador, contrários ao movimento progressista da Igreja Católica. Trabalharemos com alguns materiais para dar conta da processualidade e afetação que a experimentação do Papa Francisco sobre a sinodalidade provoca, porque não seria possível olhar para a totalidade deles.

Buscando por palavras-chave relacionadas ao Sínodo dos Bispos e à sinodalidade, temos um vídeo do canal Católicos de Verdade nomeado da seguinte forma: "URGENTÍSSIMO!! A VERDADE SOBRE O SÍNODO 2023!! Católicos de Verdade". A publicação é de junho de 2022, momento em que já tinha sido iniciada a etapa de consulta local para o processo de sinodalidade.

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3TBzPR4>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Figura 38 – Captura de tela do vídeo publicado pelo canal Católicos de Verdade

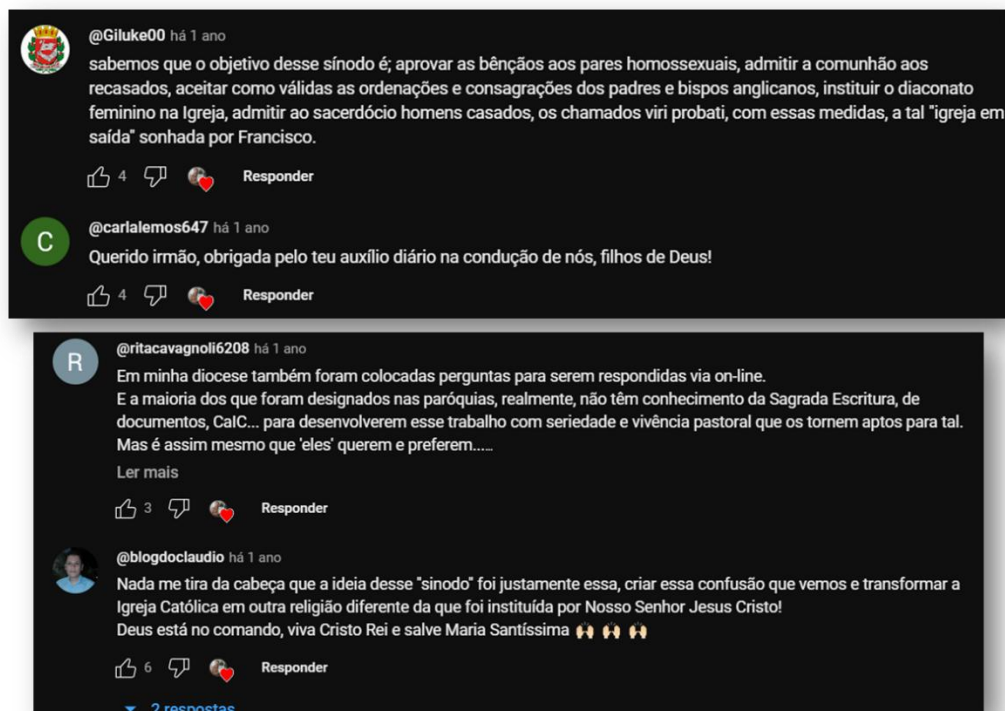


Fonte: Youtube, canal Católicos de Verdade¹⁸.

O ator social se apresenta como “missionário jornalista católico”, e traz uma reflexão de como estava sendo o processo de escuta nas dioceses. Abertamente se posiciona contrário aos direcionamentos feitos pelo Papa Francisco, considerando perigosa a abertura à escuta dos leigos por ir contra às tradições e aquilo que é a Igreja de dois mil anos. Há uma prevalência de um sentido conservador do formato, dogmas e leis do catolicismo. Além disso, reforça a preocupação com as consequências que a sinodalidade pode trazer à instituição: “Mas a Igreja é hierárquica, a Igreja não é democrática, e daí ela abre para um monte de gente que não tem conhecimento algum colocar coisas que são totalmente contrárias a fé da igreja para ser debatido, para que isso seja colocado dentro da igreja”. Os comentários de outros atores sociais na publicação do vídeo seguem o mesmo posicionamento do autor do vídeo:

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3xnah2H>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Figura 39 – Comentários no vídeo do Canal Católicos de Verdade



Fonte: Youtube, canal Católicos de Verdade¹⁹.

Outra situação semelhante é observada no vídeo de uma mulher, cujo canal no Youtube se chama Católica Tradicional. O título do vídeo observado é: “Sínodo da Sinodalidade – Vai decidir o futuro da Igreja! É preocupante ! Hora de rezar!” (sic), e nele a católica inicia dizendo: “Eu quero me manifestar nesse vídeo contra esse tal do Sínodo da sinodalidade”. Imediatamente observamos qual seu posicionamento. Mara, como se identifica a autora do vídeo, diz que neste sínodo os leigos também estão envolvidos para decidirem o futuro da Igreja, e expressa sua opinião dizendo que “isso que é mais perigoso tá, então os progressistas querem mudanças e mais mudanças”.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3xnah2H>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Figura 40 – Captura de tela do vídeo publicado pelo canal Católica Tradicional



Fonte: Youtube, canal Católica Tradicional²⁰.

Ainda na parte inicial de sua manifestação, comenta que Deus não muda, e “se Deus nunca muda então a igreja Católica também não deve mudar, senão vai ficar irreconhecível”. Mara justifica seu temor às mudanças com passagens bíblicas que se referem a falsos profetas. Porém, o ponto que chama mais atenção é quando ela, uma católica praticante, sendo mulher cita os temas que estão sendo abordados nas reuniões do sínodo, e fala com espanto sobre ordenação de mulheres, dizendo:

[...] é isso que dá gente, quando deram plenos poderes às mulheres para a Comunhão né, distribuir a Comunhão na missa, deixaram elas fazer a leitura na missa né, então isso foi um primeiro passinho já para se preparar pro que ia acontecer adiante. Então, eu nem vou ficar chocada quando ordenar mulheres” (Mara, transcrição do vídeo).

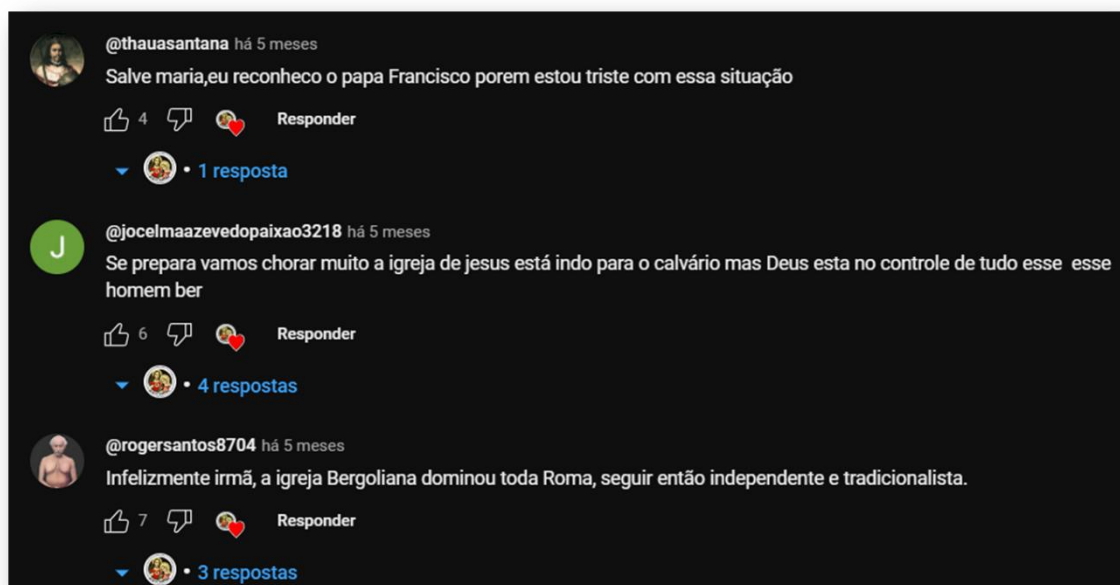
Na sequência, Mara fala sobre o fim da hierarquia da instituição, dando poderes aos leigos para escolher bispos, e reforça: “E isso eu acho absurdo tá, eu acho quanto mais poderes se dá aos leigos, a Igreja Católica vai ficar como uma Igreja protestante né. Eu acho que talvez é isso que seria a ideia deles né, de não ter mais nenhuma diferença entre a Igreja Católica e as igrejas protestantes”.

Essa perspectiva baliza a Igreja Católica como a Igreja de Deus, em que as demais são consideradas subversivas. Por sinal, uma perspectiva absoluta que é retroalimentada

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/4afCBCA>. Acesso em: 20 fev. 2024.

evidenciando a polarização, tanto por parte dos dirigentes como por parte dos fiéis. Isso significa que a Igreja que une é segregada desde sempre. Os comentários no vídeo de Mara seguem na mesma perspectiva defensora das tradições da Igreja Católica, e sinalizam que esses resultados se devem à liderança do Papa Francisco.

Figura 41 – Comentários no vídeo – Canal Católica Tradicional



Fonte: Youtube, canal Católica Tradicional²¹.

Analisando os materiais coletados e os comentários nas publicações do Youtube relacionadas ao Sínodo da Sinodalidade, é possível tecer algumas inferências, a começar pela resistência à mudança por parte de parcela de fiéis, e a forma como esse posicionamento é levado a público. Dos materiais pesquisados, estes representam um pequeno recorte do que pode ser encontrado no Youtube. Trazer esses materiais pode sugerir a questão de que esse tipo de conteúdo também deve estar disponível por atores sociais favoráveis ao Sínodo da Sinodalidade, e o que esse processo representa. Contudo, ao pesquisar o termo “sínodo da sinodalidade” na plataforma, há uma quantidade surpreendente de vídeos semelhantes aos dois citados acima, e com maior reforço simbólico negativo, conduzindo até mesmo a um sentido de escândalo. Os vídeos que trazem um sentido favorável são, em sua maioria, de padres e teólogos que explicam detalhadamente o significado do que é sinodalidade e o que isso realmente representa em termos práticos. Entretanto, o propósito não é mensurar ou

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/4afCBCA>. Acesso em: 20 fev. 2024.

proporcionar lados opostos na disputa interacional do caso, mas observar processualidades alinhadas aos objetivos da tese.

Na sequência inferencial dos conteúdos publicados, a resistência presente na fala de fieis reflete uma tensão entre o desejo de preservação da tradição religiosa e abertura ao diálogo proposta pelo Papa Francisco. A divisão por ideologias opostas, que levam à polarização, sempre estiveram presentes na história do catolicismo, mas cabe pontuar que na ambiência da mediatização esse cenário não fica mais isolado a um grupo presencial afastado do restante da comunidade. Agora, há o levar adiante a partir de meios, técnicas e canais que influenciam as pessoas que consomem esses conteúdos. Ou seja, não necessariamente isso impediria alguma estratégia ou decisão do papa, mas faz com que o sistema católico tenha suas bordas em contato com situações que são levadas em conta em razão de sua dimensão; é como se a Igreja não pudesse mais “deixar pra lá” situações como estas, porque não são mais isoladas, elas fazem parte de movimentos no mundo todo.

Quando o Papa Francisco organiza e direciona um processo decisório descentralizado e nunca antes realizado, as manifestações contrárias organizadas e generalizadas nos indicam a uma situação de escrutínio por parte desse segmento da Igreja. Como consequência, há uma ruptura daquilo que é considerado autoridade, tradicionalmente inquestionável do papado, levando o lugar simbólico e representativo do papa a uma transição de infalibilidade papal²² a ser abertamente questionado e desafiado.

Nas materialidades de atores sociais observamos também um movimento de influenciadores católicos no Youtube, que analisam os acontecimentos e situações envolvendo a Igreja Católica e o Papa Francisco à luz de suas perspectivas ideológicas. Aliás, mais do que isso, são atores sociais que já conquistaram espaço e certa representatividade no universo religioso e por isso fazem um trabalho de curadoria ao seu público, seja resumindo, explicando ou refletindo sobre aspectos pertinentes à tradição, práticas e normativas do catolicismo e da fé professada por eles. São pessoas que somam expressivo número de seguidores, mantendo uma proximidade interacional com o seu público, também católico.

Bernardo P. Küster é um ator social que se intitula como “professor de mais de 5000 alunos e jornalista. Diretor do jornal Brasil Sem Medo e criador do O Bom Combate e da formação Invencível de Defesa da Fé”. Ele possui mais de 1 milhão de inscritos no seu canal no Youtube. No mesmo espaço de busca pelas palavras “sínodo e sinodalidade”, o seu vídeo se destaca porque entrevista um especialista em assuntos do Vaticano, um vaticanista, portanto.

²² O dogma da infalibilidade papal está diretamente ligado à comunhão com o conjunto dos fiéis. Diz-se: O Papa é infalível em matérias de fé sempre em comunhão com a Igreja.

Figura 42 – Entrevista de Bernardo P. Küster ao vaticanista Andrea Gagliarducci



Fonte: Youtube²³.

A entrevista explora o conceito de “Igreja do futuro” e aborda a natureza e os desafios da sinodalidade na Igreja Católica, conforme percebidos por Andrea Gagliarducci. O entrevistado discute a importância da sinodalidade histórica da Igreja, o papel do Papa Francisco nesta visão, e como a igreja pode abordar questões futuras mantendo-se fiel a seus princípios sinodais. Diferente dos atores sociais que se posicionam pelo extremo conservadorismo, como observado nos vídeos anteriores, neste há uma busca por apresentar a perspectiva do Papa Francisco através de outro ator social, mais especializado, e mais próximo da comunicação do Vaticano.

Uma das questões é sobre os desafios que o Sínodo sobre a Sinodalidade pode trazer para os próximos sínodos, e a resposta do vaticanista sugere que seja o olhar para as estruturas internas ao sistema da Igreja. Gagliarducci cita os três principais problemas, sendo o primeiro o da autorreferencialidade:

O primeiro é a de não ser autorreferencial, como o Papa Francisco diz frequentemente. No entanto, acho que há um passo adiante. Mesmo **quando falamos sobre igreja sinodal, estamos falando sobre a nossa bolha, na bolha católica**. Então, estamos falando sobre as estruturas da igreja sinodal, **todas as coisas que, no final, fora da estrutura, não significam nada**. Nós temos um grupo de pessoas, um povo fiel a

²³ Disponível em: <https://bit.ly/43Qa6sT>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Deus, que todos os dias vão à missa, e não vão à missa por causa da estrutura sinodal, não porque se sentem ouvidas, mas porque querem a Eucaristia, sim, Jesus (Andrea Gagliarducci, transcrição e tradução do vídeo - grifo nosso).

Observamos que o ator social aprofunda a pauta da sinodalidade evidenciando o que isso significa na prática à própria Igreja. Ou seja, sinaliza que o Papa Francisco também menciona esse desafio, porque há o entendimento do que o “caminho sinodal” representa, mas ele pode estar ancorado a uma “bolha católica”; neste sentido se refere às pessoas que estão olhando para as estruturas, lógicas e modificações, enquanto os católicos que praticam a fé da religião o fazem pela busca espiritual no Cristo. Particularmente, isso se relaciona às críticas dos atores sociais dos vídeos anteriores, em que a autorreferencialidade não se concretiza. Mesmo que se nomeiem como estudiosos dos documentos e das tradições, fazem parte da “bolha católica” que não aceita as aberturas estruturais do sistema.

Gagliarducci ainda comenta outros dois desafios: de colocar Jesus no centro como uma necessidade do cristianismo como um todo, e, neste ponto, o vaticanista expressa preocupação de que o cristianismo possa estar se transformando numa “aventura sociológica” ou uma ONG, perdendo o foco no líder modelo, Jesus Cristo. Ser concreto é o terceiro desafio apontado pelo entrevistado, que relaciona este ao primeiro, cuja “bolha católica” precisa considerar, na prática, a necessidade dos fiéis que vão à Igreja todos os dias. Ele sugere que esta bolha interessada em buscar transformações pode gerar uma desconexão com os “fiéis comuns”, aqueles que não se detêm em estudar os documentos, mas estão lá pela proximidade com o Cristo. Aqui há uma sinalização de que a Igreja precisa manter uma certa clareza estrutural e doutrinária, sem mexer muito com aspectos da sociedade, que ironicamente compara a uma ONG. Quer dizer, a Igreja precisa olhar para as pessoas e precisa se modificar para conseguir olhar para as pessoas, mas até certo ponto; é como se o catolicismo tivesse que medir a sua mobilização “experimental”.

Notamos, também, que da parte do entrevistador, Bernardo, há uma certa provocação quando questiona sobre as críticas de bispos, teólogos, pensadores ao Sínodo e cita o Cardeal Müller, cuja opinião expressa o receio de que estaria arriscando a Igreja e a moral. A resposta de Gagliarducci retoma todo o cenário de debates envolvendo a pauta do Sínodo 2021-2024, explicando que compreende os “gritos de alarme que vieram de vários cardeais”, mas que acredita que “boa parte das pessoas nem sequer está prestando atenção a esses debates, vivendo a vida da Igreja dia após dia”. O vaticanista entende que há um movimento de “[...] grupos de pressão tentando levar o debate do Sínodo onde o debate do Sínodo não deveria ir”. Sua resposta segue:

Há **grupos de pessoas que são fortes na mídia** e então contam uma igreja que não existe porque se alguém fala com os padres sinodais um por um, percebe-se que muitas coisas que são ditas lá fora têm nuances diferentes, isso é verdade. Portanto, **eu posso entender muito bem os cardeais que têm medo porque em um mundo hiper-secularizado essas campanhas midiáticas que são fortes, que são muito bem financiadas, não são fáceis de erradicar.** Não que não existissem antes, **mas antes havia um ambiente da igreja onde já se sabia onde ir, então tudo era absorvido** (Andrea Gagliarducci, transcrição e tradução do vídeo - grifo nosso).

A resposta reforça aquilo que já observamos em outras materialidades, em especial neste caso, quando há um apelo do Papa e de outras lideranças da Igreja sobre como as coisas são disseminadas mundo afora. A crítica à mídia também aparece no discurso do pontífice, mas sobretudo há um pedido do Papa para que os próprios cardeais, bispos e padres tenham o “coração aberto” para receber e levar adiante os avanços. Na entrevista, o vaticanista também faz um comparativo sobre a diferença de ambiente em que “as campanhas midiáticas” acontecem hoje. Ou seja, sempre houve esse tipo de agonística envolvendo a Igreja e a mídia, mas há a compreensão que nas lógicas de mediatização atuais isso entra em choque com as próprias modificações do sistema. Quer dizer, por conta das transformações da Igreja estarem em curso e com promessas de que irão além, há a percepção de que a própria instituição não tenha mais certeza do caminho que será percorrido no futuro. Uma incerteza que provavelmente não existia há algumas décadas, ou pelo menos eram transformações que demoravam mais para acontecer. O movimento da sociedade para uma ambiência de mediatização evidencia que nenhum campo está “imune” de ser transformado por suas lógicas, porque elas não são restritas ao relacionamento dos sistemas com os meios de comunicação, aliás, se expandem ao modo como as pessoas vivem em sociedade, em tempo real e avançando rapidamente.

Na próxima pergunta, o jornalista entrevistador segue na tentativa de que o entrevistado revele mais, e questiona Gagliarducci sobre os riscos de cisões, divisões entre católicos espalhados pelo mundo, e até uma “nova jurisdição moral”. Em resposta, o vaticanista retoma conteúdos de livros, incluindo um do Papa Bento XVI, que falava que a noção de cisma sempre houve na história da Igreja, porque, mesmo se identificando como católicas, as pessoas viviam a seu modo em cada lugar do mundo. “Então, essa espécie de cisma já existe um pouco, que se torne um cisma prático, eu duvido”, opina Gagliarducci. O ator social entrevistado, completa sua opinião sobre as ações do Papa Francisco:

Eu acho, mas esta é uma ideia pessoal minha, que se o Papa Francisco realmente quisesse mudar alguma coisa de forma concreta, já o teria feito sem precisar do Sínodo, ele não o faz com o Sínodo, porque ele fez mais de 50 *motu proprio*²⁴, então

²⁴ Documento expedido diretamente pelo papa, é um tipo de documento normativo, normalmente expedido em resposta a uma determinada situação.

isso é a forma de governo do Papa. Portanto, ele quer essa discussão aberta que cria confusão, mas também dá uma ideia de uma democracia, apesar do fato de que o Papa não se comporta, justamente, como um líder democrático, porque a igreja não é democrática, nunca foi democrática, mas as pessoas pensam que é democrática (Andrea Gagliarducci, transcrição e tradução do vídeo).

Aqui há uma opinião diretamente ligada ao modo de fazer do Papa Francisco, cuja expressão do ator social evidencia uma espécie de paradoxo entre o que diz e o que faz. Por outro lado, existe a percepção de que as ações do Papa Francisco são geradoras de “confusão” de forma pensada, sendo o seu intuito. Nesse ponto, quando observamos uma série de ações e expressões comunicativas, identificamos uma experimentação em curso, e que em muitos casos são questões em que o papa agencia um debate, induzindo a sociedade à reflexão, levando para fora um debate que depois retorna da sociedade para a Igreja. Ou seja, Francisco assume o papel de negociador.

Na sequência, Bernardo questiona sobre a transparência do processo sinodal. Ele elabora sua pergunta dizendo que alguns conceitos são novos e vagos, e como é descrito no instrumento de trabalho do Sínodo ““o caminho sinodal se torna mais claro à medida que avançamos”, então tem a percepção de que mesmo não sendo tão claro, a ideia de avançar “é uma coisa intrinsecamente boa”. A resposta de Gagliarducci dispara uma nova crítica ao pontificado de Francisco: “O problema deste pontificado em geral, não apenas deste sínodo, encontrado neste número 25 [documento citado pelo entrevistador], é justamente essa ideia da reforma em movimento”. O vaticanista compara a “reforma em movimento”, posta à execução pelo Papa Francisco, a um “hospital de campanha”.

[...] **a reforma em movimento é uma reforma de um hospital de campanha**, como o papa diria, mas o hospital de campanha é uma emergência, o hospital de campanha não é a norma, é que se está em guerra e precisa de um hospital de campanha. Agora nós não estamos sempre em guerra, então não precisamos sempre de um hospital de campanha, **precisamos de um hospital estruturado que permita resolver as coisas, mas nós temos um hospital de campanha permanente**, então é sempre uma emergência. Em uma emergência, uma pessoa persegue conceitos, mas não os define, sim, deve improvisar, é **toda improvisação**. Então, de acordo com o papa, isso permite uma criatividade que é possível, que permite a baixos níveis, em altos níveis é necessário um projeto, porque, caso contrário, **temos muitos pequenos projetos de curto prazo, até bonitos às vezes, mas para onde levam, não se sabe**, porque então muitos projetos de curto prazo não fazem um grande projeto final, fazem muitos pequenos, mais ou menos [...] (Andrea Gagliarducci, transcrição e tradução do vídeo - grifo nosso).

Com base em sua expertise em questões do Vaticano, o entrevistado argumenta que precisamos de uma estrutura mais permanente e bem planejada, em vez de improvisações constantes. Ou seja, aquilo que observamos como experimental nas ações comunicativas do

Papa Francisco não são bem-vistas quando a questão é a permanência das estruturas da Igreja; há uma preocupação em sua fala, nos dando a ver que as reformas organizadas por Francisco estão relacionadas à ideia expressa anterior de que a Igreja não sabe para onde está indo.

Ele também menciona que, embora a criatividade possa florescer em níveis mais baixos, quando se trata de níveis mais altos é necessário um projeto bem definido. Andrea Gagliarducci expressa preocupação de que muitos pequenos projetos de curto prazo não resultem em um grande projeto final. De forma velada, o entrevistado sinaliza que é importante determinadas ações e posturas do Papa Francisco, mas que quando se trata de instituição é preciso olhar para dentro. Quer dizer, toda a tensão e disrupções que o processo do Sínodo da Sinodalidade tem apresentado revela, de certa maneira, esse embate em ser o “pároco do povo” porque isso funciona, mas ao mesmo tempo a instituição não pode ficar à mercê.

Para encerrar, Bernardo pergunta ao vaticanista sobre como ele acha que o Papa Paulo VI veria o sínodo atual, já que ele foi o papa que idealizou o sínodo, em seu período de liderança da Igreja. A resposta de Gagliarducci sugere uma polêmica e, de certa forma, reforça a crítica ao modo como Francisco trabalha:

[...] se tivesse que ser sincero, se tivéssemos que ser polêmicos, mas o grande pároco do mundo funciona para a mídia, porque é bonito ver o Papa que está presente em tudo, mas um papa não pode realmente fazer tudo, porque senão não seria um Papa, seria um pároco que faz tudo. [...] mas a instituição para Paulo VI sempre tinha que ser salva, neste momento há um papa e o povo, mas a instituição, você não vê, não é visível. E há a possibilidade de uma mudança forte na estrutura da igreja, no sentido de democratizar a estrutura da igreja, mas no final, você não pode, ou seja, eles vão tentar fazer isso, mas o problema básico não é isso, o problema básico é que tudo então vai para a mesa do Papa e o Papa decide [...] (Andrea Gagliarducci, transcrição e tradução do vídeo).

Observamos, nesta fala, a dicotomia que é intrínseca ao cargo de papa. Com Francisco é possível perceber em muitas situações a dificuldade que é gerenciar os dois papéis ao mesmo tempo: aquele que quer e precisa se aproximar do povo para manter o relacionamento entre os fiéis e a instituição, mas ao mesmo tempo deve manter a estrutura funcional e em ordem com o público interno. A crítica do ator social sinaliza que não é possível cuidar de ambos os lados na mesma proporção, porque mesmo que o papa tenha esse direcionamento afetivo com os fiéis, dando a ver uma certa “democratização da Igreja”, ainda é ele quem toma a decisão final. Na percepção do ator social, esse fazer do papa seria um paradoxo. Contudo, não há paradoxo em seus gestos democratizantes, ainda que ele continue tendo a última palavra. Incidentalmente, isso amplia o debate. Outra problemática entra em jogo nessa última fala, porque tanto a Igreja Católica como o Papa Francisco sustentam uma representatividade, e nesse sentido, o ator social

sinaliza que quando o papa vai para o povo isso é estratégico porque “funciona para a mídia”, contudo, não funciona internamente, deixando a entender que a visibilidade da instituição é o problema atual.

A partir da observação da entrevista analisada, identificamos que há uma tentativa do entrevistador em levar a conversa para pontos tensos ou que acionem um debate mais crítico. Inicialmente, percebemos uma postura um tanto incisiva sobre a forma de conduzir as perguntas e as interações, como se houvesse uma expectativa de usar um entrevistado próximo ao Vaticano e ao processo do sínodo para trazer à tona verdades contundentes. Inquietados por tal abordagem, e pelo número de inscritos no canal de Bernardo P. Küster, identificamos uma vasta produção de conteúdo para um público católico, cuja particularidade editorial se concentra em “revelações” de inúmeros assuntos do mundo do catolicismo. Isso inclui críticas pesadas ao processo sinodal, análise e revelações de possíveis conspirações de partidos políticos de esquerda e seguidores da Teologia da Libertação às decisões da Igreja, críticas e denúncias à Campanha da Fraternidade, a segmentos da Igreja, além de tantos outros. Indo além, algumas pesquisas nos indicaram que Bernardo faz parte de grupos bolsonaristas envolvidos nos ataques à Brasília, em que seus canais de comunicação estariam sendo acusados de instigar os atos golpistas²⁵. Também há pesquisas acadêmicas analisando a relação de Bernardo com grupos de extrema direita, sendo um artigo e uma dissertação de mestrado²⁶.

Considerando as interações em seu canal do Youtube, Bernardo se apresenta como um “tradutor” da Igreja Católica via jornalismo. Por conta de sua presença digital, ele é considerado um influenciador especialista que se autoriza a falar sobre determinados assuntos, inclusive a fazer denúncias. Suas ações geram consequências como esta que observamos, a nível de STF. Contudo, ainda assim, para o público seguidor e fã de seu trabalho, ele acaba tendo uma representatividade comunicativa como se fosse uma voz da verdade sobre as coisas “escondidas” da Igreja. E por seu posicionamento, no vídeo analisado, observamos que ele provoca o entrevistado a tocar em pontos que reverberam a polêmica.

Um pequeno recorte das interações entre outros atores sociais, nos comentários da entrevista no Youtube reforçam a noção de que as mudanças iniciadas pelo Papa Francisco com o sínodo representam uma crise do catolicismo, no sentido de perda de identidade. Um dos

²⁵ Informação coletada em matéria no Portal Terra “Bernardo Küster tem redes sociais bloqueadas após decisão do STF”. Disponível em: <https://bit.ly/4aNM1VK>. Acesso em 15 mar. 2024.

²⁶ Catolicismo e política na era digital: o caso de Bernardo Küster e a Teologia da Libertação no YouTube. Disponível em: <https://bit.ly/4cQ4N0z>. Discurso conservador católico nas redes: a relação de Bernardo Küster com a extrema-direita no Youtube, disponível em: <https://bit.ly/3PV0nf5>. Acesso em 15 mar. 2024.

atores sociais até menciona que é uma das piores crises e de longo tempo, mas com o agravante da internet “vai dá uma ‘acelerada’ no processo”.

Figura 43 – Comentários na entrevista de Bernardo P. Küster ao vaticanista Andrea Gagliarducci

 **@andresiquinellinakane2669** há 6 meses
Pelo tom dessa entrevista parece que está tudo bem, está tudo tranquilo, estamos vivendo num mar de rosas e não na maior crise de apostasia vivida pela Santa Igreja.

👍 88 🗨️ Responder

▲ 12 respostas

 **@alessandro4714** há 6 meses
Bingo ! 🎉
Xadrez 4D come na alta kk

👍 6 🗨️ Responder

 **@AndreLuiz-sv5me** há 6 meses
É inegável que a Igreja está em crise mas essa não é nem de longe a maior vivida por ela. Arianismo, Nestorianismo, os Cátaros na Idade Média... todos esses foram piores.

👍 12 🗨️ Responder

 **@antoniofreitas9980** há 6 meses
Acho q é a pior, já vem de longo tempo, sem percebermos, está chegando no ápice, a diferença é q as outras não tinham internet, vai dá uma 'acelerada' no processo.

👍 9 🗨️ Responder

 **@aldocosta228** há 6 meses
O entrevistado tenta nos acalmar dizendo que no final quem vai decidir é o Papa. Mas se o Papa quisesse isto, ele nem teria convocado essa coisa polêmica e com grande potencial de fazer estragos, seja pelo que for aceito pelo Papa ou pelo "Espírito Sinodal"

👍 16 🗨️ Responder

 **@antoniofreitas9980** há 6 meses
Botou um paninho quente, só isso, mais é um bom jornalista do Vaticano, muito sensato.

👍 6 🗨️ Responder

 **@danielsilbernagel234** há 5 meses
Parabéns ao vaticanista italiano que fez cair por terra as ideias interpretativas de muitos e inclusive, a interpretação do próprio Bernardo com recortes poucos católicos com interpretação protestante.

👍 1 🗨️ Responder

 **@pedroinliz4123** há 6 meses
Parabéns Bernardo pela cobertura do sinodo muito boas as entrevistas que Deus continue abençoando o teu Belo trabalho aqui no YouTube

👍 8 🗨️ Responder

 **@fernandamontenegro6530** há 5 meses
Ele disse que no Sínodo da Amazônia o Papa pois freio quando tudo estava indo longe demais, sim, porque naquela época o papa Emérito ainda estava vivo e podia retrucar.
Agora que o Papa Bento não está mais entre nós, talvez o Papa Francisco se sinta mais a vontade para deixar tudo ir na direção que ele pretender.

👍 🗨️ Responder

 **@joaanido** há 6 meses
Na verdade vocês estão em negação, porque só pelas propostas de temas de discussão que eles propuseram já é uma mudança, já se percebe que a que esses bispos estão seguindo outro é não é o nosso Jesus crucificado

👍 2 🗨️ Responder

Fonte: Youtube²⁷.

Nos comentários observamos as referências ao sínodo, à forma como a Igreja tem lidado com crises e mudanças ao longo da história e opiniões sobre a atuação do papa em relação a questões atuais e passadas. Os atores sociais discutem a autenticidade e a direção das ações da Igreja, comparando-as com princípios e eventos históricos. Além disso, expressam preocupações com a manutenção da doutrina e a identidade católica frente às mudanças propostas, refletindo uma mistura de descontentamento, apoio, dúvida e crítica. Estes comentários indicam uma ruptura na representatividade do Papa Francisco como líder, no sentido de que por ocupar este lugar hierárquico não é suficiente para que todos os fiéis da Igreja o reconheçam como referência ou como líder. Aqui observamos a diversidade de perspectivas dentro da comunidade católica sobre as reformas e direções tomadas sob o comando de Francisco. Há evidências, tanto na entrevista como nas interações nos comentários, de que existem pessoas que desconfiam e outras que expressam confiança na liderança papal, temendo o afastamento das tradições. Por causa disso, elas fazem uma disputa interpretativa e assumem as falas do papa como ambíguas. Os comentários sugerem uma tensão entre a conservação de doutrinas enraizadas e a possibilidade de abordagens contemporâneas, que acabam realçando as complexas dinâmicas interacionais dentro da Igreja frente à mediatização e à influência do papa como figura central.

O uso de plataformas de mídia digital de longo alcance, como o Youtube, usadas pelos fiéis para expressar suas visões religiosas demonstra o impacto da mediatização nas lógicas da religião. Essa dinâmica altera a forma como as discussões religiosas são realizadas e a maneira como as informações e interpretações sobre a Igreja e sua doutrina são disseminadas. Há 20 anos, as interações ficavam sob os limites dos sites e da TV, sem o nível de interação que observamos hoje. Em termos de idade da Igreja Católica, essas afetações são recentes. A transformação é visível nos comentários que retratam o temor pela possível perda da identidade católica, especialmente com a aproximação das práticas protestantes como resultado do sínodo. Isso implica num impacto significativo da autopercepção do próprio sistema da Igreja e na sua distinção doutrinária com outras denominações religiosas.

A análise dos materiais reforça o entendimento de que o Sínodo da Sinodalidade é um campo de tensão significativo, onde diferentes visões sobre o futuro da Igreja estão sendo expressas e contestadas. A resistência conservadora à liderança progressista do Papa Francisco

²⁷ Disponível em: <https://bit.ly/43Qa6sT>. Acesso em: 15 mar. 2024.

e às mudanças propostas por ele evidencia o desafio de manter um equilíbrio entre a tradição e a inovação na evolução da Igreja Católica.

8 CASO 3 – NEGOCIAÇÃO DE PAZ

8.1 APRESENTAÇÃO DO CASO

Este caso é sobre a relação do líder do catolicismo com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, a partir de uma tentativa de negociação de paz. O caso é composto por cinco dinâmicas de circulação (Figura 44), que perpassam uma linha temporal de abril de 2023 a março de 2024. Considerando que no período de observação do caso a guerra ainda não tinha tido desfecho, optou-se por investigar o caso até março de 2024.

Figura 44 – Dinâmicas de circulação – Caso 3: Negociação de paz



Fonte: Elaborada pela autora.

Em 30 de abril de 2023, o Papa Francisco concedeu entrevista no voo de retorno da Hungria, quando foi questionado sobre a paz na Ucrânia e sobre o seu encontro com líderes húngaros, a citar o Primeiro-Ministro húngaro, Viktor Orbán, e o Metropolita Hilarion Alfeyev, bispo da Igreja Ortodoxa. Em resposta, o Papa Francisco comentou que haviam conversado sobre possíveis caminhos para a paz na Ucrânia, e que havia uma missão de paz em curso, mas que ainda não era de domínio público. Na sequência, outra jornalista perguntou ao papa se seria possível realizar o pedido de ajuda solicitado pelo Primeiro-Ministro da Ucrânia, de que o papa

ajudasse a levar de volta para casa as crianças ucranianas levadas à força para a Rússia. O Papa Francisco respondeu dizendo que achava possível, já que a Igreja já tinha intermediado uma situação semelhante, de troca de prisioneiros.

Como previsto, a resposta do Papa Francisco sobre haver uma missão de paz secreta do Vaticano para a Ucrânia reverberou no noticiário brasileiro, e assim constituindo o primeiro movimento interacional que dá origem a este caso. Dois dias após a resposta de Francisco ter irrompido no cenário midiático, o jornalismo passou a publicar a resposta dos governos de Moscou e Kiev, que negaram envolvimento do Vaticano na negociação de paz na Ucrânia. Assim, a partir do dia 2 de maio de 2023, temos a terceira dinâmica de circulação do caso.

Diante de tal situação de constrangimento, o Vaticano se pronunciou através do Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, de que ambos os governos estavam cientes da missão. Portanto, considerava que em meio a desvios burocráticos as comunicações poderiam não chegar onde deveriam chegar.

Em meio às tensões sobre os combinados entre o Vaticano e os governos em guerra, se estabelece a terceira dinâmica do caso, com o encontro do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e o Papa Francisco no Vaticano, no dia 13 de maio. A visita do presidente ucraniano foi o primeiro encontro presencial de ambos depois que o conflito iniciou. A partir das informações publicadas nos sites de notícias, depois do encontro com o papa, Zelensky publicou em suas redes sociais dizendo que era grato ao Papa Francisco pela atenção especial à tragédia de milhões de ucranianos. Além disso, o presidente comentou que conversaram sobre as milhares de crianças deportadas pela Rússia e sobre o plano de paz apoiado por Kiev, mas rejeitado por Moscou.

Considerando o andamento da guerra, ainda em 2024 o circuito envolvendo o Papa Francisco e os governos dos países em conflito tem continuidade e, coincidentemente, acionado por uma nova entrevista. No dia 9 de março o site do Vatican News publicou o texto da entrevista concedida pelo Papa Francisco ao jornalista Lorenzo Bucella, da Rádio Televisão Suíça (RTI). A entrevista, compõe a quinta e última dinâmica de circulação do Caso 3. Na entrevista foram abordados temas como a guerra na Ucrânia, o conflito entre Israel e Palestina, reflexões sobre a paz, sobre o significado do termo negociação, e o significado da cor branca. Aparentemente, a entrevista apresenta um aspecto mais filosófico, relacionando simbologias sobre a cor branca com a paz e com aspectos da função de ser papa, desafios e percepções de Francisco.

A partir do dia 9, alguns sites de notícias começaram a publicar sobre a entrevista, colocando sob holofotes uma fala do Papa Francisco destacando a importância do diálogo e da

coragem de negociar para alcançar a paz, mas com a interpretação de que isso significava uma rendição por parte da Ucrânia, usando a expressão “bandeira branca”. No texto que acessamos, a expressão “bandeira branca” foi utilizada pelo jornalista, colocada no sentido de sua pergunta, e ali contextualizada e relacionada com a perspectiva filosófica em que conduziu a entrevista.

Esta situação reverberou em uma série de afetações entre as partes, o que nos permitiu dar continuidade ao caso de pesquisa, considerando a participação do diálogo do Papa Francisco no contexto da guerra da Ucrânia. Além disso, é importante frisar que se trata de um acontecimento em andamento, porque tanto a guerra continua, como o Vaticano segue envolvido em diálogo e tentativa de paz. Porém, considerando a limitação temporal da pesquisa, optamos por finalizar o caso com esse acontecimento.

8.2 INFERÊNCIAS ESPECÍFICAS DO CASO 3

Durante a viagem de retorno da Hungria, em 30 de abril de 2023, o Papa Francisco respondeu a perguntas sobre migração, paz na Ucrânia e encontros com líderes influentes, incluindo o Primeiro-Ministro húngaro Orbán e o Metropolita Hilarion (bispo). Na entrevista Francisco enfatizou a importância de abrir canais de diálogo para a paz e discutiu a crise migratória, destacando a responsabilidade da Europa em distribuir equitativamente os migrantes e mencionando o impacto da baixa taxa de natalidade em países como Itália e Espanha. Ele também reconheceu a importância de manter relações com figuras ecumênicas como Hilarion e mencionou estar em contato com o Patriarca Kirill da Rússia. Além disso, a resposta de Francisco, que dá início à primeira dinâmica de circulação, foi de que havia uma missão não pública em andamento pelo Vaticano para promover a paz na Ucrânia, prometendo falar mais sobre ela quando fosse apropriado. Para entender o teor da entrevista e como essa resposta foi dita, buscamos pelo documento oficial, publicado pela Santa Sé

¹.

¹ Íntegra da entrevista disponibilizada pela Santa Sé, em português. Disponível em: <https://bit.ly/4cwVbYk>. Acesso em 15 mar. 2024.

Figura 45 – Perguntas e respostas sobre a missão de paz do Vaticano para o fim da guerra na Ucrânia

Eliana Ruggiero:

E se Hilarion e também Orbán poderiam de algum modo acelerar o processo de paz na Ucrânia e tornar possível um encontro entre Vossa Santidade e Putin. Poderiam fazer de – entre aspas – intermediários?

Papa Francisco:

Como a senhora pode imaginar, não passamos o encontro a falar da história da Carochinha; falamos de todas essas coisas. Falou-se disso, porque interessa a todos o caminho da paz. Eu estou disposto, estou disposto a fazer o que for preciso. Mesmo agora está em curso uma missão, mas ainda não é de domínio público... Veremos. Falarei dela, quando se tornar pública.

Eva Fernández [Rádio Cope]:

O Primeiro-Ministro da Ucrânia pediu a sua ajuda para trazer de regresso as crianças levadas à força para a Rússia. Pensa que poderá ajudá-lo? Obrigada.

Papa Francisco:

Penso que sim, pois a Santa Sé já fez de intermediário nalgumas situações de troca de prisioneiros; e, através da Embaixada, tudo correu bem. Penso que pode funcionar também desta vez. É importante! Pelo menos a Santa Sé está disposta a fazê-lo, porque é justo: é uma coisa justa e devemos ajudar, ajudar para que isto não seja um *casus belli*, mas um caso humano. Trata-se dum problema de humanidade, antes de ser um problema de espólio de guerra ou de «transferência» de guerra. Todos os gestos humanos ajudam; ao contrário, os gestos de crueldade não ajudam. Devemos fazer tudo o que for humanamente possível.

Penso também – e quero dizê-lo aqui – nas mulheres que vêm para os nossos países: Itália, Espanha, Polónia, Hungria. Há muitas mulheres que vêm com os filhos; os maridos morreram ou estão a combater na guerra. É verdade! Neste momento, são ajudadas e há entusiasmo em fazê-lo; mas é preciso não perder o entusiasmo, porque, quando este decai, aquelas mulheres ficam sem proteção, com o perigo de cair nas mãos dos abutres que sempre giram à caça... Tenhamos cuidado em não perder esta solicitude que agora mostramos de ajudar os refugiados. E que isto seja feito por todos! Obrigada.

Obrigado a vós todos e bom jantar! Mas não sei se será jantar, ou apenas algo para enganar o estômago. Muito obrigado pelo vosso trabalho.

Fonte: Santa Sé².

A resposta de Francisco, quando questionado sobre o contato dele com Orbán e Hilarion, chama a atenção quando diz: “Como a senhora pode imaginar, não passamos o encontro a falar da história da Carochinha³ falamos: de todas essas coisas. Falou-se disso, porque interessa a todos o caminho da paz”. Ou seja, aqui observamos uma resposta clara de que Francisco quer dizer que mesmo sendo um líder religioso também tem responsabilidade com assuntos fora do sistema estrito da Igreja, e questões como a paz e ações de humanidade fazem parte dos interesses de uma Igreja global, e por isso é necessário que o líder esteja comprometido e se movimentando para isso.

Antes da entrevista ser manchete nos veículos de comunicação, o Vaticano publicou um texto reforçando o sentido humanitário da resposta de Francisco na coletiva no voo. O foco da

² Disponível em: <https://bit.ly/4cwVbYk>. Acesso em 15 mar. 2024.

³ Nesse texto a expressão utilizada foi “história da Carochinha”, mas em trechos do vídeo da fala e em outras traduções é utilizada a expressão “chapeuzinho vermelho”.

manchete foi dizer que a Santa Sé trabalharia para ajudar a levar para casa as crianças ucranianas levadas à força para a Rússia. Aqui há uma lógica de ser o primeiro a noticiar já com o intuito de marcar o sentido da coletiva, porém, com o conhecimento de que ela poderia ser replicada sob outros sentidos. Além disso, o informativo oficial do Vaticano reforça o lugar protagonista do papa quando menciona que ele “trabalhará para libertar as crianças”.

Figura 46 – Manchete do site do Vaticano sobre coletiva no voo de retorno da Hungria
(30.04.23)



Fonte: Vatican News⁴.

No jornalismo tradicional, observamos uma operação de legitimação e reforço simbólico, tanto sobre o cargo do papa, quanto da Igreja Católica enquanto instituição preocupada em ajudar as crianças ucranianas e por haver essa missão de paz. Ou seja, mostra uma religião atenta às necessidades do mundo.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/4cgvWtp>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 47 – Trecho de matéria publicada pelo Jornal Nacional

O Vaticano vai ajudar a levar de volta para casa milhares de crianças ucranianas - 16 mil, de acordo com governo da **Ucrânia**, que foram tiradas do seu país e levadas ilegalmente para a **Rússia** desde o começo da guerra. O Papa lembrou que a Santa Sé já intermediou a troca de prisioneiros, e que pode funcionar também com as crianças.

Fonte: Jornal Nacional⁵.

Esse aspecto evidenciado pelo Jornal Nacional, tanto em reportagem em vídeo como no texto no site, é reforçador da importância das reuniões do Papa Francisco com as lideranças político-religiosas. Em ambos os materiais, a jornalista comenta sobre o “peso dos encontros” com o primeiro-ministro Viktor Orbán “que pela proximidade com Vladimir Putin, dá grande significado à revelação de Francisco”. O contato com o metropolita Hilarion também sinaliza esse significado, porque foi ministro das Relações Exteriores da Igreja Ortodoxa russa, mas mandado para a Hungria por ter se oposto à guerra.

A resposta do papa acaba sendo uma provocação, bem-humorada: “Você não imagina que nessas reuniões falávamos só de chapeuzinho vermelho, né? Todos estão interessados no caminho da paz. Estou disposto a fazer o que for preciso”. Há uma justificativa de sua representatividade comunicativa pelo próprio pontífice, o que legitima seu posicionamento e esforço para questões gerais da humanidade, e que não necessariamente precisasse estar envolvido. “O Vaticano vai ajudar a levar de volta pra casa milhares de crianças ucranianas, 16 mil, de acordo com o governo da Ucrânia, que foram tiradas do seu país e levadas ilegalmente para a Rússia desde o começo da guerra”. Essa frase da repórter na matéria em vídeo legitima o poder simbólico e a importância dada à Igreja Católica como instituição religiosa de nível mundial. Não observamos esse movimento em outras denominações religiosas, então, de certa forma, esse tipo de ação e atitude do líder supremo torna emblemático o fato de o catolicismo ser uma a religião dominante no mundo.

No site, há trechos de falas do papa na viagem de retorno da Hungria, usadas pelo pontífice como uma prova social de que o Vaticano já fez isso com prisioneiros e vai tentar novamente, mas com as crianças. Aqui observamos o reconhecimento que o próprio papa tem de si e de seu cargo como um seu lugar de representatividade, poder e respeito.

⁵ Disponível em: <http://glo.bo/49VTRgb>. Acesso em: 15 mar. 2024.

*

A segunda dinâmica de circulação presente neste caso, começa com a irritação provocada pela resposta do Papa Francisco, replicada pelos meios de comunicação marcando o posicionamento de Moscou e Kiev que negam o envolvimento do Vaticano na negociação de paz.

Figura 48 – Manchetes sobre negativa de envolvimento do Vaticano em negociações de paz



Fonte: Jornal Nacional; CNN Brasil⁶.

Há um conflito político entre a Rússia e o papa, e o jornalismo traz à tona a partir da nota transmitida ao vivo pelo Jornal Nacional: “O governo russo desmentiu o Papa Francisco, e negou que o Vaticano esteja negociando a paz na guerra da Ucrânia”. Evidenciamos uma tentativa de polêmica vinda do JN, até num tom de provocação, porque a reportagem do dia anterior retrata um papa humano e de certa forma heroico; no dia seguinte, em nota o chama de mentiroso quando diz que o líder político do lado oposto “desmentiu” o papa. O curioso nesse caso, é que o mesmo veículo não traz falas ou qualquer tipo de comprovação por parte do governo russo, que negou o envolvimento de Francisco. Mas, por outro lado, quando o JN noticiou sobre o esforço do papa, ele usou de suas falas na entrevista do avião como material de comprovação.

⁶ Disponível em: <http://glo.bo/3TiVWLR>; <https://bit.ly/43tB0qn>. Acesso em: 10 mar. 2024.

O formato de nota explicativa, publicado pelo JN, normalmente possui a característica de resposta ou réplica, o que nos leva a interpretar duas coisas: primeiro, pode ser que o Jornal Nacional estivesse na posição de ter que dar um retorno sobre a publicação do dia anterior, porém, para não [re]acionador o debate, apenas emite uma nota, sem mais informações. Ao mesmo tempo, ao encerrar o assunto com essa declaração do governo russo, o veículo corre o risco de ser mal interpretado, como favorável a tal discurso, porque tanto a nota como o texto publicado no site [como uma transcrição da nota falada ao vivo] encerram de forma abrupta, sem muitas explicações. Por sua vez, corrobora com o mencionado acima, de despertar para uma polêmica, ou no mínimo um alerta de debate, especialmente quando escolhe usar a palavra a expressão “desmentiu o papa”. Aqui também fica evidente que o Papa Francisco é tratado tanto pelo JN quanto pelo governo russo, como um poder civil.

Depois disso, acontecem duas situações significativas. O Papa Francisco se encontra com membro da Igreja Ortodoxa russa, o metropolita (bispo) Anthony, considerado o número dois da Igreja Ortodoxa russa. Na sequência, o Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, se manifesta em nome do Vaticano, alegando que ambos os governos – Ucrânia e Rússia – tinham conhecimento sobre a iniciativa de paz do Vaticano, e que estava surpreso pela interpretação feita pelas lideranças. Trataremos das inferências consecutivamente.

O encontro do Papa Francisco com o membro da Igreja Ortodoxa Russa assinala lógicas interacionais diplomáticas e que neste caso parece uma relação intersistêmica representativa, já que são duas Igrejas, historicamente separadas por um cisma (1054), em função de diferenças teológicas e políticas entre os cristãos do Oriente e do Ocidente. A Igreja Ortodoxa é a segunda maior comunidade cristã, ficando atrás da Igreja Católica Apostólica Romana, liderada pelo Papa Francisco. Várias ocasiões marcam o pontificado de Francisco pela continuação ao diálogo e a busca ecumênica da união dos cristãos, uma ação também considerada marcante em seu pontificado.

Na situação de guerra na Ucrânia, a aproximação entre Francisco e os líderes russos nos remete a uma negociação intersistêmica para um fim maior: a paz, cuja importância e valor norteiam os princípios religiosos de ambas. Além disso, valida sua trajetória comunicativa, e de certa forma experimental, destacando uma representatividade não só de reformador, mas de negociador. Uma abordagem que sai totalmente das bordas da Igreja Católica, mas reforça o posicionamento sempre defendido por Francisco de manter o diálogo inter-religioso, e ao mesmo tempo nos indica uma estratégia política-religiosa e, que neste caso da busca pela paz, também estende o seu poder como chefe de Estado do Vaticano. Essa duplicidade do papel do Papa Francisco reverbera esses dois fazeres. Também o diálogo e proximidade com autoridades

e lideranças de outras religiões nos permite pensar que o seu modo de governo é a tentativa de uma consolidação de padrões para o catolicismo e para quem o sucederá.

Há uma complexa relação interacional neste caso, que inclusive nos foge a verdadeira compreensão por seu aspecto amplo e profundo. O sistema da Igreja Católica se interconecta com o sistema de outras religiões em prol de uma negociação política a outros países, e quando o papa responde à jornalista na entrevista sobre a missão de paz que está em andamento, imediatamente isso causa uma irritação do lado político de Moscou e Kiev. Um ponto curioso é que nem o Vaticano, pelos meios de comunicação oficiais, nem os portais de notícia apresentam detalhes sobre a missão anunciada. Há um mistério que, estrategicamente, faz parte da negociação envolvida. Até o período de observação dos acontecimentos (março/2024), todo o discurso midiático fica centralizado na novidade “lançada” pelo papa, de estar em missão de paz pela Ucrânia, mas sem ter mais detalhes do que seria a proposta, já que essa informação não foi divulgada.

Em resposta à negativa, especialmente da Rússia, o Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, diz ter ficado surpreso com tal reação, porque ambos os governos estavam cientes da missão de paz.

Figura 49 – Trecho da matéria publicada pelo Vaticano, primeira resposta à reação negativa da Rússia

Surpreso com a reação

"O Papa disse que haverá uma missão que será anunciada quando for pública e eu repito as mesmas expressões que ele usou", afirma o Cardeal Parolin, "não vou entrar em detalhes. ☺ Papa falou nesses termos, vamos deixar que ele dê mais informações. O cardeal diz que está "surpreso" com a reação da Rússia e da Ucrânia, já que "pelo que sei, eles estavam e estão cientes" de ambos os lados. "Sim, informados no momento. Até onde eu sei, eles sabem. Vocês sabem como é, em meio aos labirintos da burocracia, pode ser que as comunicações não cheguem onde deveriam chegar. Mas as minhas são apenas interpretações, eu sei que ambas as partes foram devidamente informadas. Então, como deve ser interpretada essa negação?" "Eu diria que me surpreende e não sei a que motivação ou raciocínio responde", respondeu o cardeal, especificando que a presença do Metropolita Antonij, presidente do Departamento de Relações Exteriores do Patriarcado de Moscou, na Audiência Geral do Papa (na quarta-feira 03/05) "não tem nada a ver" com essa missão. A reunião "se enquadra nas comunicações normais que existem" também com os chefes dos Dicastérios da Cúria Romana, explicou Parolin.

Fonte: Vatican News⁷.

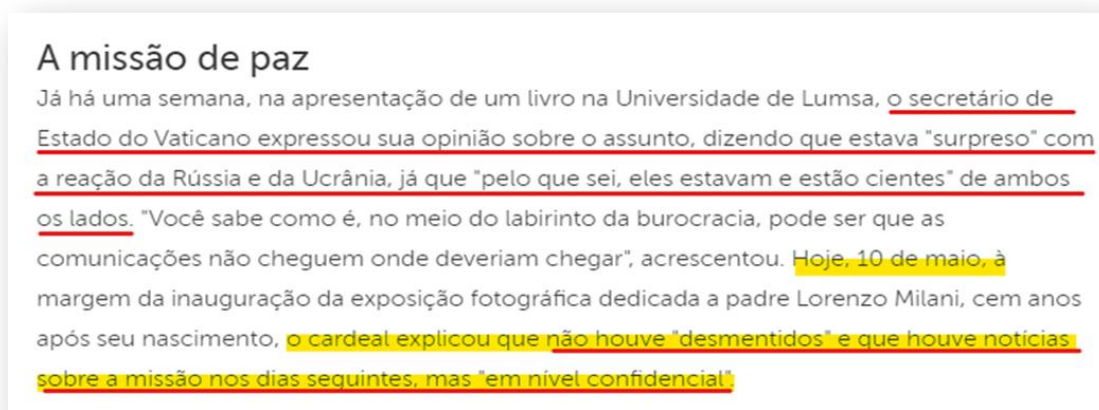
Nessa entrevista concedida pelo cardeal Parolin, observamos a oportunidade de usar de um momento de rotina para trazer o tema à tona, e ao mesmo tempo responder aos governos em guerra, dizendo que ambos sabiam de tal missão da Santa Sé. Isso passa a mensagem de que mesmo tendo sido atacada, a Igreja Católica buscou ser sutil na retórica. O cardeal aproveita o ensejo fazendo a provocação: “‘Mas as minhas são apenas interpretações, eu sei que ambas as partes foram devidamente informadas’. Então, como deve ser interpretada essa negação? ‘Eu diria que me surpreende e não sei a que motivação ou raciocínio responde’”, comentou o cardeal.

Diante dos ruídos da comunicação, cuja passagem em circulação vai agregando variadas camadas interpretativas e de ressignificação, esse fazer é potencializado pela ambiência da midiaticização, e como afetação gera uma irritação intersistêmica, que em última análise se transforma em uma agonística entre participantes e sistemas envolvidos.

Aquilo que deveria ser um acordo de paz, uma proposta entre líderes, se transforma em um debate midiático de amplo espectro. Claramente existe uma reação de surpresa por parte da Igreja, porque ela responde e se posiciona em outros momentos. Exemplo disso se verifica em 10 de maio, quando o cardeal Parolin reforça a posição de que os governos não “desmentiram” o anúncio do Papa Francisco, mas que houve um “mal-entendido, um equívoco”. Na oportunidade, o Secretário de Estado do Vaticano atualiza o status da missão de paz, dizendo que estava andando e haveria mais notícias, mas que ainda permaneciam em caráter confidencial.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3TDjixf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 50 – Trecho do segundo esclarecimento sobre o “mal-entendido” da missão de paz do Vaticano



Fonte: Vatican News⁸.

A resposta do Vaticano para o “equivoco” do anúncio da missão de paz foi encontrada apenas em dois sites de notícia, com o mesmo texto publicado. Observamos que o movimento do jornalismo é mais contido em noticiar o “esclarecimento”, comparado ao interesse de fazer circular o indício de agonística entre os governos em guerra e o Vaticano, uma espécie de guerra diplomática, mas sobretudo, esse interesse do jornalismo diz respeito à lógica midiática em abordar os acontecimentos.

Na CNN há um destaque para o embate entre os sistemas. A lógica do jornalismo em trazer esses destaques nos indica a inferência de que interessa divulgar e reforçar esse tipo de conteúdo, colocando os participantes em debate *no texto*, até mesmo provocando o sistema contrário [Igreja Católica] a um pronunciamento mais contundente. No intervalo entre 2 e 12 de maio, a negação da Rússia sobre a negociação de paz do Vaticano foi respondida pelo Secretário de Estado do Vaticano. Mas o jornalismo lança nova provocação, o que parece pertinente, porque o Papa Francisco já tinha em sua agenda o encontro com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky.

A CNN deixa o sentido aberto à interpretação de que a negativa do Kremlin sobre a missão de paz do Vaticano foi depois de saber que o Papa Francisco se encontraria com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, no dia 13 de maio.

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/4akAs8x>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 51 – Trecho da matéria da CNN, gerando um conflito interacional entre Rússia e Vaticano



Fonte: CNN Brasil⁹.

Outra heurística para tal convocação do sistema midiático é de colocar a Igreja Católica em um lugar de dúvida de sua importância, ou da capacidade de ajudar uma guerra chegar ao fim, que somado ao fato do Vaticano não ter comunicado detalhes sobre a missão de paz, esbarra em uma possível crise de legitimação simbólica do valor do anúncio do Papa Francisco.

*

O encontro do presidente Zelensky com o Papa Francisco, no Vaticano, em 13 de maio de 2023, marca a terceira dinâmica de circulação, dando sequência às mobilizações agonísticas entre os sistemas religioso, político e midiático.

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/43tB0qn>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 52 – Compilado de manchetes sobre o encontro de Zelensky com o Papa Francisco



Fonte: G1, SBT News, Vatican News, UOL¹⁰.

As informações publicadas pelo G1 indicam que entre os temas da conversa esteve as crianças deportadas pela Rússia e um plano de paz rejeitado por Moscou. Depois de ouvir o Vaticano, o G1 diz publicou que o central na audiência foi abordar a “situação humanitária e política na Ucrânia”, e tanto o papa como o presidente ucraniano concordaram em “continuar os esforços para apoiar a população”. O Papa Francisco também expressou apoio ao presidente ucraniano, enfatizando a “necessidade de ajudar os mais frágeis e inocentes vítimas da guerra”. Este evento destaca o teor das interações entre o líder do catolicismo em temas políticos e militares, evidenciando o papel diplomático do Vaticano em movimentar esforços por apoio de outros países em favor da Ucrânia.

O Papa Francisco, ao receber Zelensky e discutir temas sensíveis, mostra uma faceta da Igreja Católica engajada em questões políticas e humanitárias globais. A atenção midiática particular desse encontro fortalece a representatividade de mediador e figura moral influente do

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3PD9roS>; <https://bit.ly/49MoC77>; <https://bit.ly/3VpHeFB>; <https://bit.ly/4a6G9XT>. Acesso em: 15 mar. 2024.

papa no contexto internacional. A reunião, que é o tempo todo mediada e, de certa forma, com um protocolo que favoreça a mediação pelo jornalístico, reflete o acoplamento entre os sistemas e evidencia o impacto da Igreja na diplomacia e nas questões humanitárias, além da capacidade das lógicas da mediação em moldar a percepção pública dessas interações.

As negociações de paz e o contato direto com os líderes das nações em conflito introduzem uma lógica disruptiva ao ambiente midiático tradicional, que na maior parte do tempo é saturado por narrativas políticas convencionais. Ou seja, o disruptivo é o fato de ser um líder religioso, com a representatividade do cargo de papa, envolvido em polêmicas ou agonísticas com governos políticos, que acontecem publicamente no ambiente midiático. O que também direciona para uma afetação interna ao campo religioso, no sentido de que o envolvimento de Francisco, cujo posicionamento enfático e extrovertido que não silencia e nem se deixa selecionar diante de críticas, reverbera em sua imagem positiva e forte.

Podemos ir além, e pensar o nível de interações e a forma de abordagem como um desafio aos padrões usuais de comunicação entre a Igreja Católica e o mundo, o que provoca uma agenda humanitária e em prol da paz que transcende as fronteiras, tanto religiosas quanto políticas. A iniciativa do papa de participar ativamente em questões geopolíticas globais convoca o sistema religioso a assumir um papel mais proeminente na comunicação e influência mundial. Através do posicionamento e conduta do Papa Francisco, imputa à posição da Igreja Católica uma autoridade espiritual e um poder político, como um agente ativo na promoção da paz e do bem-estar da humanidade.

O interesse que o encontro entre Zelensky e o Papa Francisco gera no midiático, provoca uma reconfiguração do que seriam as lógicas tradicionais dos circuitos interacionais, porque há um interesse mútuo para tal comunicação. Quer dizer, o governo da Ucrânia vê uma força na presença do papa que transcende as bordas da religião. Poderíamos dizer que se o encontro girasse em torno de mera formalidade, um plano de paz estratégico e um pedido de ajuda prático não estariam em questão. Esse diálogo marca uma transformação, também em como o mundo passa a ver e reconhecer a influência da Igreja, através das ações de Francisco, que, particularmente, não trata da situação da guerra como um caso isolado, mas trabalha essa especificidade como alicerce de seu próprio governo.

A nível de relações internacionais, a abertura para uma figura religiosa participar estrategicamente de um acordo de paz transforma a dinâmica convencional de uma guerra ou conflito, porque apela a uma abordagem alternativa e espiritual, ou que tenha tal representatividade. A longo prazo, isso pode reverberar em novas práticas e estratégias para a resolução de conflitos.

*

O Caso 3 tem continuidade a partir da dinâmica de circulação originada da entrevista com o Papa Francisco e um jornalista de emissora suíça, e que é replicada e espalhada mundo afora, mas também porque está relacionada a uma guerra que está em andamento. Ou seja, estamos tratando de um caso vivo, em movimento, logo a incidência de ter continuação e ser levado adiante de tantas maneiras possíveis é muito potencial.

Nesse caso em particular, os materiais desta dinâmica nos permitem capturar um número significativo de inferências com a entrevista que foi publicada pelo site do Vaticano. Assim, trabalharemos com as inferências a partir dela, e depois os próximos desdobramentos.

A entrevista é publicada no site Vatican News com o seguinte título: “O Papa sobre a guerra na Ucrânia: não tenham vergonha de negociar”¹¹. A entrevista aborda temas como a guerra na Ucrânia, o conflito entre Israel e Palestina, assim como outras situações bem particulares do Papa Francisco em que o jornalista o questionou sobre sentimentos, o peso de ter que tomar decisões a nível global, e também cita o simbolismo do dia em que o Papa Francisco rezou sozinho na Praça de São Pedro pelas vítimas da pandemia do Covid-19, em 27 de março de 2020. Todos esses temas, que a priori não possuem uma relação explícita entre si, exceto pelo fato de todos eles girarem em torno do papa ou de suas percepções, foram sendo conduzidos e interpretados a partir da compreensão simbólica sobre a paz, a cor branca, a palavra negociação, além do entendimento de força e, sobretudo, da palavra coragem. Esta entrevista chama a atenção, talvez mais do que outros materiais analisados até aqui, porque carrega uma representatividade simbólica mais contundente, especialmente porque são observadas nas próprias palavras do Papa Francisco. A percepção do valor simbólico nas falas e nas ações do pontífice, na maioria das vezes, é conduzida pelo midiático que reverbera com esse sentido. Aqui, no entanto, é como se esse texto tivesse a função de selar, de legitimar todo esse movimento da circulação com as próprias palavras de quem o diz, ou seja, não é uma ressignificação do jornalismo que leva adiante, é o sentido dito por ele mesmo, o papa.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/43uHghx>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 53 – Íntegra da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano

Publicamos o texto da entrevista concedida por Francisco a Lorenzo Buccella, jornalista da Rádio Televisão Suíça (RSI), antecipada este sábado por algumas agências e que a emissora suíça transmitirá em 20 de março

A guerra na Ucrânia e o que está acontecendo entre israelenses e palestinos, especialmente em Gaza, estão entre os temas abordados pelo Papa Francisco na entrevista que concedeu no início de fevereiro a Lorenzo Buccella, jornalista da Rádio Televisão Suíça (RSI), para a revista cultural "Cliché", em uma edição dedicada ao branco, a cor do bem, da luz, mas na qual os erros e a sujeira mais se destacam. A entrevista, antecipada este sábado por algumas agências, será transmitida pela TV suíça em 20 de março. Publicamos a seguir o texto integral segundo a transcrição da Rádio Televisão Suíça (com algumas modificações).

Fonte: Vatican News¹².

A entrevista deveria ser veiculada apenas no dia 20 de março, mas foi antecipada aos veículos de comunicação em geral, sendo replicada antes da data prevista da transmissão na TV Suíça. O texto do Vatican News começa contextualizando esse detalhe. Além disso, o Vaticano sinaliza que o texto está na íntegra, mas conforme transcrição da Rádio Televisão Suíça “(com algumas modificações)”. Não sabemos se as modificações referidas, entre parênteses, foram feitas pela rádio TV ou pelo site do Vaticano. Nesse ponto compreendemos que aquilo que temos acesso já é um recorte e/ou uma ressignificação de uma realidade, que só captou quem estava no momento presente da realização. Logicamente, isso nos diz que não necessariamente as respostas do Papa Francisco tenham sido ditas exatamente como está no texto, assim como a estrutura em que aconteceu. Esse processo compõe os movimentos da circulação midiática, o que nos permite analisar e interpretar os casos com o que está público, porque não temos acesso ao momento da realização da entrevista. Como mencionado ao longo da tese, não temos como falar em estratégias originais, planos ou intenções sobre o desenvolver dos acontecimentos e situações, porque quando o acessamos já é por meio de camadas tanto de produção quanto de significação.

Ao ser questionado pelo jornalista da Rádio Televisão Suíça (RSI) sobre a esperança de tentar mediar aquilo que acontece entre Israel e Palestina, as respostas do Papa Francisco partem da ideia de que todas as guerras do passado “terminaram com um acordo”. O “gancho” de

¹² Disponível em: <https://bit.ly/43uHghx>. Acesso em: 20 mar. 2024.

resposta sobre acordo encaminha o andamento da entrevista, e vai levando o leitor a entender que os argumentos do papa sobre estabelecer um acordo na guerra na Ucrânia é também com esse pressuposto, de que nenhuma guerra dura para sempre, mesmo que perdure por anos ela cessará com um acordo em algum momento. Então, esse “pedido” poderia ser levado em consideração antes que dizime tanto a humanidade e o espaço geográfico a tal ponto que não seja mais possível reconstruí-los.

Figura 54 – Parte da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano

Na Ucrânia, há aqueles que pedem a coragem da rendição, da bandeira branca. Mas outros dizem que isso legitimaria o mais forte. O que pensa sobre isso?

“É uma interpretação. Mas creio que é mais forte quem vê a situação, quem pensa nas pessoas, quem tem a coragem da bandeira branca, para negociar. E hoje se pode negociar com a ajuda das potências internacionais. A palavra negociar é uma palavra corajosa. Quando você vê que está derrotado, que as coisas não estão indo bem, precisa ter a coragem de negociar. Você tem vergonha, mas com quantas mortes isso vai acabar? Negociar em tempo, procurar algum país para mediar. Hoje, por exemplo, na guerra na Ucrânia, há muitos que querem fazer a mediação. A Turquia se ofereceu para isso. E outros. Não tenham vergonha de negociar antes que a situação piore”.

O senhor mesmo se ofereceu para negociar?

“Estou aqui, ponto. Enviei uma carta aos judeus de Israel, para refletir sobre essa situação. Negociação nunca é rendição. É a coragem de não levar o país ao suicídio. Os ucranianos, com a história que têm, coitados, os ucranianos na época de Stalin, o quanto sofreram...”

É o branco da coragem?

“Está bem, é o branco da coragem. Mas às vezes a ira que leva à coragem não é branca...”

Fonte: Vatican News¹³.

Claramente observamos uma espécie de recado, de chamar a atenção da Ucrânia. Ao mesmo tempo que Francisco considera que a Ucrânia esteja sendo massacrada, sinaliza que uma estratégia é negociar com o objetivo de não multiplicar ainda mais o número de mortes. Além disso, o argumento do papa nesse caso é dizer que o país tem ajuda de outros países que

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/43uHghx>. Acesso em: 20 mar. 2024.

já se manifestaram favoráveis para ajudar na mediação. Aqui, o Papa Francisco argumenta sobre o simbolismo da palavra “negociar”, considerando-a uma ação de coragem. Ao mesmo tempo, nos remete a um sentido duplo, de que ele também está encorajando a Ucrânia a tomar essa decisão. O jornalista pergunta “O senhor mesmo se ofereceu para negociar?”, e a resposta de Francisco é objetiva: “Estou aqui, ponto. Enviei uma carta aos judeus de Israel, para refletir sobre essa situação. Negociação nunca é rendição. É a coragem de não levar o país ao suicídio. Os ucranianos, com a história que têm, coitados, os ucranianos na época de Stalin, o quanto sofreram...”. Depois disso, a conversa sai do foco da Ucrânia e vai para o conflito de Israel. Esse agenciamento da entrevista nos permite inferir que o Papa Francisco e o Vaticano já haviam encaminhado uma missão de paz pela Ucrânia, o que também reverberou em uma agonística entre os governos políticos envolvidos e o Vaticano. Podemos pensar que sua resposta curta a essa pergunta tenha sido com a intenção de não causar outra polêmica pública sobre o assunto.

Na sequência da entrevista o tema sai da guerra e vai para uma conversa simbólica sobre o acontecimento que marcou o mundo, na ocasião em que o Papa Francisco rezou “sozinho” na praça de São Pedro, em março de 2020, em função da devastação causada pela pandemia. A pergunta que encaminha o assunto é: “Voltemos a 2020, à oração na Praça São Pedro durante a pandemia. O senhor era um ponto branco em meio à escuridão”. É interessante observar como o jornalista vai conduzindo a conversa acionando elementos, sentimentos e percepções do entrevistado que são simbólicas, e enfatizando os significados da cor branca, da veste branca, o que o branco significa para a Igreja. Inclusive, o desenvolvimento da conversa sobre a simbologia da cor branca chega na resposta do papa dizendo “O branco é uma cor forte, não é fraco”, justamente pela importância do sentido que carrega. E isso nos faz pensar que também é uma justificativa a sua frase anterior dizendo que não é vergonha se render numa guerra, que mostrar a bandeira branca é também ser forte. Indiretamente, visualizamos uma tentativa de diálogo direcionada aos sistemas políticos envolvidos em conflitos.

A conversação sobre o significado da cor branca pinça uma resposta do Papa Francisco que diz que não se dá conta que está vestindo branco (em seu traje característico), até que vê as manchas. O jornalista relaciona a resposta sobre a “mancha” na roupa branca com a questão de responsabilidade que o papa precisa carregar.

Figura 55 – Parte da entrevista concedida à RSI, publicada pelo Vaticano

Quando o senhor se tornou Papa, sua relação com o branco mudou?

"Não, é a mesma coisa. Mas você nem se dá conta: se veste de branco, mas não se dá conta disso. Eu me dou conta quando vejo as manchas... É uma coisa natural."

A responsabilidade que o senhor tem de carregar é pesada?

"Isso sim, mas não devemos dramatizar. Todos nós temos responsabilidades na vida. E o Papa tem uma responsabilidade maior: um chefe de Estado maior, um sacerdote, uma irmã são responsáveis pelo testemunho. Para mim, por exemplo, é mais a responsabilidade de testemunhar do que de tomar decisões. Porque com as decisões muitas pessoas aqui me ajudam, se preparam, estudam e me dão algumas soluções. Ao invés, na vida cotidiana, você não tem tanta ajuda. As decisões também são pesadas".

E aí é quase mais difícil para o senhor?

"Para mim, é mais fácil aqui por causa de toda a ajuda que tenho. Quando penso na responsabilidade, ela é pesada. Mas o Papa tem muita ajuda, muitas pessoas que o ajudam".

Fonte: Vatican News¹⁴.

A resposta do Papa Francisco nos evoca, inclusive, os casos anteriores, quando certas decisões anunciadas por ele passam a ser alvo de críticas. Embora seu cargo exija essa responsabilidade de “um chefe de Estado maior”, ele enfatiza duas vezes que as decisões não são tomadas sozinho, mas o peso disso está no simbólico, na característica das interações que reverberam e circulam em torno figura dele, justamente por estar na linha de frente, ser a ponta da hierarquia. Observamos em sua resposta que isso reflete, para ele enquanto líder de uma instituição global, que o maior peso é o da responsabilidade do exemplo, do “testemunho”, como Francisco menciona. Ou seja, o Papa Francisco tem a percepção das afetações do que um dizer ou uma decisão representam quando são levadas a público. Como ele mesmo disse, “não fala de contos de carochinha”. Logo, tudo o que diz, quando dá uma entrevista ou faz um comentário, tem um significado. Não são palavras ao vento. Por outro ângulo, inferimos que a noção da carga simbólica de seus dizeres e ações, quando postas em circulação, direcionam a uma noção de experimentação interacional. Tal percepção também é algo que está sob sua tutela, porém, não prevendo os desdobramentos, que obviamente não é possível ter em amplo

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/43uHghx>. Acesso em: 20 mar. 2024.

espectro. Mas o fato dele ter o conhecimento que tais desdobramentos vão acontecer reforça que a comunicação e a forma de interagir é tentativa, e mesmo prevendo parcialmente as reações, isso não impede de que ele, enquanto papa, tome decisões “experimentais” para o contexto e histórico da instituição que lidera.

A sequência do diálogo segue reforçando o apelo humanitário que Francisco faz continuamente ao mundo, seja por questão da guerra, pela imigração, pelo meio ambiente, mas sobretudo é um discurso que o torna emblemático de certa maneira. Nessa entrevista parece que a força simbólica exercida em seu discurso é uma forma de o Vaticano dar força ao pedido do papa em pedir que haja um acordo de paz na guerra entre Ucrânia e Rússia. Isso se expressa quando Francisco responde “[...] A guerra é sempre uma derrota, uma derrota humana, não geográfica”. Ou seja, aqui observamos um líder religioso, cuja essência da instituição e governo que lidera é a paz, ou aquilo que remete à preservação do bem sobre o mal. Mesmo nesta entrevista Francisco faz a distinção de que o governo do Vaticano é diferente dos outros governos, o que nos alude a uma comunicação intersistêmica de vertente afetiva, simbólica, espiritual. É como se o papa entendesse que o papel da Igreja Católica é intermediar por estas condições, que os demais governos não cultivam em sua essência política. Esse aspecto também se manifesta na seguinte pergunta: “Como os poderosos da Terra respondem ao senhor quando pede paz a eles?”. A resposta de Francisco reitera o posicionamento das relações humanas, do olhar para as vítimas do sistema e da guerra, que enquanto discurso religioso precisa se direcionar para ambos os lados, porque as vítimas também estão no lugar de quem ataca. Ou seja, a entrevista é sobre a guerra, mas acaba se transformando sobre o papa e a Igreja.

Alguns dizem: é verdade, mas precisamos nos defender... E depois você percebe que eles têm a fábrica de aviões para bombardear os outros. Defender-se não, destruir. Como termina uma guerra? Com morte, destruição, filhos sem pais. Sempre há alguma situação geográfica ou histórica que provoca uma guerra.... Pode ser uma guerra que parece justa por razões práticas. Mas por trás de uma guerra está a indústria de armamentos, e isso significa dinheiro (Vatican News)¹⁵.

Nesta interação, o papa convoca o sistema político dos países em guerra a sair de suas lógicas e fronteiras geográficas, para experimentar pensar naquilo que fica de resultado para o povo, de reconfiguração e modificação populacional. São dois sistemas com tipos de lógicas distintas, e a orientação para pôr em prática a paz vem de um sistema religioso, que tenta levar adiante uma iniciativa de encerrar uma guerra.

¹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/43uHghx>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Quando o site do Vaticano escolhe publicar a entrevista, considerando que de antemão a instituição tem noção das interpretações e do significado que essa conversa com o Papa Francisco pode ter, isso chancela tal posicionamento e, de certa forma, protege e dá suporte ao papa. Pelas pesquisas feitas, esse material divulgado pelo Vaticano foi publicado antes que os meios de comunicação mais tradicionais publicassem sobre. Mas como é mencionado no início do texto, a Igreja já sabia que o conteúdo da entrevista havia sido disparado antecipadamente pelas agências de notícias. Assim, a decisão de dizer no título que a Ucrânia não “tivesse medo de negociar”, nos leva a entender que o sentido que o Vaticano queria que circulasse era este, embalado nas argumentações e explicações sobre o simbólico. E também, prevendo que a expressão tomaria outras proporções. Contudo, isso não impediu que um debate público entre o governo da Ucrânia e o Vaticano tivesse início.

No mesmo dia (9 de março) que o Vaticano publicou a entrevista, ele também se pronuncia sobre ela. Há uma consciência sobre as afetações das falas do Papa Francisco e como os seus dizeres levam o sistema da Igreja Católica a também se movimentar, o que, no contexto da midiatização, significa estar presente na circulação, fazer parte do circuito.

Figura 56 – Resposta do Vaticano sobre a entrevista anterior



Fonte: Vatican News¹⁶.

Na introdução da publicação, o texto justifica que o termo “bandeira branca” foi proposto pelo jornalista entrevistador, dando a entender que o Papa Francisco deu sequência ao

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/4a0XwZX>. Acesso em: 15 mar. 2024.

uso da expressão para explicar a necessidade de buscar uma negociação. Inclusive, retoma o sentido sobre coragem e negociação conforme observamos no início do diálogo entre o jornalista e o papa, no material da entrevista. O título da matéria reforça a tentativa do Vaticano em reforçar tal sentido, evitando o termo bandeira branca na manchete.

A justificativa do Vaticano está relacionada ao vazamento da entrevista a agências de notícia, que por sua vez repassam as informações aos portais, programas e sites de notícias. E como cada veículo possui seu modo próprio de utilizar a informação, os atravessamentos e afetações são inúmeros. Como por exemplo, nas manchetes abaixo.

Figura 57 – Manchetes sobre as afetações geradas a partir da entrevista do Papa Francisco à RSI



Fonte: O Globo; Folha de S. P.; CNN Brasil, UOL¹⁷.

Observamos o movimento de afetações intersistêmicas levado à público pelo jornalismo. Cada veículo enfatiza o sentido que é próprio de suas lógicas. Observamos que a CNN contextualiza e explica o acontecimento, mas direciona para um sentido de debate ao indicar que os dizeres do papa foram inéditos diante do contexto da guerra, especialmente porque já havia um diálogo anterior entre Francisco e as lideranças russas e ucranianas. Além disso, a CNN escreveu: “Até o momento, o porta-voz de Zelenskiy não respondeu a um pedido

¹⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3TEsilP>; <https://bit.ly/3VwYklc>; <https://bit.ly/4a3pR1V>; <https://bit.ly/3IRngwc>. Acesso em: 15 mar. 2024.

de comentário a respeito das declarações do papa”. Isso implica uma lógica de provocar o debate entre os dois sistemas, o religioso e o político em guerra.

Figura 58 – Trecho da matéria sobre entrevista com Papa Francisco a respeito da “bandeira branca” para a paz da Ucrânia

Na entrevista, Francisco foi questionado sobre a sua posição num debate entre aqueles que dizem que a Ucrânia deveria desistir do confronto, uma vez que não foi capaz de repelir as forças russas, e aqueles que dizem que agir assim legitimaria as ações do lado mais forte. O entrevistador usou o termo “bandeira branca” na pergunta.

“Essa é uma interpretação, e isso é verdade”, disse Francisco, de acordo com uma transcrição antecipada da entrevista e um vídeo parcial disponibilizado à Reuters no sábado. A transmissão está prevista para 20 de março como parte de uma nova programação cultural.

“Mas penso que o melhor é aquele que olha para a situação, pensa no povo e tem a coragem da bandeira branca e negocia”, disse Francisco, acrescentando que as conversações deveriam ocorrer com a ajuda das grandes potências internacionais.

“A palavra negociar é uma palavra corajosa. Quando você vê que está derrotado, que as coisas não vão bem, é preciso ter coragem para negociar”, disse Francisco.

Acredita-se que seja a primeira vez que Francisco usa termos como “bandeira branca” ou “derrotado” ao debater a guerra na Ucrânia, embora já tenha falado no passado sobre a necessidade de negociações.

No ano passado, o papa, de 87 anos, enviou um enviado de paz, o cardeal italiano Matteo Zuppi, a Kiev, Moscou e Washington para sondar os líderes desses países.

“Podemos sentir vergonha”, disse Francisco sobre negociar, “mas com quantos mortos (a guerra) terminará? (Deveríamos) negociar a tempo, encontrar um país que possa ser um mediador”, disse Francisco, mencionando a Turquia e outros países que se ofereceram para o papel.

Fonte: CNN Brasil¹⁸.

Uma operação semelhante é vista no site do UOL, cuja manchete trata mais de um esclarecimento da discussão já em andamento: “Papa é criticado por fala sobre a ‘bandeira branca’ na Ucrânia”. Para explicar sobre o debate que estava em andamento, o site do UOL traz o trecho da entrevista em que Francisco responde sobre, e na sequência indica que a Ucrânia já tinha se manifestado, dizendo que não se renderia e criticava a declaração do Papa Francisco. No texto observamos um debate em curso, colocando os participantes envolvidos em agonística, ou, aparentemente, tornando público que isso aconteceu:

¹⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3IM0wxw>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 59 – Partes da matéria publicada pelo UOL evidenciando o debate sistêmico entre os participantes – religião e política

Após a divulgação de trechos da entrevista, a Ucrânia criticou a declaração de Francisco, prometendo nunca render-se.

"Nossa bandeira é amarela e azul. Esta é a bandeira pela qual vivemos, morremos e prevalecemos. Nunca hastearmos nenhuma outra bandeira", disse o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, nas redes sociais.

Kuleba Agradeceu ao Papa por suas orações durante os dois anos de guerra e o convidou a visitar a Ucrânia.

O vice-ministro ucraniano do Interior, Anton Herashchenko, também se pronunciou: "parece estranho que o Papa não apele à defesa da Ucrânia, não condene a Rússia como um agressor que está a matar dezenas de milhares de pessoas".

O coro foi reforçado pelo arquiéparchia maior de Kiev, Sviatoslav Shevchuk, chefe da Igreja Greco-Católica Ucraniana, que disse neste domingo que os ucranianos não consideram a rendição uma possibilidade.

"A Ucrânia está ferida, mas invicta! A Ucrânia está exausta, mas resiste e resistirá. Acredite, nunca passou pela cabeça de ninguém render-se. Mesmo onde há combates hoje: ouça o nosso povo", destacou.

Após a divulgação de partes da entrevista, o Vaticano tentou limitar os danos provocados pela fala de Francisco. O porta-voz do Papa, Matteo Bruni, negou os relatos de que o Papa havia pedido à Ucrânia que se rendesse. Segundo Bruni, o papa queria "acima de tudo pedir um cessar-fogo e reavivar a coragem para negociar".

De acordo com o Vaticano, o Papa usou o termo bandeira branca e respondeu com a imagem proposta pelo entrevistador, "para indicar com ela a cessação das hostilidades, a trégua alcançada com a coragem da negociação". Em outra parte da entrevista, falando de outra situação de conflito, mas referindo-se a guerra, o Papa afirmou que "a negociação nunca é uma rendição".

O Vaticano também afirma que as palavras do Papa reiteram, entre outras coisas, o que já foi dito pelo pontífice ao longo dos últimos dois anos, desde que a Rússia invadiu a Ucrânia.

"O desejo do Papa é e continua sendo aquele que ele sempre repetiu nestes anos, e recentemente repetiu por ocasião do segundo aniversário do conflito: 'Ao tempo em que renovo o meu mais profundo afeto pelo povo ucraniano martirizado e rezo por todos, em particular pelas inúmeras vítimas inocentes, peço que se encontre um pouco de humanidade que permita criar as condições para uma solução diplomática na busca de uma paz justa e duradoura'", disse Bruni.

O jornalista suíço Lorenzo Buccella encontrou-se com o Papa no início de fevereiro. O tema principal da conversa era o significado da cor branca, a cor do bem, da luz, mas na qual a sujeira e as manchas também aparecem de forma particularmente clara.

O que, na verdade, era uma entrevista filosófica rapidamente se transformou em uma entrevista política – inclusive sobre a guerra.

Fonte: UOL¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3IRngwc>. Acesso em: 15 mar. 2024.

O jornalismo enquanto sistema potencializa a agonística a partir da interação entre os participantes de outros sistemas, atuando como um mediador e evocando a sua autonomia em levar a circular significações próprias, mas também de contextualizar e tentar esclarecer um cenário interacional que escapa ao próprio jornalismo. Quer dizer, a movimentação noticiosa de sentidos com o enfrentamento dos sistemas e participantes é tão acelerada no ambiente digital que provoca uma necessidade de síntese da agonística. Porém, sem deixar de enfatizar e estabelecer suas posições e sentidos.

*

Ao longo da polêmica sobre a “bandeira branca”, encontramos um vídeo do presidente Zelensky, publicado pelo canal Metrópole, no Youtube, um veículo de notícia que menciona que o vídeo do presidente ucraniano foi uma resposta ao Papa Francisco, mas sem mencioná-lo.

Figura 60 – Print do vídeo de Zelensky, em resposta à proposta de negociação do Papa Francisco



Fonte: Canal Metrópole, Youtube²⁰.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3PSpwHL>. Acesso em: 15 mar. 2024.

A descrição da fala de Volodymyr Zelensky, já traduzida para o português, diz o seguinte:

Os assassinos e torturadores russos não avançam mais na Europa apenas porque são contidos pelos ucranianos e ucranianas com armas nas mãos e **sob a bandeira azul e amarela**. Na Ucrânia, muitas vezes **havia paredes brancas de casas e igrejas que agora estão queimadas e destruídas por projéteis russos, e isso fala muito claramente sobre quem realmente precisa parar para que a guerra cesse**. Todos que protegem a vida e as pessoas desempenham a mais nobre missão que pode existir. Em condições de tal invasão desumana, devemos proteger completamente a vida, proteger em nossa própria casa, e agradeço a todos que apoiam nossa defesa, os defensores ucranianos. Quando o mal russo iniciou esta guerra em 24 de fevereiro, todos os ucranianos se levantaram para defender. Todos os cristãos, muçulmanos, judeus, todos. Agradeço a cada capelão ucraniano que está com o exército e as forças de defesa na linha de frente, protegendo a vida e a humanidade, apoiando com orações, conversas e ações. **Isso é o que é a igreja.**

Com as pessoas, e não a quilômetros de distância, envolvendo-se em mediação virtual entre aquele que quer viver e aquele que quer destruir. Agradeço a cada um que, na Ucrânia e com a Ucrânia, faz tudo para preservar a vida. Obrigado a todos que ajudam **e que realmente estão ao lado com ações e orações** (Zelensky, transcrição e tradução do vídeo - grifo nosso).

A menção à bandeira azul e amarela compreende que é essa bandeira que os cidadãos ucranianos vão seguir levantando em defesa do seu país, e não a bandeira branca. Ao dizer das “paredes brancas de casas e igrejas” destruídas pela Rússia, e “isso fala muito claramente sobre quem realmente precisa parar para que a guerra cesse”, Zelensky manda um recado ao Papa Francisco, e ainda usa da própria simbologia da cor branca, também explorada em sentido simbólico na entrevista concedida por Francisco, para dizer que mesmo as paredes das igrejas sendo brancas, a Rússia derrubou. E isso já seria suficiente para entender qual dos lados deveria cessar a guerra.

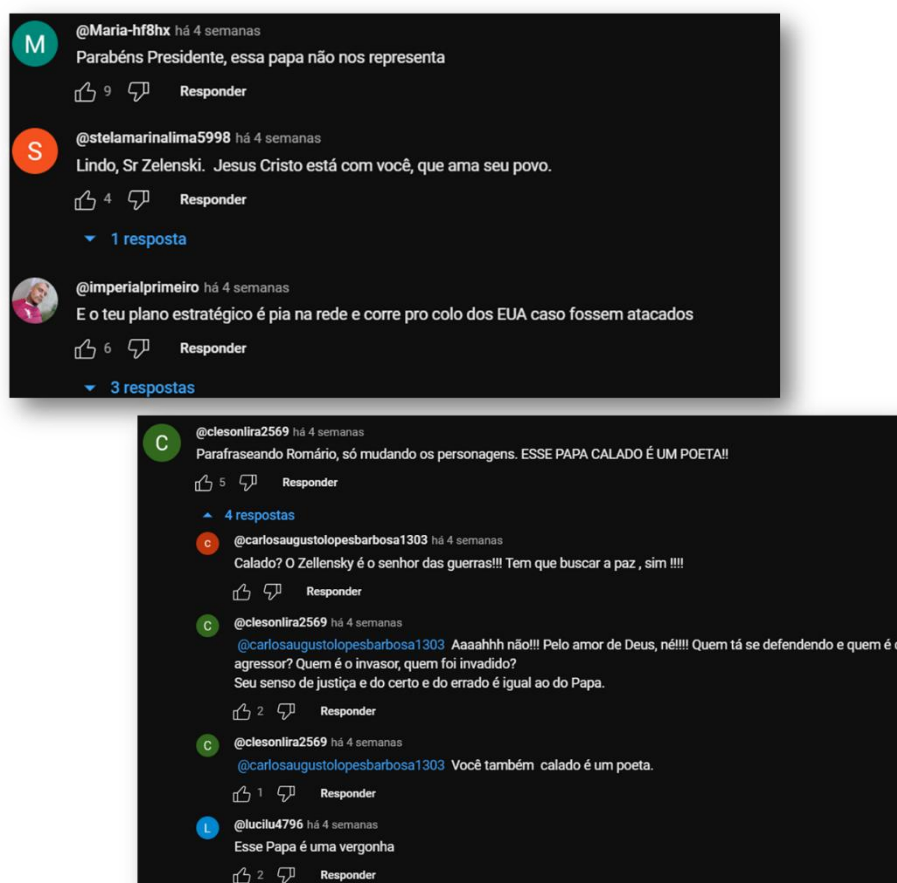
A fala do presidente ucraniano ressoa profundamente na demonstração de como a liderança se comunica em tempos de crise, enfatizando valores simbólicos como heroísmo, sacrifício e unidade entre religiões. Ele utiliza uma retórica que reforça a identidade nacional, convocando a religião como suporte moral e psicológico, destacando que isso é o que considera o verdadeiro sentido de ser Igreja. Essa fala, especificamente, expressa uma quebra de paradigma de representatividade; nesta situação pode estar relacionada tanto à Igreja Católica como presença em todos os lugares, quanto do papa, enquanto figura ecumênica entre sistemas, que por ocupar essa posição simbólica pode transitar em todos os ambientes, povos e situações. A mensagem do presidente ainda reitera que a Igreja só pode ser da forma como a considera se estiver próxima, dando a entender que a tentativa de paz feita por Francisco não poderia ser à distância.

A fala de Zelensky reflete a disfunção da dialética entre o sistema religioso e um sistema social e político que é potencializada pelo ambiente midiático. Este espaço interacional

amplifica o apelo emocional e mobiliza as opiniões a tal ponto que só conseguimos saber e observar isso pelo mesmo ambiente. Ou seja, não temos como saber se houve um diálogo mais próximo entre o Papa Francisco e Zelensky sobre a agonística interacional. Porém, é como se de fato essas trocas não tivessem acontecido em nível mais próximo, físico, e o percebemos como uma construção do jornalismo que, sob as lógicas do ambiente midiático, reforça uma ideia de real pela forma como vai sendo organizado. Tais operações também evidenciam um papel simbólico do jornalismo, no sentido de ter o poder de fazer se materializar situações que não chegaram a acontecer. Ou seja, as réplicas e justificadas dos participantes envolvidos no debate não precisam, necessariamente, se realizar em um espaço físico para existirem, as mensagens só precisam acontecer de alguma forma, mesmo que sejam em uma dimensão metafísica ou simbólica.

É importante compreendermos como a ambiência da mediatização dispõe de possibilidades de materialização de situações que se transformam em acontecimentos discursivos. E indo além, o quanto as afetações geradas podem modificar lógicas, práticas e características individuais a cada sistema envolvido, assim como suas representatividades perante seus públicos. Podemos identificar tais reverberações quando olhamos para as interações dos atores sociais.

Figura 61 – Comentários de atores sociais no vídeo de Zelensky em resposta ao Papa Francisco – parte 1

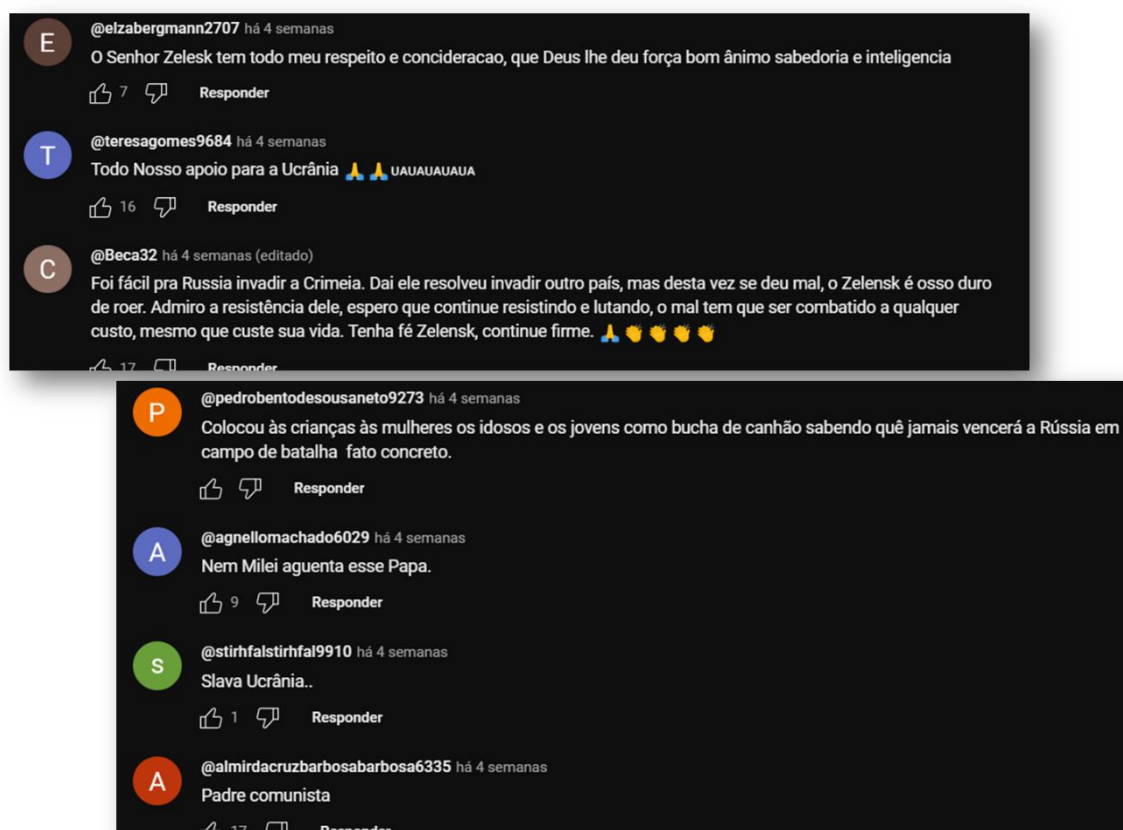


Fonte: Canal Metrópole, Youtube²¹.

Na dinâmica entre Zelensky e o Papa Francisco há uma notável tensão quanto à suas posturas divergentes, e tal agonística reflete no debate público uma escolha polarizada entre as duas figuras. A sugestão do Papa para a negociação – simbolizada pela bandeira branca – gera ceticismo e parece desafiar sua influência tradicional, evidenciando uma possível desestabilização de sua imagem como líder moral em contextos de conflito. Entre as interações do vídeo observamos uma transformação do discurso, onde os argumentos utilizados conferem autoridade e prestígio ao presidente da Ucrânia.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/3PSpwHL>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Figura 62 – Comentários de atores sociais no vídeo de Zelensky em resposta ao Papa Francisco – parte 2



Fonte: Canal Metrópole, Youtube²².

Há uma disputa de representatividades em jogo no que diz respeito a líderes de sistemas e segmentos diferentes. Contudo, nem tão diferentes, porque a Igreja Católica também é regida por sua política, a diferença é que engloba o mundo todo e carrega o histórico de referência moral e/ou espiritual. A disputa interacional gerada é uma característica inerente às complexas interações na ambiência da midiatização, em que um dizer que ganha espaço na circulação não permanece apenas como um dizer; é atravessado e continuado com afetações, transformações e consequências variadas. Observamos que nos comentários há um que destaca os papéis simbólicos que tanto o Papa Francisco quanto Zelensky exercem. Estamos observando um líder ucraniano, sendo simbolicamente valorizado por pessoas brasileiras.

Ou seja, aqui há uma inferência de que essa representação tenha relação com o fato de a Ucrânia ter sido invadida pela Rússia e considerada a vítima da guerra. Se, de outra forma, não houvesse a guerra, provavelmente o presidente não teria a mesma representatividade. Isso

²² Disponível em: <https://bit.ly/3PSpwHL>. Acesso em: 15 mar. 2024.

nos mobiliza a pensar que uma guerra geopolítica em tempos de midiatização contemporânea, por exemplo, é diametralmente multifacetada se comparada a guerras ou conflitos em décadas passadas; como se pudéssemos dizer que há a guerra localizada nos territórios de maneira física, mas há uma outra face da mesma guerra numa ambiência que extrapola qualquer barreira ou território, que acontece no mundo inteiro no ambiente midiático, e que muitas vezes também mata.

Nesse cenário, em particular, o que impulsiona ou irrita os conflitos são os discursos e não as armas, e comumente acontecem a partir daquilo que é dito pelos participantes envolvidos. No Caso 3, é o que acontece a partir do que o papa e o presidente dizem e fazem. Tais experimentações comunicacionais indicam características processuais de como os circuitos midiáticos são acionados e como vão organizando operações de interpenetração não só entre sistemas, mas entre este e os participantes e a efêmera ambiência da midiatização, e como o próprio processo de transformação pela circulação também vai gerando novas oportunidades, novas camadas e características de continuação e permanência.

No caso da guerra na Ucrânia, aqui analisado, observamos uma publicação de um ator social católico, que evidencia uma certa crise de representatividade do Papa Francisco para o seu público de fiéis católicos, no Youtube. O vídeo de Rafael Brito foi publicado em seu canal no dia 10 de março, com o título: “O QUE O PAPA FRANCISCO DISSE SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA – Rafael Brito (sic)”. Essa publicação aconteceu antes de o Vaticano comentar sobre a fala do papa (12 de março de 2024), dizendo que negociar não significava a rendição da Ucrânia. Este vídeo é pertinente porque evidencia uma espécie de ruptura simbólica de como, normalmente, o Papa Francisco é considerado pelos católicos mais progressistas. Nessa situação em específico, por se tratar de um tema mais neutro em relação às tradições e costumes internos (se comparado com os temas analisados no Caso 1 e no Caso 2) nos aciona uma percepção diferenciada em relação às representatividades comunicativas de Francisco. Exploraremos o conteúdo do vídeo.

Figura 63 – Print do vídeo do ator social católico – comentários a respeito da fala do papa sobre a guerra da Ucrânia



Fonte: Canal Rafel Brito, Youtube²³.

Rafael Brito faz uma análise crítica do posicionamento do Papa Francisco em relação à sua fala na entrevista que gerou a expressão “bandeira branca”. O ator social expressa preocupação com a ambiguidade das falas do papa, mas também se posiciona como autoridade para com seu público de seguidores:

E a gente tem algo **muito forte para poder falar sobre isso**, porque o papa, **infelizmente nesta fala, o papa foi equivocado**. Eu digo até **um pouco superficial** diante de um conflito tão alto como esse que está acontecendo na Ucrânia. Então fica até o final desse vídeo que é muito importante. **Isso que eu vou falar com você agora e também para que você tenha uma opinião católica sobre o assunto** (Rafael Brito, transcrição do vídeo - grifo nosso) [sic].

Observamos que o ator social se autoapresenta com um certo nível de autoridade, quando diz que “tem algo muito forte para falar sobre isso”, e faz uma tentativa de chancela para a própria opinião afirmando que é para as pessoas terem uma “opinião católica sobre o assunto”. Rafael se ancora em algumas explicações geopolíticas históricas entre Rússia e

²³ Disponível em: <https://bit.ly/3xzJe4j>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Ucrânia, argumentando que a ambiguidade nas falas de Francisco leva as pessoas a interpretarem a seu modo seus dizeres.

A verdade dessa dessa fala do Papa Francisco, traz para nós uma certa **ambiguidade em alguns discursos do papa**. Ele não consegue ser direto, tem uma ambiguidade de algumas coisas, **fica meio subentendido**. **As pessoas começam a interpretar o que querem e ao mesmo tempo**, enfim, não é claro o papa, infelizmente. [...] **Quando ele trata de alguns assuntos, ele não consegue ser claro**, sobretudo nesse assunto aqui” (Rafael Brito, transcrição do vídeo - grifo nosso) [sic].

Rafael fala de sua preocupação com a ambiguidade das declarações do papa e a falta de clareza em sua posição, mas o que o diferencia de, no vídeo, estar fazendo a mesma coisa? Ele argumenta que a Ucrânia, como um país soberano, tem o direito de se defender contra a invasão russa e critica a sugestão de que a Ucrânia deveria ceder. Aparentemente, esse dizer do papa na entrevista à TV suíça provocou um efeito semelhante nas pessoas, de forma geral, sinalizando que as palavras do Papa Francisco foram “infelizes” ou “ambíguas”, e por conta disso de que ele “não as representa”. Tal posicionamento e interpretação nos leva a compreender que por se tratar de uma fala fora da jurisdição da Igreja Católica, isso gerou um sentimento de como se o papa não devesse falar sobre esses assuntos, ou que não estivesse autorizado a falar por si mesmo.

Agora, **por que eu estou tratando sobre esse assunto?** Esse assunto tem a ver com política? Não? **Esse assunto tem a ver com a Igreja Católica**. Tem tudo a ver com a Igreja Católica. Por quê? Porque o papa, o Vaticano, é um dos maiores países diplomáticos no mundo hoje. **O Vaticano conseguiu fazer, ao longo dos séculos, essa intermediação de paz com alguns outros países, sobretudo um conflito de guerra**. Mas são os órgãos próprios da Secretaria de Estado do Vaticano que trata sobre esse assunto. Quando é o papa, ele cita algo dizendo ‘Olha! Se entreguem. Olha a bandeira branca. Olha, vocês têm que aprender a negociar e não ter vergonha’. **O papa já está dizendo que a Ucrânia perdeu na guerra**. Portanto, o papa não está corrigindo o Zelensky, está dizendo para ele que você perdeu, vai negociar. **Só que o que causa perplexidade é justamente o fato de que desde a invasão da guerra da Ucrânia, o papa não fez veementemente uma crítica a Putin**. Fez algumas outras coisas, falando com ele, dizendo que a guerra não era justa. [...]

Então **isso aqui também é um termômetro** para que nós possamos compreender que **a Igreja, ela precisa de se colocar às vezes no seu lugar**. Tem coisas que não dá para você falar de qualquer jeito. **O modo como o Papa Francisco se colocou e se posicionou a esse respeito criou tudo isso aqui**. Infelizmente, ele derrapou. **Ele se equivocou** e claramente ele não está falando ex cathedra? Não. **Não é magistério, é uma opinião pessoal dele**. E **todas as vezes que ele faz alguma opinião pessoal, nós podemos discordar**. Nós podemos dizer ‘olha, não foi legal isso aqui’ (Rafael Brito, transcrição do vídeo - grifo nosso).

Observamos que o ator social faz uma curadoria aos seus seguidores católicos, com o intuito de alertá-los e até mesmo no sentido de ter o dever para tal. Rafael diz que quando o papa fala sobre um assunto político, ele entende que há relação com a Igreja porque o Vaticano

tem o histórico de fazer mediação de paz em outros momentos da história, o nomeando como um dos “maiores países diplomáticos do mundo”. O que é um contrassenso, já que o Vaticano é o menor país do mundo, porém, a diplomacia é uma de suas características.

Nesse ponto, o ator social destaca o reconhecimento à Igreja Católica como autoridade moral no mundo, mas de certa forma, indica que o Papa Francisco, na situação da Ucrânia, usou de sua opinião pessoal e de que não deveria ter feito dessa forma. Compreendemos uma sobreposição de lógicas interacionais que esbarram na concepção de representatividade comunicacional. Quer dizer, tanto a Igreja Católica quanto o papa possuem um reconhecimento social e histórico, contudo, pela perspectiva do ator social, Francisco colocou esse reconhecimento em risco quando faz uso de uma “opinião pessoal”. A colocação do ator social nos dá a entender que, mesmo amparado pelo poder simbólico de sua função e seu papel de líder da instituição, o papa ainda precisa vigiar suas próprias manifestações, porque pode colocar a “própria casa” em situação vulnerável a críticas. Ao longo do vídeo Rafael argumenta que como o Vaticano não tem um exército para ir à guerra, apenas a Guarda Suíça, então “a Igreja, ela precisa de se colocar às vezes no seu lugar”.

Na sequência, Rafael retoma à argumentação da “ambiguidade intencional”, dizendo que ao usar dessa perspectiva interacional é “não se posicionar sobre algo e permitir ao outro interpretar conforme seus interesses” [...].

Aí depois o Vaticano tem que sair, como fez agora, uma nota dizendo ‘Não foi isso que o papa quis dizer’. Não! está aqui, cara, não tem que dizer, né? Você sabe, pela igreja, minha gente, nós precisamos de orar muito pelo papa para que ele seja iluminado. Papa Francisco não está bem de saúde física, então ele também já está com uma certa idade. Eu acredito que alguns lapsos de memória e também isso acarreta um pouco também um pouco mais disso, né? (Rafael Brito, transcrição do vídeo).

Além da “elucidação” aos seus seguidores, Rafael Brito entende que a abordagem do Papa Francisco não foi adequada e isso é o que gera as afetações observadas em nível mundial e midiático como algo negativo à imagem do Papa Francisco, e da Igreja por extensão. Indo além, interpreta a fala do papa como “lapso de memória”, depois de já ter mencionado que quando o líder do catolicismo expressa uma opinião particular sobre algum assunto, ele pode ser criticado ou os fiéis podem discordar. Aqui há um paradoxo e uma agonística interessante. O paradoxo surge quando o ator social menciona que aquilo que acontece a partir do que o papa diz e faz é em função de suas ambiguidades, e isso provoca inúmeras interpretações erradas, a tal ponto que o Vaticano precisa se justificar. Mas, da mesma forma, ele mesmo está fazendo o mesmo movimento interpretativo, quando fala abertamente que Francisco está com idade avançada e por isso pode ter lapsos de memória. A lógica utilizada por Rafael, considerando o

contexto midiático do Youtube, põe em circulação a percepção de que a representatividade comunicacional e simbólica do cargo de ser papa funciona apenas quando está relacionada à questões internas ao sistema, e quando um dizer interpretado como da esfera pessoal, então não tem valor, é justificado como “lapso de memória”. Ao mesmo tempo, podemos interpretar que o Rafael também assume uma postura de buscar uma representatividade comunicacional, levantando a tensão entre a figura do papa.

Quando um conteúdo e uma análise como essa do Rafael Brito são postos a circular na dimensão do Youtube, obviamente sua própria interpretação de um lugar de “especialista” em Igreja Católica também vai mobilizar, afetar e gerar outros discursos como o seu. Identificamos como essa representatividade comunicativa do ator social também é reconhecida pelo público que o acompanha e entende com valor o que ele fala nos comentários do seu vídeo.

Figura 64 – Comentários dos seguidores no vídeo de Rafael Brito (Parte 1)

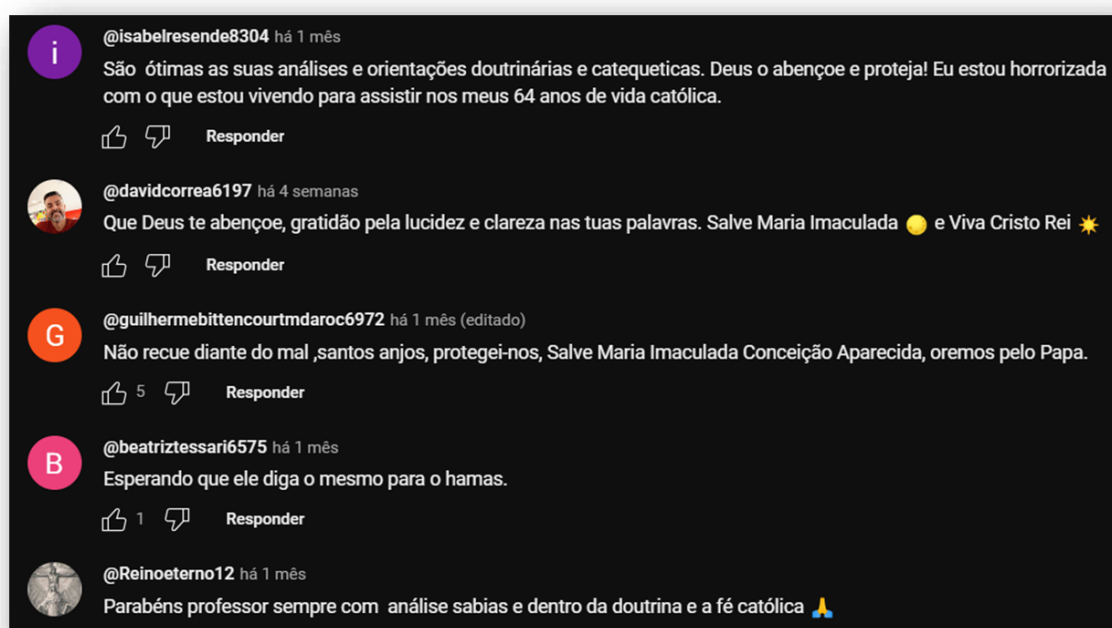


Fonte: Canal Rafael Brito, Youtube²⁴.

²⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3xzJe4j>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Observamos como a reiteração dos aspectos negativos a respeito do Papa Francisco vai se manifestando através dos comentários. Isso reforça os aspectos de irritação provocados pela influência de um ator social para o seu público, que é considerado uma referência e uma voz de sabedoria que esclarece, que leva a verdade. Neste caso da guerra, os dizeres do papa são postos a circular sob lógicas de afetações não só pela grande mídia, mas também pelo próprio público católico que, em outras situações, admira os posicionamentos de Francisco. Podemos considerar que se nesse vídeo, em particular, Rafael construísse sua narrativa com outro foco, provavelmente os seus seguidores também iriam concordar com ele, porque o que entra em jogo na influência é a sua opinião construída e chancelada no espaço do Youtube e para aquele público em específico. Podemos observar esse processo nos comentários posteriores.

Figura 65 – Comentários dos seguidores no vídeo de Rafael Brito (Parte 2)



Fonte: Canal Rafael Brito, Youtube²⁵.

O lugar simbólico alcançado por atores sociais que produzem conteúdos como esse do Rafael, e até mesmo os anteriores, vai sendo reforçado e ampliado conforme as ideias e opiniões estiverem alinhadas com a compreensão de seus seguidores. Da mesma forma aconteceu com a representatividade do Papa Francisco, se Rafael vier a falar algo que destoa daquilo que o público está habituado, provavelmente terá o mesmo efeito. As lógicas interacionais

²⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3xzJe4j>. Acesso em: 20 mar. 2024.

identificadas nessa dinâmica e neste caso, em particular, se manifestam sob um conjunto de relações que envolve os participantes, os sistemas (digital, lógicas do Youtube, Igreja) e o ambiente da mediação. Quer dizer, esses movimentos que vão configurando os circuitos só são possíveis nessa composição, e à medida que alteram os elementos, o circuito e as afetações também vão sendo alteradas.

9 DAS TRANSVERSALIDADES ÀS CONSIDERAÇÕES DA TESE

Os três casos empíricos evidenciam que as representatividades comunicativas do Papa Francisco emergem como eixo central da disputa de sentidos em dinâmicas de circulação. Suas ações e declarações não apenas mobilizam experimentações interacionais, mas também provocam diversas afetações que ressignificam suas declarações e gestos em múltiplos contextos. Estes, voltam à ambiência da midiatização movimentando e influenciando novas dinâmicas de circulação e interação social.

Aquilo que é o fio condutor, e põe os três casos em perspectiva e não em comparação, é o problema de pesquisa. Respeitando a problemática e buscando explorar o que emerge de novo, assim estruturamos a análise transversal.

9.1 REPRESENTATIVIDADES SIMBÓLICAS, PORÉM, COMUNICATIVAS

As representatividades comunicativas do Papa Francisco são construções de sentido geradas a partir das dinâmicas da circulação, em que se inscrevem os sistemas, os participantes de cada um deles, além de configurações de uma ambiência midiatizada. Nas operações elaboradas em conjunto, aos sentidos são atribuídos valores, seja valor simbólico, de representação, de comparação ou mesmo de antipatia, de não referencialidade ou não aceitação. Quer dizer, o valor não se dá apenas no sentido específico (um tipo de valor), mas a própria questão de se dar espaço social para o debate em torno do que o papa diz e faz envolve um processo de valorização nas interações em circulação.

Francisco trouxe consigo representatividades que o marcaram ao longo da vida, antes do pontificado, e de certa forma algumas dessas características servem de sustentação para as ações do seu governo. Isso quer dizer que as representatividades são criadas desde o lugar que ocupa, mas são constantemente ressignificadas e modificadas conforme ele se movimenta e se inscreve em diferentes contextos. Além disso, o papa é inscrito e estimulado a movimentar-se, isso quer dizer que as representatividades não são resultado apenas do que o papa faz, mas também daquilo que fazem com ele ou com sua figura social nos espaços da circulação.

As representatividades comunicativas do papa são elementos centrais que mobilizam diversas respostas e interações, criando uma teia de significados e interpretações que se estendem além dos limites da Igreja Católica. Quando observamos situações voltadas àquilo que é interno ao catolicismo as representatividades que emanam são de humanidade, acolhida, de reformador, revolucionário. Desde o início do seu governo esse sentido positivo é reforçado,

seja pelo jornalismo que pinça frases de efeito e põe a circular com tal proposta, ou daquilo que reverbera dos atores sociais que se veem representados por *aquele* papa. Ou seja, a representatividade é um fenômeno cultural, político, mas sobretudo “um fenômeno humano” (Pitkin, 2006). Isso explica o porquê atores sociais, católicos ou não, e até mesmo líderes de outras denominações religiosas (a exemplo de Silas Malafaia) colocam em tensão essas representatividades do Papa Francisco, pois faz parte de uma necessidade humana. E isso acontece desde o início da humanidade, porque as pessoas necessitam de uma figura para se amparar simbolicamente.

Com o Papa Francisco visualizamos um fenômeno curioso. Ele enquanto papa reconhece o próprio lugar de representatividade, deixando explícito que quando fala com líderes ortodoxos ou líderes políticos trata de temas importantes. Além disso, reconhece o quanto sua forma de falar pode provocar. Logo, a noção de representatividade *comunicativa* a seu respeito emerge de um lugar que transcende as ações, fixando-se muito mais na maneira como faz as ações e como as comunica. Assim, a variedade de tais representatividades se manifesta construindo um campo de disputa.

Como já mencionado, Francisco tem conhecimento e até espera que seus dizeres “inéditos”, “declarações” e “reformas” causem as tensões observadas nos múltiplos casos que analisamos. O espaço de voo, que é onde concede as entrevistas apostólicas pós-viagens, é um dos espaços representativos de suas lógicas de operacionalização de determinados assuntos. Observamos isso no Caso 3, com a menção à missão secreta pela paz na Ucrânia. Curiosamente, a primeira vez que falou sobre homossexuais e o papel da mulher na Igreja também foi em um voo de retorno em 2013. Nesse espaço, “o papa passa a operar um modo próprio de estar em contato com os jornalistas”, sendo assim, o avião torna-se “um lugar de produção e interação para o Papa Francisco” (Milani, 2019, p. 140). Portanto, também é um dos elementos que constitui suas representatividades.

Ao longo do seu pontificado, observamos que as representatividades de acolhida, de precursor, de reformador sofrem atravessamentos. Nas dinâmicas de circulação relacionadas a modificações internas da instituição – exemplo dos Casos 1 e 2 – os sentidos atribuídos à tais representatividades precisam de legitimação ou chancela de outros líderes sociais (como o secretário-geral da ONU) ou de outros setores da Igreja. Ou seja, causam tamanha repercussão que é necessário que a Igreja autorize aquilo que é uma proposta ousada, embora tenhamos conhecimento que mesmo sendo papa, Francisco não toma decisões sozinho, e, portanto, quando ele anuncia é porque já foi chancelado internamente.

O campo do jornalismo tem um papel fundamental na enunciação das representatividades comunicativas direcionadas ao Papa Francisco nos três casos analisados. No entanto, esse papel não é estático quanto ao sentido atribuído. No Caso 1 o jornalismo pinça uma frase de efeito – parte do documentário sobre a vida de Francisco – e daí não só a frase do papa, mas sua representatividade vai gerando camadas e apropriações. Desde 2013 Francisco carrega o imaginário de um papa que faz e diz coisas inéditas, a partir da primeira vez que falou de homossexuais. Na ocasião, além de ter sido uma fala inusitada, também era sua primeira entrevista oficial no voo de retorno da primeira viagem fora de Roma. O jornalismo, na época, agenciou a mesma operação de pinçar e acionar a circulação midiática. Desde então, sempre que o Papa Francisco toca no tema da homoafetividade, o jornalismo relembra aquele momento de 2013 (Caso 1). Uma das dinâmicas observadas do Caso 1 foi exatamente quando essa operação entra em cena nos portais de notícia como uma espécie de *memória midiática*, reunindo e compilando momentos marcantes do pontificado de Francisco que tiveram impacto semelhante, nomeado pelos sites de notícias como os momentos em que “o papa desafiou o conservadorismo”.

Além deste acionamento, as lógicas do campo passam a nomear as expressões do papa como “declaração inédita”, “causou revolução”, incidindo já um sentido orientador da representatividade que se expressa através do modo de comunicar de Francisco. Quando uma situação de 2020 retoma o movimento de 2013, e ainda organiza uma lista de situações semelhantes, observamos claramente o que Rosa (2019a, p. 168) identifica como “instalação da sombra”. Em nosso caso, trata-se não só da imagem simbólica de Francisco, mas de como isso reverbera no seu público. A partir das dinâmicas da circulação, essa processualidade “é mais facilmente verificada quando temos condições de acompanhar (ou recuperar) os intervalos de inscrição na circulação”. Quer dizer que mesmo passando anos entre uma situação e outra, o campo do jornalismo recupera a sombra do que aquilo diz sobre a figura do papa e acrescenta camadas de valoração.

No Caso 2, a abertura para a circulação acontece através da Igreja dizendo que o Papa Francisco está inaugurando um novo modo de realizar o Sínodo dos Bispos. Aqui, o jornalismo não tem ao alcance uma frase que possa ser polemizada, então articula táticas para, de alguma maneira, reverberar algo mais impactante. Isso acontece quando são publicadas notícias com tom de especulação sobre os temas que poderiam ser debatidos no sínodo. Também identificamos uma duplicidade de sentido no Caso 2: além de o Papa Francisco provocar movimentos de reforma, ele leva a público o seu convite para que a instituição como um todo se renove, o que por sua vez, legitima e reforça a sua representatividade de reformador. Aqui

observamos que acontece um reforço da representatividade da Igreja na sociedade através do anúncio do papa.

No espaço da circulação, essas representatividades entram em disputa por outros setores da Igreja, assim como de um público de fiéis que não reconhece tamanha abertura diante daquele estatuto que a tradição da Igreja carrega ao longo dos séculos. Assim, se dão os primeiros sinais de um abalo no valor simbólico das ações e dizeres do líder. Indo além, quando as ações do papa se inscrevem em espaços mais afastados da sua casa, no Caso 3, por exemplo, notamos que aquela representatividade quase consolidada é abalada de maneira significativa. Na tentativa de mediar uma guerra, as operações da circulação rompem com aquele estigma de herói, de acolhedor, porque muda o cenário; os participantes não são aqueles vinculados ao catolicismo porque a religião predominante lá é outra, e por extensão a valorização da figura de um papa não é a mesma do que em territórios católicos; o assunto não é de cunho religioso, mas atravessa uma ferida social, que é a guerra política. Então, a representatividade do líder da Igreja Católica disputa espaço de valor com as representatividades, também simbólicas, de presidentes cujos países estão em guerra.

Sua intervenção é legitimada pela mediatização que amplifica sua imagem como um agente de paz, contudo, para os atores sociais e líderes dos países em conflito, isso põe em deslocamento uma representação do líder do povo de Deus, que “deveria” cuidar mais do seu reino, e extravasa uma forma de manter tal organização própria. Ali temos o chanceler da paz que se apropria da representatividade diplomática da Igreja Católica para estar presente não apenas como tal, mas como o líder espiritual da guerra.

Em síntese, o que reverbera como representatividade em cada caso é o tipo de temática, o contexto e quem participa ativamente dos sistemas ali conectados. No Caso 1 a figura simbólica do Papa Francisco é central na discussão. Sua declaração sobre a necessidade de reconhecer a união civil de casais homossexuais desafia diretamente as normas tradicionais da Igreja Católica. Essa ação, carregada de simbolismo, não apenas representa uma postura inclusiva, mas também sinaliza uma abertura ao diálogo com questões contemporâneas de direitos civis. Essa representatividade simbólica desafia a postura conservadora tradicional da Igreja e é validada pela ONU, pela memória midiática e pelos coletivos católicos que erguem a bandeira da inclusão das pessoas homoafetivas e que precisam desse tipo de chancela para serem reconhecidos como fiéis.

No caso 2 Francisco se posiciona como um facilitador de diálogo e promotor de uma Igreja mais democrática, que está apta a dividir o poder de decisão. Este movimento simbólico de descentralização e inclusão é percebido como um afastamento das práticas tradicionais e

uma tentativa de incorporar vozes diversas no processo decisório da Igreja. Francisco se posiciona como um reformador, convidando a Igreja a uma revisão de si mesma e provocando um debate interno significativo.

Na tentativa de mediar o cessar fogo da guerra, é Francisco que se posiciona como um mediador internacional, uma figura de paz e reconciliação em um contexto de conflito geopolítico. Sua intervenção, marcada por gestos simbólicos de aproximação e diálogo, destaca a função da representatividade comunicativa em níveis além do religioso, englobando esferas políticas e diplomáticas. Entretanto, a presença do papa como um agente de paz não é validada por todos os participantes.

Portanto, essas representatividades não são estáticas; elas se adaptam e se ressignificam conforme o contexto, mobilizando diferentes experimentações interacionais e circuitos de comunicação. Na transversalidade compreendemos como as representatividades comunicativas do Papa Francisco não apenas moldam as interações dentro da Igreja, mas também influenciam os sistemas sociais e políticos.

Embora observamos uma deslegitimação, ou não aceitação de seu papel apenas por ser papa, como ocorre nos Caso 2 e 3, especialmente, ainda parece que o fato de estar nessa discussão o mantém na centralidade e no lugar de importância. Obviamente que Francisco continua sendo papa, logo sua importância está posta. Mas é como se estivesse além disso, que mesmo não sendo reconhecido como herói, como símbolo de coragem e ousadia, ainda permanece numa esfera de representatividade singular, por ser Francisco, e não Bento ou João Paulo. Aliás, há uma certa expectativa presente desde o início do pontificado de Francisco, por ele ser jesuíta. Existe uma representatividade com valor simbólico que é aderente a ele, inclusive em seu histórico eclesial, construindo uma certa expectativa de ruptura. Então, a permanência, mesmo que em disputa, faz com que a sombra daquilo que compõe o papa, *que é* Francisco, esteja sempre presente, por vezes atrelado a um pensamento ou fazer jesuíta.

9.2 EXPERIMENTAÇÕES COMUNICACIONAIS EM NEGOCIAÇÃO

Desde que foi nomeado para liderar o catolicismo, o Papa Francisco é frequentemente pauta do noticiário mundial não apenas porque se inscreve na agenda jornalística, mas porque suas características comunicativas são praticamente opostas aos antecessores. Para alguns o Papa Francisco faz o que funciona para a mídia, para outros representa um hálito de esperança. Isso reverbera uma proposta ousada de experimentar que impacta o mundo, mas especialmente

a estrutura da sua Igreja. Quando Francisco inicia o pontificado, o primeiro desafio que experimenta é enfrentar a própria instituição para realizar o projeto de Reforma da Cúria.

Assim, as ações do Papa Francisco frequentemente geram afetações que colocam em tensão aquilo que era normativo e fortemente estabelecido, para introduzir novas dinâmicas de interação. Não se trata de modificações no modo de se expressar apenas, mas em como a Igreja começa a agir e ser reconhecida através do seu comando. Essas experimentações refletem as tentativas do papa de abordar questões contemporâneas de forma inovadora, revelando tensões e negociações internas dentro da Igreja e entre a Igreja e outros sistemas sociais. Portanto, ao assumir esse papel, Francisco se torna “um negociador incansável” (Wolton, 2023).

Nos casos analisados identificamos algumas experimentações que se sobressaem: dizer à sociedade civil que os casais homoafetivos precisam de amparo legal; autorizar bênção não litúrgica a casais do mesmo sexo; inaugurar um processo democrático na instituição que é monárquica, e assim dividindo o poder de decisão; permitir que mulheres votem em reuniões que sempre foram compostas por homens; negociar com a própria Igreja para que esteja aberta e não se ancore em afirmações de que as coisas sempre foram assim; e dar um passo arriscado de sugerir a negociação como caminho para encerrar uma guerra. Todas essas situações possuem algumas marcas que visualizamos em meio aos materiais: coragem e ousadia, enfrentamento e negociação.

As formas de comunicação que são experimentais ou tentativas criam disputas e tensões entre o que é considerado normativo (o tradicional e aceito) e o que é experimental (novas abordagens e práticas) (Flores, 2021). Essas tensões são especialmente significativas no contexto da Igreja Católica, onde o papa está inserido. O que observamos em comum com todas essas ações é que estão postas a público a partir das lógicas dos circuitos midiáticos, sendo assim um ambiente propício para enfrentar negociações que vão sendo valorizadas conforme camadas de sentidos atribuídos.

Dessa forma, quando um dizer do papa expressa determinado nível de experimentação, essas declarações criam valor na circulação ao desafiar as normas tradicionais e promover um discurso de inclusão. A tentativa de incluir casais homossexuais no reconhecimento civil criou um debate intenso, tanto dentro quanto fora da Igreja, reconfigurando a percepção da Igreja em relação aos direitos civis ao ser humano em sua diversidade. Ao consolidar um discurso disruptivo, Francisco estabelece uma nova fronteira de diálogo, e assim a percepção da Igreja Católica perante à sociedade se transforma.

Tais situações se manifestam já atravessadas pela circulação, são propostas que tensionam a norma católica porque enfrentam soluções para problemas não postos

anteriormente (Flores, 2021). Na análise da empiria dos casos, essas tentativas do papa estão em sintonia com as representatividades que emergem das camadas de sentidos nos circuitos midiáticos.

A homoafetividade e as reformas internas são temas emblemáticos no pontificado do papa argentino, como mencionamos anteriormente. Mas é preciso destacar que na circulação lhe é atribuído ainda mais significado porque os participantes das interações argumentam que, embora a doutrina da Igreja esteja longe de ser modificada nestes pontos, o fato de o Papa Francisco falar abertamente sobre isso, demonstrar comprometimento de acolhida, já indica um avanço. Antes dele, normalmente essa pauta não era aberta, ou então a instituição e os papas antecessores procuravam silenciá-la (Souza; Milani, 2017). Trata-se de uma mudança que se desloca da noção de simples abertura aos meios, porque a Igreja também está sendo tensionada de fora para dentro, mesmo que não queira. E quando Francisco faz tentativas, significa que ele está aberto para pensar naquilo que vem de fora.

Na era Francisco, ele incorpora a ambiência da mediação e impulsiona os discursos e ações que incomodam. Aliás, no espaço público de negociação sua representatividade também ganha a força e validação de modo que dê sequência aos seus encaminhamentos. A experimentação que Francisco faz, algumas vezes, recai sobre uma proposta a outros sistemas sociais de expandirem suas fronteiras, como observamos nos Caso 1 e 3. Além de se desafiar a uma tentativa fora de seu círculo, o papa usa do seu poder simbólico para sugerir que os sistemas políticos extrapolem suas fronteiras armadas para negociar ou se render.

As experimentações comunicacionais do Papa Francisco são marcadas pela abertura para a democracia e pela revisão constante da Igreja sobre si mesma, desafiando padrões estabelecidos e provocando disrupções significativas. Suas ações frequentemente fogem do padrão, como observamos na convocação do Sínodo da Sinodalidade, em que ele incentivou os participantes a saírem dos seus lugares habituais, promovendo uma verdadeira disrupção interna. Esse movimento não apenas provocou uma revisão da própria Igreja em vários aspectos, mas também destacou a capacidade da instituição de conduzir a circulação de sentidos com as intenções pretendidas.

No entanto, a abertura e inovação trazem consigo desafios consideráveis. As ações do Papa Francisco não são experimentações puramente tentativas, mas são movidas por uma organização estratégica clara, mesmo quando envolvem incertezas devido à natureza inédita das iniciativas. Por exemplo, no caso do Sínodo da Sinodalidade, a convocação para que os participantes saiam dos seus lugares habituais e se engajem em um processo inclusivo e participativo é algo que nunca havia sido feito antes. A incerteza inerente às experimentações

é o que torna essas ações tentativas, até que se tornem parte da tradição e da regra. Ao mesmo tempo, o papa precisa articular táticas de defesa contra a resistência interna, especialmente dos próprios bispos que podem se opor às mudanças. O processo de experimentação, portanto, não só envolve a tentativa de novas abordagens, mas também a necessidade de gerenciar e responder às reações adversas e adaptações necessárias.

Observamos como ambos os aspectos – representatividades e experimentações – estão relacionados e constituem uma operação de agenciamento de sentidos, porque como bem pontuou Rosa (2019b), quando os dizeres do papa ou aquilo que é dirigido a ele como acusação são postos em circulação, então adquirem força para que os fluxos reverberam e se mantenham alimentando aquilo que foi pretendido. Essa processualidade tem a ver com aquilo que foi tentativo lá no início do pontificado de Francisco, e nos últimos anos retorna ainda com caráter experimental, mas já sustentada por antecedentes que inicialmente foram uma proposta experimental a partir do discurso.

As experimentações do papa passam pelo descrédito quando sugerem uma negociação para o fim da guerra com a Ucrânia, e portanto, o papa é considerado incapaz de avançar nesse sentido. Isso mostra que quando as propostas inovadoras do papa se voltam às normativas internas então a sociedade confirma como progressista. Quando o papa propõe outras soluções, então as ações dele sofrem uma tensão a nível de competência, colocando em discussão sua capacidade.

Temos um panorama de evolução de sua forma de governar que segue marcada pelas experimentações. Porém, o que no começo ficava mais a nível de discurso ou com tentativas mais discretas de modificações, hoje são observadas como algo que irrompe, que de fato desafia o sistema religioso como um todo a reformar-se. Em algumas das situações, Francisco fala claramente aos bispos e cardeais que precisam abrir-se para o novo, tece críticas quando encontra barreiras extremas contrárias às experimentações. Então, a experimentação comunicacional do Papa Francisco passa a ser uma estratégia deliberada para ressignificar e adaptar a Igreja aos novos tempos, buscando transformar o que é inicialmente incerto e disruptivo em práticas que, eventualmente, possam se consolidar como parte integrante da tradição eclesial.

9.3 DAS AFETAÇÕES À CIRCUITAGEM

Na processualidade das dinâmicas da circulação, os circuitos não só viabilizam afetações, mas são atravessados por elas e assim geram outros circuitos, e por extensão outros

níveis de afetações. Na empiria dos casos identificamos que aquilo que acontece a partir do que o Papa Francisco diz e faz são *afetações*, que podem ser irritações, autoirritações, disrupções ou regulações. Essa teia se dá pela heterogeneidade de elementos presentes em cada caso investigado. Neles há sistemas sociais diversos, cada um contendo participantes que se manifestam, além de uma ambiência midiaticizada que viabiliza as opções, dispositivos e formas de colocar todos esses elementos em contato e em relação uns com os outros.

Podemos dizer que o primeiro sintoma das afetações que observamos são originadas de espaços midiáticos. Seja pelo jornalismo ou pelo site oficial do Vaticano, é a partir deles que temos acessos ao que o papa disse ou fez. Quando acessamos, aquilo que nos chega já vem com os indícios dos sentidos. Quando esses sentidos são acionados em lógicas de circulação, daí aquilo que seria apenas uma resposta em uma entrevista se transforma em uma “declaração histórica”, ou uma decisão interna se torna o marco mais importante depois do Concílio Vaticano II.

Apenas com uma perspectiva geral já identificamos que quando sistemas, atores sociais diversos interagem com seus ambientes, utilizando daquilo que está disponível na sociedade midiaticizada, então observamos a “necessidade de processos experimentais” (Braga, 2015). Os campos sociais e as pessoas estão em experimentação o tempo todo, e quando uma instituição consolidada em dogmas e tradições, como a Igreja Católica, entra nessa relação, não só suas lógicas internas são modificadas por conta própria, mas há movimentos externos que a mobilizam a realizar experimentações. Por outro lado, internamente elas são tensionadas e questionadas. Os circuitos, ao se manifestarem das interações, servem de palco para as transformações, atravessamentos e afetações.

Quando o jornalismo pinça uma frase, a seu critério, dita pelo líder dos católicos, essa operação ativa múltiplas vozes que se encontram em movimentos de interação – outras vozes também do jornalismo, de fiéis, de setores e representantes da Igreja, de outros campos sociais, de coletivos favoráveis e contrários ao debate que está sendo agenciado. Da frase escolhida por um veículo de notícia é gerada uma agonística, que em alguns casos causa uma irritação ao sistema religioso – e este precisa “se defender”, acusando a grande mídia de distorcer a realidade, de gerar controvérsias ou interpenetrar ao seu modo apenas para ganhar visibilidade. Tal defesa já traz um outro sintoma, de autoirritação, que é quando outros setores da Igreja se voltam ao papa para esclarecimentos ou acusações.

Quer dizer, quando o jornalismo publica uma pauta sobre um dizer do Papa Francisco, a sua função não está sendo apenas de mediador, mas um agente que mobiliza irritações diversas, inclusive saindo do seu controle. Isso se dá porque o sistema religioso faz parte da

mesma ambiência social que o jornalismo – a sociedade midiaticizada – logo, um interpenetra-se no outro, gerando operações interacionais que perturbam o sistema religioso a tal ponto que precisa elaborar respostas adaptativas.

A partir desse ponto, as afetações escapam do controle inicial e se tornam parte integrante do ambiente midiático mais amplo. Um exemplo claro é a reação conservadora dentro da Igreja Católica, que tenta regular e conter as mudanças provocadas pelas declarações do papa. Isso cria uma tensão contínua entre o sistema Igreja e o sistema jornalístico, gerando mal-entendidos e acusações mútuas de distorção das mensagens.

Quando uma declaração do papa ganha proporções fora do padrão, o circuito interacional em elaboração força a Igreja a se manifestar e ajustar suas lógicas internas. Este processo inclui a regulação, onde a Igreja acomoda ou neutraliza influências externas, e a disrupção, onde estruturas e práticas são significativamente alteradas. Exemplos dessas afetações incluem a bênção para pessoas homoafetivas (Caso 1) e a inclusão de voto de mulheres no sínodo (Caso 2). Na empiria, em ambos os casos observamos que havia movimentos – externo e interno – para que houvesse modificações estruturais nas normas da Igreja Católica. No caso específico do voto das mulheres no sínodo, faz-se necessária a negociação, porque não há nada que justifique a ausência das mulheres, em tese. Contudo, a tradição de ser masculina também é mantida e reforçada na prática, e quando há esses confrontos dentro do próprio sistema, tal reforço mantém-se emitido por aqueles que não admitem abertura na tradição. Internamente, as afetações levam os conservadores a reforçarem aquilo que consideram essencial para sua identidade enquanto membros da Igreja.

O discurso do Vaticano muitas vezes inclui críticas ao jornalismo por tirar as mensagens do papa de contexto, como visto no caso da “bandeira branca” mencionada no Caso 3. O dizer sobre união civil de homossexuais também causou inúmeras irritações, justamente porque o sentido mais enfático na circulação era a aprovação, quando na verdade não dizia respeito à permissão desta prática pela Igreja Católica. Quando o Papa Francisco libera a bênção para as pessoas em casamentos considerados irregulares, o mesmo tipo de afetação é intensificado em circuitos, exigindo da Igreja novos pronunciamentos. Neste ínterim notamos que “o agenciamento não é feito por um único agente, mas sim por uma multiplicidade de atores, inclusive aqueles que desempenham ações de contra-agenciamento àquilo que é apresentado nos meios tradicionais” (Rosa, 2020, p. 297).

No contexto da midiaticização, essas afetações são frequentemente catalisadas pelo jornalismo e por atores sociais, tanto dentro quanto fora dos sistemas, gerando um fluxo contínuo de interação e transformação. Quer dizer, quando o ambiente externo – fiéis, grupos

de mulheres, grupos LGBTs católicos, apelo social – imputam ações à Igreja, observamos que o sistema se movimenta com ações para tentar conter.

A tentativa de regulação pode ser tanto liderada pelo papa que não aceita e não abre concessões em detrimento da doutrina, ou mesmo de membros conservadores que reivindicam ações de regulação ao papa, de forma que ocorra a conservação do sistema dentro de suas lógicas e limites. Em outra situação, identificadas nos casos empíricos, acontecem disrupções, a exemplo da bênção aos casais irregulares e do voto feminino no sínodo. Esse movimento de abertura da Igreja Católica significa uma regulação do sistema ao ambiente (Ferreira, 2016), ou seja, aquelas ações propostas, exigidas, reivindicadas pelas pessoas que estão fora, na sociedade. De certa forma, é inevitável que algumas tradições se modifiquem com o passar dos séculos, e na atual conjuntura presenciamos um conjunto de afetações concretizando esse movimento.

À medida que o Papa Francisco assume a liderança e põe em ação a oportunidade de transformações como essas, então, se torna um coagenciador delas. Ele sozinho não tem condições de aprovar ou executar todas as mudanças, mas em seu discurso possibilita que as outras vozes da sociedade chamem a atenção da Igreja, e então, a partir da negociação entre aquilo que era absolutamente consolidado abre brechas. O casamento homossexual não é permitido e nem abençoado em sua realização sacramental, mas as pessoas homoafetivas casadas podem receber a bênção de padres, algo que inclusive Francisco já havia negado anteriormente.

*

As lógicas da circuitagem passam a emergir no espaço diverso que une negociações e experimentações em jogos tentativos de ensaio e erro entre dinâmicas de circulação e circuitos midiáticos. As dinâmicas de circulação, por sua vez, organizam os casos não os restringindo a lógicas temporais lineares, mas em camadas que envolvem acontecimentos e situações diversas. Embora pudessem ser analisadas como episódios individuais, na composição dos casos elas são interconectadas conforme afetações que dali emergem. Estas, se formam através da interação dos sistemas inscritos, dos participantes envolvidos e pela ambiência da mediação, constituindo interpenetrações intersistêmicas e as acionando na relação com a sociedade mediada (ambiente).

Entre as operações identificadas em seu acionamento nos casos está a noção de memória midiática, operacionalizada pelo jornalismo. Esta relaciona-se com uma espécie de sombra que

se incorpora à figura do Papa Francisco, ou quando ele retoma temas que marcaram seu pontificado. Essa operação é evidenciada dentro do circuito da frase sobre união civil de pessoas do mesmo sexo, em 2020, em que o jornalismo retoma o que o papa disse pela primeira vez sobre os homossexuais, em 2013: “No início do papado, o Papa Francisco chegou proferir uma frase, ele disse: 'Quem sou eu para julgar?'”.

O acontecimento de 2013 é incorporado em um circuito atual adicionando uma camada de importância a esta pauta em particular, e será um marco histórico sempre que o papa tornar a mencioná-la. Consideramos que ao reabrir um acontecimento de 2013, de mesma temática e proporção, aquele torna-se um elemento integrante deste novo, em 2020, e ao mesmo tempo o de 2013 é reativado, seguindo um fluxo sempre adiante (Braga, 2012). Essa processualidade se conecta para além do tempo, e por outro lado acopla outras significações ao novo. Há, portanto, uma interpenetração de circuitos. Aquilo que Luhmann definiu como uma troca entre sistemas, em nosso caso surge como uma oportunidade mais complexa de interpenetração. Quando os circuitos se entrecruzam nesse movimento, implica-se aí as relações entre participantes, sistemas e ambiente de cada um deles. Esse processo envolve uma negociação intersistêmica complexa, onde diferentes sistemas religiosos e midiáticos se acoplam e se impactam mutuamente.

A circuitagem em múltiplos casos de circulação se manifesta também de outras maneiras, como na situação em que a dinâmica de um dos casos é acoplada a uma dinâmica de outro. Após o Papa Francisco adicionar o voto feminino ao sínodo (abr. 2023), havia especulações dos temas que seriam debatidos na primeira reunião de fechamento do Sínodo da Sinodalidade (out. 2023). Entre as pautas estava a questão dos homossexuais, a participação de mulheres em outras esferas da Igreja e a possibilidade de haver padres casados. Então, um grupo de cardeais conservadores enviou uma carta cobrando de Francisco que reafirmasse a posição da Igreja sobre a questão dos homossexuais. Aqui observamos a dinâmica do sínodo (Caso 2) incorporando e reabrindo o Caso 1, reverberando uma processualidade da circuitagem. A retroalimentação, nesse sentido, não só dá substância ao Caso 2 que está em pleno funcionamento, mas adiciona um novo elemento ao Caso 1, fazendo com que suas dinâmicas – em outro espaço temático – também sofram mutações.

Semelhante a essa lógica da circuitagem, a discussão em torno da presença de mulheres é reativada por um outro elemento, do mesmo Caso 2, mas em outra temporalidade. Quer dizer, o circuito sobre o voto das mulheres no sínodo é também agregado, agora como uma afetação, à reunião final do Sínodo da Sinodalidade. Dessa forma, se analisados isoladamente, os

episódios sobre a pauta das mulheres não teriam a dimensão de circuitagem, mas de circuitos que são agenciados e levados adiante.

Observamos ainda outra processualidade da circuitagem, correlata aos três casos analisados. Já o dissemos que são organizados sob as dinâmicas e encaminhamentos da circulação, e são compostos com acontecimentos ou situações que, interconectadas, projetam uma noção de continuidade para daí formar o caso em si. No entanto, ao analisar as materialidades e as dinâmicas de circulação que compõem o caso como um todo, percebemos que esses movimentos vão além de uma simples continuidade. Em vez disso, elementos de um episódio são “emprestados” e reelaborados em outros contextos, criando uma nova configuração de desentranhamento que enriquece o caso principal.

Quando a questão da homossexualidade se desliga do circuito principal, gerando desdobramentos independentes (bênção de casais irregulares), esses novos circuitos atuam com uma dupla funcionalidade. Primeiro, desenvolvem-se de forma autônoma, livres das exigências do circuito original. Em uma perspectiva macro, o circuito original é reativado nas interações entre os participantes, seja pelo jornalismo ou por outro sistema (religioso), que reinsere esses desdobramentos no discurso principal, fortalecendo-o com novos elementos.

As dinâmicas da circulação que selecionamos para constituir o Caso 3 funcionam da mesma forma. Inicialmente, ainda na fase de exploração, o que foi decisivo por trazer este caso para análise foi o encontro do Papa Francisco com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. Quando iniciamos a busca, identificamos que a essência que gerou o encontro entre os dois havia começado anteriormente. Daí a importância de permitir que a circulação guiasse a escolha e estrutura dos casos, configurando a visita do líder ucraniano como *uma das* dinâmicas do Caso 3.

Essa abordagem está relacionada à complexificação das interações, conforme já sinalizado por Verón (2013) e Fausto Neto (2010; 2018a) sobre os engendramentos da circulação. À medida que os processos e a sociedade avançam, correlacionados ao desenvolvimento dos dispositivos técnicos que exteriorizam tais interações, novas operações de circulação emergem. Embora a essência epistemológica do avanço do conceito de circulação permaneça conforme desvendada pelos precursores, observamos modificações e ajustes que só podem ser compreendidos ao analisar os contextos reais dos acontecimentos e manifestações comunicacionais.

A definição tentativa de circuitagem que nos inspiramos a fazer, como já mencionado, foi pré-concebida na pesquisa de 2019, caracterizando-se como uma derivação dos circuitos. Aqui, na busca de compreender seu funcionamento em diferentes situações, identificamos que

se trata de dois tipos de lógicas em codependência, dessa forma, não é possível capturar o que é a circuitagem sem antes entender os circuitos. Braga (2012) defende que os circuitos que vão sendo acionados em fluxo adiante, não podem ser estancados nem capturar o seu fim, especialmente levando em consideração quantas vezes o conteúdo foi compartilhado e ressignificado em tantos outros lugares. Esse movimento constitui um fluxo adiante. Ele acontece de várias formas, “desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários”, que por sua vez também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico” (Braga, 2012, p. 39).

Ou seja, a circuitagem precisa de um agente – os circuitos – que faça o papel de acionar os elementos e conectá-los, de tal forma que estes circuitos não permaneçam iguais, mas renovados, modificados e ampliados, portanto, retroalimentados a ponto de constituírem lógicas e operações de circulação.

Quando o jornalismo escolhe uma frase de efeito e a insere na circulação, isso situa o jornalismo como um agente diferenciado na produção das afetações, porque é o responsável por tornar midiático um dizer ou uma ação do Papa Francisco, que poderia ficar “segura” apenas entre o círculo interno da Igreja. Então, tal elemento (o discurso sob uma frase de efeito) é lançado para a sociedade midiaticizada, composta por outros participantes (atores sociais, outros dispositivos, sistemas) que se tornam coagenciadores de afetações – e nesse percurso encontra outros componentes mais fortes ou menos tensos. Considerando este processo de funcionamento, são as múltiplas afetações que dão origem à circuitagem. Isso faz com que o papa não seja o agente principal, mas sim, aquilo que acontece a partir do que ele faz.

9.4 DAS CONSIDERAÇÕES: SISTEMAS, AMBIENTE E INTERAÇÕES

No exercício de reunir as principais contribuições desta tese ao conhecimento do campo da Comunicação, compreendemos que o objeto de pesquisa tangencia três angulações: a) a reverberação dos acontecimentos que envolvem o Papa Francisco já nos chegam a partir de construções midiáticas e numa teia de sentidos e afetações; b) a presença do papa inclui participações representativas e/ou simbólicas que extrapolam o exclusivo lugar de líder do catolicismo; e c) as afetações que são consequências dos circuitos midiáticos são o que voltam a alimentar esses circuitos, porém, com outras camadas de significação e afetações. Ao seguir o caminho que a circulação indica para a construção de um caso de pesquisa, existe o desafio de gerenciar o volume e extensão dos circuitos, afinal, eles não cessam, em particular quando

se trata de analisar objetos e casos em pleno desenvolvimento. Então, os critérios devem ser avaliados à luz do objetivo e problema da pesquisa.

É a tríade do problema de pesquisa que interliga os três casos, embora distintos entre si, tornando a diversidade de lógicas e operações de circulação ainda mais evidente. Dessa forma, o Caso 1 nos dá a ver a construção de um tema emblemático ao pontificado de Francisco, que coloca em relação um líder católico que rompe fronteiras nunca antes tocadas, o público interno que precisa enfrentar e a sociedade que reivindica tais medidas da instituição. Socialmente observamos um salto no que diz respeito à relação da Igreja Católica com a sociedade. As representatividades comunicativas do Papa Francisco se mesclam com um fazer não mais experimental, mas que chancela um modo de governar que desafia as lógicas e tradições do próprio sistema.

No Caso 2 a representatividade de herói ou reformador de Francisco começa a ser questionada não apenas pelos membros conservadores do catolicismo, que já haviam se manifestado abertamente desde o início de seu pontificado. A partir das modificações impostas ao Sínodo dos Bispos, uma das tradições mais respeitadas pelos católicos, atores sociais e coletivos juntam-se às reivindicações em defesa da moral e da tradição milenar do catolicismo. As afetações, nesse caso, se voltam àquela perspectiva dupla do lugar e do poder de ser papa, que ao mesmo tempo que busca atualizar algumas práticas para se adaptar a uma sociedade que se modifica constantemente, ainda precisa conservar a tradição e os paradigmas da instituição.

Rompendo com as possibilidades de padrão nas lógicas interacionais, o Caso 3 é palco de uma disputa em que o líder do catolicismo sai da jurisdição da Igreja Católica e estabelece vínculo com a Igreja Ortodoxa, em meio a uma guerra política. A tentativa de negociação de Francisco, nesse caso, está além de suas próprias fronteiras, e enquanto o papa tenta argumentar usando do discurso e da sua diplomacia como líder espiritual, a Ucrânia e a Rússia não o reconhecem como tal.

Na processualidade das dinâmicas da circulação, as representatividades saem de uma esfera puramente simbólica e abrem caminho para que outras afetações se manifestem, como por exemplo, as experimentações que Francisco faz ao comunicar e defender o seu modo de dizer as decisões, que por extensão se materializa na consolidação de conduzir o seu governo eclesiástico. Assim, quando dizemos das representatividades, além de serem simbólicas e comunicativas, elas *comunicam*. Isso é transversal aos três casos.

Para perceber as representatividades é preciso, antes de tudo, examinar aquilo que acontece na interação vasta e complexa entre sistemas, ambiente e participantes, ou seja, as afetações. Das afetações emergem experimentações, mas também afetações emergem das

experimentações, e que o Papa Francisco, enquanto líder do catolicismo, precisa agenciar e negociar para enfrentar problemáticas internas. Tentativas ou em vias de consolidação, as experimentações de Francisco dão ênfase a uma proposta particular de governo eclesiástico, aberto a mudanças das tradições enraizadas que acompanham a Igreja Católica por milênios, ou mesmo para que faça renascer um novo estilo de liderança marcado pela negociação. As ações muitas vezes parecem tentativas, mas a maneira como ele as reitera é marca fundamental do governo Francisco. Quer dizer que aquilo que acontece a partir do que ele diz e faz volta chancelado para um modelo próprio de governar. Não necessariamente seguirá um padrão, mas permanece a sua maneira de fazer tentativas e experimentações.

Essas ações do papa criam um tensionamento na norma católica, mesmo sem alterá-la diretamente, ainda assim repercutem e reverberam além das posições internas estabelecidas. Esse caráter experimental das ações leva a uma reconfiguração histórica do relacionamento e posicionamento da Igreja Católica com a sociedade. No contexto da midiática, a Igreja, sob a liderança do Papa Francisco, tem a capacidade de espalhar mensagens estratégicas que possam reposicionar sua imagem frente à comunidade não só de fiéis, mas ao mundo.

Em nossa proposta de pesquisa, que põe em relação o sistema religioso e seus participantes com outros sistemas, mas sobretudo com o midiático e a ambiência da sociedade midiaticizada, as afetações geram contra-agenciamentos tanto dentro quanto fora da Igreja. Internamente, há uma tensão constante entre os fiéis sobre o que deve ser considerado estabelecido e o que é visto como disruptivo. Coletivos e grupos de fiéis frequentemente se organizam para defender a tradição ou para promover mudanças, criando um ambiente de debate e negociação contínua. Externamente, esses debates internos alimentam o sistema midiático, transformando questões eclesiásticas em pautas públicas. Os atores sociais, incluindo jornalistas e líderes de opinião, desempenham papéis cruciais nesse processo, agenciando e contra-agenciando as mensagens do papa, ora apresentando-o como um herói progressista, ora como um líder que trai a tradição.

As afetações mencionadas são encontradas a partir da relação intersistêmica, que conseguimos compreender sob três níveis: a) cada sistema oferta ao outro suas lógicas, complexidade, e conforme abertura, predisposição, se alteram as lógicas dos primeiros; b) nessas afetações não há como tratar de um sistema em sua autorreferencialidade de códigos sem considerar os indivíduos. Eles são a máquina geradora de acoplamentos, interpenetrações, logo, geradores ou aqueles que estabelecem as modificações; e c) além dessa relação entre os sistemas, a interpenetração também acontece da relação deles, enquanto se acoplam, com a ambiência que os cerca – a midiática. Vimos isso quando o jornalismo não atua apenas no

papel de agenciador de sentidos, mas como um sistema que também se transforma, ou modifica a forma de pautar e se colocar na circulação, quando um outro sistema – o religioso – o aciona. Ainda observamos essa transformação quando as afetações iniciadas pelo jornalismo ganham tamanha proporção que extrapola a sua dimensão de campo que leva a informação à sociedade, mas se transforma em um sistema amplo, como referência para atores diversos e demais sistemas se conectarem.

As três processualidades desenham os movimentos da circuitagem. A sua retroalimentação não é uniforme nem previamente estabelecida. Mas se manifesta à sua maneira conforme dinâmicas da circulação. Assim como não podemos mapear e estabelecer um padrão para os circuitos, apenas percebê-los no fluxo sempre adiante, assim também se dá a circuitagem. O que sabemos é que ela necessita de dinâmicas que põem os circuitos em contato uns com os outros. E aquilo que seria um elemento do ir adiante, retorna à uma dinâmica inicial e de lá provoca outras afetações, remodelando e fazendo novos circuitos.

A circuitagem, assim como os circuitos, não se inscreve em um paradigma unívoco de funcionamento. Trata-se de operações de retroalimentação, em que as lógicas de acionamento e constituição podem variar conforme objetos e o grupo de elementos inscrito, normalmente heterogêneo. Aquilo que a caracteriza em sua emergência é, definitivamente, a ambiência da sociedade sob lógicas da midiatização (Gomes, 2017). É neste espaço específico que identificamos sua eclosão, justamente porque os objetos e casos em estudo já são originados deste espaço multifacetado.

No contexto da circuitagem, a memória midiática e a aderência à sombra desempenham papéis fundamentais. A tradição católica serve como um marco constante que influencia a forma como as novas experimentações são recebidas e processadas. A Igreja, ao experimentar a si mesma, enfrenta contra-agenciamentos que surgem como respostas às disrupções iniciais. As dinâmicas de circulação são evidentes na construção dos casos estudados, cada um com suas próprias processualidades e interações complexas. A partir das afetações, emergem lógicas de circuitagem que perpetuam e amplificam as interações, ressignificando continuamente as ações do Papa Francisco e sua influência tanto dentro quanto fora da Igreja. Assim, as afetações e a subsequente circuitagem geradas pelas ações do Papa Francisco desempenham um papel crucial na transformação das dinâmicas sociais e religiosas.

Apropriando-nos de uma metáfora da natureza, e de certa maneira poética, a emergência da circuitagem segue no fluxo adiante, mas com movimentos em cascata. É como se pudéssemos ver uma gota que respinga de uma cascata, mas que por ter o fluxo da água ainda em seu trajeto antes de cair, essa gota junta-se novamente à correnteza, modificando-se e dando

um “novo” elemento à totalidade da água, que desce e se esparrama. Assim, as águas seguem seu curso, renovando-se constantemente conforme os elementos, relevos, obstáculos que as fazem movimentar. Na circuitagem o movimento é semelhante, e assim, mesmo não estando mais na poltrona de papa, Francisco permanecerá nas dinâmicas da circulação, e por que não nas dinâmicas da circuitagem?, tendo suas representatividades modificadas conforme contextos, memórias e elementos constituintes.

E DEPOIS DO FIM? O SEGUIR ADIANTE

O fim da tese assinala o fim de um ciclo, e, portanto, a proposta deste epílogo vem falar de transformações, agora muito mais *sobre* a tese e de *quem* a escreve. Afinal, “*se não agora, então quando?*”

Acredito que, do ponto de vista epistemológico, o trabalho de pesquisa realizado venha contribuir com os estudos de mediação e circulação. Ainda que considere em fase inicial, a descoberta *da circuitagem*, capturada em um fenômeno comunicacional, aciona um sentimento de deslumbramento. A comunicação é viva, dinâmica, organizadora e reveladora dos movimentos do ser humano e do complexo mundo habitado por ele. Quantas coisas, fenômenos e transformações somos capazes de descobrir quando olhamos para a comunicação em suas múltiplas *representatividades*? Porque a comunicação é e está nas pessoas e isso a torna cíclica, natural, assim como os movimentos da natureza o são.

Então, posso dizer que da processualidade da tese a noção de circulação, central em nossa linha de pesquisa, também ganha outros contornos: além de um conceito, uma ambiência originadora de inúmeros fenômenos comunicantes, uma metodologia e um modo de pesquisar.

A circuitagem não cessa no ponto final da tese. Ela é viva, e portanto seguirá adiante para além deste documento. Se terminasse aqui, seria contraditória à sua própria lógica. É desses movimentos e intervalos que as descobertas nascem. Do intervalo entre a procura insistente e o deixar-se encontrar é que a circuitagem se mostra. Lembro-me exatamente da sensação quando a identifiquei nas materialidades do objeto. Naquele momento foi como se o objeto estivesse me contando uma novidade muito aguardada.

Senti-me pesquisadora pela primeira vez. Não sabia se eu a encontraria, e talvez por isso que quando a percebi no objeto foi tão impactante, particularmente porque identificava a minha própria transformação, trazendo um sentimento de que me transformei a tal ponto que pude percebê-la. Ali eu entendi que há quatro anos e meio, no fundo, era isso que eu buscava: a capacidade de identificar a descoberta. E isso só é possível vivendo, amadurecendo e superando tudo o que acontece *durante* os quatro anos. Não é mágica, é experiência.

Reforçando aquilo que busquei refletir desde o primeiro capítulo, as descobertas surgem quando respeitamos o caminho: do objeto e de quem o percorre. Da mesma forma e intensidade, da estudante nasce uma tese e a tese transforma uma estudante em pesquisadora.

Do meu ponto de vista a tese é um marco na jornada acadêmica. Certamente, *logo* este trabalho ganhará outros contornos e será retroalimentado pelas dinâmicas da circuitagem de suas próprias afetações.

REFERÊNCIAS

- BONIN, Jiani A. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: MALDONADO, Efendy A. *et al* (orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 135-152.
- BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros**, Joinville, v. 11, p. 9-21, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2SLRdkz>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo In: BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, v. 14, n.1, 2011, p.1-33. Disponível em: <https://bit.ly/3UM4N9J>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos de comunicação. In: Braga, José Luiz et al (Org.). **Matrizes Interacionais** - a comunicação como modo de produção do social. Campina Grande: Eduepb, 2017a. p. 8-25.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e Mdiatização: Livro Compós** 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. p. 31-52. Disponível em: <https://bit.ly/2EPPzuF>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- BRAGA, José Luiz. Circulação & circuitos: situações. In: CASTRO, P. C. (org.). **A circulação discursiva: entre a produção e reconhecimento**. Maceió: Edufal, 2017b. p. 49-64.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, v. 1. n. 2, abr, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2XEPn8R>.
- BRAGA, José Luiz. Lógicas Da mídia, lógicas da midiatização?. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (orgs). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015. p. 15-32.
- BRAGA, José Luiz. Sobre “Mediatização” como processo interacional de referência. In: Congresso da Compós, 15., 2006, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: Unesp, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/46susto>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. **Alceu**, PUC-Rio, v. 10, n. 2010, p. 55-59, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/4es6Zft>. Acesso em: mar. 2024.
- FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 8-40, 2018a. Disponível em: <https://bit.ly/3xuEME6>. Acesso em: mar. 2024.
- FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: Antônio Fausto Neto; José Luiz Braga; Jairo Ferreira; Pedro Gilberto Gomes. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. 1, p. 43-64.
- FAUSTO NETO, Antonio. Da convergência/divergência à interpenetração. In: MIÉGE, Bernard. *et al* (Org.). **Operações de midiatização: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. p. 53-79.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediação, midiaticização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In: FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, J.; ROSA, Ana Paula; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz (Org.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiaticização?** 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, p. 63-99, 2018b.

FERREIRA, J. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 27, p. 161-172, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802>. Acesso em: mar. 2023.

FERREIRA, Jairo. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. *Matrizes*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 135-153, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3A2Mma6>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FLORES, Hermundes. **Judiciário midiaticiza(n)do**: tensões entre norma e experimentação social. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3A5ixps>. Acesso em: 12 jan. 2024.

FREIRE, Ana Isabel. **A tessitura comunicacional dos direitos humanos a partir do caso Marielle**: experimentações sociais e agenciamentos de sentidos na circulação. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3A5ixps>. Acesso em: 12 jan. 2024.

GOMES, Pedro Gilberto. A metodologia nos processos midiáticos. **Signo y Pensamiento**, v. 31, n. 59, p. 50-59, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3WuyhJY>. Acesso em: mar. 2023.

GOMES, Pedro Gilberto. Como o processo de midiaticização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? In: Antônio Fausto Neto; José Luiz Braga; Jairo Ferreira; Pedro Gilberto Gomes. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. 1, p. 127-139.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização**: um conceito em evolução. 1 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiaticização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-20, maio-ago, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3YskVAQ>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Veja: Passagens, 2001.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à Teoria dos Sistemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à Teoria dos Sistemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas Sociais**: esboço de uma teoria geral. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MALDONADO, Efendy A. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, Efendy A. *et al* (orgs). **Metodologias de pesquisa em Comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 271-294.

MILANI, Tatiane. **Agonística expressa em circulação**: o Papa Francisco como articulador de sentidos, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos. São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fa6dav>.

PASSOS, João Décio. **As reformas da Igreja Católica**: Posturas e processos de uma mudança em curso. Petrópolis: Vozes, 2018.

PITKIN, H. F. O conceito de representação. In: Cardoso, F. H.; Martins, C. E. (orgs.). **Política & Sociedade**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 2, 8-22, 1979.

PITKIN, H. F. Representação: Palavras, instituições e idéias, **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 67, p. 15-47, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3LQBC0Y>. Acesso em: 15 mar. 2024.

RODRIGUES, A. D.; Braga, A. Análises do discurso e abordagem etnometodológica do discurso. In: **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2014, p. 117-134. Disponível em: <https://bit.ly/2Tyzodc>. Acesso em: 30 jul. 2020.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. In: INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 42, n. 2, p.21-33, maio/ago. 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/46plI7v> Acesso em: 15 mar. 2024.

ROSA, Ana Paula. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 155-177, 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/3WuLK4y>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ROSA, Ana Paula. Midiatização das imagens: o contra-agenciamento em circulação do caso Marcos Vinicius. In: SÁ, S. P.; AMARAL, A.; JANOTTI JUNIOR, J. (orgs). Territórios afetivos da imagem e do som. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Wphw2R>. Acesso em: 15 mar. 2024. p. 293-311.

ROSA, Bianca. Estratégias de construções jornalísticas Lava Jato e Vaza Jato. 2021. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3A5ixps>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SOUZA, Catiane R. P.; MILANI, Tatiane. A circulação dos efeitos de sentido sobre homossexualidade na/pela religião em vias de midiatização. **Revista Nures**, v. 15, n. 35, jan.-abr., p. 1-17, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/42409/28182>. Acesso em: 20 out. 2020.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2**: Ideas, momentos, interpretantes. Argentina: Paidós, 2013.

WOLTON, Dominique. **Comunicar é negociar**. Porto Alegre: Sulina, 2023.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

XAVIER, Chico/Emmanuel. **Fonte Viva**. 37 ed. Brasília: FEB, 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed Porto Alegre: Bookman, 2015.